

Itaytera

NÚMERO 18



ANO 1974

“Seu estilo singelo e puro denuncia no autor um espírito claro que sabe ver e sabe contar o que viu.

No convívio do povo sertanejo, ele soube compreender os aspectos de sua existência de sofrimento. Rasgou, assim, o véu que cobre uma parte do vasto panorama da angústia nacional.

Obra de brasilidade e de espiritualização, de ensinamento e de fé em dias melhores, merece ser lida pelos que amam ao Brasil no grave momento atual de sua história.

É brado de despertar de um brasileiro do interior, que sente, que sofre, como todos os brasileiros do interior, e comunga com seus irmãos do Brasil a mesma hóstia de dor”.

(Gustavo Barroso, sobre a obra
de J. de Figueiredo Filho)

SODAL

REVENDEDORES DA LINHA COMPLETA CHEVROLET
E DOS MODERNOS VEÍCULOS GM

(A GM NÃO FARIA APENAS MAIS UM CARRINHO)
A GM FEZ O CHEVETTE

ELE FOI PROJETADO PARA SER UM CARRO PEQUENO POR
FORA E GRANDE POR DENTRO. E ELE É!

SÓLIDO! ESPAÇOSO E CONFORTÁVEL!

MODERNO E FUNCIONAL! ELEGANTE! DISTINTO!

- TODAS AS CONDIÇÕES E QUALIDADES!
- PARA ATENDER SEU BOM GOSTO!
- SUA EXIGÊNCIA DE COUSAS BOAS!
- EXPERIMENTE UM CHEVETTE!
- VOCÊ VAI FICAR GAMADO!



E O OPALA?

- O OPALA LHE OFERECE OPÇÕES. DELICIOSAS. ÚTEIS.
- O ESPECIAL É AQUELA JOIA!
- O DE LUXO É AQUELE PRIMOR!
- O SS 4 É AQUELE SONHO!
- O SS É AQUELA "BELEZA"!
- O CHEVROLET GRAN LUXO É AQUELA MARAVILHA!
- CARRO É OPALA.

SODAL

Onde está o SEU CARRO

AV. TEODORICO TELES N.º 451 — TELEFONE: 438

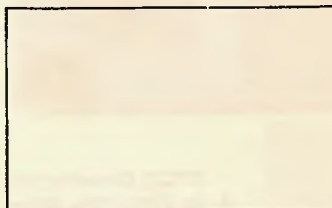
ITAYTERA

CRATO = N. 18 = ANO 1974 = CEARÁ

DIRETORIA DO

INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI

ELEITA PARA O ANO SOCIAL ENTRE
OUTUBRO DE 1973 A OUTUBRO DE 1974



PRESIDENTE :

Dr. JOSIO DE ALENCAR ARARIPE

VICE-PRESIDENTE :

Pe. ANTONIO GOMES DE ARAUJO

SECRETARIO GERAL :

JOÃO LINDEMBERG DE AQUINO

1.º SECRETARIO :

Dr. ANTONIO NIRSON MONTEIRO

TESOUREIRO :

ANTONIO CORREIA COELHO

COMISSAO DA REVISTA "ITAYTERA" :

Dr. JOSIO DE ALENCAR ARARIPE

Pe. ANTONIO GOMES DE ARAUJO

J. LINDEMBERG DE AQUINO

COM. DE CIENCIAS, LETRAS E ARTES :

Dr. RAIMUNDO DE OLIVEIRA BORGES

JOAQUIM LOBO DE MACEDO

Pe. ANTONIO TEODOSIO NUNES

COMISSAO DE SINDICANCIAS :

KLEBER MAIA CABRAL

GERALDO MACEDO LOBO

PEDRO PINHEIRO ESMERALDO

CADEIRAS DA SECÇÃO DE LETRAS :

N. 1 — João Lindemberg de Aquino

PATRONO — Padre Ibiapina

N. 2 — Dr. Raimundo de Oliveira Borges

PATRONO — Bruno de Menezes

N. 3 — VAGA

PATRONO — José Alves de Figueiredo

N. 4 — Edméia Arraes de Alencar

PATRONO — Alexandre Arraes de Alencar

N. 5 — Profa. Maria de Lourdes Esmeraldo

PATRONO — Mons. Pedro Esmeraldo

N. 6 — Pe. Antônio Gomes de Araújo

PATRONO — Irineu Nogueira Pinheiro

N. 7 — Cap. Otacilio Anselmo e Silva

PATRONO — Barbosa de Freitas

N. 8 — Prof. José Newton Alves de Sousa

PATRONO — Alvaro Bomilcar

N. 9 — Mons. Rubens Gondim Lóssio

PATRONO — D. Francisco de Assis Pires

N. 10 — Tomé Cabral

PATRONO — Pe. Emilio Leite Cabral

N.11 — Pedro Gomes de Matos

PATRONO — Raimundo Gomes de Matos

N. 12 — General Raimundo Teles Pinheiro

PATRONO — Leandro Bezerra Monteiro

N. 13 — Joaryvar Lobo de Macedo

PATRONO — Otacilio Macedo

N. 14 — Francisco S. Nascimento

PATRONO — Manuel Monteiro

N. 15 — General Joaquim Pinheiro

PATRONO — Dr. Rafishona

N. 16 — Prof. Aécio Feitosa

PATRONO — Pe. Francisco Pita

N. 17 — Nertan Macedo

PATRONO — João Brigido dos Santos

SECÇÃO DE CIENCIAS :

N. 1 — Dr. Napoleão Tavares Neves

PATRONO — Dr. Barreto Sampaio

J. ALVES DE FIGUEIREDO FILHO

A presente edição de ITAYTERA primeira que circula após o falecimento do inolvidável escritor J. de Figueiredo Filho, ex- Presidente do Instituto Cultural do Cariri, possui cerca de uma centena de páginas em sua homenagem. Constitui-se assim o tributo maior que poderíamos prestar á sua memória imorredoura, flagrando, para a posteridade, documentos e conceitos sobre sua fulgurante personalidade, e documentando aspectos de sua vida, sempre voltada para os superiores destinos da comunidade cratense. Na foto, uma das últimas tiradas pelo nosso Presidente falecido, podemos ver, nitidamente, os traços marcantes de sua fisionomia, da qual os leais e verdadeiros amigos do ICC jamais olvidarão.



ACEJI Homenageou J. de Figueiredo Filho

Com uma solenidade realizada a 02 de Março do corrente ano, em sua sede, á Av. D. Manoel, 423, Fortaleza, a Associação Cearense de Jornalistas do Interior-ACEJI, homenageou a J. de Figueiredo Filho, apondo o seu nome numa de suas salas.

Outras figuras foram homenageadas na oportunidade, inclusive nosso saudoso consócio Celso Gomes de Matos. O saudoso Presidente da nossa instituição foi dos fundadores da ACEJI e nela gozava de grande prestígio. Representando o ICC esteve presente á solenidade o Secretário Geral, J. Lindemberg de Aquino, que é visto na foto com os Drs. José Gusmão

Bastos e Raimundo Ximenes, ex-Presidente e atual Presidente, respectivamente, da ACEJI, e o universitário Rónald Figueiredo Albuquerque, sobrinho do homenageado, que representou sua família, na ocasião

Instituto Cultural do Cariri perde o seu Presidente : Faleceu **J. ALVES DE FIGUEIREDO FILHO**

Profundo e inesperado golpe atingiu a toda a família do Instituto Cultural do Cariri. A 29 de Agosto de 1973, ás 13,47 horas, na Casa de Saúde Joaquim Bezerra de Farias, onde estava internado, há menos de cinco dias, faleceu o Dr. José Alves de Figueiredo Filho, Presidente de nossa instituição, seu fundador e animador desde os primeiros instantes, e Diretor da nossa Revista.

O acontecimento lutuoso encheu de dor e consternação toda a nossa cidade, e a Região caririense.

Abrindo a presente edição de ITAYTERA, quase toda dedicada à sua memória e à sua obra, apresentamos uma visão global do noticiá-

rio de imprensa, e das entidades, dos críticos e dos amigos, colaborações variadas e trabalhos de exaltação e evocação ao querido morto.

Nêsse registro, queremos patentear toda a fôrça de nossa admiração e entusiasmo pelo Amigo desaparecido, eminente Chefe que conduziu com aprumo, acêrto e dinamismo a nossa instituição, projetando-a bem longe, ao mesmo tempo em que preservamos para a posteridade, como lembrança á sua imorredouro memória, tudo o que se escreveu e se disse sobre sua pessoa, após o seu desenlace.

É o preto de nossa eterna gratidão.

O Comunicado Oficial do Instituto Cultural do Cariri

O INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI DISTRIBUIU, EM CARTÃO COM TARJA PRÉTA REPRESENTANDO O SEU LUTO E A SUA SAUDADE, A TODAS AS ENTIDADES, INSTITUIÇÕES, ASSOCIAÇÕES CULTURAIS, CIENTÍFICAS, IMPRENSA, AUTORIDADES E AMIGOS DE J. DE FIGUEIREDO FILHO E DO ICC, O SEGUINTE COMUNICADO OFICIAL :

INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI

CRATO — CEARÁ

COMUNICAÇÃO DE FALECIMENTO

O INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI, instalado em Crato, Estado do Ceará, vem, mui pesarosamente, comunicar o falecimento do seu Presidente, Escritor J. ALVES DE FIGUEIREDO FILHO, ocorrido a 29 de Agosto de 1973, em nossa Cidade.

Ao mesmo tempo, manifesta-se profundamente reconhecido pelas provas de distinção, consideração e

amizade demonstradas ao mesmo, durante a sua vida, esperando contar, sempre, em homenagem á sua augusta memória, com o mesmo aprêço tantas vezes a êle e à nossa entidade dedicados.

Crato, Setembro de 1973.

J. LINDEMBERG DE AQUINO
Secretário Geral

AS HOMENAGENS

Tocantes Homenagens Póstumas ao Presidente do Instituto Cultural do Cariri

O falecimento do Escritor e Jornalista J. Alves de Figueiredo Filho, ocorrido às 13 horas e 47 minutos, do dia 29 de Agosto de 1973, no apartamento N.º 16, da Casa de Saúde Joaquim Bezerra de Farias, em Crato, embora esperado, causou profunda repercussão em todos os círculos da cidade. Acometido há uma semana do mal que o levaria á sepultura, Figueiredo Filho iniciou tratamento em casa, mas devido á gravidade do mal, teve de hospitalizar-se, a conselho do seu médico, o que o fez no dia 25 de agosto, á tarde.

Transladado o corpo para a residência, uma verdadeira multidão começou ali a acorrer, participando da dor que a sua família sentia. As emissoras de rádio e de televisão de Fortaleza e de Crato, a todo instante, davam a trágica notícia. As Rádio Araripe e Educadora, em Crato, suspenderam a programação normal, e os colégios cerraram suas portas.

Feriado e Luto Oficial

O Prefeito Pedro Felício Cavalcanti decretou luto oficial por 3 dias, no Município, e feriado o dia 30 de Agosto, data do sepultamento do ilustre morto, que era figura nacional do Crato.

Notas Oficiais

Diversas entidades e associações de classe passaram a irradiar notas oficiais, de pêames, ante o doloroso acontecimento.

Homenagem na Câmara

Uma hora antes de ser conduzido ao Cemitério, o corpo do escritor Figueiredo Filho foi conduzido á Câmara Municipal do Crato, á Rua Senador Pompeu, onde, ali, foi alvo de homenagens oficiais. Ali, na Presidência dos trabalhos, e perante incomputável massa humana que lotava completamente as dependências do Legislativo cratense, o Dr. Francisco Ailton Esmeraldo concedeu a palavra ao Vereador Francisco Pereira, que fez a oração fúnebre de homenagem ao grande morto. Depois a Mesa pediu um minuto de silêncio. Em seguida foi constituída uma Comissão, composta dos vereadores Cícero de Moura Rosendo, Virgílio Xenofonte, Bernardina Vilar e Enrile Pinheiro para colocarem a Bandeira do Município, sobre o caixão mortuário.

A retirada do esquife, do plenário da Câmara, foi procedida pelos componentes das Bandas Cabançais do Cariri, conjuntos que ele tanto amou, divulgou e exaltou.

Cortejo

Para levar Figueiredo Filho, da Câmara Municipal ao Cemitério, formou-se extenso cortejo, integrado por representações da Diretoria do Instituto Cultural do Cariri, Corpo discente e corpo docente da Faculdade de Filosofia do Crato e da Faculdade de Ciências Econômicas, pelotões de alunos do Colégio Diocesano, Colégio Santa Teresa, Colégio

Estadual Wilson Gonçalves, Escola Técnica de Comércio, Instituto Pitágoras, conjunto folclórico Irmãos Aniceto, Conjunto Folclórico Itaytera, Grupos Escolares diversos, tendo á frente o Grupo Escolar José Alves de Figueiredo, Irmandade do Santíssimo, Banda Municipal, Câmara Municipal e grandiosa massa popular. O Prefeito Pedro Felício e o Vice-Prefeito Walter Peixoto acompanharam o féretro pelas ruas da cidade. Representações de Barbalha e Juazeiro do Norte também se fizeram presentes.

No Cemitério do Crato

Á chegada do corpo do escritor Figueiredo Filho no Cemitério do Crato, ali já se encontrava uma outra multidão, desejosa de prestar a última homenagem a quem tanto serviu e exaltou o Crato. Foi feita uma solene concelebração litúrgica fúnebre, presidida pelo Exmo. Snr. Bispo Diocesano do Crato, D. Vicente Matos, acolitado pelos Padres Teodósio Nunes, João Bosco Cartaxo e Antonio Onofre, e pelo Mons. Raimundo Augusto. Os Escoteiros do Crato, devidamente fardados, fizeram o cordão de isolamento. Eles também haviam aberto o cortejo fúnebre a partir da Câmara Municipal. Assistiram também á concelebração o Pe. Irineu Lima Verde, Pe. José Honor de Brito e Monseñor Francisco Montenegro.

Á beira do túmulo

Á beira do túmulo, em linguagem comovente e inspirada, falou o advogado Luis de Borba Maranhão, em nome do Instituto Cultural do Cariri, fazendo a despedida final. Suas palavras terminaram com veemente apêlo á Diretoria do I. C. C. para que não deixasse, em memória de Figueiredo Filho, morrer a entidade nem morrer a revista Itaytera.

Ao baixar o corpo á sepultura, a Banda Municipal tocou o Hino do

Crato, e logo depois dele os conjuntos musicais de bandas cabaçais executaram plangente melodia, que fez vir as lágrimas aos olhos de todos os presentes.

Coroões

Entre as coroões mortuárias anotadas pela nossa reportagem, vimos as seguintes dedicatórias:

"A Figueiredo Filho. Continuaremos suas lutas e seremos dignos de seu exemplo de trabalho. O nosso ICC não morrerá", Diretoria do Instituto Cultural do Cariri.

"Muitas saudades" de sua cunhada, Naninha.

"Lágrimas inconsoláveis de sua desolada esposa, Zuleika".

"Imorredouras saudades", Josio, Eneida e filhos.

"Sincera amizade", de Naninha Fernandes e filhos.

"Os grupos organizados do bairro do Seminário apresentam seu adeus ao prof. Figueiredo Filho".

"Homenagem da Câmara Municipal".

"Homenagem do Município do Crato".

"Ao Professor Figueiredo Filho, Homenagem da Faculdade de Filosofia do Crato, ao valor de **Um Homem**, Ao Talento de **Um Mestre**, á lealdade de **Um Colega** e á Dedicção de **Um Amigo**".

"Eternas saudades de Cauby, Regina e filhos".

"Recordações de Daltro, Ione e filhos".

"O adeus saudoso de Jéfferson, Letícia e filhos".

"Que o seu corpo repouse na terra que tanto amou e sua alma brilhe no Reino de Deus", Colégio Diocesano.

Quase uma centena de cartas, telegramas e cartões de pêsames continuaram chegando, horas depois, á desolada família de Figueiredo Filho, expressando a dor de amigos distantes, diante dessa pèrda irreparável.

Palavras na Câmara Municipal

“A homenagem que esta Casa presta, neste momento, a J. de Figueiredo Filho, velando o seu corpo, antes da derradeira viagem ao campo santo de nossa cidade, justifica-se plenamente e tem sua razão de ser. É a homenagem do povo cratense, representado pela sua Câmara Municipal, àquê que, em vida, foi todo devotamento, todo desvelo e todo amor a esta terra, trabalhando na mais incansável atividade, em favor da nossa comunidade.

Não poderia a Câmara Municipal do Crato deixar de se associar às manifestações de dor e de pesar do nosso povo.

Negaria suas próprias tradições morais e cívicas, se estivesse ausente a essa onda de formidável dor e imenso infortúnio, ante a perda que o Crato acaba de sofrer.

Professor J. de Figueiredo Filho, recebi a homenagem da Câmara Municipal do Crato, nesta homenagem de adeus.

Recebi o reconhecimento, a gratidão eterna e imorredoura desta terra e desta gente, representadas por esta Casa.

Recebi a consagração de nossa memória eterna, e do pranto mais sentido que verte dos nossos olhos e dos nossos corações.

Recebi a corôa de louros mais simbólica que esta Casa vos dá, envolvendo os vossos restos mortais na Bandeira do Município, que soube-tes engrandecer, projetar, louvar, cultuar e dignificar.

Recebi a nossa derradeira homenagem e o nosso derradeiro adeus, porque, daqui, saireis glorificado para a excelsa posição que a imortalidade vos assegura, no coração, na mente e na memória de um povo agradecido”.

(Palavras do Vereador Francisco Pereira, em 30 / 08 / 73, na Câmara Municipal do Crato, na solenidade fúnebre em homenagem a J. de Figueiredo Filho).

Mensagem da Presidência da Câmara Municipal do Crato

A Presidência da Câmara Municipal do Crato, associando-se á dor que esta comunidade sente neste momento, pela perda irreparável desse vulto exponencial de nossas letras e de nossa história cívico-política, associando-se ás manifesta-

ções de pesar, emanadas de todos os círculos sociais e culturais de nossa terra, pede que seja observado, no mais sentido respeito, **um minuto de silêncio**, em honra a tão grande personalidade, cujo restos mortais temos a honra de abrigar neste momento.

**O que publicou o Jornal da Diocese
do Crato, "A AÇÃO", além de farto
documentário fotográfico**

MORTE DE FIGUEIREDO FILHO CONSTERNOU TODO O CARIRI

Texto : HUBERTO CABRAL

Em meio a maior consternação, a Cidade do Crato, representada por suas autoridades de classe, clubes de serviços, estabelecimentos de ensino e do povo em geral, compareceu 5ª feira aos funerais do saudoso jornalista e escritor J. de Figueiredo Filho, Presidente do Instituto Cultural do Cariri e membro da Academia Cearense de Letras, falecido no dia 29 na Casa de Saúde Joaquim Bezerra de Farias.

Às 9 horas, o corpo do saudoso historiador foi trasladado de sua residência à Rua Miguel Lima Verde, onde fora velado durante a noite, para a Câmara Municipal. Na homenagem póstuma, saudou o ilustre morto, em nome do nosso Legislativo o vereador Francisco Pereira da Silva, enquanto o Presidente Ailton Esmeraldo, solicitou um minuto de silêncio em sinal de pesar ao lutooso acontecimento. Uma comissão constituída pelos vereadores Virgílio Xenofonte, Cícero de Moura Rosendo, Francisco Laurindo Batista e Bernardina Vilar encobriu o esquife com a Bandeira do Município do Crato. Por seu turno, o conjunto folclórico Itayera (Irmãos Aniceto), conduziu o ataúde ao carro da funerária que levaria o pranteado extinto até ao Cemitério, após a encomendação pelo Pe. João Bosco Cartaxo Esmeraldo, Cura da Catedral.

Um grande cortejo fúnebre partiu da Câmara para o Cemitério, acompanhado das autoridades, representações de classe, sacerdotes, religiosas, povo em geral e Banda de Mús-

sica, além da Irmandade do Santíssimo.

Na Capela do Cemitério, D. Vicente Matos presidiu a uma Concelebração Exequial, de corpo presente, em sufrágio da alma do escritor Figueiredo Filho, da qual participaram Mons. Raimundo Augusto, Vigário Geral, Pe. João Bosco Cartaxo Esmeraldo, Pe. Antônio Onofre e Pe. Antônio Teodósio Nunes. À estação do Evangelho, D. Vicente proferiu a oração fúnebre, reverenciando a memória do grande benfeitor da cultura cratense.

Logo após a missa, realizou-se o sepultamento, a cuja beira do túmulo discursou em nome do Instituto Cultural do Cariri, Instituto de Ensino Superior do Cariri e Faculdade de Filosofia do Crato Dr. Luiz de Borba Maranhão, Diretor da Faculdade de Direito do Crato. Em sua alocução de despedidas, Dr. Luiz de Borba traçou o perfil do saudoso escritor Figueiredo Filho, patrimônio moral e intelectual do Crato e do Nordeste que desaparecia, após projetar bem alto pelo País afora e exterior as Letras, Cultura e Folclore do Crato e do Cariri. No final, a Banda de Música executou o Hino do Crato, em meio a grande consternação.

A Rádio Educadora do Cariri e o Jornal A Ação que tiveram sempre no jornalista J. de Figueiredo Filho um grande colaborador, como cronista dos mais renomados e mais do que isso, um orientador, amigo e lutador incansável pelos interesses do Crato, registrando seu desapare-

A GRANDE PERDA

Padre EUGÊNIO DANTAS

Estava eu dando uma aula de estatística quando uma aluna, que muito aplicada, escutava novela, comunicou ao resto da turma: morreu o professor Figueiredo Filho. Aquela notícia entristeceu-me bastante. Não tive mais coragem de continuar a aula. Naquele momento o Crato perdia um dos maiores vultos do Ceará. Filho do Crato, o professor Figueiredo Filho conseguiu tornar-se conhecido em todo o Brasil. Suas idéias, seus escritos, sua vida dedicada à cultura fizeram dele um patrimônio cultural e moral do Crato. As suas crônicas, as suas aulas, o seu estilo, a sua inteligência fizeram-no admirado e estimado por todo povo cariense. Sua fama ultrapassou as fronteiras de seu Estado. Já meio idoso e doente sua inteligência permaneceu lúcida. Sua capacidade de trabalho era um desafio aos que por um nada esmorecem. Ainda na segunda feira mandou para a Faculdade os temas para os trabalhos de estágio de seus alunos.

O curriculum vitae do ilustre desaparecido não cabe neste pequeno artigo de jornal. Mas o rádio já o divulgou e todos já estão a par da vida do grande professor que perdemos esta semana.

cimento, constenados, enviam à família enlutada siceros pêsames. Em meio ao grande pesar que enlutou toda a cidade, sabemos que Figueiredo Filho desapareceu fisicamente, pois espiritualmente ele permanecerá entre nós, na certeza de que seu nome será sempre uma bandeira a tremular em prol do desenvolvimento e liderança cultural do Crato, no concerto intelectual do País.

Nesta página mando o meu voto de pesar a ilustre família que magoada chora grande perda. Quero lembrar à família do meu amigo Professor Figueiredo Filho, que a sua morte foi uma grande perda para toda Crato, para o Ceará e para o Brasil. A consternação tomou de conta da população inteira de Crato. Por muito tempo ainda teremos de lamentar a sua morte.

Quisera aqui mandar uma palavra de conforto para a família enlutada que sei ser uma família de fé. Para o cristão a morte tem um sentido. Depois que Jesus morreu, o homem que tem fé sabe que vale a pena a gente morrer. É claro que a gente sente. Nós não nascemos para a morte, mas para a vida. A nossa natureza treme e chora diante da morte. Isto é muito natural. Seria até de se admirar que a gente fosse se alegrar porque alguém morreu. Mas José Alves de Figueiredo Filho não morreu. Ele dorme. Dorme o sono tranquilo dos justos, dos homens de fé. Ele era um homem de fé. "Quem crê em mim não morre e ainda que esteja morto viverá".

Ademais era um homem de muitos amigos. O homem só morre de verdade quando sua memória não é mais lembrada na mente dos amigos. Quanto mais amigos o homem tem, mais tempo ele passa sem morrer, pois continua vivendo no coração e na mente dos amigos. Por isso J. de Figueiredo Filho vai custar a morrer para o povo cratense. Ele está vivo. Um dia nós nos encontraremos. Ele foi na frente nós iremos depois. Este é o destino de todos nós. Meu amigo Figueiredo Filho, para mim você não morreu. Está vivo. Até um dia!

DADOS BIOGRAFICOS DO

Escritor J. DE FIGUEIREDO FILHO

NASCEU a 14 de julho de 1904, na cidade de Crato, Estado do Ceará, Brasil. PAIS — José Alves de Figueiredo e Emília Viana de Figueiredo. Casado com Zuleika Pequeno de Figueiredo, em 27 de novembro de 1926. FILHOS: Eneida de Figueiredo Araripe, casada com o advogado Jósio de Alencar Araripe; Cauby Pequeno de Figueiredo, casado com Maria Regina Costa Carvalho Figueiredo.

TITULOS CIENTIFICOS

Curso Primário: escolas de D. Antoninha Teixeira Mendes, Helena Brígido dos Santos, primário do Colégio Diocesano do Crato. Curso Secundário: Colégio Diocesano do Crato, fase do Seminário do Crato, Liceu do Ceará; Curso Superior: Faculdade de Farmácia e Odontologia do Ceará (formatura 25 de dezembro de 1925) — Fortaleza, sendo o orador da turma; Titular de História do Cariri e História do Ceará, na Faculdade de Filosofia do Crato, (professor fundador); Foi professor de Química e História Natural no Colégio Diocesano do Crato, no Ginásio e Escola Normal Santa Teresa de Jesus, em Crato, na Associação dos Empregados no Comércio do Crato; Foi Inspetor Regional Escolar e Foi Vice-Diretor da Faculdade de Filosofia do Crato, 1966 - 1970.

FUNÇÕES EXERCIDAS:

Presidente e Sócio-fundador do Instituto Cultural do Cariri; Professor da Faculdade de Filosofia do Crato; Vice-Presidente do Instituto de Ensino Superior do Cariri; Membro do Conselho Cearense da Campanha de Defesa do Folclore; Membro da Diretoria da Associação dos Professores de História; Diretor da Revista "Itaytera" órgão oficial do Instituto Cultural do Cariri-Crato e Patrono da "Presença de Folclore" do Rio de Janeiro.

ASSOCIAÇÕES A QUE PERTENCEU:

Sócio Efetivo da Academia Cearense de Letras, Cadeira 34; Sócio da Academia Piracicabana de Letras, Cadeira 35; Membro da Sociedade Geográfica Brasileira, com sede em S. Paulo; Membro da Diretoria da Associação Brasileira de Professores Universitários de História, de São Paulo; Sócio da Associação Brasileira de Folclore, S. Paulo; Sócio da Academia Uruguaiana de Letras, no Instituto Histórico Uruguaiano; Sócio efetivo do Instituto Arqueológico Histórico de Pernambuco; Sócio da Academia Nacional de Farmácia, com sede no Rio; Sócio Correspondente da Academia Sobralense de Letras; Sócio Honorário do Rotary Clube do Crato; Sócio do Instituto Cultural do Cariri (Presidente) e Vice-Presidente do Instituto do Ensino Superior do Cariri (mantenedor da Faculdade de Filosofia do Crato).

CONGRESSOS, SIMPÓSIOS E SEMINÁRIOS de que participou

IV Simpósio de Professores Universitários de História, Porto Alegre, 1967; V Simpósio de Professores Universitários de História, S. Paulo; VI Simpósio de Professores Universitários de História, Goiana, 1971. (Em todos apresentou trabalhos); Primeiro Simpósio de História do Nordeste, Faculdade de Filosofia do Crato; Compareceu, com atuação marcante, ao Quinto Congresso Nacional de Folclore, Fortaleza - Ceará; 1.º, 2.º e 3.º. Seminários de Estudos Caririenses, Crato, Juazeiro do Norte e Semana da Cultura Cearense - Ribeirão Preto - S. Paulo - 1967; 1.º Congresso de Jornalistas do Interior, Crato, 1961.

TRABALHOS PUBLICADOS :

RENOVAÇÃO — romance regional, com prefácio de Gustavo Barroso, Editora Odeon - S. Paulo, 1937; CIDADE DO CRATO — Ministério de Educação e Cultura - Rio; HISTÓRIA DO CARIRI — (5 volumes), Faculdade de Filosofia do Crato; MEU MUNDO É UMA FARMÁCIA — Editora Ipê - São Paulo; ENGENHO DE RAPADURA DO CARIRI — Serviço de Informação Agrícola (N.º 13) — Ministério da Agricultura - Rio; O FOLCLORE NO CARIRI — Imprensa Universitária do Ceará; FOLGUEDOS INFANTIS CARIRIENSES — Imprensa Universitária do Ceará; PATATIVA DO ASSARÉ — Imprensa Universitária do Ceará; NO ASFALTO E NA PICARRA — em colaboração com a esposa Zuleika Pequeno de Figueiredo, — Tipografia e Papelaria do Cariri - Crato.

COLABORAÇÃO NA IMPRENSA :

Jornais e Revistas que colaborou : Todos os jornais de Crato, Fortaleza e Recife; Diário Carioca e Jornal do Comércio, Gazeta de Farmácia, Rio; Diário de Piracicaba; Revista Sul América - Rio; Revista de História, de São Paulo; Revista Brasileira de Medicina, Rio; Brasil Açucareiro; Luar do Norte - Recife; Revista Pecuária Leiteira - Recife; Revista do Laboratório de Biologia; Revista Aspectos, de Fortaleza; Revista Plenitude; Revista do Instituto do Ceará; Revista do Instituto de Arqueologia e História, de Pernambuco; Revista de Geografia, do Rio; Revista Vida Doméstica, do Rio; Revista Primo - Editorial de Cadernos Brasileiros, do Rio; Revista Itaytera, Crato; Revista Valor, Fortaleza; Revista o Ceará - Martins Filho e Raimundo Girão e Colaborou nas Revistas Cearenses : IC - REVISTA, EXPOSIÇÃO, PROVINCIA, HYHYTE, da Faculdade de Filosofia do Crato.

PALESTRAS, DISCURSOS E CONFERÊNCIAS :

Pronunciou palestras na Semana de Cultura Cearense, em Ribeirão Preto, S. Paulo; Na Assembléia Legislativa do Piauí, onde foi homenageado; No Instituto Histórico Nacional, na Casa do Ceará - Rio; No Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, Recife; Na Academia Pernambucana de Letras; No Centro Cultural de Juazeiro do Norte (a convite); Conferência na Casa de Juvenal Galeno; Proferiu Conferências em Crato, por ocasião dos festejos do 1.º Centenário de Elevação de Crato à cidade e do Bicentenário do Município de Crato, sendo a última, em presença do Presidente da República — Marechal Humberto Castelo Branco, irradiada para todo o Brasil; Pronunciou Conferência no Congresso Eucarístico de Crato e duas no de Sobral e inúmeras separatas de Artigos e Discursos, do Rio e São Paulo.

MORTE DE FIGUEIREDO FILHO

ENLUTOU O CARIRI

Causou a mais profunda consternação, em todo o Cariri, o falecimento do Jornalista, Escritor e Historiador J. de Figueiredo Filho, Presidente do Instituto Cultural do Cariri e membro da Academia Cearense de Letras, aos 69 anos de idade, ocorrido às 14 horas do dia 29 de Agosto, na Casa de Saúde Joaquim Bezerra de Farias, nesta Cidade.

Ao tomar conhecimento da infausta notícia, transmitida pelas emissoras locais, o Prefeito Pedro Felício Cavalcanti baixou Decreto considerando feriado municipal o dia 30 e luto oficial de três dias, en-

quanto a Câmara Municipal também prestou merecida homenagem póstuma ao ilustre morto, o mesmo fazendo as entidades de classe.

A População da cidade acorreu em massa à residência do saudoso jornalista e velou seu corpo durante a noite, enquanto às 11,30 horas do dia seguinte realizou-se o sepultamento, antecedido de uma homenagem na Câmara Municipal e Concelebração Exequial na Capela do Cemitério, com grande acompanhamento das autoridades de classe, escolas e povo em geral.

Manchete de "A AÇÃO".

CITADO EM VÁRIOS LIVROS :

Gilberto Freire, Mauro Mota, Câmara Cacudo, Renato Braga, Raimundo Girão, Sílvio Rabelo, Ralph Della Cava-America, Francisco Vasconcelos, Nilo Pereira, Ayres da Mota Machado e Tomé Cabral (Dicionário de Termos Populares).

Encabeçou as comemorações do Centenário de "O ARARIPE", primeiro jornal do interior cearense, em Crato, fundado por João Brígido dos Santos, e do SESQUICENTENÁRIO da adesão da Vila Real do Crato, à REVOLUÇÃO PERNAMBUCANA de 1817.

Foi exaltado em discurso de abertura da Semana Folclórica, a 22 de agosto, de 1969, pelo escritor folclorista Rossini Tavares, na Ibirapuera S. Paulo.

Foi citado em TERRA E GENTE DO NORDESTE, em caracteres Nipônicos, pelo escritor Zempati Oi Ando; em alemão, em inglês e espanhol. Recebeu JANGADINHA, dos Diários Associados.

Fez crônicas diárias, em rádio-emissoras locais.

A convite, enviou o CURRÍCULUM VITAE para fazer parte do Instituto Histórico da Paraíba (João Pessoa).

Foi entrevistado na TV Cultura, de S. Paulo, sobre o movimento cultural no Cariri, pelo escritor Alceu Maynard de Araújo, em que foi exibido exemplar de ITAYTERA, como das principais revistas do país.

FIGUEIREDO FILHO :

Patrimônio do Crato que Desaparece

Texto : ANTONIO VICELMO

A cidade amanheceu, quinta-feira, coberta de luto. Uma vaga nos meios intelectuais do Crato, do Ceará e do Brasil. Nos bairros, o choro incontido da pobreza. Os jornalistas registram chorando a morte de J. de Figueiredo Filho. Perdemos um companheiro, um amigo, o nosso irmão mais velho. Um mar de lágrimas banha o Crato. A pobreza já começa a sentir a falta de suas crônicas sempre ao lado dos humildes. Figueiredo Filho foi um escravo do Crato e morreu algemado ao cratense. Ontem ele escrevia a história do Cariri, hoje ele entra para a história do Ceará e do Brasil.

Os historiadores de amanhã, por certo, irão destacar a personalidade de J. de Figueiredo Filho. O imortal da Academia Cearense de Letras era, sobre tudo, um homem humilde. Dono de uma riqueza de conhecimentos, morreu pobre. Figueiredo Filho nunca pensou em riqueza material. Foi um homem totalmente dedicado aos livros. Sua residência, na Praça Siqueira Campos, era uma Central de Informações. Como Cristo, ele também foi caluniado, maltratado e injustiçado, mas não abandonou o jornalismo. Fiel à sua vocação, Figueiredo Filho continuou escrevendo sempre na defesa dos interesses do Crato. Morreu um homem justo, morreu um homem bom, morreu um homem santo.

O Crato está se contraindo de dor. Mas uma coisa não morreu, e nunca morrerá. É a sua idéia. A semente do bem plantada por J. de Figueiredo Filho há de germinar. O

seu exemplo será sempre seguido, o seu amor ao Crato será imitado. O espírito de luta de J. de Figueiredo Filho permanecerá no coração de todos os cratenses de boa vontade. Uma idéia não morre. Ela servirá de exemplo para as novas gerações. Figueiredo Filho deixou uma legião de seguidores. Quando houver um pobre gritando por justiça, quando os interesses do Crato estiverem ameaçados, quando o medo estiver a pique de dominar nossa mente, será invocada a figura de J. de Figueiredo Filho.

Tudo que se disser sobre Figueiredo Filho é pouco, mas vamos deixar espaço para as autoridades cratenses. Vamos ouvir a opinião de pessoas de destaque de nossa sociedade. Dr. Luiz de Borba Maranhão, Diretor da Faculdade de Direito do Crato assim se expressou sobre a notícia da morte de J. de Figueiredo Filho :

“A morte de J. de Figueiredo Filho enlutou o Crato. Era ele em verdade, um dos grandes historiadores do Ceará. Foi um amigo dedicado, um jornalista de pena de ouro, um escritor maravilhoso. Um homem que engrandeceu a cidade do Crato e o Ceará. Mas J. de Figueiredo Filho continua vivo nas páginas da história para a grandeza da terra Cearense. José Figueiredo Filho é uma saudade eterna para o Crato”.

Pe. Gonçalo Farias Filho, Diretor de Rádio Educadora e A Ação, assim se expressou :

“Recebi a notícia da morte de

Figueiredo Filho com muita tristeza, porque a figura do professor J. de Figueiredo Filho é muito importante para o engrandecimento do Crato. Foi um intelectual que soube elevar o padrão cultural da nossa região. Um homem de fé que sempre teve atitudes de fé. Foi um homem honesto que ensinou a Região a agir sempre com honestidade. Batalhou pelo Crato, esteve sempre ao lado das boas causas. Figueiredo não passou, está presente como um testemunho de luta, heroísmo e amor a terra.

Por sua vez. O Dr. Raimundo de Oliveira Borges, Diretor da Faculdade de Filosofia do Crato, disse que "recebeu a notícia da morte de Figueiredo Filho como um impacto, pela expressiva figura que ele representava no mundo social e cultural do Ceará e em todo o Brasil onde quer que ele se apresentasse. Figueiredo Filho deixa uma lacuna impreenchível na nossa terra, quer como escritor, quer como professor, quer como historiador dos acontecimentos que se verificaram nesta terra desde sua formação até os nossos dias. Como Diretor da Faculdade de Filosofia, lamento profundamente este infausto acontecimento porque Figueiredo Filho já como um dos seus mais eméritos professores, vinha prestando a esta casa de ensino superior os mais relevantes serviços. Eu aproveito esta oportunidade para me associar a dor que sofre a família de Figueiredo Filho e apresentar os meus pêsames a toda a comunidade cratense porque ela perde uma figura exponencial da sua história, da sua terra, da sua sociedade.

Madre Feitosa, Diretora do Colégio Madre Ana Couto e Vice-Geral da Congregação das Filhas de Sta. Teresa disse que "foi grande o impacto causado com a morte de Figueiredo Filho. O cargo que Figueiredo ocupava era de grande valor não somente para o Cariri mas pa-

ra todo o Ceará e o Brasil. Atualmente, Dr. Figueiredo era uma pessoa de renome nacional. Um cristão autêntico que possui, sobretudo, um alto espírito de doação".

Já o professor Kleber Callou, Chefe do Escritório da Casa Civil do Governo, declarou que "recebeu a notícia da morte de J. de Figueiredo Filho com muita tristeza. O Brasil, o Ceará e o Crato perdem uma personalidade altamente respeitável. A juventude há de sentir a falta de seus conselhos. Sua morte foi uma lacuna deixada no seio da comunidade cearense.

O Prefeito Pedro Felício Cavalcanti, que foi amigo de infância de Figueiredo Filho, expressou também o seu profundo pesar pela morte do imortal da Academia Cearense de Letras. A morte do Presidente do Instituto Cultural do Cariri causou-me profunda consternação porque, além de êle ter sido meu amigo de infância, vejo que o Crato acaba de perder um de seus filhos mais ilustres. Um homem que se doou a sua terra natal. Um homem que projetou o nome do Crato, e do Ceará, além fronteiras, com o intuito, tão somente, de ver a nossa terra projetada nos grandes centros do Brasil. É profunda a minha emoção, eu repito, até que quer me tirar a faculdade de expor aquilo que, na verdade eu realmente sinto pelo falecimento de Figueiredo Filho.

O Vice-Prefeito Francisco Walter Peixoto disse que recebeu a notícia da morte de Figueiredo Filho com muita tristeza, adiantando que o Crato, o Cariri e o Ceará perdem uma das mais brilhantes figuras do mundo cultural da nossa terra. Então, portanto, de luto, o Crato e todo o Nordeste. A professora Lourdinha Esmeraldo afirmou que assistiu, com sofrimentos, à morte de Figueiredo Filho, vendo que se extinguia uma coluna, não somente cultural como moral da cidade do Crato e da Região.

PERDA IRREPARAVEL

Roubou-nos a morte, nos seus mistérios e desígnios insondáveis, a maior figura humana do Crato dos últimos tempos.

Deixou de viver e já foi recebido de volta ao seio da terra generosa que ele tanto amou e pela qual viveu, tão devotadamente, o escritor e jornalista J. de Figueiredo Filho.

A irreparável perda que o Crato acaba de sofrer abala toda a sua estrutura e abre um claro difícil de ser preenchido, por muitos e muitos anos.

Não é em toda geração que surge um homem do porte de José de Figueiredo Filho.

Figuras luminaras como a do crastense que se foi, Deus presenteia muito raramente uma comunidade.

Lutador intemerato, sua pena esteve 55 anos a serviço da terra, na causa da terra, em defesa da terra, projetando-a, elevando-a, dignificando-a, exaltando-a, na mais pura, na mais honesta, na mais sincera, na mais produtiva folha de serviços que um homem pode em prestar à sua terra.

Lutador incansável, fez da pena a sua arma, dos livros e jornais, a sua trincheira, do campo jornalístico e do cenário da cultura, o magnífico palco onde exercitou, cotidianamente, o bom combate, na glorificação de sua terra e na elevação de sua gente.

Projetou o Crato aos píncaros da glória, nas conferências, nos congressos, nos simpósios, nas acadêmias científicas e literárias, no descortínio do alto mundo intelectual do Estado e fora dêle, sempre com a preocupação única de servir e engrandecer o Crato.

Fez da pesquisa histórica a luminosa trajetória em que se abriram

novos rumos ao conhecimento de nossa formação intelectual, cívica, moral e política.

E na Cátedra, exercitou o bom combate, nesse contato diário e proveitoso com a juventude, na qual inoculou os sentimentos mais sadios de brasilidade, de civismo, de amor telúrico à terra comum de todos nós.

Sua vida foi, portanto, um hino constante de amor, desvelo e devotamento ao Crato que era a razão de ser de sua existência e o carinho maior do seu coração incendiado de amor patriótico.

No Instituto Cultural do Cariri, que fundou e manteve, como permanente tocha, acesa ao fogo dos seus ideais, marcou uma época realmente esplendorosa de pujantes e saudáveis realizações.

Na Faculdade de Filosofia, que animou com a força vigorosa do seu espírito, exaltou a terra e serviu à cultura.

Na Academia Cearense de Letras, aonde chegou, depois de muito re lutar, em vista de sua imensa modestia, codificou na imortalidade acadêmica um nome que a posteridade já aprendeu a amar.

E assim se foi J. de Figueiredo Filho.

Foi, deixando atrás de si a luminosidade marcante de uma intensa e extensa produção literária, jornalística, científica — nos jornais, nos livros, nas conferências, no brilho dos simpósios e congressos, na marcante personalidade que se revela até nos bilhetes íntimos aos amigos mais caros, no entusiasmo avassalador por um Crato melhor.

E assim se foi J. de Figueiredo Filho, construindo uma obra imperecível que dignifica o seu nome e lhe

SOCIEDADE

* Causou-nos imensa consternação a morte do jornalista, escritor e historiador J. de Figueiredo Filho, Presidente do Instituto Cultural do Cariri e ex-Diretor e cronista do Jornal "A AÇÃO" e Rádio Educadora do Cariri, ocorrida no dia 29 último, em nossa Cidade.

* A imensa dor que de todos se apodera se junta à mágoa infinda dessa perda irreparável. O destino que no-lo roubou, em plena vitalidade intelectual, marcou, profundamente, a existência da comunidade, à qual ele devotadamente serviu e pela qual se imolou.

* Registrando o desaparecimento do saudoso jornalista e escritor, "SOCIEDADE" envia, nesta hora de dor e de infortunio, à família sinceros pêsames, na certeza de que seu nome será uma bandeira a tremular em favor da cultura cratense que ele tanto promoveu e projetor.

* Em sinal de pesar pelo falecimento de J. de Figueiredo Filho, a Prefeitura Municipal decretou feriado no dia 30 e luto oficial de três dias, enquanto a Câmara Municipal prestou também homenagem póstuma ao ilustre morto.

* O Crato Tênis Clube adiou para 7 de Setembro a Festa Dançante marcada para ontem à noite, comemorando a Festa da Padroeira, em virtude do falecimento de J. de Figueiredo Filho, sogro do Presidente Dr. Jósio Araripe.

* Com o falecimento do escritor J. de Figueiredo Filho, assumiu a Presidência do Instituto Cultural do Cariri Pe. Antônio Gomes de Araújo, Vice-Presidente da entidade que deverá promover eleição em outubro próximo.

* Mesmo com o falecimento de Figueiredo Filho, o Crato participará do Simpósio Nacional de História em Goiânia, na Semana da Pátria, através da tese enviada pelo saudoso Presidente do ICC, dias antes de sua morte, sob o título: "Influência do Crato no Cariri Cearense", que será publicada nos Anais do certame.

exalta a figura humana, onde os traços de bondade, de caráter forte e sem jaça, se misturam à grandiosidade de um espírito público que só soube construir — nunca destruir — que só soube engrandecer, nunca diminuir, que só soube dar amor, nunca o desamor.

Deus há de premiá-lo no regaço onde abriga os justos.

E o povo há de premiá-lo na saudade eterna do seu coração e na

memória imortal desta terra que foi seu berço, a razão primeira de sua vida, e o abrigo generoso para onde acaba de voltar!

Lido no Rádio Araripe e Rádio Educadora — 29 08 73.

Publicado como EDITORIAL, em A AÇÃO, dia 1 09 73.

Autoria: — J. Lindemberg de Aquino.

**Entidades, Clubes de Serviço,
Associações e outros grupos
comunitários expressam seu pesar
pelo falecimento do Presidente do
Instituto Cultural do Cariri**

INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI

NOTA DE PESAR

A Diretoria e o quadro social do Instituto Cultural do Cariri sentem-se no indeclinável dever de comunicar a todo o povo do Crato o falecimento do seu eminente PRESIDENTE, jornalista, escritor, historiador e professor, José Alves de Figueiredo Filho, ocorrido em Crato.

Á imensa dor que de todos nós se apodera se junta a mágoa infinda dessa pêrda irreparável.

O destino que no-lo roubou, em plena vitalidade intelectual, marcou, profundamente, a existência da comunidade, á qual ele devotadamente serviu e pela qual se imolou.

O INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI — em lamentando a pêrda do grande Mestre, seu Presidente e animador, faz, nesta hora de dor e de infortúnio, um propósito firme, o de continuar a sua luta e de eternizar a sua obra, na imorredoura saudade que fica e no estímulo vigoroso que o seu exemplo nos legou, para enfrentar as dificuldades que surjam.

Nêste ensejo, convida a todo o povo do Crato a se fazer presente, no sepultamento do ilustre morto, que deixa á sociedade e á comunidade o legado mais precioso que foi a sua vida exemplar de intelectual correto e homem de bem.

Instituto Cultural do Cariri

Pe. Antônio Gomes de Araújo, Presidente em exercício
J. Lindemberg de Aquino, Secretário Geral

PREFEITURA MUNICIPAL DO CRATO

Departamento de Educação, Cultura e Saúde

NOTA

O Departamento de Educação, Cultura e Saúde, comungando com o sentimento de pesar do povo cratense, profundamente consternado com o falecimento do escritor e educador J. de Figueiredo Filho, avisa aos senhores professores municipais, da Sede, que os alunos das escolas municipais devem comparecer ao entêrro do pranteado cidadão, exemplo de civismo, patriotismo e amor ao Crato.

Departamento de Educação, Cultura e Saúde, aos 29 de agosto de 1973.

João Teófilo Pierre, Diretor

ITAYTERA CLUBE

NOTA OFICIAL

A diretoria e associados do Itaytera Clube, comungando com a tristeza de toda a nossa cidade pelo desaparecimento do Professor Figueiredo Filho, expoente máximo da cultura e do amor ao Crato, vêm, de público, manifestar o seu pesar e a sua solidariedade á angústria por que passa toda a cidade.

Crato, 30 de Agosto de 1973.

Francisco de Assis Pires, Presidente

FACULDADE DE FILOSOFIA DO CRATO

NOTA OFICIAL

O Diretor da Faculdade de Filosofia do Crato, considerando a irreparável perda que representa para a comunidade cratense a morte do Dr. JOSÉ ALVES DE FIGUEIREDO FILHO, ocorrida hoje, nesta cidade, cumpre o doloroso dever de decretar luto por três dias, nesta Escola de Ensino Superior.

Expressa, ao mesmo tempo, à Família do pranteado extinto, em nome da Congregação, do Corpo Discente, do Pessoal Administrativo e no seu próprio, profundo pesar pelo infausto acontecimento.

Crato, 29 de agosto de 1973

Prof. Raimundo de Oliveira Borges, Diretor

PREFEITURA MUNICIPAL DO CRATO

DECRETO N.º 11

O Prefeito Municipal do Crato, professor PEDRO FELÍCIO CAVALCANTI, no uso e gozo de suas atribuições legais,

CONSIDERANDO que o professor José Figueiredo Filho, membro da Academia Cearense de Letras, Presidente do Instituto Cultural do Cariri, escritor que, por seus livros e obras projetou o nome do Crato em todo Brasil e, também, no exterior;

CONSIDERANDO que foi, no domínio das letras, uma das figuras mais ilustres da terra caririense;

CONSIDERANDO que, como pessoa humana, sensível às dores alheias, sempre exalçou a caridade e o amor ao próximo.

D E C R E T A

O dia trinta do mês findante de feriado municipal e luto oficial pelo falecimento do professor José de Figueiredo Filho:

Paço da Prefeitura Municipal do Crato, em 29 de agosto de 1973.

Pedro Felício Cavalcanti, Prefeito Municipal.

CÂMARA MUNICIPAL DO CRATO

NOTA OFICIAL

A Câmara Municipal do Crato, participando da grande Dor que toma de conta de toda a nossa comunidade, com o "**Falecimento**" do Ilustre Escritor e Jornalista J. DE FIGUEIREDO FILHO, associa-se às manifestações de pesar à sua Ilustre Família, e convida o povo Cratense para o sepultamento do Ilustre filho do Crato, amanhã, dia 30, em hora a ser oportunamente anunciada.

Sala das Sessões da Câmara Municipal do Crato, 29 de Agosto de 1973.

Francisco Ailton Esmeraldo, Presidente

Francisco Pereira da Silva, Secretário

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DO CRATO

NOTA OFICIAL

A ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DO CRATO, ante o doloroso acontecimento para todo o mundo intelectual cearense, que foi o falecimento do eminente historiador, jornalista, escritor e professor, Doutor José Alves de Figueiredo Filho, sente-se no dever de levar o pesar de sua Diretoria e do seu quadro social, à família enlutada e ao povo cratense. A perda do Dr. Figueiredo Filho para o Crato foi realmente irreparável, abrindo uma lacuna difícil de ser preenchida em nossa vida cultural e jornalística.

A ASSOCIAÇÃO COMERCIAL associa-se á dor da família enlutada e pede encarecidamente ao Comércio para cerrar as suas portas á hora do sepultamento do inolvidável cratense.

Thomaz Osterne de Alencar, Presidente

LIONS CLUB DO CRATO — CENTRO

NOTA DE PESAR

O LIONS CLUB DO CRATO CENTRO, pela sua Diretoria e quadro social, associa-se, á profunda mágoa e imensa dor que se apodera de todo o povo cratense, em vista do falecimento do digno jornalista e escritor, Dr. J. de Figueiredo Filho.

Nêste ensêjo, rende á sua inolvidável memória o tributo da mais sincera admiração e do mais profundo reconhecimento, pela inimitável carreira nas letras, a serviço desta comunidade, que sempre lhe mereceu todo o amor, carinho, dedicação, devotamento e desvêlo.

O Lions Club do Crato Centro convida a toda a família leonística a estar presente ao sepultamento do pranteado morto, em cuja fulgurante personalidade se exornavam as mais autênticas qualidades de homem de bem, patriota puro, católico no mais exato sentido do têrmo e historiador de renome, que em vida só soube engrandecer e projetar a nossa comunidade.

Arindo Mathias, Presidente

RÁDIO EDUCADORA DO CARIRI

NOTA DE PESAR

A Direção da Rádio Sociedade Educadora Cariri Ltda., junta-se neste momento a todas as homenagens póstumas que estão sendo tributadas ao jornalista J. de Figueiredo Filho, um dos maiores patrimônios morais e intelectuais do Cariri e que hoje faleceu em nossa cidade. Figueiredo Filho, que em vida foi um dos grandes colaboradores da Rádio Educadora, assinando quase que diariamente a CRÔNICA DA CIDADE, deixa uma lacuna das mairs no mundo das letras e do Jornalismo Regional.

— O nosso sentido voto de pesar.

Padre Gonçalo Farias Filho, Diretor

CLUBE DE DIRETORES LOJISTAS DO CRATO

NOTA DE PESAR

O Clube de Diretores Lojistas do Crato, em sintonia com os sentimentos de dor e de pesar, pelo infausto desaparecimento do ilustre filho do Crato, escritor, professor e historiador J. de Figueiredo Filho, vem, pela presente nota, expressar a profunda mágoa dos lojistas cratenses, ante a dolorosa ocorrência.

Convida o comércio e a indústria a se fazerem presentes ao sepultamento do eminente Jornalista, numa demonstração de solidariedade cristã á sua família e ao Crato, ante essa pèrda irreparável.

Crato, 29 de Agosto de 1973

Valdemir Correia de Sousa, Presidente

ROTARY CLUB DO CRATO

NOTA DE FALECIMENTO

O ROTARY CLUB DO CRATO tem a imensa mágoa de comunicar a todo o seu quadro social o falecimento do seu inolvidável SÓCIO HONORÁRIO, jornalista J. de Figueiredo Filho, figura humana de qualidades cívicas e morais — e historiador, jornalista e escritor de imensa repercussão nacional.

A dor que toma de conta do Rotary — em vista dêsse lutuoso fato, extravasa aos sentimentos mais comuns e alanceia as nossas almas, ferindo-nos profundamente.

Rotary Club do Crato convida a todos os rotarianos e suas famílias, a comparecerem ao sepultamento do inditoso companheiro, numa demonstração coletiva de sentimento cristão e de solidariedade humana.

Dr. Solon Pinheiro Teles, Presidente

GRÊMIO SÓCIO EDUCACIONAL "PROF. J. DE FIGUEIREDO FILHO"

NOTA OFICIAL

O Grêmio Sócio Educacional Prof. J. de Figueiredo Filho, do 3.º Ano da Escola Técnica de Comércio do Crato, que em vida, reconhecendo o valor intelectual e moral do prof. José Alves de Figueiredo Filho, e os relevantes serviços por êle prestados à comunidade cratense, como auriflame em defesa da terra, quer no setor educacional e cultural, quer no setor social, o escolheu como patrono deste Grêmio, e hoje, consternado com o seu desaparecimento, não podendo se declinar a dor da sua família e a dor da família cratense, evocamos a pensamento de Max Robespierre, quando diz: "Não, a morte não é absolutamente um sono eterno. Tirai dos túmulos essa máxima ímpia, que envolve com uma faixa fúnebre a natureza, e que é um insulto à morte, e gravaí esta: "A morte é o começo da imortalidade".

Walquires Gonçalves de Oliveira, Presidente

CÍRCULO DE TRABALHADORES CRISTÃOS DO CRATO

NOTA DE Pesar

O CÍRCULO DOS TRABALHADORES CRISTÃOS DO CRATO e a UNIÃO DOS TRABALHADORES DO CARIRI profundamente consternados pela dolorosa notícia do falecimento do emérito jornalista Cratense Dr. José de Figueiredo Filho, amigo dos pobres e de todos os Cratenses, sempre pronto a batalhar pela grandeza da sua terra e do seu povo, transmite a todos os seus familiares os mais sentidos pezames pela sua perda irreparável e convidam a todos os seus associados a se fazerem presentes ao seu enterro, como prova de gratidão por tudo que ele fez em prol dos integrantes destas entidades.

Crato, 30 de Agosto de 1973

José Gonçalves da Silva, Presidente

SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA

DEPARTAMENTO REGIONAL DO CEARÁ

Crato, em 29 de Agosto de 1973

Do: Administrador do Centro Social do Crato

Ao: Instituto Cultural do Crato

Assunto: Nota de Pesar.

Sr. Diretor,

Servidores e alunos que fazem o Centro Social de Crato, une-se pesadamente a família enlutada do ilustre professor, escritor, jornalista e historiador, J. de Figueiredo Filho, pelo seu desaparecimento deste mundo que deixou a todos nós um preceito de grande admiração e que, doravante sentiremos a lacuna nos meios jornalísticos, artísticos e culturais de nossa terra e de nossa gente.

Saudosamente,

Deusimar Bezerra Chaves, Administrador

A

CONGREGAÇÃO DAS FILHAS DE SANTA TERESA DE JESUS

e o

COLÉGIO SANTA TERESA DE JESUS

Profundamente comovidos com o falecimento de seu dedicado amigo e grande mestre Professor José de Figueiredo Filho, patrimônio moral e cultural do Cariri — convidam religiosas, professores e alunos para o seu sepultamento, ao mesmo tempo que tornam Feriado da Congregação, o dia de hoje, 30 de agosto.

Madre Paula — Superiora Geral

Madre Feitosa — Vice-Geral

Madre Nobre — Conselheira Geral

Irmã Neuma — Secretária Geral

Madre Esmeraldo — Regional do Cariri

Irmã Maria Floremir — pela equipe do Colégio

CURATO DA CATEDRAL **PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DA PENHA**

Em sinal de condolências pelo falecimento do grande Amigo e Paroquiano J. DE FIGUEIREDO FILHO, tendo ouvido os chefes das duas comissões das duas Faculdades em prol da Festa da Padroeira, a Paróquia de Nossa Senhora da Penha resolve suspender nestes dois dias a movimentação externa das barracas, rogando ao mesmo tempo a Deus o feliz descanso de sua alma.

Crato, 29 de agosto de 1973

Pe. João Bosco Cartaxo Esmeraldo, Vigário

O Coordenador da Barraca da Faculdade de Filosofia, avisa aos alunos residentes em outras cidades, que por motivo do falecimento do Prof. J. de Figueiredo Filho, só haverá movimentação da barraca no dia 31, sexta feira.

SOCIEDADE PRÓ-MELHORAMENTO DO BAIRRO SÃO MIGUEL

A Sociedade Pró-Melhoramento do Bairro São Miguel, bem como toda gente que mora e faz esta Comunidade, sentem-se o profundo pesar pelo trágico desaparecimento de nosso grande professor, escritor, jornalista e historiador J. de Figueiredo Filho, a qual externa a família do ilustre mestre o nosso pesar.

Saudosamente,

Deusimar Bezerra Chaves, Presidente

RÁDIO ARARIPE S. A.

NOTA:

A Direção da Rádio Araripe S. A., comungando com a tristeza do povo do Crato, pelo desaparecimento do Professor José Alves de Figueiredo Filho, amigo do Crato e desta Emissora, apresenta á família do extinto, as suas condolências e faz uma programação especial para o dia de hoje.
Crato, 29 de Agosto de 1973.

Eloi Teles de Moraes, Diretor

INSTITUTO DE ENSINO SUPERIOR DO CARIRI

NOTA OFICIAL

O INSTITUTO DE ENSINO SUPERIOR DO CARIRI, vem associar-se ao pesar da comunidade cratense, no momento em que a morte arrebatou da vida, o seu ilustre vice-Presidente Dr. José de Figueiredo Filho, figura de real destaque de nossa terra, além de notável escritor, professor e jornalista.

O Crato e o Cariri, com o falecimento do Dr. Figueiredo Filho, perdem um valoroso cratense, culto e bravo defensor de sua terra e de sua gente.

Crato, 29 de Agosto de 1973

D. Vicente de Paulo Araújo Matos, Presidente

CRATO TENIS CLUBE

NOTA DE FALECIMENTO

O Conselho Superior de Recursos, órgão dirigente, A Diretoria, órgão executivo, e o quadro social, do Crato Tennis Clube, sentem-se no dever de externar a imensa dor pela perda irreparável que o Crato acaba de sofrer, com o desaparecimento do professor J. de Figueiredo Filho.

A figura nacional do escritor, jornalista e historiador, projetou bem longe o nome de nossa terra, enchendo-a de esplendor e de prestígio.

O seu devotamento à causa do progresso social de nossa comunidade está retratado na obra imperecível que a imprensa e a literatura documentam, sempre com a única finalidade de servir a esta terra e engrandecer o seu povo.

O seu infausto desaparecimento cobre de luto, e de dor a família cratense, razão pela qual nos associamos, pesarosamente, à família enlutada, e rogamos a Deus que o receba no regaço dos filhos eleitos.

Dr. Jósio de Alencar Araripe, Presidente

CONJUNTO FOLCLÓRICO "ITAYTERA"

NOTA DE PESAR

O Conjunto Folclórico "Itaytera", que congrega a totalidade dos Grupos Folclóricos do município de Crato, sente-se no dever de externar seu mais profundo pesar, pelo desaparecimento do inolvidável Prof. José de Figueiredo Filho, sem favor a maior expressão da cultura cratense, nas últimas décadas.

Individualidade marcante, no terreno das letras, Figueiredo Filho elevou às alturas o nome do Crato, que perde, com seu passamento, a maior e mais autêntica figura de intelectual, de seu berço, glória de sua geração.

Cratense amorosíssimo, toda sua vida foi norteada no sentido da elevação cultural do Crato. Sua obra, vastíssima, é atestado eloquente daquele que, mui merecidamente, soube conquistar, para sua gleba, os mais gloriosos louros, no setor cultural.

Se é certo que a morte é o primeiro degrau para a imortalidade, Figueiredo Filho, por sua obra, mereceu a imortalidade para nossas letras, a perpetuidade de nossa cultura, com êle elevada ao seu apogeu!

Folclorista apaixonado, pesquisador incansável, o pranteado Mestre deixa, para nós do Folclóre cratense, quiçá regional, um claro impenchível. Sua dedicação sirva-nos de estímulo e incentivo para embora imperfeitamente, continuarmos a meritória obra por êle encetada.

À beira da sepultura do inesquecível Amigo, Guia e Orientador, todos nós, que defendemos o patrimônio do nosso Folclóre, viemos depositar com nossa sentida saudade, o mais vivo reconhecimento, pelo que, em vida, êle fez, em prol de nossa cultura popular.

Obrigado Dr. Figueiredo! Obrigado, grande e devotado amigo do Folclóre caririense! Receba a consagração, a saudade, as lágrimas dos seus amigos do Conjunto Folclórico "Itaytera".

Crato, 30 de Agosto de 1973

Elói Teles de Moraes, Pedro Teles e Francisco Aniceto

**O QUE PUBLICOU A IMPRENSA
SOBRE A MORTE DE
J. DE FIGUEIREDO FILHO**

FIGUEIREDO FILHO

O PESQUISADOR DO CARIRI

— “Não sou filho de grande centro citadino, nem tão pouco fui transplantado, com raízes e tudo, para a orla do oceano. Nasci e cresci ouvindo a canção nostálgica dos tangedores de bois, montados nas almanjarras dos engenhos de rapadura, diverti-me com o matraquear dos cacetes no “maneiro-pau”, e puxei alfinim junto à bagaceira. Só não fiz beber cachaça, ao pé dos alambiques caririenses, com aquele aljofre fechado, tão ao gosto dos cabras e de certa gente mais graúda de minha terra. Tomei banho nas nascentes e no Poço da Escada, de Crato. Sou impregnado das coisas do Cariri”.

Este depoimento, este canto de amor à terra-berço, é o início do discurso que o escritor J. de Figueiredo Filho pronunciou, em sessão solene da Academia Cearense de Letras, quando tomou posse na cadeira 34, em substituição a Dolor Barreira — o inolvidável autor de “HISTÓRIA DA LITERATURA CEARENSE”.

Autor de uma obra literária já bem alentada. J. de Figueiredo Filho iniciou-se no mundo das letras com a publicação de “Renovação”, um romance que versava sobre o drama secularmente repetido das grandes estiagens, fundamentado nos problemas sociais e humanos que afligem o homem nordestino.

Em 1948 veio à lume “Meu Mundo é uma Farmácia”, livro considerado como a sua melhor criação, principalmente pelo que representa como depoimento e como documentário de uma época, de uma cidade, dos seus usos, costumes e tradições.

Seguidamente, J. de Figueiredo

publicou: “Engenhos de rapadura no Cariri”, “Folclôre do Cariri” e, finalmente, em 1956, “Folguedos Infantis do Cariri”.

Iniciando-se pela ficção e escolhendo o gênero do romance de costumes, J. de Figueiredo Filho já deixava bastante claro a sua natural inclinação pela análise das coisas das gentes simples — um caminho que somente poderia desembocar no estudo do folclore, como realmente aconteceu.

J. de Figueiredo Filho faleceu na cidade de Crato, no dia 29 de agosto. Nascido em 1904, desapareceu depois de haver completado, no último dia 14, 69 anos de idade. A comunidade toda pranteou o filho ilustre. A municipalidade decretou luto oficial por três dias.

— Toda a obra de Figueiredo Filho — como assinalaria, com muita propriedade o também acadêmico Antônio Martins Filho — “reflete o Cariri, suas aspirações e sofrimentos, seus dramas e suas glórias, angústias e alegrias, seus amores, suas cantigas, seu folclôre, seus mitos, seus santos, seus heróis, sua história, seu povo”.

Pesquisador solitário, comprometido com o meio e com a cidade que tanto amou, procedeu uma intensa investigação de suas origens, do seu passado e de sua vocação, realizando uma obra autêntica e de profundo sentido humano e social.

Formado pela antiga Faculdade de Farmácia, além de escritor e jornalista de nomeada, professor universitário e presidente do Instituto Cultural do Cariri, era colaborador efetivo do nosso jornal.

“Gazeta de Notícias” - 2.9.73

FALECEU ONTEM NO CRATO

J. DE FIGUEIREDO FILHO

As mais diferentes forças vivas da sociedade cratense foram abaladas às primeiras horas da tarde de ontem com o falecimento de J. de Figueiredo Filho, 69 anos de idade, uma das mais ilustres figuras do mundo sócio-econômico do Crato, em especial nos meios culturais, de onde começou a galgar com brilhantismo os postos mais invejáveis da vida literária do Estado.

J. de Figueiredo Filho — que deixou Zuleica Pequeno de Figueiredo viuva com os filhos Cauby Pequeno de Figueiredo e Eneida de Figueiredo Araripe — casados, respectivamente, com Maria Regina Costa Carvalho e Jósio de Alencar Araripe além de pertencer a Academia Cearense de Letras, ocupando a cadeira 34, era presidente do Instituto Cultural do Cariri, professor da Faculdade de Filosofia do Crato, vice presidente do Instituto de Ensino Superior do Cariri, membro do Conselho Cearense de Campanha de Defesa do Folclore, membro da diretoria da Associação dos Professores de História, diretor da revista Itaytera, órgão oficial do Instituto do Cariri, patrono da Presença do Folclore do Rio.

J. de Figueiredo Filho que divulgou várias obras da mais alta significação cultural — entre os quais "Meu Mundo é uma Farmácia", "História do Cariri" — colaborou durante muitos anos na imprensa local, chegando a escrever o seu último artigo no dia 12 do corrente que Tribuna do Ceará publicará, sábado próximo, em sua página literária.

A sociedade cratense ficou abalada, motivando, em imediato, Tuto oficial, decretado pelo Prefeito Mu-

nicipal do Crato, com as emissoras de rádio suspendendo a sua programação normal para tocar somente músicas fúnebres. O seu enterro deve ser, ainda hoje, com grande acompanhamento da maioria dos habitantes do Crato, onde J. de Figueiredo Filho gozava da mais profunda estima de quantos conheciam os seus trabalhos e o seu comportamento como defensor intransigente dos interesses de sua terra natal.

"Tribuna do Ceará" — 30-8-73

CAMPOS SALES

O desaparecimento do Acadêmico Professor Dr. J. de Figueiredo Filho, fundador e Presidente do Instituto Cultural do Cariri membro da Academia Cearense de Letras, da Associação Cearense de Imprensa e da Associação Cearense de Jornalistas do Interior, autor de vários livros, sendo um estudioso das coisas e fatos do Cariri ocorrido em Crato - Ce., no final do mês transato, repercutiu em nossa cidade, tendo sido muito lamentado pelo nosso povo, especialmente por quantos tiveram o prazer de conhecê-lo pessoalmente.

Admirador de Campos Sales, aqui esteve, em maio de 1962, chefiando uma caravana do I. C. C., quando aquele sodalício cratense, por iniciativa sua, reverenciou a memória de Barbara de Alencar, colocando uma lousa no local onde a Heroína de 1817 se acha sepultada.

No Ginásio de Campos Sales, o intelectual cratense proferiu discurso sobre aquela que ele considerava "um dos vultos femininos mais im-

MORREU O ESCRITOR

J. DE FIGUEIREDO FILHO

Causou o mais profundo pesar na cidade do Crato o falecimento, às 13h45min de ontem, do escritor J. de Figueiredo Filho, que há cinco dias estava internado na Casa de Saúde São Raimundo, naquele município, com problemas de duodeno e de insuficiência renal. O conhecido e laureado escritor e articulista será sepultado no cemitério do Crato, sua cidade berço, hoje, às 16 horas.

Uma emissora de Fortaleza, que penetra bem em todo o Cariri, divulgou, às 12 horas, o passamento de J. de Figueiredo Filho, quando ele ainda vivia. Muita gente chegou ao hospital na suposição de que o escritor já era cadáver, enquanto que ele resistiu por mais duas horas em balão de oxigênio.

ESCRITOR E PROFESSOR

José Alves de Figueiredo Filho nasceu em 1904. Havia completado 69 anos de idade no último dia 14, sendo pouco depois levado ao hospital, onde foram vãos os recursos da medicina para salvá-lo. Do consórcio com a Sra. Zuleica Pequeno de Figueiredo, deixa os seguintes filhos: Eneida de Figueiredo Araripe, casada com o advogado Jósio de Alencar Araripe, residente no Crato, e Caubi Pequeno de Figueiredo, engenheiro químico, resi-

pressionantes que já medraram em terras nordestinas". Associamo-nos ao sentimento de pesar do povo cratense, pela perda de tão ilustre personalidade, honra e glória das letras cearenses.

JOSÉ ITAMAR MORAIS

Correio do Ceará 8.9.73.

dente na Guanabara, casado com a Sra. Maria Regina Costa Carvalho Figueiredo.

J. de Figueiredo Filho era membro de Academia Cearense de Letras desde 11 de março de 1968. Ocupava a cadeira N. 34, que vagou em decorrência do falecimento de Dolor Barreira. Pertencia, também, ao Instituto Cultural do Cariri, e a inúmeras instituições artísticas e literárias do Crato, de Fortaleza e de outros Estados.

Farmacêutico antigo, Figueiredo começou a escrever desde moço. Entretanto, somente em 1941, sob os auspícios da Livraria Odeon, de São Paulo, publicou seu primeiro livro, o romance "Renovação", baseando-se em sua experiência de ficcionista. Anos depois, era editado "Meu Mundo é uma Farmácia", livro no qual narrou suas aventuras e desventuras no exercício de sua atividade profissional.

Figueiredo Filho conta com mais de uma dezena de livros publicados e centenas de crônicas, comentários e artigos publicados, não só na sua revista "Itaytera" e no jornal "A Ação", do Crato, mas em todos os periódicos de Fortaleza, inclusive O POVO, enfocando sempre assuntos relacionados com as atividades econômicas e culturais da região do Cariri.

Como professor a sua atuação vem de longe, tendo lecionado na Faculdade de Filosofia do Crato, no Colégio Diocesano e Colégio Santa Teresa.

Figura querida e respeitadíssima, Figueiredo Filho foi uma legenda de trabalho, dedicação às letras e amor à terra.

"O POVO" — 30 - 08 - 73

Maranguape celebra Missa pela alma de J. de Figueiredo Filho

Maranguape — (Pedro Gomes de Matos) — Terça-feira última, foi celebrada na Igreja de Maranguape, missa pela alma do escritor cearense J. de Figueiredo Filho.

O extinto era membro da Academia Cearense de Letras e fundador da revista Itaytera. Deixa 10 volumes publicados, dentre os quais "Engenhos de Rapadura do Cariri".

Era professor da Faculdade de Filosofia do Crato, e exerceu por largos anos a profissão de farmacêutico, atividade que fixou no livro "Meu Mundo é uma Farmácia".

A missa em intenção de Figueiredo Filho foi oficiada por Mons. Mauro Herbster e teve regular assistência.

"O POVO", 25.9.73.

Cariri perdeu sua grande voz :

J. DE FIGUEIREDO FILHO

Entre as grandes perdas humanas que registramos, no Ceará, no ano que se acaba, uma se destaca pela profundidade da dor que causou, e pela repercussão até nacional, tais as manifestações que provocou : a do jornalista, escritor, historiador, professor universitário e folclorista J. Alves de Figueiredo Filho, Presidente do Instituto Cultural do Cariri.

Não se pode negar que durante a sua longa vida (14.7.904-29.8.973).

J. de Figueiredo Filho foi de inteiro devotamento à causa do Crato e do Cariri, que projetou até fora do Brasil com a atividade jornalística e as obras que escreveu.

Fundador do Instituto Cultural do Cariri e de "ITAYTERA", pertenceu à Academia Cearense de Letras (Cadeira 34) e a diversas instituições culturais e científicas do país.

Uma grande perda.

"REGIÃO" 29.12.73

NOTICIÁRIO DA ACEJI

● O Instituto Cultural do Cariri, através seu Secretário Geral, aceijano J. Lindemberg de Aquino, comunicando o falecimento do seu Presidente, jornalista e escritor J. de Alves de Figueiredo Filho, ocorrido a 29 de agosto último, em Crato.

Em consequência a Diretoria da ACEJI resolveu, por unanimidade, dar o nome de J. de Figueiredo Fi-

lho, a uma sala da Casa do Correspondente. A aposição do nome dar-se-á por ocasião do término da reforma e nova pintura da Casa do Correspondente. A uma outra sala será dada o nome do ex secretário da ACEJI, Dr. Valdemar da Silva Pinho, também falecido.

● J. Lindemberg de Aquino doando aos arquivos da ACEJI o Li-

Desaparecimento de Figueiredo Filho

Enluta o Ceará

Nem só o Crato e o Cariri estão de luto.

O Ceará e o Nordeste também.

Cessou de viver aquele que era a luminosidade da inteligência, o vulto de escol de nossa literatura, o cantor de nossas causas, intérprete fiel de nossa região, defensor acérrimo de nossa zona.

Cessou de viver J. de Figueiredo Filho.

Cessou de viver o combatente do bom combate, após 55 anos de lutas contínuas, em que só soube engrandecer, só soube dignificar, só soube projetar o Cariri e o Ceará, na literatura brasileira.

Cessou de viver aquele que, por

amor e devotamento, se imolou à própria terra, dando tudo que o seu amor luminoso espírito possuía, a inteligência e o fascínio de sua personalidade exuberante e vivaz, a serviço da boa causa.

Com J. de Figueiredo Filho morre o homem. Mas fica a ideia, fruto abençoado de sua liderança literária, a obra imorredoura que ele soube construir nos seus escritos.

A homenagem de profundo pesar desta página semanal, dedicada ao Cariri, Cariri que ele tanto amou e tanto enalteceu.

"AQUI, CARIRI" - O Povo 1.9.73

Faleceu no Crato o Farmacêutico

José Alves de Figueiredo Filho

Internado há dias na Casa de Saúde S. Raimundo, veio a falecer, aos 69 anos, na cidade do Crato no dia 29 de agosto, o farmacêutico José Alves de Figueiredo Filho, figura por demais benquista e respeitada não só naquele município cearense como também em todo o Estado.

Veterano profissional da farmácia aliava a essa atividade que sempre exerceu com carinho, humanidade e espírito de compreensão, o magistério com atuação, en-

tre outros, na Faculdade de Filosofia do Crato, no Colégio Diocesano, no Colégio Santa Teresa, etc., e a de laureado escritor e articulista.

Dentre suas obras literárias destacam-se o romance "Renovação" e o mais recentemente editado "Meu Mundo é uma Farmácia", narrativas de sua vida, aventuras e desventuras na atividade profissional de farmacêutico. Membro da Academia Cearense de Letras e de várias instituições artísticas e literárias dos diversos Estados, deixa José Alves de Figueiredo Filho uma verdadeira lacuna e permanente saudade em todos quantos com ele tiveram a ventura de conviver.

"A GAZETA DE FARMÁCIA" — Guanabara — Agosto de 1973.

vro de Inscrições do 1.º Congresso de Jornalistas do Interior, realizado no Crato.

"Correio do Ceará", 10.10.71.

Figueiredo Filho faleceu no Ceará

Faleceu a 29 de Agosto último, no Crato, Ceará, o Escritor José Alves de Figueiredo Filho, Presidente do Instituto Cultural do Cariri e Professor da Faculdade de Filosofia daquela cidade.

O extinto, nascido em Crato a 14 de julho de 1904, deixa viuva a senhora Zuleika Pequeno de Figueiredo e dois filhos: o Farmacêutico Cauby Pequeno de Figueiredo, resi-

dente em São Paulo e a Professora Eneida de Figueiredo Araripe, casada com o advogado Jósio de Alencar Araripe.

Conhecido estudioso do folclore era aquele ilustre homem de letras autor dos ensaios "ENGENHOS DE RAPADURA NO CARIRI", "FOLCLORE NO CARIRI", "FOLGUEDOS INFANTIS CARIRIENSES", tendo publicado, ainda, o romance "REGENERAÇÃO" e os livros "CIDADE DO CRATO" e a "HISTÓRIA DO CARIRI", este último em quatro volumes, além das suas memórias a que deu o sugestivo nome de "MEU MUNDO É UMA FARMÁCIA".

Emudeceu o Cariri

Para os filhos do Cariri, e também para os que estão presos ao facínio, o desaparecimento de J. de Figueiredo Filho da roda dos vivos deixou a todos consternados. Espírito brilhante, escritor e jornalista de muita ilustração, J. de Figueiredo Filho vinha sendo, de há muitos anos, a voz mais autorizada, porque mais autêntica, o Crato que ele tanto amou e a que tanto serviu, a voz da região do Cariri, sempre vibrante, sempre altiva, sempre exata quando era preciso defender uma reivindicação, da terra e da sua gente. Pois o Cariri perdeu a sua voz. O Cariri emudeceu, pelo menos até que o exemplo de J. de Figueiredo Filho se manifeste em alguém que tenha aprendido com ela a lutar pelo Crato, a lutar pelo Cariri de tanta história e de muitos heróis. Dom Camilo conheceu Figueiredo Filho, no Crato, quando a juventude nos enchia a cabeça de ideais e o coração de esperanças. Depois nos encontramos na imprensa, este colunista como redator de Gazeta de Notícias, nos tempos de Drumond, e J. de Figueiredo Filho como colaborador dos mais brilhantes. Por fim, através de comum amigo General Raimundo Teles Píneiro, Dom Camilo estava recebendo

"O NORTE", J. Pessoa, 6.9.73

Notas Políticas

Perdeu o Cariri, com a morte de José de Figueiredo Filho (69 anos), um de seus intelectuais de mais destaque. Um homem dotado de muito conhecimento de sua região e de sua gente, com grande acervo de trabalhos publicados. Era o príncipe dos intelectuais caririenses da atualidade, que nunca emigrou, sem demérito para outros que existem.

"Correio do Ceará", 31.8.1973

do de Figueiredo Filho os frutos de sua indormida atuação no Instituto Cultural do Cariri e na revista "Itayera". Com o falecimento de J. de Figueiredo Filho, não só o Crato, mas também o Ceará, perde um grande filho. Sentimos pesames à enlutada família.

"COLUNA DE DOM CAMILO"
"Tribuna do Ceará", 31.8.73.

Morreu o Escritor J. Figueiredo Filho

O trespasse do escritor J. de Figueiredo Filho repercutiu de maneira dolorosa entre todas as camadas sociais destacando-se na intelectualidade fortalezense, onde o extinto desfrutava de muito conceito como homem de letras atuante em todos os jornais desta capital e um dos dirigentes da revista "ITAYTERA", órgão da intelectualidade do Crato.

A reportagem procurou ouvir várias figuras do mundo das letras cearenses, tendo obtido do escritor Eduardo Campos, Presidente da Academia Cearense de Letras as seguintes declarações — "perda irreparável e dorida que vai doer muito mais para os pósteros, quando se lembrarem que existiu homens de tamanha capacidade de trabalho intelectual, e que, no Cariri, representou sem nenhuma ofensa a outros ilustres da sua vida literária, e verdadeiro pedestal da sua cultura. Pranteamos nesta hora o amigo, o companheiro mas sobretudo o homem de inteligência fulgurante e o trabalho incedível que ficará na lembrança daqueles que trazem no seu sentimento uma gratidão eterna

pelos que trabalham a favor do aprimoramento da inteligência".

Este depoimento do Escritor Eduardo Campos, por si só traduz perfeitamente o pensamento de todos os intelectuais cearenses, que sempre tiveram em J. de Figueiredo Filho um dos seus melhores companheiros, criatura humana de virtudes acrisoladas, amigo sincero, homem que sempre soube honrar as letras destacando-se como vulto de primeira grandeza da intelectualidade caririense.

Com inúmeras obras publicadas, era Figueiredo Filho membro da Academia Cearense de Letras ocupando a cadeira N. 34. Exerceu a profissão de farmacêutico e desde muito cedo abraçou as letras embora somente em 1941 tenha publicado o seu primeiro livro "Renovação". Foi ainda professor da Faculdade de Filosofia do Crato e também no Colégio Diocesano e no Colégio Santa Teresa.

O Crato chora a perda do seu ente querido a quem se associam os Diários Associados do Ceará.

"CORREIO D OCEARÁ" - 1973

Falecimento de José Figueiredo Filho

ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS (SESSÃO DE 18.10.73)

O acadêmico eleito senhor Waldemar Pequeno deu à Casa conhecimento de que havia falecido, há dias, o senhor José Figueiredo Filho, intelectual brilhante e profundo conhecedor do folclore nacional, fundador do conhecido Instituto Cultural do Cariri. Além dos serviços que prestou à cultura brasileira, através de investigações conduzidas com o rigor e a competência dos verdadeiros analistas em matéria folclórica, fundou a revista

"Itaytera", em que deixou preciosos estudos de sua especialidade. Pediria ficassem registradas nos anais na Casa palavra de admiração e de saudade pela figura desaparecida. O acadêmico Aires da Mata Machado Filho, imediatamente, solidarizou-se com as palavras de seu colega Waldemar Pequeno, afirmando que o saudoso cearense foi em verdade, um apaixonado pesquisador dos folclore nacional, tendo legado à cultura nacional brilhantes estudos.

"Diário de Minas", 21.11.73.

JUVENTUDE DESPEDE-SE DE

J. DE FIGUEIREDO FILHO

Crônica do Departamento Cultural do

Interact Clube, de autoria de Leonilda

Lima, lida nas emissoras locais

“UM ÍDOLO QUE MORRE”

Mil novecentos e quatro... A sorte em todos os sentidos benfazejos reveste o Crato, trazendo às plagas caririenses o brilho de uma estrela que nasce e culminou na história da cultura e da bondade, José Alves de Figueiredo Filho.

Com o vosso nascimento, oh! Baluarte de uma nação inteira, o Crato, o Ceará, o Nordeste, o Brasil, mereceram parabéns.

Pois viestes ao mundo com uma missão a cumprir. E como a cumpristes bem... Por vós e por muitos...

Naqueles tempos dizia Eça de Queirós: O homem dá prova de ser verdadeiramente homem, quando planta uma árvore, escreve um livro e é pai. E vós, oh! ídolo do saber, com quão desempenho não os fizestes? Benditos sejam os vossos livros que nos enchem as mãos, enriquecem o espírito e deixam a gente pensar naquele que revive a cada momento na memória de todos... A árvore que plantastes, jamais se desgastará com o tempo e no espaço, pois foi a árvore do bem, da coragem, do saber, da bondade, da idéia, que serão triplicadas na vida dos vossos filhos, conterrâneos e admiradores eternos de nome que fez marco perpétuo com letras de imortal saudade na história de uma humanidade inteira: J. de Figueiredo Filho.

A atividade foi o vosso lema... Sessenta e nove anos de luta, de colaboração a uma comunidade, de vitórias, de frutos esplêndidos que vos eternizaram na marcha do tempo e na história de um contexto nacional... Partistes... Tão lépido como a inefabilidade de vossa alma que a simplicidade dos vossos atos a tornou isenta de mácula... O tanger dos sinos ecoa em nossos ouvidos, solenemente, tristemente, expressando a profunda dor ocasionada pela perda de um ilustre e o vácuo impreenchível nos corações dos cratenses que vos choram...

J. de Figueiredo Filho, as lágrimas que jorram dos olhos dos cratenses que arquivaram vossa imagem, regam o vosso túmulo, o túmulo que se fechou sob a cadência do hino do Crato, que vós tanto amastes...

Nossas vozes, elevam-se num só coro de gratidão proclamando: obrigado, J. de Figueiredo Filho, por todo a vossa vida, que foi uma completa doação aos semelhantes.

Partistes, incomparável cratense, mas a vossa idéia ficou conosco, continuando o bem que imaginastes...

Crônica do Departamento Cultural do "INTERACT CLUB", lida nas Emissoras locais.

**O MUNDO INTELECTUAL
DEPLORA O FALECIMENTO DE
J. DE FIGUEIREDO FILHO**

Meu Adeus a José de Figueiredo

Tenho diante dos olhos, no momento em que escrevo estas linhas, um velho quadro de formatura, meio roído pelas traças já desbotado pela ação destruidora do tempo. Minha filha, Tereza, retirou-o de um quarto de depósito, onde ficara guardado desde que nos mudámos para a casa nova, à espera de uma restauração que tardava, à mingua de um tempo e de ocasião oportuna.

O quadro é da Faculdade de Farmácia (ali escrito com PH) e Odontologia do Ceará, e foi confeccionado pela Foto Walter, a 19.12.1925, e apresenta o Diretor da Faculdade, os paraninfos e homenageados, e os concludentes das turmas de farmacolandos e odontolandos, dezesseis e três respectivamente.

Separando as turmas de concludentes, um pouco à direita, aparece uma singular alegoria: robusta e bela figura de mulher tendo à dextra uma espada rutilante, e à sinistra um escudo onde está escrito: "Pela Pátria, Pela Humanidade". Aos pés da deusa, que representa a SAUDE, fugindo, em atitude de terror, a figura esquelada da Morte arrastando a sua foice.

"Potius mori quam fuedari", é a divisa dos jovens farmacolandos, enquanto que os odontolandos mandaram escrever: "Ad servo, servandos".

Olho isso tudo e sinto o coração apertado pela saudade, enquanto uma lágrima sentida me turva a visão. É com dificuldade que vou lendo os nomes ali escritos: Dr. Raimundo Gomes, diretor, Dr. Raimundo Arruda, Dr. José de Moraes Studart, Dr. Raimundo Bezerra, homenageados, Dr. Amadeu Furtado, paraninfo da turma de Farmácia,

Dr. Pedro Veríssimo, paraninfo da turma de Odontologia. Nesta são concludentes: Raimunda Bastos Gebu (oradora) Alberto Milfont e J. Furtado de Freitas.

São farmacolandos: Luiz de Castro Fraga, Humberto Queiroz, Júlia Moésia, João Ribeiro Ramos, Omar Barnardes da Silva, Antônio Felix de Carvalho, Rosalvo Galvão, Luiz Bezerra, J. B. de Siqueira Cavalcante, Nilo Rolim, Vicente Leite, Maria José Sampaio, Francisco C. Roiz de Sanna, Maria Emilia Barros, José Alves de Figueiredo Filho (orador) e Julieta Cavalcante — dezesseis ao todo e a maior turma até então saída da Escola.

Rosalvo era paraibano e Antônio Felix de Carvalho piauiense. A Raimunda Genú, tratada por todos nós por Cotita, era paraense, de Belém, mas todos, da Farmácia e da Odontologia, eramos irmãos. Irmãos nos ideais sonhados, irmãos nos sentimentos da mais pura amizade, e irmãos nas horas de alegria e nas horas de tristeza, eramos, enfim, uma verdadeira fraternidade.

Recordo, neste instante, vivamente, o alvoroço que tomou conta e nós e a intensa alegria que nos cadiu, almas e corações jovens, no dia da formatura — 20 de dezembro de 1925 — em solenidade realizada no salão nobre da Faculdade, já então em prédio próprio, ali, à rua Barão do Rio Branco, no quarteirão entre as ruas Pedro Pereira e Pedro I, e que fora adquirido graças aos esforços do nosso diretor, Dr. Raimundo Gomes, homem severo mas muito amigo dos alunos e um devotíssimo amigo da Faculdade.

Naquele momento cada um de

nós era a própria imagem da Felicidade, e tudo era alegria e ventura em nossos corações, e sentimentos que transbordavam da concha nacarada das nossas almas juvenis para tocar os nossos parentes amigos íntimos e convidados especiais ali presentes.

José Figueiredo Filho foi o orador da nossa turma, escolhido que fora por unanimidade, em virtude mesmo de ser o primeiro dentre nós e também o mais querido e respeitado, pela serenidade de seu espírito, pela justeza do seu caráter, pelo equilíbrio e pela agudeza de sua inteligência. E o seu discurso foi a extereotipação dessas qualidades superiores que era feliz portador. A Oração de Paraningo do Mestre Amadeu Furtado foi um primor de arte de bem dizer — um conselho paternal, uma orientação segura para a vida profissional de cada um de nós, uma lição de sabedoria, de bom senso, de amor e de fraternidade — a última grande aula do Mestre douto e querido. Aquele foi o nosso último encontro e, infelizmente, um adeus definitivo, já que jamais nos reunimos outra vez, nem mesmo nas nossas Bodas de Prata, por uma dessas singularidades do Destino, que aqui e ali nos prega uma peça e amargo sabor.

Como pequeninos pássaros emplumados, que deixam o ninho tépido e amigo, e alçam vôo pelo infinito, e ali não voltam mais, nós também nos despedimos à porta da Faculdade de Farmácia e Odontologia, nas ante-véperas daquele Natal do ano da graça de 1925, e partimos para o Mundo e para a Vida, cheios de sonhos e de esperanças.

Nenhum de nós imaginava que aquilo era um adeus, o adeus da separação. Adeus, palavra amarga, adeus, palavra triste, adeus, palavra que cheira à morte.

No dia 29 desse sempre amarelado mês de agosto, através da TV, tomo conhecimento da morte de Jo-

sé Alves de Figueiredo Filho, lá na sua cidade amada, Crato, vítima de uma parada cardíaca. E tinha que ser uma moléstia cardíaca a causa da morte de Figueiredo Filho, já que ela amara demais a terra em que nasceu. Durante setenta e três anos de sua grande vida o seu coração bateu pelo Crato, por sua gente e pelas gentes e terras do Cariri.

Como profissional farmacêutico, à testa da velha Farmácia que herdara do pai ilustre e honrado boticário, Figueiredo Filho, serviu vários anos à comunidade caririense com honorabilidade e devotamento. E, espírito voltado às lides do Pensamento, fazia jornalismo sadio e construtivo. O jornal "A Ação" era a sua grande e fecunda oficina. Mas, fecundo e incansável, ei-lo a colaborar ativamente, na imprensa de Fortaleza, do Recife, da Bahia e do sul do país. Uma pena brilhante a serviço do Cariri e a serviço do Ceará.

Inteligência polimorfa, Figueiredo Filho, não podia parar aí, e então fez-se Mestre. E Mestre dos mais devotados à cátedra. Por ela deixou a Farmácia, malgrado ser esta o seu mundo.

E foi com "Meu Mundo é uma Farmácia" que ele se lançou no mundo das letras, fazendo-se Escritor. Efetivamente esse belo livro foi o primeiro de uma série bem longa de boas obras, que lhes abriram, anos mais tarde, as portas da Academia Cearense de Letras, o magnífico cenáculo que abriga os expoentes dentre os homens de pensamento da terra alencarina.

Fundou e presidiu os destinos do Instituto Cultural do Cariri, cuja revista, ITAYTERA, desde muitos anos, leva para outras terras e outras gentes, as letras e a cultura dos intelectuais do Vale.

Com Figueiredo Filho desaparece, creio, o maior filho do Crato, terra e gente que amou desmedidamente,

Figueiredo Filho

Até parece constituir-se uma obrigação de cada cratense, de cada pessoa que habita esta boa terra, deixar um pouco de lado a introversão do seu espírito e manifestar o profundo e pesaroso sentimento que ora extravasa a alma de todos.

Figueiredo Filho morreu! Desapareceu materialmente do nosso convívio. Tudo é um vazio, uma lacuna impreenchível. Agora só recordações, reminiscências, saudades!...

Desde muito cedo, começou a minha admiração por Figueiredo, e a nossa amizade consolidou-se bem depressa, quando mais nos aproximamos nos labores da Diretoria do Instituto Cultural do Cariri.

Homem simples, muito simples, de qualidades personalistas excepcionais, teve o condão de transformar-se em figura paradigmática, para quantos o conheceram na sua missão de esposo, pai-de-família, educador, comerciante e opóstolo instigativo do bem.

que engrandeceu com o seu talento invejável, e que projetou e exaltou pela primorosa inteligência que Deus lhe deu. Terra e gente que cantou em prosa amena e bela, enquanto lhe pulsou o grande e generoso coração.

Para a esposa querida, para os filhos e netos diletísimos e para o Crato bem-amado de José Alves de Figueiredo Filho, na singeleza destas linhas, o meu mais profundo sentimento de pesar. E para o velho colega e querido amigo que se foi, o meu adeus e a minha saudade.

"Correio do Ceará", 15.9.1973

Na sua trajetória de jornalista, escritor, folclorista e aprimorador da cultura, consagrou-se como um guia da intelectualidade regional, indo projetar-se, relevantemente, nos altos centros culturais do Ceará e além fronteiras.

Há homens que se destacam pelo seu espírito público, pela boa maneira de se conduzir entre os seus semelhantes, pela vontade natural de servir. Figueiredo, homem de prodigiosa cultura literária, desde o jornalismo ao folclore, colocou, devotadamente, o seu talento e o seu saber a serviço dos altos interesses do Crato e do Cariri, fazendo a história, escrevendo crônicas e artigos sobre os mais palpitantes assuntos em proveito da Região. No conteúdo substancioso de todos os seus escritos ou trabalhos literários — esse acervo luminoso e imortaldouro que ele legara à posteridade — há sempre a sublime revelação do seu acendrado amor à terra-berço, com uma dedicação diferente, extraordinária, contagiante, que o tornara cada vez mais querido e admirado por essa imensidade de gente que gosta do Crato.

A figura física de Figueiredo desapareceu e silenciou para este mundo! Mas a sua fé e confiança nos altos destinos da terra cratense, nunca abaladas mesmo nas crises de sua marcha desenvolvimentista, porventura havidas, haverão de traduzir-se em alento, trabalho e esperança para o futuro sempre promissor deste Crato que Figueiredo tanto enalteceu e nos ensinou a amar.

E agora, quando a verdadeira imagem do Crato começa rapidamente a se restaurar no espírito de sua gente e de seus admiradores, com o respaldo da nova e modelar ordem administrativa do Município, a memória de Figueiredo haverá de fortalecer para todos, o trabalho, fé e confiança no progresso desta terra.

Figueiredo Filho

Terminou seus dias, lutando pelo Crato e contra a morte, o professor José Alves de Figueiredo Filho. Várias vezes esteve próximo do fim. Aos amigos, diminuía-lhe a esperança. No primeiro semestre de 1971, pensei ter chegado a sua hora. Mas a alma, vigorosa, recompunha-lhe o corpo combalido, e eilo de novo, lidador sem descanso, a pugnar por um ideário que foi toda a razão de sua vida. As raízes cristãs de sua formação lhe devolveram a segurança da Fé. O profundo telurismo de seu universo emocional fê-lo um caririense de corpo inteiro, e um cratense de corpo e alma. Lido, horizontes intelectuais sensíveis ao desenrolar dos acontecimentos próximos e remotos, era uma cultura que se entretecera de livros e reflexões, senhora de si, caudatária só do caboclisto, do irremediável e altaneiro caboclisto que tem assinalada o "homo cratensis", de que foi perfeito exemplar. Esse caboclisto era e é a autenticidade no procedimento, a fidelidade às origens e a convicção dos destinos. Era e é uma espécie de marca nativa, uma vocação do cerne geohistórico do Vale do Cariri, feita de amor à gleba, de valorização e, até, supervalorização da paisagem, na inteireza de seus elementos formadores.

Figueiredo Filho era um homem em que por vezes o emocional preponderava sobre o razoável, mas só passageiramente. Logo voltava ao equilíbrio das atitudes costumeiras. Polemizava nesse clima. Quase agredia, algumas vezes. Contra Quixadá Felício que, por um modo um tanto "escandaloso" de amar o Crato publicara, na imprensa de

Fortaleza, artigo julgado ofensivo aos brios de nossa "urbs", saiu Figueiredo Filho a campo, de pena em riste, sua poderosa arma. Na última campanha política do município, que tão negativamente repercutiu fora do Crato, tomou partido, lutou e fez lutar com envolvente paixão. Serenadas as borrascas, não era homem de se ficar no ódio mesquinho. Superava e perdoava. Era uma de suas virtudes.

Estava pronto para fazer o possível e o impossível pelo Crato. Pelo magistério, na imprensa, na palavra oral, em perene e indormido combate deixou uma presença que não desaparecerá: sua cratensidade inamovível. Seus livros, seus artigos, suas conferências, suas aulas — tudo se orientava, naturalmente, para a exaltação do Cariri e, de modo especialíssimo, para a exaltação do Crato, lírica e épica. Os cinco volumes de sua "História do Cariri", os livros que publicou sobre folclóre, as comunicações que apresentou a seminários, simpósios e congressos, basta que os leiamos para nos convenceremos de que, para o autor, era Deus no céu e o Crato na terra.

Na última carta que me escreveu, notei-lhe insegura a letra e acidentalmente perpendiculares as linhas. Um sinal que me preocupou de algum modo. Mas lá estão as notícias do revigoramento geral do Crato, cuja história e cujos méritos mais uma vez cantaria — estou certo — no VII Simpósio dos Professores Universitários de História, a realizar-se em Belo Horizonte, e para o qual deixou concluído um trabalho.

O Instituto Cultural do Cariri foi sua paixão mais duradoira. "Itaytera" valeu-lhe como feudo e arsenal. É um repositório que honra a cultura caririense e nordestina. É o melhor monumento que naturalmente se lhe ergueu.

A dificuldade em falar, disfarçava-lhe a opulência de uma cultura

Figueiredo Filho

Está de luto o Folclore Cearense. As letras Cearenses estão de luto. Os estudantes da nossa terra choraram a saudade do grande Professor. O povo sentirá a falta do grande escritor, do cronista, do jornalista que elogiava, criticava, incentivava e aplaudia nossas grandes realizações. Emudece a voz do maior divulgador da nossa terra, dos nossos

invejável, pelo conteúdo e pela atualidade. A Academia Cearense de Letras, imortalizando-o, fê-lo como se quisesse, com o público reconhecimento dos méritos pessoais de Figueiredo Filho, homenagear também a cidade heróica de que era filho dos mais ilustres. Foi uma homenagem de plena justiça, num sentido e noutra.

Agora desaparece o grande homem. Quem o substituirá no amor à terra, no zelo pelos direitos do Crato, na trincheira invicta, no lidar sem tréguas?

Chegou a hora de os cratenses, estejamos onde estivermos, cratenses nascidos ao sopé da serra ou noutras plagas, nos unirmos para dar continuidade àquilo que em vida Figueiredo Filho sempre fez e, morto, continuará a fazer, pela força pedagógica de seu exemplo: a preservação da dignidade cratense, a defesa do patrimônio histórico e cultural de nossa terra, a honra e a glória de nossa brava e amada Vila Real do Crato que, sufocada embora por tentáculos ambiciosos, tem fôlego de sete gatos e virtude para renascer das próprias cinzas.

costumes, da nossa gente. Levou a todos os recantos da nossa Pátria o que há de bom no nosso querido Cariri. Com o grande historiador Padre Gomes, pesquisou e divulgou as origens da nossa cidade, ajudando a passar-lhe a certidão de nascimento. Com ele, seguiu os passos do extraordinário capuchinho Carlos Maria de Ferrara, nas suas caminhadas, nos seus trabalhos desde a Organização da Missão do Miranda, à Ocara, hoje Praça da Sé, nascedouro da nossa muito amada, culta e estudiosa Crato. Sim! Crato é uma cidade estudiosa. Tem uma população estudantil de quase 50% do total dos seus habitantes. É uma cidade de estudiosos, de jovens que são risonha esperança para o futuro do nosso País. E o Crato estudante chora a saudade do seu grande e dedicado professor. A Academia Cearense de Letras sente a falta do ocupante da Cadeira 34 — Orgulho da Cultura Caririense.

Como gostava do nosso Folclore! Os pífaros, as caixas, os zabumbas choram a perda daquele que os promovia, os incentivava, os aplaudia.

Espírito forte e jovial em corpo franzino e fraco.

O Instituto Cultural do Cariri e a revista Itaytera deixam cair suas doridas lágrimas pelo desaparecimento do seu Fundador, do seu Presidente, do seu grande colaborador. Do Itaytera jorram lágrimas por entre as pedras.

Adeus meu dileto amigo! Deixaste um nome que é um símbolo de trabalho, de cultura, de amor à terra natal. Um marco indestrutível cravado no solo Caririense. Tua lembrança será honra e glória de nossas letras. O povo soube reconhecer teu valor. Se te fosse dado observar a multidão que te foi levar o último Adeus, certamente exclamarias: Deus! Santo Deus! Como é bom ser bom!

O PODER DE ADAPTAÇÃO DO Dr. JOSÉ DE FIGUEIREDO FILHO

(HOMENAGEM NO NONAGÉSIMO DIA DE SEU TRESPASSE)

Merecedor de admiração pelas múltiplas facetas de sua personalidade, pasmava, no Dr. José de Figueiredo Filho, o poder de adaptação.

Vida inteiramente voltada à cultura, inserido no mundo dos livros, lendo e escrevendo, em contato permanente com pessoas do mais elevado quilate intelectual, sabia ele, com a mesma simplicidade, adaptar-se a qualquer elemento de ínfima condição social.

O homem que participava, ativamente, de simpósios, seminários, congressos, etc., mantendo relações com expoentes das letras do País, conversava com a pessoa rude, dando-lhe a devida atenção.

Solicitado por pesquisadores e estudiosos, em sua própria casa — sede do Instituto Cultural do Cariri —, a todos atendia com uma prestimosidade invulgar. Usando de idêntica presteza, ouvia ao caboclo dos pés de serra, ao pobre do bairro cratense, quando o procuravam para requestar sua interferência junto às autoridades, no sentido de resolverem os problemas que os atentavam. Prontamente se fazia o porta-voz dos desgraçados.

Farmacêutico que era, muitas vezes os desprotegidos da sorte iam-lhe ao encontro, consultando-o so-

bre remédios e doenças, pedindo-lhe orientação em tratamento, etc. Tive não poucas oportunidades de observá-lo nesse atender aos desvalidos.

O escritor de renome nacional, de projeção indiscutível, pertencendo a grande quantidade de sociedades culturais, desempenhando funções de relevo, como as de Presidente do Instituto Cultural do Cariri, Vice-Diretor da Faculdade de Filosofia do Crato, Vice-Presidente do Instituto de Ensino Superior do Cariri, Membro do Conselho Cearense da Campanha de Defesa do Folclore e da Diretoria da Associação Brasileira dos Professores de História, entre outras, detentor de vasto saber, titular de uma cadeira na Academia Cearense de Letras, dono, portanto, de um pedestal, construído à custa de esforço e heroísmo, jamais a ele se apegou.

E o mesmo elan com que preferiu discurso de saudação ao Presidente da República, impulsionava-o a redigir crônicas e artigos de jornal em defesa dos humildes, da gente que para muitos não é gente.

Admirável por muitos títulos e auréolas, o foi também o Dr. José de Figueiredo Filho por seu maravilhoso poder de adaptação.

"A AÇÃO", 1.12.73.

FIGUEIREDO FILHO

O Cariri ainda não se refez do pesar com o desaparecimento de Figueiredo Filho. O desaparecimento físico, esclareça-se. Porque o espiritual, este não aconteceu, nem acontecerá. Figueiredo Filho, inteligência lúcida, fulgurante, esplendorosa em tantos escritos que o revelaram um dos polígrafos mais fluentes e mais amantes do Cariri, este Figueiredo Filho não desapareceu. Não desapareceu tampouco o Figueiredo Filho bom esposo, bom pai, bom amigo, coração sempre generosamente aberto para a correspondência plena das afeições profundas. O espírito, sobretudo quando assim tão dotado de excelências, não desaparece nunca. Ao contrário, de tanto espargir luz em torno, de tanto frutificar ensinamentos e arrumá-los em copiosa bagagem literária onde e sempre se vê e se sente, nítido e tocante, o amor à terra-berço, desafia os tempos, lembrado sempre que será, respeitado que será pelas gerações porvindouras.

Minha amizade com Figueiredo Filho, a mais íntima, mais aconchegante, datava de pouco tempo. Sempre quando ia a Crato, e por último a serviço desta página do "O POVO", procurava-lhe o lar, onde ele e Da. Zuleika, sua gentilíssima esposa, sempre me recebiam afetosamente. Creio haver sido um de seus últimos trabalhos, por sinal publicado nesta página, aquele em que se refere a um moço de Assaré, privado da visão, a quem dedica mensagem estimuladora, de confiança no futuro, por se tratar de um rapaz que apesar de cego revelara-lhe extraordinário amor à vida, habilitações para superar sua própria deficiência física.

Em toda a sua obra de escritor, há destes rasgos de generosidade para com o próximo e sobretudo para o próximo mais próximo dele — o Cariri que tanto amava.

De minhas visitas ao seu lar, guardo comigo, reverentemente, preciosas recordações. Todas as vezes que conversávamos era como se eu estivesse em comunhão com todo o Cariri, nele personalizado. Aprendi a admirá-lo desde minha juventude, quando lhe lia os trabalhos com que se iniciava na carreira das letras, entre os anos de 1920 a 1930. Conhecia-lhe, de há muito, o talento intelectual e admirava-lhe, sobremodo, a particular dedicação com que sempre se ocupava das coisas do Cariri.

Mas outra coisa era falar com ele, sentir-lhe a vibração íntima, o calor com que se reportava a episódios passados da vida caririense, à história deste abençoado Vale, que ele tanto conhecia e tão soberanamente, amando a terra fértil e dadivosa, os seus exponenciais humanos, a gente humilde. Jamais vi a um homem querer tanto bem à sua terra como ele. E não era só ao Crato, a sua cidade berço. Tive vários ensejos de notar-lhe a dimensão cósmica com que abordava assuntos atuais de toda a gleba do pé da serra do Araripe. Para ele esta terra era um só, undivisa, sendo meros acidentes os divisores geográficos. E sonhava grandezas para o vale todo. O Cariri de todos fortalecido por todos. Desaparecidas as arestas do tribalismo insípiente, porventura ainda existentes, de sabor bairrista. A união comandando os interesses num prolongamento intenso e extenso de relações amigas visualizando sempre o

Ponto de Vista

Penosíssimo dever, a que não me podia fugir de falar neste doloroso transe em que o Crato se abalou e hoje chora sentindo profundamente a perda irreparável do grande escritor, J. de Figueiredo Filho. Sua disciplina era exemplo para os seus patrícios, amigos e só fazia o bem a todos. É a ele que, nesta hora, prestamos mais uma homenagem ao seu perfil de grande morto. Entra agora no destino a que ninguém pode fugir. Mas, com a morte não se apaga o luminoso clarão que foi a sua vida, cheia de virtudes cívicas. Pelo contrário, a sua memória subsistirá, cultuada e reverenciada por todos que conheceram a sua figura.

Era J. de Figueiredo, Escritor, Jornalista e foi Professor em diversos Colégios e Faculdades do Crato. As suas aulas de História e Ciências, conforme afirmativas de seus con-

bem-estar geral de toda a comunidade caririense.

Sim, desaparece a presença física de Figueiredo Filho do círculo tão bem amado de seus familiares, amigos, admiradores. Perde o Ceará um de seus filhos mais ilustres, por haver cessado com ele o orador combativo na defesa dos interesses desta região, por não mais poder a sua infatigável inteligência continuar produzindo tanta riqueza literária. A perda é na verdade irreparável.

Mas fica na história cearense, no coração do Cariri e de sua gente, a lembrança imorredoura de um de seus filhos maiores e que tanto soube honrar, com sua cultura e sua humanidade, a este nosso pedaço de chão querido.

"O POVO", 8.9.73.

temporâneos, constituíam verdadeiras orações de sapiência e corriam a escutá-las todos aqueles que admiravam as suas qualidades de mestre. Ouvi-lo, nessas preleções, era um prazer. Escritor de renome, Presidente do Instituto Cultural do Cariri, Vice-Diretor da Faculdade de Filosofia do Crato, Membro da Academia Cearense de Letras, criador e editor da Revista "Itaytera" hoje em maior evidência, com admiração e aceitação em todo o Brasil e até no exterior, e outros livros.

Sua vida era uma labuta contínua, uma luta sem fim — Era sincero, honesto e bom para com todos, mas não sabia o que fosse bajulação, nem era capaz de curvar a espinha para fazer as mesuras de que muitos são especialistas na presença de maiores chefes... J. de Figueiredo valia tudo pela sua independência e espírito elevado, que o era. Ele foi "um extraordinário sincero, destes, cuja conduta, para os quais a mentira não oferece gosto". O seu prisma não era o comum, e por isso que a preocupação de sua personalidade foi a origem da sua rigidez mas era cedida pelo direito e retidão das coisas.

Depareceu J. de Figueiredo, mas a morte que tranquiliza e acalma, é a única parceira neste longo jogo, que o homem tem de ceder ao seu capricho. Enquanto cerravam as cortinas, do templo, e deu-se a oclusão das pálpebras do Escritor, o luto distendeu-se sobre o seu corpo inerte o manto da saudade, depositando no ataúde a coroa de Glória em que ele foi eleito de Deus. Eu com muitas saudades, e reverentemente, através desta Crônica, dou o meu adeus de despedida ao grande morto, a quem muito devia as suas atenções e boa vontade para comigo. É a sua família, os meus sentidos pêsames.

"A AÇÃO", 22.9.73.

A MORTE DE FIGUEIREDO FILHO

Figueiredo Filho, homem extraordinário e bondoso, poderia ter ganhado posição invejável, nos maiores centros culturais do País, através de sua inteligência dinâmica. Preferiu continuar visceralmente ligado a sua terra, dedicado, integralmente, a inolvidáveis campanhas inspiradas e objetivando modificar as superadas estruturas que vêm sendo desmoronadas a custa de inauditos esforços de uma comunidade evoluída.

Capítulos inconfundíveis, na atuação de Figueiredo Filho, nos meios sociais, podem ser selecionados de sua notável biografia. Preocupado com os problemas da municipalidade, cujas administrações pouco se identificam com os índices de adiantamento comunitário, converteu-se num intemerato campeão em áspero campo de batalha, utilizando a imprensa como instrumento vigoroso dos seus apelos e de idéias progressistas.

Era o cidadão virtuoso que dignificou cargos e funções relevantes, exaurindo energias num apostolado raro de dedicação e favor.

A morte do velho amigo e primo Figueiredo Filho, ocorrida no dia 29 de agosto de 1973 abriu, no coração dos seus conterrâneos, amigos e parentes profundo golpe de dor e de saudade.

O Instituto Cultural do Cariri, órgão prestigioso e atuante, perdeu a coluna mestra de sua bem alicerçada estrutura. A revista ITAYTERA, catalogada como das mais completas, no gênero, aí fica como repositório de dois decênios de profícuo labor, representado pela divulgação sistemática das coisas e dos fatos sociais, históricos, artísticos e eco-

nômicos da encantadora zona sul-cratoense.

Não seria justo omitir o esforço e a abnegação inquebrantáveis desse patriota consumado diante das iniciativas que elevaram o Crato a posição destacada no nordeste brasileiro. Projeto, nesta hora, o nome de sua incansável e dedicada esposa Zuleika Pequeno de Figueiredo, perfeita personagem responsável pelos êxitos do esposo. Foi a companheira heróica e inabalável nas horas mais dramáticas vividas pelo casal-padrão.

Fazendo ligeiro esforço de memória aparece diante dos meus olhos já envelhecidos o cenário da tradicional residência situada na Rua Dr. Miguel Lima Verde. Vello Cauby e Eneida, filhos de comportamento invejável, hoje casados com Regina e Jósio, respectivamente. O prolongamento da árvore genealógica na fisionomia dos meninos Tiago, Flaminio, Rosita, Catarina, Caubysinho, Zínia, Leonel e da pequena Donita. Figueiredo, velho amigo, como enfrentastes o amargor intolerável da separação...

Diviso o perfil santificado de minha tia Emília, humanitária e eminentemente cristã. O escritor **Zuzu da Botico**, homem de qualidades afirmativas, está comigo, nos dias de feira, na antiga Farmácia Central.

Anibal, Leticia, Emília (Lili), todos irmãos do Figueiredo, desfilam sensibilizados, nas ruas do Crato, com o olhos fitos na VERDADE que sempre lhes guiou, desde os primeiros vagidos.

O falecimento do consagrado jornalista cratoense privou o nordeste de uma das suas mais férteis inte-

J. DE FIGUEIREDO FILHO

O Crato perdeu seu grande patrimônio intelectual.

Homem sério, simples, de moral inabalável, forte em suas ações, agigantou-se no seio de sua gente e galgou com altivez, dentro da classe intelectual, projetando assim o nome do Crato, em toda parte do País.

Agora que sentimos a sua morte, não poderíamos deixar delado as obras literárias tão bem escritas e a coragem, digna de ser imitada, até mesmo por gente mais desprovida de quaisquer recursos morais e intelectuais.

Juntamente com Dr. Irineu Pinheiro e outros intelectuais da terra, fundou o Instituto Cultural do Cariri, órgão máximo da nossa intelectualidade.

Expandiu-se no caminho da literatura, foi mais além, mostrando ao mundo que não éramos desprovidos de Cultura e também permanecemos em pé de igualdade aos

ligências, gerando, obviamente, o esfacelamento do esquema publicitário capaz de afetar o processo de revitalização da área geográfica que viveu sob a influência efetiva do renomado sociólogo cearense.

No instante em que os cratenses choram convulsivamente a perda do seu benfeitor, quero registrar, aqui, a minha solidariedade aos filhos da legendária gleba de Bárbara de Alencar. Adeus, bandeirante singelo, imortalizado nas suas obras e no seu exemplo. Ele continuará presente através da sua imperecível memória.

Recife, 29.8.1973.

grandes Centros do País.

A Revista Itaytera a quem tanto amara e dedicou sua vida com afinco, foi uma pujança em nosso meio ao qual soube elevar bem alto por aí afora, o nome não só do Crato, mas também do Ceará, em todos setores literários do Brasil.

Integro, esforçou-se pelo progresso da terra, enfrentou barreiras que pareciam intransponíveis, sobressaiu-se em todas dificuldades com bravura e esperança no futuro. Fez da caneta a sua arma para conduzir o bem da terra, alertando através de suas crônicas e de artigos em jornais o verdadeiro caminho que devemos seguir para que alcancemos o êxito desejado.

Professor dedicado, escritor emérito, grande jornalista, vontadoso, orientador incansável da juventude, pois conduzia todos o bom caminho que era a trilha da perseverança, da tenacidade e compreensão mútua.

A todos convém lembrar que J. de Figueiredo, cresceu graças à sua força moral, à coragem de enfrentar a vida de qualquer maneira, com resignação, dando com o pouco de esforço, pelo soerguimento cultural no seio da Sociedade Cratense.

Altruístico, bondoso, dava oportunidade a todos aqueles que o procuravam.

Agora só nos resta agradecer ao Dr. Figueiredo, pelo serviço prestado a terra comum, torcendo para que surjam outros homens de mesma têmpera, do mesmo quilate e que venham satisfazer também aos anseios do povo que tem sede de progresso.

Crato, 31 de agosto de 1973.

UM CARIRIENSE CEM POR CENTO

O falecimento de José Alves de Figueiredo Filho lança crepe negro sobre a paisagem intelectual do Cariri.

Poucos caririenses amaram tanto o seu rincão e tão comovedoramente desenvolveram obra regionalista como o autor de "RENOVAÇÃO".

Há mais de quarenta anos, ligavam-me a ele laços de amizade, pois foi no fim da década de 20 que conheci.

A partir de 1929, passei a estudar no Ginásio do Crato sob a direção do padre Francisco Pita.

Por intermédio do Dr. Irineu Pinheiro, meu correspondente, conheci a José Alves de Figueiredo, proprietário da Farmácia Central do Cariri, e a seu filho, que o ajudava à frente do estabelecimento, ponto de reunião de intelectuais da cidade.

Adoecendo gravemente de paratifo em 1931, contei com a assistência de Irineu Pinheiro e de J. de Figueiredo Filho.

Naquele ano, a terrível moléstia fez muitas vítimas. Lembro-me que os médicos da cidade telegrafaram ao Dr. Miguel Couto, indagando qual a terapêutica recomendada já que haviam esgotado todos os recursos a seu alcance. A maior celebridade médica do Brasil naquela época respondeu o telegrama, aconselhando a aplicação de injeção de terebentina.

Deixando o Cariri, retornei a Crato em 1944, quando exerci por alguns meses o cargo de promotor de justiça da comarca de Missão Velha.

Só na década de 50, entretanto, é que se iniciou a minha correspondência com J. de Figueiredo Filho, em quem sempre encontrei um constante incentivador de meus estudos sobre a história cearense.

Recordo-me do interesse comum que tivemos e dos esforços que dispendemos para a publicação de "EFEMÉRIDES", de Irineu Pinheiro, cujos originais se encontravam em poder de Antônio Fiuza Sobrinho.

No último quarto do século, empreendimento algum em Crato na área cultural, deixou de contar com a participação efetiva de J. de Figueiredo Filho.

A meu ver, foi a fundação do Instituto Cultural do Cariri a sua melhor realização, e para a qual contou com a valiosa colaboração de outros caririenses cem por cento da craveira de um padre Antônio Gomes de Araújo.

Não se pode estudar o povilendismo caririense sem ler os estudos e livros de J. de Figueiredo Filho.

A sua morte deve constituir uma fonte de revigoramento de energias. Espelhando-se no seu exemplo, defendendo o seu legado cultural, a intelectualidade caririense deve prosseguir na meritória fama de, dentro dos canones de salutar regionalismo, preservar, valorizar e divulgar os valores culturais do Cariri. Será a melhor maneira de honrar a memória de José Alves de Figueiredo Filho, um caririense cem por cento.

Imortal J. de Figueiredo Filho

O clero, tendo à frente o Exmo. Sr. Bispo Diocesano, nas concelebrações exequiais, do enterro e da missa de 7.º dia, de J. de Figueiredo Filho, manifestou o profundo pesar pela morte de tão exemplar cooperador nas lides do Cristianismo.

A Imprensa falada e escrita, as classes e entidades sociais, os estabelecimentos de ensino, intelectuais e amigos de J. de Figueiredo Filho, todos manifestaram condolências pelo infausto acontecimento.

Sendo um sentimento do povo, ninguém vai se admirar que eu fale também no nome de J. de Figueiredo Filho.

Eu o conheci rapaz, na Farmácia Central, à Rua João Pessoa, esquina com a Bárbara de Alencar. Ele e o empregado Evangelista Bezerra, ensinavam remédios, benevolmente, à pobreza que ali, ia procurá-los.

Mais tarde, Figueiredo já proprietário da Farmácia, continuou à sua tarefa de servir, risonhamente, a quem o procurava.

Não descurava as letras e com a vocação de Escritor, em 1937, editou o livro de aspecto romanesco "RENOVAÇÃO".

Não me surpreendi com a oferta que me fez de um exemplar, com a dedicatória: "Amigo Calíope, ofereço-lhe um exemplar de meu livro e peço-lhe para passar os outros 4 a conhecidos daí, a razão de 7\$000 o volume. Com os agradecimentos de J. de Figueiredo Filho. Crato, 24.2.41".

Estava eu como Notário Público, em Farias Brito e Figueiredo continuava a escrever sempre, pela sua terra natal.

Num exemplar do seu "O FOL-

CLORE NO CARIRI", de 1960, ele me fez o oferecimento: "Ao J. Calíope, com velha amizade de J. de Figueiredo Filho. Crato, 18.4.62".

Na "ITAYTERA" N.º 7, ele me oferecia um número: "Ao velho amigo Jm. Calíope, batalhador da imprensa interiorana: com os abraços de J. de Figueiredo Filho. Crato, 18.4.62".

Em exemplar do "FÖLGUEDOS INFANTIS CARIENSES" de 1966, ele dizia: "À J. Calíope jornalista da velha guarda, homenagem de J. de Figueiredo Filho. Crato, 29.4.67".

Daí, porque acho que o pranteado morto, era um amigo sincero e na sua sinceridade me admitiu como colaborador de "ITAYTERA", o que venho fazendo desde o número 9, até o número 15, com meus despretenciosos trabalhos, incentivo colhido da leitura das produções daquele Mestre, desde anos atrás.

O Sr. Bispo do Crato, ansioso para criar a Ação Católica na sua Diocese, a 25.5.38, no final do primeiro CONGRESSO PAROQUIAL, nomeou uma Comissão provisória para estudos preliminares. Havia, então, seminários que funcionavam, semanalmente, em casa de certas famílias católicas da cidade.

As reuniões eram presididas pelos padres Antônio Feitosa e Holanda Montenegro. A última dessas reuniões preparatórias para a instalação definitiva da Ação Católica foi realizada a 9 de Março de 1939, no antigo GINÁSIO DO CRATO, presidida pelo Pe. Montenegro e desenvolvida pelo Pe. Feitosa. A 14 do mesmo mês em sessão solene no Auditório do COLÉGIO SANTA TERESA, o Sr. Bispo, D. Francisco de Assis Pires, instalou a AÇÃO CATÓLICA com corpos dirigentes.

FIGUEIREDO FILHO

Encheu-me de profundo pesar o falecimento do jornalista e escritor J. de Figueiredo Filho, justificada ufanía da cidade do Crato, que lhe deu o berço e na qual viveu toda a sua vida.

Antigo aluno do Colégio Diocesano daquela cidade, a cuja sorte me consagrei por dilatados anos, feito mestre escola e Diretor interno, segui-lhe a retilínea trajetória, jamais o perdendo de vista. Era, aquele tempo, um garoto de feições muito delicadas, dócil até não mais se de-sejar, nada deixando entrever, senão

pelo aferro aos livros, a virilidade que na adolescência se manifestou esplendorosamente.

Filho de farmacêutico, contentou-se com o diploma obtido na Faculdade de Farmácia. Nisto, aliás, palmilhou a senda de Pasteur, na França, e Rodolfo Teófilo, em terra cearense. Mas, como os dois lumináres referidos, Figueiredo Filho, trazia no sangue a paixão da pesquisa, invencível pendor para ir até as raízes dos conhecimentos adquiridos e sempre renovados pela existência a fora.

Para a ORGANIZAÇÃO DE IMPRENSA, foi nomeado J. de Figueiredo Filho, com mais dois membros, sendo eu um deles. Já se tinha o plano de fundar "A AÇÃO", como Órgão da Ação Católica, na Diocese.

No dia 15 daquele mesmo mês de Março, doze cidadãos da cidade entravam para o Seminário Diocesano, para um retiro fechado, de quatro dias, sendo pregador o Jesuíta Pe. Domingos Gomes, vindo do Recife.

Entre os retirantes, lembro-me de J. de Figueiredo Filho, Antônio Esmeraldo, Joaquim Siebra, Aloísio Epitácio, Sílvio Pequeno, Sá e outros, inclusive eu. Depois do retiro, a 19 do mês, na Sé Catedral, na missa celebrada pelo Sr. Bispo, nós os doze, fomos efetivados membros do Conselho Diretor da Ação Católica, fazendo o Antístite a posição dos distintivos. Figueiredo Filho foi nomeado Diretor do Jornal "A AÇÃO", que seria Órgão da entidade, o Pe. Montenegro Assistente Eclesiástico e eu, Gerente. O

primeiro número do jornal saiu a 18 de Maio de 1939 e o segundo a 15 de Junho do mesmo ano. Nele, o artigo de Figueiredo intitulado "ÍDOLOS DE BARRO", artigos de alguns padres e um arrazoado meu, com o título "VENITE AD ME". No noticiário, feito por um redator, havia referências ao meu livrinho "CONFERÊNCIAS DO BRASIL", editado pela Gráfica Fortaleza, sob os auspícios do conhecido Antônio Martins Filho.

Colaborei, assim, semanalmente, com J. de Figueiredo Filho, primeiro Diretor da "A AÇÃO", que vive galhardamente e prestou, com justiça, homenagem postuma àquele seu primeiro redator-chefe, imortal da Academia de Letras do Ceará, fundador e sustentador do próspero Instituto Cultural do Cariri, e de seu Órgão favorito, a ITAYTÉRA, já com 17 números, todos cheios de artigos do grande jornalista e que enfeitados, dariam um volume avantajado.

"A AÇÃO", 22.9.73.

Uma vez formado, adotando o sistema de muitos de seus mais ilustres conterrâneos fixou-se definitivamente no torrão natal, exatamente quando o Crato, por força de diversas circunstâncias que eu diria providenciais, já dispunha de um corpo de professores que fariam honra a qualquer Estado do Nordeste, professores esses que timbravam em dar de si tudo de que seus talentos e tenacidade eram capazes em prol do alevantamento do ensino de nossa juventude. Alunos que então saíam dos colégios do Crato logo se impunham nos centros de altura aonde iam prosseguir seu afã de conquistarem um lugar ao sol. E Figueiredo Filho, ouro de lei trabalhando nas mesmas oficinas onde se implumara para a vida, fervorosamente se associou aquela brilhante falange de mestres de escol, levando a todos eles os tesouros de suas observações, o contributo de sua inviolável colaboração, o incentivo de seus planos de soerguimento mental da zona.

O jornalismo, o romance, a história regional, a ânsia de capacitar-se a entender das variadas facetas do saber humano, tudo isto, que culminou com a fundação da revista "Itaytera", nacionalmente conhecida e apreciada, foram departamentos em que a multiforme e indefesa atividade do saudoso morto se revelou auspiciosamente. Dir-se-ia que ele, sem grande esforço, estava habilitado, se tanto se fizesse preciso, a responder, sozinho, pelas seções mais substanciais da mencionada revista cratense.

E é esse varão nobre e compreensivo, prestadio e sereno, esposo e pai exemplar, que o Sul do Estado acaba de perder, abrindo imenso vácuo nas letras da Terra da Luz, que se cobrem de luto por semelhante perda.

"O POVO", 25.9.73.

tipografia
e
papeleria
do
CARIRI

TÉCNICA E PERFEIÇÃO EM
SEUS IMPRESSOS

PREÇOS MÓDICOS E
PONTUALIDADE NA ENTREGA

COMPLETA SECÇÃO DE
REVISTAS
NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

MATERIAL ESCOLAR E
ARTIGOS PARA ESCRITÓRIO

Rua Dr. João Pessoa, 386

CAIXA POSTAL, 7

TELEFONE : 564

CRATO — CEARÁ

B. BEZERRA & CIA.

**Os melhores preços da praça
Material para construção
Ferragens em geral**

**Barbara de Alencar, 850
Crato — Ceará**

**POETAS TAMBÉM CHORAM
A MORTE DE
J. DE FIGUEIREDO FILHO**

Saudades de FIGUEIREDO FILHO

POETA PEDRO BANDEIRA

HOMENAGEM PÓSTUMA DE ASSOCIAÇÃO DOS VIOLEIROS, POETAS
POPULARES E FOLCLORISTAS DO CARIRI

A voz do tempo me ordena
a dor da saudade manda
a conversa triste anda
da classe alta a pequena
o Crato chora com pena
o Ceará com desgosto
o Brasil envolve o rosto
na toalha da saudade
que invadiu a cidade
a vinte e nove de agosto.

Foi naquele triste dia
as duas horas da tarde
um grito triste de alarde
por todo o Crato se ouvia
um chorava outro dizia
acabou-se o mais exato
quando registrou-se o fato
o Rádio disse sem medo
morreu J. de Figueiredo
o maior vulto do Crato.

Todo Crato soluçou
todas escolas pararam
todos alunos choraram
todo comércio fechou
o prefeito decretou
luto em menos de um segundo
viu-se um desgosto profundo
enlutando a natureza
e o cronista da pobreza
partindo pra o outro mundo.

Todos bairros da cidade
dos ricos aos populares
se balançaram nos ares
do vendaval da saudade
as lágrimas da mocidade
rolavam tristes no chão
cada um vendo o caixão
dizia triste consigo
morreu o cronista amigo
de todos da região.

Nunca pensou em riqueza
só ser útil, lhe convinha
uma farmácia que tinha
dividiu com a pobreza
ocupou em Fortaleza
muitos cargos culturais
deu nome ao Crato e cartaz
ao Brasil e ao Ceará
hoje está com Jeová
prá não voltar nunca mais.

Não tem quem conte os jornais
para quem ele escreveu
nem quantas aulas ele deu
com ordem, carinho e paz
livros escreveu demais
sobre nossa região
foi folclorista e padrão
de honra do seu mandato
e partiu levando o Crato
dentro do seu coração.

Foi membro da academia
de letras do Ceará
hoje sua cadeira está
saudosa, triste e vazia
sua caneta sombria
sentiu do tempo a demora
seu escritor foi embora
e a pena conserva a tinta
daquela crônica que pinta
Crato por aí a fora.

Dorme em paz Figueiredo
quem não te aplaudiu perdoai
quem foi o que você foi
parte do mundo sem medo
lá no Céu não tem segredo
Deus ouvirá tua voz
teus ossos virarão pós
mas o teu espírito grato
fará tudo pejo Crato
por o Brasil e por nós.

Ao Mestre Figueiredo Filho

PATATIVA

Subiu com os louros, depois da peleja
que Deus o proteja, na Corte Celeste.
A morte chorando, do filho querido
o Crato dorido, de luto se veste.

Foi bravo, foi forte na vida constante
exemplo, brilhante nos dando na vida.
Bem moço ele teve nas letras ingresso
a bem do progresso, da terra querida.

Humilde, pacato e por todos amado
fiel, esforçado, zelando a cultura
aos moços mostrando carinho paterno
num gesto fraterno de paz e doçura.

Deixou cada amigo de alma dolorida
a sua partida, sua eterna ausência
não há quem não sinta, não há quem não chore
suspira o folclore, soluça a ciência.

Amigo partiste feliz, venturoso
teu berço saudoso velará por ti
teu nome gravado nas folhas da história
será sempre a glória do teu Cariri.

A brisa bafeja teu nome invocando
e a fonte jorrando na fralda da serra
entoa uma prece de santa piedade
cantando a saudade de um Filho da terra.

Fortaleza, 3 de setembro de 1973

Homenagem Póstuma

AO PROFESSOR

J. de Figueiredo Filho

Tivemos entre nós, um astro luminoso,
Qual estrela do céu, de refulgente brilho;
Um homem, sem favor, nas letras, glorioso,
O Professor José de Figueiredo Filho.

Exímio professor, legou à mocidade
Em aulas magistrais as luzes da ciência.
Bons livros escreveu para a posteridade,
Como escritor provando a sua competência.

Revistas e jornais foram presenteados
Com colaborações de sua pena de ouro,
E conservam-se ali com carinho guardados
Os valores reais desse imenso tesouro.

Na Academia foi um sócio sapiente,
Cuja cadeira honrou com toda galhardia.
Na vida social portou-se honestamente
Com brio, com valor, nobreza e fidalguia.

Tivemos... disse eu ao começar meus versos,
Pois não o temos mais vivendo como nós,
A morte o arrebatou deixando-nos imersos
Nas águas lacrimosas duma saudade atroz.

Morreu, mas ficará seu nome em nossa História
Amado e lembrado em nossos corações,
Aureolado de luz, de imorredoura glória
Orientando assim futuras gerações.

ANTONIO PEDRALINO DE ALENCAR

A MORTE DE UM MESTRE

A MEMÓRIA DE J. DE FIGUEIREDO FILHO

Vi morrer o melhor dos nossos jornalists,
Um exímio escritor assaz conceituado.
Foi um grande editor de livros e revistas,
Gênio que batalhou sem demonstrar enfado.

Seu nome irá ficar, na História, eternizado
Por tudo que fizera a bem do nosso povo.
O Doutor Figueiredo, o nosso mestre amado
Era velho escritor de pensamento novo.

Ele sempre acolheu o nobre, o potente
Com aquela distinção que a todo ser conforta.
Com a mesma deferência olhava o desgraçado.
Quando às vezes estava a lhe bater à porta.

Oh! mestre modelar, conhecedor profundo
Que não morreu pra Deus e nem morreu pra gente,
Só desapreceu apenas para o mundo,
Creio, sempre conosco, esteja aqui presente.

E como professor foi muito competente,
Também fortificou o povo folclorista.
Provou, como escritor, ser tão inteligente
Na pena, mostrou ser, um rico beletrista.

Grande sócio exemplar da nossa Academia,
O seu dever cumpriu com ardor e com prudência.
Em seu porte de mestre a gente sempre via
Estampar-se em seu rosto as luzes da ciência.

Da Faculdade foi o Vice-Presidente
Cargo que executou com galardão e brilho,
A pesar de ele estar já velho e tão doente
Mesmo assim enfrentou sem se afastar do trilho

Um sócio fundador do grêmio do Instituto,
Dele cargo exerceu com muito brio e tino
Considerado aqui, por todos, ímpoluto
Este chefe guiou, tão bem, nosso destino.

Tornou-se conhecido aqui e em toda parte,
O seu augusto nome honrou nossa fileira,
Graças a perfeição do seu trabalho darte
O seu nome chegou a atravessar fronteira.

Sua ausência, deixou em nós, tanta saudade
E em nossos corações uma tristeza imensa.
Que o nosso bom Jesus, aí, na eternidade,
Pelo bem que ele fez, lhe dê a recompensa.

Crato, 23 de Outubro de 1973

JOSÉ ESMERALDO DA SILVA

**Memoria de Figueiredo Filho
exaltada no Senado Federal**

SENADOR EXALTA A FIGURA DE J. DE FIGUEIREDO FILHO

A personalidade de J. de Figueiredo Filho foi exaltada no Senado, através de discurso proferido pelo senador cearense, Sr. Wilson Gonçalves.

Eis, na íntegra, a oração :

“Solicitei a palavra para prestar justa homenagem póstuma a um ilustre e benemérito cearense e render-lhe, de público, o meu espontâneo tributo de amigo e admirador.

Faleceu, na cidade do Crato, extremo sul do Ceará, o Dr. José Alves de Figueiredo Filho, figura de relevo e prestígio nos meios jornalísticos, educacionais e culturais do nosso Estado.

O doloroso acontecimento, que cobre de luto e pesar a todos que conheceram os nobres predicados do seu espírito de escol e a sua longa, contínua e infatigável atuação em prol da comunidade a que pertencia, constitui grande e irreparável perda para a nossa terra.

J. de Figueiredo Filho, como se projetou e era conhecido no mundo das letras e do jornalismo, era, sem favor, uma autêntica vocação de intelectual, na mais genuína expressão da palavra.

Formado em Farmácia, iniciou a sua vida prática colaborando com o seu digno genitor, também farmacêutico, na tradicional e conceituada Farmácia Central do Cariri, que, além de sua numerosa clientela, reunia, em rodas memoráveis, pessoas da melhor sociedade do Crato.

Bem cedo revelava aos olhos de todos que o seu espírito, inclinado

para os misteres mais altos do pensamento e da cultura, não se conformava nem se comportava no círculo estreito de uma farmácia, por mais importante que fosse, já aquele tempo, como hoje, de feição acentuadamente comercial.

Desprendido inteiramente de interesses materiais, sem ambição de riqueza ou de mando, como deu inúmeras provas, dedicou-se, desde logo, ao magistério, fórmula derivativa de atender aos apelos insopitáveis do seu espírito privilegiado, que o impelia gradualmente para vãos mais altos e empreendimentos mais nobres.

Não obstante as dificuldades naturais do meio naquela recuada época, aprofundava-se dia a dia nos estudos e ingressava, pouco a pouco, nos domínios da cultura e da pesquisa, ocupando mais tarde, mercedamente, posição de destaque como romancista, historiógrafo, jornalista e sobretudo como pesquisador de usos, costumes e fatos históricos de sua região, cheia de glórias tradicionais.

Para dedicar-se de corpo e espírito à sua generosa causa, empenhado com a cintilância da cultura e do pensamento livre e abstrato, afastou-se, logo que pôde, de sua farmácia, a esse tempo de sua exclusiva propriedade.

De sua obra literária, enumero os seguintes livros :

Renovação — romance — 1941
Meu Mundo é uma Farmácia
Engenhos de Rapadura do Cariri
Folclore no Cariri
Folgedos Infantis Caririenses.

Cidade do Crato, no centenário dessa Comuna, em colaboração com Irineu Pinheiro.

História do Cariri, 3 fascículos.

Não satisfeito com a sua intensa atividade literária, movimentou os intelectuais do meio e com eles fundou o Instituto Cultural do Cariri, do qual era o seu devotado Presidente. Reunia, assim, ao sabor do ensinamento e do idealismo, a intelectualidade da região sul-cearense, dando naquele ambiente um extraordinário impulso às letras e artes e ao culto da nossa História.

Como órgão desse prestigioso sodalício, editava, com regularidade, a revista "Itaytera", chegando a publicar 17 alentados volumes, com valiosos trabalhos, inclusive a sua permanente colaboração em todos esses volumes.

Além disto, como brilhante jornalista, de acurada visão, escrevia frequentemente para os jornais da região e para a imprensa de Fortaleza, Recife e São Paulo.

Era atualmente professor da Faculdade de Filosofia do Crato, agregada à Universidade Federal do Ceará, e membro efetivo da Academia Cearense de Letras.

O Sr. Adalberto Sena — Permite V. Exa. um aparte ?

O Sr. Wilson Gonçalves — com muito prazer.

O Sr. Adalberto Sena - A esta manifestação de pesar que V. Exa. está expressando pela morte do seu ilustre conterrâneo, desejo associar a solidariedade da Bancada do Movimento Democrático Brasileiro. Peço permissão a V. Exa. para incorporar na minha manifestação também a solidariedade dos que aqui represento, do Estado do Acre, pois, como V. Exa. sabe, e uma vez aqui foi até acentuado pelo nosso colega, Senador Guido Mondin, nestas questões sentimentais há

uma perfeita sintonia entre o Acre e o Ceará.

O Sr. Wilson Gonçalves - Agradeço o aparte de V. Exa. com o qual também sente a perda que lamentou neste instante, de uma figura excepcional que, no mundo de características econômicas, se dedicou quase exclusivamente ao estudo, às letras e à história do seu Estado e da sua região.

O aparte de V. Exa. traz aquela mesma identidade de sentimento que, já ao longo da História, une os cearenses, inclusive os cearenses do Sul do Estado, àqueles que, hoje, povoam a região que V. Exa. tão bem representa nesta Casa.

Agradeço — repito — o aparte de V. Exa. principalmente pela sua sensibilidade e pelo realce que dá entre esses pontos de contacto, principalmente de ordem humana e sentimental entre a gente que V. Exa. representa e aquela em cujo nome falo neste instante.

O Sr. Guido Mondin — V. Exa. permite um aparte ?

O Sr. Wilson Gonçalves — com muito prazer.

O Sr. Guido Mondin — Nobre Wilson Gonçalves, não conheci Figueiredo Filho, e também, não tive oportunidade, não tive a ventura de conhecer, de ler nenhuma de suas obras, mas bastou a citação por V. Exa. dos títulos, dos trabalhos que ele escreveu, por eles deduzo a matéria, e nele, observo o homem de sentimento. Porque, não basta ser intelectual, não basta ser escritor. O que me importa saber, é do pensamento, o que ele disse, como ele interpretou a vida, particularmente, como observou os fatos ao seu redor. E há, particularmente, um dos livros mencionados por V. Exa. em que ele fala dos folguedos infantis, do Crato. Então, estou a sentir, com tristeza e com solidariedade, a perda dessa eminente cria-

tura, neste mundo de cibernética, neste mundo em que os valores espirituais estão caindo de roldão. Que necessidade temos nós de nos agarrar quase em desespero àquele que, embora, acompanhando o inevitável progresso do mundo, entretanto conservam aquele sentimento, permanecem fiéis às coisas do espírito, como fez Figueiredo Filho! Então, eu poderia, através de V. Exa. dizer de novo ao Senador Adalberto Sena que sempre quando tais fatos acontecem, quando uma perda assim se verifica que, instintivamente, impulsivamente, se estabelece minha solidariedade. É por isso que, com V. Exa. lamento a perda desse homem. Mas o seu pensamento ficou. Ele deixou um rastro pelo seu caminho; ele não estará sendo lembrado apenas agora, quando recém-desaparece: há de ficar lembrado sempre porque a sementeira houve, foi larga, foi profunda, foi imensa.

O Sr. Wilson Gonçalves — Estou muito grato ao aparte de V. Exa. que, através de sua sensibilidade privilegiada e pela simples enumeração dos títulos de alguns dos trabalhos de Figueiredo Filho, percebe a grandeza de sua personalidade, de seu espírito.

E, neste instante, que para mim é realmente um momento de pesar, quero, com absoluta sinceridade, felicitar V. Exa. por essa sua sensibilidade tão profundamente humana e que o caracteriza tão acentuadamente na sua vida pública. Muito obrigado a V. Exa.

Embora filho de político — pois o seu ilustre pai, homem dotado de poderosa inteligência, teve nesse campo destacada atuação, chegando a exercer o cargo de Prefeito do Crato — nunca J. Figueiredo Filho se deixou atrair pela fascinante atividade político-partidária. Era, no entanto, possuidor de invulgar e nobilitante espírito público, defensor

incansável das reivindicações do seu povo, cujos problemas conhecia profundamente e para cuja solução trabalhava sem se poupar.

Sem vínculos partidários, independente no exame dos homens e dos fatos da vida pública, com indiscutível autoridade moral por todos proclamada, devotava tamanho amor à sua terra natal que, não obstante doente, quebrando para espanto a sua tradicional neutralidade e o seu consciente alheamento das disputas eleitorais, chegou a comparecer espontaneamente, num imenso sacrifício pessoal, a um comício político, no último pleito municipal, falando sentado ao povo, tal a debilidade do seu estado físico, somente porque, superior à discórdia reinante, entendeu, na sua aprimorada compreensão cívica, que, sem compromissos, devia manifestar a sua autorizada palavra em favor de uma decisão que considerava salvadora dos destinos de sua gente e de sua querida cidade.

Entre os atributos que exornavam a sua incomum personalidade, quero destacar, aqui, apenas dois que lhe definem bem a figura humana: o seu imenso pendor para as letras e a sua total indiferença aos bens materiais.

Deixa viúva Dona Zuleika, pertencente à ilustre e tradicional família da terra, companheira inseparável de suas lutas e dos filhos, Cauby e Eneida, aos quais me asocio na dor e no pesar.

Sentindo profundamente o seu desaparecimento, lacuna impreenchível no nosso meio, rendo a J. de Figueiredo Filho, nesta hora, com este sincero registro, a homenagem da minha estima e da minha admiração, num gesto de imperecível saudade.

Tenho dito. (Muito bem !)"

"O POVO", 11.10.73.

**ÚLTIMA CRÔNICA DE J. DE
FIGUEIREDO FILHO EM "A AÇÃO"**

CRATO POR AÍ AFORA

J. de Figueiredo Filho

Elogio em boca própria é vitupério. Não quero fazer culto a mim mesmo. Desejo apenas esclarecer que, dentro de minhas limitações, faço o possível para que minha terra seja conhecida, por aí afora, notadamente no Sul do País e justamente entre professores universitários de história e meios cultos.

Mesmo, no Ceará, os acontecimentos que se desenrolaram, em nossa terra, no primeiro quartel do século passado, são um tanto ou quanto desconhecidos.

Na REVISTA DE HISTÓRIA, paulista, das melhores do Brasil, com circulação no exterior, na edição comemorativa do Sesquicentenário, publiquei "A VILA REAL DO CRATO NAS LUTAS DE INDEPENDÊNCIA". Foi relato de todas as lutas passadas aqui com repercussão na província, no Piauí e no Maranhão.

A tese que enviei para o 6.º Simpósio de História, a realizar-se na Semana da Pátria, em Belo Horizonte, aborda o assunto "INFLUÊNCIA DA CIDADE DE CRATO NO CARIRI CEARENSE". Além de ser distribuída, entre cerca de mil simposistas, sairá nos anais do grande certame, com respectiva separata.

As moções que apresento relacionam-se com os interesses do Cariri, como por exemplo da defesa do acervo de fósseis, dos maiores da

América Latina e a introdução de cadeira de HISTÓRIA REGIONAL, no curriculum universitário, como acontece na Faculdade de Filosofia do Crato. Outra COMUNICAÇÃO que fiz, prendeu-se à "INFLUÊNCIA PORTUGUESA NO CARIRI CEARENSE".

Inscrito nos ANAIS DO SIMPÓSIO DE GOIANIA, saiu meu trabalho "O CEARÁ ANTECIPA-SE A ABOLIÇÃO DOS ESCRAVOS NO BRASIL".

Assim esta cidade é focalizada sempre nos meios cultos nacionais, sem custeio nenhum para os cofres municipais. Só o Instituto Cultural do Cariri, hoje bastante conhecido no Brasil, em geral, me dá pequeno auxílio.

Na "SEMANA DE CULTURA CEARENSE" realizada, há cinco anos, em Ribeirão Preto, um dos quatro diários editados, naquela próspera cidade paulista, publicou em manchete "NA SEMANA DE CULTURA CEARENSE CRATO FOI A VEDETE". Este relato que faço é para servir de exemplo aos outros intelectuais cratenses.

Crato, 15 de Agosto de 1973.

(Última crônica escrita por J. de Figueiredo Filho, lida na Rádio Educadora do Cariri).

**ÚLTIMA CRÔNICA DE
J. DE FIGUEIREDO FILHO
NA “TRIBUNA DO CEARÁ”**

Inteligência do Homem do Interior

O que tem chamado a atenção dos observadores, nos últimos tempos, é essa inteligência inata do sertanejo, podendo ser aplicada em qualquer ramo de atividade humana. O velho tabu da chamada superioridade racial esfrangalhou-se. O brasileiro, produto natural da acumulação de três raças, mostra que é capaz de sobressair-se em tudo, incluindo na própria técnica avançada, como tem acontecido.

Nossa gente nasceu com inspiração poética e artística em geral. O homem sem estudo aprendeu a compor música, a tocar violão, viola, sanfona ou pifaro. Improvisador de versos, ninguém o supera.

Mesmo, em pleno mato brabo, produto de autodidatismo, surgem poetas eruditos ou cronistas. Surpreendi-me em ver na Exposição dos Distritos, realizada na Feira de Gado e Produtos Derivados, o livro datilografado de Antônio Pedralino de Alencar — MINHAS PRODUÇÕES LITERÁRIAS. Reside no sítio Cachoeira, no distrito de D. Quintino, antiga Ipueiras de Crato. Sua base de estudos não passou do primário. O que lhe chegava às mãos de bom, lia e aprendia. Fazia seus trabalhos em prosa e em poesia. Nunca fôi animado de qualquer vaidade pessoal escrevia mais a enaltecer Deus a natureza a pátria e as boas causas, como verdadeiro filósofo natural. Aos sessenta anos de idade resolveu reunir suas produções. Pessoa de sua família reuniu-as em volumoso livro, esmeradamente datilografado.

Vejamos como Antonio Pedralino de Alencar encara o mundo, logo em seu primeiro trabalho — A FAMILIA;

"A verdadeira felicidade não pode haver onde reina o amor próprio

J. de Figueiredo Filho

fora de seus limites, pois, esse amor a si mesmo, quando é excessivo, não pode coexistir com o amor do próximo.

Numa família onde ninguém quer sofrer e suportar uns aos outros, é impossível haver a paz e a união que trazem a felicidade. Cada qual quer seguir os seus gostos e caprichos; e sendo os membros de uma Família de ídoles e naturezas diferentes, como podem coordenar essas ideias, essas opiniões, essas intenções sem cada um fazer violência a si mesmo?

O temário principal de Pedralino é o que se prende à Religião, onde foi educado. Torna-se verdadeiro apóstolo do Bem, através de seus escritos que nada perdem em atracionismo para o leitor. Não se apega a misticismo piegas. É realista dentro de seu modo de vida.

Mas, quem vive com o rurícola nunca pode esquece-lo, embora não chegue a pessimismo exagerado:

"O pobre homem da roça
Que vive em sua palhoça,
Onde não ouve e não diz
É certo que muito sofre
Sem ter dinheiro e nem cofre,
Porém não é infeliz.

Apesar do desconforto,
Às vezes fica absorto
Num prazer inebriante,
Quando à noite, com a esposa
É os filhos, no lar repousa
Dum trabalho fatigante".

(Do trecho MISCELANIA)

Crato, 12 de Agosto de 1973

(Este artigo foi o último trabalho de J. de Figueiredo Filho, falecido no Crato, para a nossa página).

"Tribuna do Ceará", 1.9.73.

A MENSAGEM DO FOLCLORE

**NO SEU PROGRAMA MATINAL, PELA RÁDIO ARARIPE DO CRATO,
DIA 30 DE AGOSTO DE 1973, DEDICADO AO FOLCLORE, O
RADIALISTA ELOY TELES DE MORAIS DIRIGIU AS SEGUINTE
PALAVRAS A J. DE FIGUEIREDO FILHO**

Um Adeus... Uma Homenagem... Uma Mensagem de Despedida ao Mestre José Alves de Figueiredo Filho

Bom dia amigos, amigos do folclore. Hoje, não vamos apresentar o nosso programa. Não conseguimos encontrar poesias populares que dissessem do nosso sentimento. Não poesia que fale de tristeza e nós estamos tristes. De luto o folclore Regional. Morreu o professor Figueiredo Filho, o homem que sempre nos encorajou ás grandes jornadas. Morreu o nosso mestre, o nosso vanguardeiro. Morreu Figueiredo Filho, aquele que sempre nos guiou na grande caminhada pela divulgação do folclore regional. Não encontraríamos nos livros, ou nos arquivos, nada que dissesse do nosso sentimento. Achamos melhor levar-mos ao ar, o trinado dos passaros, eternos companheiros das reais coisas da natureza. A nossa homenagem ao inesquecível mestre. Professor Figueiredo o senhor está sendo chorado copiosamente pelos Irmãos Anicetos, pelo Maneiro Pau do Mestre João Bernardo, pelo reizado do mestre Aldemir, pelo reizado do mestre Tico, pelo Maneiro Pau do mestre Cirilo, por todos os que pisam na terra dadivosa do Cariri, sob o ritmo dos cacetes de jucás, dos zabumbas, dos pifes ou dos maracás. O seu nome, querido professor, não será esquecido jamais pelos improvisadores dos maneiros

paus, dos cocos, do reizados, dos emboladores. Não será esquecido por nós que somos entusiastas dos temas folclóricos. O senhor lutou muito, dignificou suficientemente o nome da nossa cidade, das nossas letras, da nossa gente. O senhor foi desassombrado em todos os momentos da sua vida. Nas horas mais difíceis, sempre tivemos no senhor um homem sobrio e destemido para puxar o cordão, á frente. As muitas vezes que lhe procuramos para pedir-lhe orientação, o senhor sempre nos recebeu com um sorriso, uma seriedade... uma meiguice uma sinceridade. O Crato sabe disso e por isto todos reverenciamos a sua memória. Hoje, professor, os Irmãos Anicetos, amanhecera chorando. Estes irmãos que, como o senhor, enfrentam a tudo e a todos para que possam representar a nossa cidade noutras terras. Eles estão hoje, sem o grande mestre, sem o guia, sem o arrimo, sem o grande professor. Bem que eles poderiam acompanhar-lhe professor, até a sua última morada... e no trajeto, tocarem um choro bem dolente como uma grande homenagem e agradecimento... mas eles não vão poder. Eles na hora do seu enterro, estarão seguindo para Fortaleza onde defenderão o folclore da

nossa cidade na Feira dos Municípios. É mais uma missão. Irão pensaros por não poderem levar o seu mestre até à última morada... mas têm que ir... é essa a missão de quem jurou defender o nome da sua terra onde quer que seja.

Tenho certeza de que o senhor recomendaria mesmo essa viagem.

Caro Professor, se o senhor tiver um encontro com o grande Catullo da Paixão Cearense diga-lhe que o seu Luar do Sertão ainda está sendo cantado e declamado depois de tantos anos. Se encontrar o Doutor Leonardo Mota, diga-lhe que o seu Sertão Alegre, continua muito alegre e que ainda se mantêm vivas, as chamas crepitantes do entusiasmo pelo folclore nordestino, que ele pode ficar despreocupado. Mais dias, menos dias, nos encontraremos.

Querido mestre, o que o senhor nos ensinou, será passado á frente sem ser jamais desvirtuado. Muito obrigado mestre Figueiredo Filho, pelo que o senhor fêz pelo Crato, pelas suas letras, pelo seu folclore. O Conjunto Folclórico ITAYTERA, criado pelo senhor, e que agrupa maneira pau, reizado, cabaçal, coco e tantas outras coisas belas, terá uma casa brevemente. Nessa casa será colocado o seu nome em letras bem grandes... bem grandes mesmo. Em nossos corações letras ainda maiores, em nossas lembranças, gratidão imensurável. Mestre Figueiredo, nas nossas mentes uma mistura confunde a tristeza com a interrogação. Quem vai ser o seu substituto? Quem vai assumir o comando? Na parte de folclore,

não há problema porque o senhor continuará sendo o grande capitão. O senhor continuará no leme, guiando as nossas decisões, capitaneando os nossos grupos folclóricos... o senhor será o nosso eterno comandante. A filosofia da vida é indecifrável, mas é taxativa. Há uma frase de um filósofo Chinês, bem parecida com a sua vida, professor: "QUANDO NASCESTE, TODOS RIAM, SÓ TU CHORAVAS. LEVA POIS UMA VIDA DE TAL MANEIRA QUE QUANDO MORRES TODOS CHOREM, SÓ TU RIAS". E o senhor, professor Figueiredo Filho, fêz cumprir este pensamento. Vai tranquilo, pelo que fêz, pelo que ensinou, vai feliz, pelo caminho que trilhou, pela família que constituiu, pelas causas que defendeu, pelo amor ás coisas reais... enfim pela coragem que teve. Velho mestre, neste trabalho, queira receber o nosso adeus. As nossas despedidas, as nossas homenagens. O professor Pedro Teles e Eu, quizemos prestar-lhe uma última homenagem. Mas não conseguimos. Por tudo que o senhor nos ensinou e por tanto que ainda vai ensinar, não conseguimos prestar uma última homenagem. Será apenas uma saudade. Não será a última, porque no correr dos anos, sempre que um conjunto de maneira pau, bater os seus jucás... um cabaçal ruflar os seus instrumentos, os coquistas, balançarem os seus ganzás, um reizado cantar suas mōdinhas, suas ladainhas, estaremos prestando ao senhor uma homenagem.

Obrigado professor Figueiredo, por tudo que o senhor nos ensinou!

BANCO DO BRASIL S. A.

— AGÊNCIA DO CRATO —



39 ANOS DE BONS SERVIÇOS!



— AO COMÉRCIO !

— À INDÚSTRIA !

— A AGROPECUÁRIA DA REGIÃO !



PRazos ATÉ 12 ANOS

CARENCIA ATÉ 6 ANOS

JUROS ATÉ 7% AO ANO



**AQUISIÇÃO DE INSUMOS MODERNOS, FINANCIADOS
ABSOLUTAMENTE SEM JUROS**



CRATO



CEARÁ

QUANDO FALA A SAUDADE...

O PORTUNO PUBLICARMOS UMA CRONICA DO Dr. QUIXADÁ FELICIO, BRILHANTE MÉDICO E JORNALISTA CEARENSE, TAMBÉM JÁ FALECIDO, SOBRE A PERSONALIDADE DE FIGUEIREDO FILHO. OS DOIS FORAM GRANDES AMIGOS. AMBOS JÁ REPOUSAM NO REGAÇO DO SENHOR, E A CRONICA DO SAUDOSO MÉDICO É TAMBÉM UMA EXALTAÇÃO AO NOSSO PRESIDENTE.

Cachaça Chupada na Placenta...

Com certeza Figueiredo Filho chupou os primeiros tragos da cachaça no filtro do cordão umbelical. É filho do velho Zuza da Botica — José Alves de Figueiredo — talento genuíno da gléba nordestina, Poeta e prosador dos mais brilhantes que o Crato teve desde que se entende como matriz da inteligência sertaneja.

Figueiredo Filho chupou com alento grande a garrafa da melhor cachaça espiritual, porisso desde menino de ginásio foi fazendo as primeiras incursões. Nos jornaisinhos que eram obrigatórios como os grêmios que floresciam nas encantadoras sessões semanais, com discursos sobre a Independência e outros mitos, além de torneios em que vida e obra dos escritores maiores de Portugal e França eram esfarinhadas, os rapazinhos ainda de queixos lisos se entregavam a tarefas que realmente formavam elites jovens. Era a época em que os grandes rasgos artísticos e literários, empolgavam a mocidade ainda sem o ridículo dos iê-iê-iês cretinos, dos saiotas de macho e femêa e das calcinhas de veludo que apertam bunda e côxa de rapázinhos boçais.

Ainda estudante de Farmácia, José de Figueiredo Filho começou a aparecer com relêvo na imprensa profana e científica, assinando artigos sobre a evolução do pensamento da roça que era, já, um reducto de homens que trabalhavam as idéias, e temas curiosos para as revistas porta-vozes de agremiações que congregavam os expoentes do nosso progresso químico.

Diplomado, foi para o fundo da Botica que a velho Zuza tangia com conceito imenso num canto da rua João Pessoa, esquina da Travessa dos Ourives. Mexia as tizanas, pre-

parava as velhas capsulas com pós de Dower ou manipulava as poções com extratos fluidos de genciana e gotinhas de cloroformio. Mas com livro ali debaixo dos olhos miopes, lendo, estudando, avançando. A farmácia era mais um imperativo para sobrevivência, porque o que Figueiredo Filho fazia com gosto era adquirir todas as novidades das editoras do sul e da Europa. E escrever para os semanários do Crato os diários de Fortaleza, do Recife, do Rio, para a Revista Sul América, que era uma publicação que valia a pena, para as páginas dos melhores periódicos de assuntos de farmacopéia que circulavam nas maiores capitais do Brasil.

Aí pelo ano de mil novecentos e quarenta e poucos, publicou o primeiro livro. Um livro vacilante. Depois, "Meu Mundo é uma Farmácia", ainda sem expressão definitiva. Até que tomou o rumo certo do seu destino de pesquisador honesto do inesgotável manancial do nosso folclore. Como folclorista, tornou-se mestre respeitado pelos mestres. Ganhou justa fama nacional, com a publicação de volumes excelentes sôbre variados aspectos de tão linda paisagem espiritual, sem contar muitas produções esparsas, que as figuras mais salientes do folclore ocidental a toda a hora citam com referências encomiásticas.

Desbancando para a velhice, Figueiredo Filho mantém integral jovialidade mental, esquece umas dôres burras de nevrite que devia ter atacado um inimigo das lêtras, vive no Rio ou Rio Grande do Sul, nas Alagoas ou no interior de São Paulo, no Recife ou aqui em Fortaleza — em algum canto do mundo — na sêde da pesquisa, na alegria de ampliar intercâmbio, no en-

Dr. JOSIO DE ALENCAR ARARIPE É O NOVO PRESIDENTE DO ICC

Por nomeação do Presidente em exercício, Pe. Antônio Gomes de Araújo, o advogado, empresário e jornalista — Dr. Jósio de Alencar Araripe, é o novo Presidente do INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI, em substituição ao Dr. J. de Figueiredo Filho, que presidiu a entidade até falecer, em 29 de Agosto último.

Os Estatutos da entidade dizem que, faltando até 4 meses para a nova eleição, e ocorrendo a vacância da Presidência por falecimento, renúncia ou mudança de domicílio, o Presidente em exercício pode baixar ato, nomeando o novo Presidente e foi o que ocorreu.

O ATO

O ato do Pe. Antonio Gomes, as-

tusiasmo de projetar as joias do nosso folclore, parece um menino de anos na inquietude bela.

Agora, a Academia de Letras, numa reunião de 31 imortais, elegeu Figueiredo Filho, por trinta votos, para preencher a poltrona que a morte do nosso Dolor Barreiro deixou vazia. Dolor foi feliz na vida e é feliz na morte. Porque não podia ser mais bonita a substituição que o destino marcou para a sua imortalidade literária. Figueiredo Filho agora imortal. Quem está de parabéns é o Crato. O Cariri, o Ceará. A Academia abriu as portas a um intelectual sério e de valor incontestado.

"Correio do Ceará", 20.12.67.

sentado no Livro competente, está assim redigido: "Tendo em vista o falecimento do Presidente do Instituto Cultural do Cariri, Professor Dr. José Alves de Figueiredo Filho, ocorrido a 29.08.1973, e em observância ao que determinam os Estatutos Sociais da entidade, Capítulo VII, Das Eleições e Substituições — Artigo 43, Letra B, o Presidente em exercício, Padre Antonio Gomes de Araújo, na forma legal, nomeia Presidente do ICC até que se verifiquem as eleições na forma regulamentar, o Dr. Jósio de Alencar Araripe, dando-lhe posse efetiva no posto, para os devidos fins. Fica feito este assento para referendar o cumprimento desta medida legal. Crato, 13 de Setembro de 1973, assinado, Padre Antonio Gomes de Araújo.

QUEM É

O novo Presidente do Instituto Cultural do Cariri é filho do Dr. Antonio de Alencar Araripe e Sra. Jornalista, advogado, ex-Promotor, atualmente exerce o cargo de Vice-Presidente da Câmara Municipal do Crato e Presidente do Crato Tênis Clube. É empresário e conhecido orador. Pertence aos quadros do Rotary Club do Crato e é casado com D. Eneida de Figueiredo Araripe, filha do Presidente falecido, significando dizer que não haverá quebra de continuidade na linha de ação do INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI.

"A AÇÃO", 22.9.73.

Escritório de Advocacia :

Dr. Aglézio de Brito

Dr. Antônio Nirson Monteiro

●

**CAUSAS CIVEIS, CRIMINAIS, TRABALHISTAS, ACIDENTES
DE TRÂNSITO, COBRANÇAS EM GERAL**

●

PRAÇA SIQUEIRA CAMPOS N.º 1 — CONJ. 2

●

TELEFONE 205

CRATO



CEARÁ

CARTA PÓSTUMA

DE

JOSÉ DOS ANJOS DIAS

Meu prezado amigo

J. de Figueiredo Filho

Como prova da inquebrantável amizade que vigorou entre nós, durante o percurso da tua existência pelos caminhos compactos de tergiversação causada pelos que procuram corromper o bem, não poderia comportar-me com a taciturnidade costumeira de quem esquece aos amigos que vivem no além.

Nenhum de nós que tivemos a ventura de privar com a tua insigne pessoa jamais a olvidaremos, quanto mais o tempo passar, mais acentuada a lembrança fica em nossa mente.

O teu nome vigorará e servirá de flâmula a todos estabelecimentos de ensino do Cariri, servindo de modelo para o exemplo ou norma de estimulação a fim da mocidade hodierna e do porvir, desenvolver-se no intelectualismo e ser útil ao Brasil, assim como fôste.

Qualquer leigo em fisiognomia poderia distinguir em teu rosto traços fisionômicos caracterizantes da brandura e obsequente, como também os repulsivos a zagurrina que incentiva a desarmonia e cria planos maquiavélicos.

Tens conhecimento que, os seres humanos, trazem estampado na face as suas tendências. A Natureza encarrega-se de estampar para identificar os indivíduos.

A referida Natureza é tão prodigiosa que, além de imprimir no rosto das pessoas lineamento da propensão natural, ainda ajuda a quem desconhece a arte de conhecer o caráter das pessoas pelos traços fisionômicos.

Todo indivíduo mau quando se aproxima de nós, sentimos aversão sem nunca nos ter ofendido. Isso é comum na via pública, nos coletivos e alojamentos de tropas.

Via-se no desempenho dos teus atos, ação ou efeito de um corpo operar sobre outro, pela influência

positiva da premoção que os homens virtuosos adquirem pela disposição constante e habitual na prática do bem.

Nascestes e cresceste no âmbito ou horizonte do favor divino, oriundo duma família bem-afortunada granjeadora de amizade, estimada geralmente por todos.

Na farmácia do teu pai, era lugar predicamental escolhido pelos homens de escol da época, depois da ceia ajuntavam-se ali. Acontecimentos do passado que nesta carta, achei por bem ementar a distinção proporcionada ao teu velho genitor, que o tempo não apagará da memória das gerações.

Perdoa-me se esta que envio por intermédio da nossa "ITAYTERA", fizer cessar por algum momento a ativação que prestas como auxílio no Silogeu dos Acadêmicos Espirituais, enquanto ler e interpretar o sentido que esta carta contém.

Agora, teu espírito, não está mais sujeito ao corpo material, dispõe de capacidade para tudo, solicito que constantemente nos visites e deixe em cada um de nós, impregnação da mansidão e bondade que era peculiar ao teu ser moral.

Num abrir e fechar de olhos o espírito percorre grande distância, então, tens o direito concedido para locomover-se com velocidade superior a da luz, deixou de existir lentidão que era própria ao corpo físico.

Se invejar não fôsse pecado, coibizaria estar em teu estado, suponho que brevemente conseguirei transferência do ambiente terráqueo para habitar noutro meio, onde há seleção perfeita entre lobos e carneiros, teremos encontro amiúde.

A acepção desta tem profundidade de afetividade, mostrando-me grato a quem dava-me consideração. Conforta espiritualmente e materialmente a quem durante o tempo de coexistência contigo, meu amigo, foi o teu anjo tutelar da vida material.

Aos teus filhos e netos, concede-lhes porção igual. Agora tens a facilidade de ter entrevista com os sêres espirituais superiores dos quadrantes siderais, então, dentro do possível, atenderão as rogações.

Sugiro que, recorras também aos **gnomos** que exercem suas funções em tudo que à Terra contém, tão ignorados por esta humanidade que não procura acercar-se das cousas do além.

Reconheço que, não deixarás de solicitar para os entes queridos, como também para os amigos que aqui ficaram.

Outrossim, tranquilize-se que, a nossa ITAYTERA terá continuidade dada pelo sucessor na Presidência do Instituto Cultural do Cariri, que saberá presidir diligentemente os destinos daquele Órgão congregador dos catedráticos do Magistério do Cariri.

Aquela revista, não poderá deixar de existir, é a representativa de quem a criou e dum punhado de intelectuais da "Princesa do Cariri".

Homens ilustrados que primam pela cultura e pelo desenvolvimento da inteligência e da razão dos filhos daquela cidade encravada ao pé da serra do Araripe, circundada pela fertilidade do seu solo produtivo, oferenda da Natureza aos cratenses por intermédio de Frei Carlos de Ferrara.

Meu velho amigo J. de Figueiredo Filho, informo mais que, no dia 24 de agosto, portanto, cinco dias antes do seu desenlace, encaminhei para publicação em nossa revista, um trabalho com a intitulação: "SUBSÍDIO DE DILUCIDAÇÃO" que será aproveitado por teu sucessor, caso ache conveniente.

Encerro esta, pedindo-te que envie um traço de luz emanada de teu espírito, a fim de clarificar a minha mente e harmonizar minha saúde, com o amparo purificador da fragrância despreendida da tua alma rutilant.

AGRADECIMENTO — A família de José Alves de Figueiredo Filho, profundamente consternada, com o seu falecimento, sente-se no indeclinável dever de manifestar, sensibilizadamente, a todos os seus parentes, amigos e a todas as pessoas que, de qualquer modo, se associaram à sua dor, através de visitas, cartões e telegramas de condolências ou sufrágios, o seu mais sincero e profundo reconhecimento, pelas cativantes demonstrações de solidariedade humana e cristã.

Gratidão imorredoura a família enlutada tributa à Direção da Casa de Saúde Joaquim Bezerra de Farias, na pessoa do Dr. Raimundo Bezerra de Farias e à equipe de enfermeiras, pela prestimosa e solícita assistência ao saudoso extinto.

Agradecimento especial faz a família ao Exmo. Sr. Bispo Diocesano, ao Exmo Sr. Prefeito Municipal, à Câmara Municipal, à Assembléia Legislativa, ao Senado e Câmara Federal, ao Clero em geral, a todas as entidades de classe, de modo especial ao Instituto Cultural do Cariri e a todos os Clubes de Serviço, ao Comércio e Indústria, aos Estabelecimentos de Ensino, à imprensa falada e escrita do Cariri e Fortaleza, pelas inequívocas demonstrações de carinho, apreço e estima que cercaram o saudoso extinto, quer no conforto moral à família, no doloroso golpe, que no comparecimento às missas de sétimo e trigésimo dias, bem assim em consagração póstuma ao sepultamento do inesquecível chefe.

Por fim, a todo o generoso povo do Crato que ocorreu, espontaneamente, aos funerais do saudoso morto, a certeza de que, se foi grande a admiração, o respeito e veneração demonstrados por ele, não menor é o reconhecimento e gratidão da família enlutada.

Crato(Ce), 20 de outubro de 1973

"A AÇÃO", 27.10.73.

Organização

ANTONIO PRIMO DE BRITO

6 POSTOS

Fortaleza

Milagres

Juazeiro do Norte

Crato

Sempre ao seu dispor!

**OUTROS PRONUNCIAMENTOS
SOBRE J. DE FIGUEIREDO FILHO**

CONTINUA REPERCUTINDO O DESAPARECIMENTO DE J. DE FIGUEIREDO FILHO

O desaparecimento do escritor J. de Figueiredo Filho continua repercutindo em todo o Brasil. Trechos de correspondências recebidas pelo Secretário Geral do Instituto Cultural do Cariri, Jornalista J. Lindenberg de Aquino:

"Somente hoje tive conhecimento da morte do meu eminente e prezadíssimo Amigo Figueiredo Filho. Admirava-o profundamente. Ao Homem excelente que ele foi e ao Intelectual que tão altos serviços prestou, na modéstia do seu modo de ser, à cultura do Crato, do Ceará e do Brasil.

Peço-lhe, Senhor Secretário Geral que transmita à família Alves de Figueiredo e ao Instituto Cultural do Cariri, a que tanto se devotou o ilustre morto, as minhas mais sentidas condolências e o meu profundo pesar. Muito cordial e atenciosamente, Prof. Hélio Simões.

(Catedrático, Diretor do Gabinete Português de Leitura e do Centro de Estudos Português, da Universidade Federal da Bahia).

"Recebi, profundamente consternado, a infausta notícia do falecimento do eminente professor, escritor e acadêmico, José Alves de Figueiredo Filho, Presidente do Instituto Cultural do Cariri.

De há muito, leitor assíduo que sou de ITAYTERA, me acostumei a admirar a invejável capacidade literária e a intensa atividade intelectual desse brilhante homem de letras.

Tive uma vez, não faz muito tempo, a honra de recebê-lo, acompanhado de sua exma. esposa, Da. Zuleika Pequeno de Figueiredo, em minha casa, aqui no Rio de Janeiro, para uma agradável troca de idéias, visita essa da qual guardo as melhores recordações.

Na oportunidade desse triste evento, peço a V. Sia. que receba e tenha a bondade de transmitir os meus sentimentos de profundo pesar, não só aos demais membros do Instituto Cultural do Cariri, bem como à exma. viuva daquele consagrado escritor, de tão sagrada memória. Marechal Waldetrude do Amarante Brandão).

"Tomei conhecimento do falecimento do escritor J. Alves de Figueiredo Filho, ocorrido a 29 de Agosto, conforme notificação emitida pelo Instituto Cultural do Cariri.

Conheci o notável intelectual e historiador J. Alves de Figueiredo Filho, por ocasião de uma breve estada no Crato, estando a ministrar curso na Faculdade de Filoso-

fia local. O ilustre desaparecido recebeu-me, então, com fidalguia e grande deferência, tendo ao final de nossa entrevista dedicado várias de suas obras à biblioteca desta Faculdade e ao signatário, autografando-as.

Assim, peço a V. Sia. o especial obséquio de apresentar à família enlutada e ao Instituto Cultural do Cariri a manifestação do meu profundo pesar pela irremediável perda do escritor Figueiredo Filho". Dr. Ataliba T. de Castilho (Professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, S. Paulo.

"Recebi no dia 17, o cartão do ICC com a notícia do desaparecimento do meu inesquecível amigo J. de Figueiredo Filho. Francamente, não sabia que o caso dele era tão grave. No último cartão que me escreveu, apenas aludira a uma hepatite que o incomodava. Mas, apesar de tudo, já estava preparando o N.º 18 de ITAYTERA. Sempre vi nêle u'a mensagem de otimismo. E essa última correspondência, talvez escrita já no leito da morte, é prova eloquente de que ele teve garra de viver até nos últimos momentos. É essa fibra que temos de manter, daqui para a frente, para que a obra iniciada inesquecível Mestre não se perca no meio do caminho. De minha parte, continuarei firme, principalmente no que tange à colaboração para ITAYTERA. Para tanto, peço-lhe o especial obséquio de enviar-me informações sobre as atividades do ICC, assim também sobre os prognósticos para o número 18 de ITAYTERA.

Estou mandando hoje para Piracicaba artigo meu sobre mestre Figueiredo. Quando tiver em mãos os exemplares, remeter-lhe-ei. Coragem e luta! Disponha sempre. Um grande abraço do Francisco Vasconcelos" (Folclorista carioca).

"Recebi há dias o cartão pelo qual você, em nome do Instituto Cultural do Cariri, me comunica o falecimento de J. Alves de Figueiredo Filho. Antes eu já soubera quase na hora, mercê do prodígio inquietante das comunicações modernas, da morte do nosso amigo, e imaginara quão espesso e rude estaria sendo o luto dos que fazem o Instituto, por tão infausto evento. Não foi para mim surpresa a morte de Figueiredo Filho, pois meu querido amigo, general Teles Pinheiro, me advertira da gravidade do seu estado de saúde, mas ao saber, da notícia meu pensamento se encheu de perplexidade e de irreprimível tristeza. É que o ilustrado extinto não era apenas um homem para quem se encerrava a dura agonia de viver, senão muito mais do que isso — era um símbolo, um exemplo de abnegação ao trabalho; de crença nos valores permanentes da cultura; de confiança nas virtudes da terra e da gente que lhe foram dadas nos designios da contemporaneidade, e cujo sentido, durante toda a sua vida, se esmerou em investigar e proclamar.

Amou, assim, com um amor todo de doação, a terra do seu berço, e não apenas o seu Município natal, mas ainda a toda a Região do Cariri, a qual dignificou com o seu

Ex-Ministro João Gonçalves de Sousa

Lamenta Desaparecimento de

J. de Figueiredo Filho

O ex-Ministro do Interior e ex-Superintendente da SUDENE, Dr. João Gonçalves de Sousa, que reside em Washington, Estados Unidos,

trabalho, as suas pesquisas, com os seus livros, com a sua constante dedicação intelectual. Por tudo isso, meu caro Lindemberg de Aquino, posso avaliar a extensão da perda que os do Crato, os do Cariri, os do Ceará, todos aqueles, enfim, que privaram do seu convívio e favores — estão a sentir, e me associo, consternado, ao luto que os atinge nesta hora de saudade. Muito obrigado pela comunicação com que me distinguiu. Braga Montenegro" (Escritor renomado).

“Perdem as nossas letras, na verdade, um dos seus mais legítimos representantes, como romancista, memorialista, folclorista e jornalista, através de uma vasta produção literária, transcendendo do regional ao nacional. Seu estilo aprimorado era de uma fluência deliciosa, como se a imaginação criadora lhe fosse espontaneamente manando de um filão inesgotável” (Alves de Oliveira, poeta e romancista).

onde desempenha importantes funções na Organização dos Estados Americanos, escreveu de próprio punho a seguinte missiva ao jornalista J. Lindemberg de Aquino, Secretário Geral do Instituto Cultural do Cariri :

Washington, 20 de Novembro de 1973.

Meu caro Lindemberg :

As notícias emanadas do Ceará, chegam por aqui muito tarde.

Uma delas se refere ao falecimento do nosso comum amigo, J. de Figueiredo Filho. Conheci-o quando ainda fazia o meu Ginásio, aí no Crato e, desde então, acompanhei-lhe a vida de escritor e de homem, sempre com admiração e respeito.

Ele era, sem dúvida, a figura número 1, a figura humana mais representativa do Crato, de todo o nosso Cariri.

Como não conheço a família dele, pensei em enviar-lhe esta, e, por seu intermédio, e do Pe. Antônio Gomes de Araújo, envio à família de J. de Figueiredo Filho e ao Instituto Cultural do Cariri as condolências minhas e de minha família.

Cordialmente, o conterrâneo João Gonçalves de Sousa".

"A AÇÃO", 20.10.73.

"A AÇÃO", 8.12.73.

C O D E M A

Comércio de Madeiras Ltda.

Material de Construção:

Ferro

Cimento

Azulêjos

Prêços sem Competição!!!

Matriz em Crato:

R. Barbara de Alencar, 661/683

Filiais:

Juazeiro do Norte e Iguatu

CONTABILIDADE

FRANCISCO HÉLIO DE SOUSA

CONTABILISTA



Contabilidade em Geral



ESCRITÓRIO :

Rua Dr. João Pessoa, 282 - altos

TELEFONE : 678

CRATO



CEARÁ

O C O M E Ç O E O F I M . . .

**TRANSCREVEMOS, NAS PÁGINAS A SEGUIR, CÓPIAS AUTÊNTICAS
DAS CERTIDÕES DE NASCIMENTO E DE ÓBITO DO NOSSO
EMINENTE PRESIDENTE, J. DE FIGUEIREDO FILHO**

ESTADO DO CEARÁ



CIDADE DO CRATO

CESARIO SARAIVA LEÃO, OFICIAL DO REGISTRO CIVIL DO
DISTRITO DO CRATO, ESTADO DO CEARÁ,
EM VIRTUDE DA LEI, ETC.

CERTIDÃO DE NASCIMENTO

Certifico que no livro N.º 3.º de Registro de Nascimento desta cidade à folhas 137 v consta sob N.º 142 o seguinte :

Que no dia vinte e seis do mês de Agosto do ano de mil novecentos e desessete (1917), em meu Cartório, compareceu José Alves de Figueiredo e perante as testemunhas abaixo indicadas, declarou que no dia quatorze (14) do mês de julho, do ano de mil novecentos e quatro, nesta cidade do Crato, do Estado do Ceará, teve lugar o nascimento de uma criança, do sexo masculino, de cor branca, de nome JOSÉ, filho legítimo do declarante José Alves de Figueiredo e de Emília Moreira Viana, naturais desta cidade, casados no cartório desta mesma cidade; residentes nesta cidade, sendo seus avós paternos Pedro Alves de Lima e Anna Maria de Figueiredo, e maternos Constantino Gonçalves Viana e Maria Moreira Viana.

É o que se contém no referido registro de nascimento, que se acha assinado por José Alves de Figueiredo e testemunhas Antonio Alves de Lima e José Mendes Martins, residentes nesta cidade. (Dec. N.º 3024 de 17 de novembro de 1915).

E, para constar lavrei esta certidão que está conforme ao original em meu poder e cartório, no qual me reporto e dou fé.

Cidade do Crato, 27 de Abril de 1940.

O Oficial do Registro Civil
CEZARIO SARAIVA LEÃO

Reconheço a firma de Cesario Saraiva Leão.

Dou fé. Crato, 3 de Maio de 1940.

Em testemunho da verdade.

O 3.º Tabelião
PLINIO BEZERRA DE NORÕES



CARTÓRIO DO JÚRI, EXECUÇÕES CRIMINAIS
REGISTRO CIVIL E TÍTULOS E DOCUMENTOS

Escrivã Oficial

MARIA JULIA LIMAVERDE VILAR

Escrevente Compromissada

F R A N C I S C A S I L V A

Ó B I T O

CERTIFICO que no livro N.º C-55, de Registro de Óbitos à fls. 148, sob o número de ordem 12.025, arquivado em meu Cartório consta que no dia vinte e nove (29), do mês de agosto do ano de mil novecentos e setenta e três (1973), nesta cidade de Crato, Estado do Ceará, às 13.30 horas na Casa de Saúde Joaquim Bezerra de Farias faleceu José Alves de Figueiredo Filho. Ca. de cabeça de Pankreas c/ icterícia obstrutiva e insuficiência Renal. De sexo Masculino, de côr branca, com 69 anos de idade, profissão Professor, estado civil casado, natural de Crato, Ceará, filiação José Alves de Figueiredo e Emília Viana de Figueiredo, tendo atestado o Óbito o Dr. Raimundo Coêlho Bezerra de Farias. Sepultou-se no cemitério público de Crato Ceará.

Observações: Foi declarante, Helio Guerra Galvão e foram testemunhas, Francisco Alberto Andrade Aguiar e Maria das Graças Silva.

O referido é verdade. Dou fé.

Crato, 03 de Outubro de 1973.

MARIA JULIA LIMAVERDE VILAR

Oficial do Registro Civil

Outras

Manifestações

de

Pesar

De par com tudo o que foi publicado, o Instituto Cultural do Cariri, e a família Figueiredo receberam centenas de telegramas, cartões e cartas de pesar.

Institutos, Academias de Letras, instituições culturais e científicas, empresas publicitárias, clubes rotários, colégios, escritores, parentes, amigos, de todo o Ceará, de todo o Brasil, enviaram mensagens as mais sentidas.

Os Diretores do ICC, notadamente o Vice-Presidente, Padre Antônio Gomes de Araújo, que ficou no exercício da Presidência até a eleição e posse do novo Presidente, e o secretário geral, J. Lindemberg de Aquino, receberam, particularmente, muitas mensagens de pesar.

A todos, o ICC e a família Figueiredo Filho, representada por sua esposa D. Zuleika, filhos e netos, agradecem através desta página.

Organização

ANTONIO ALMINO DE LIMA

**POSTOS DE GASOLINA, LAVAGEM E LUBRIFICAÇÃO
NOS PRINCIPAIS PONTOS DO CARIRI**

**MODERNA MÁQUINA DE LAVAGEM AUTOMÁTICA
TURBO-RÉCORD. BANHO DE SHAMPOO E CERA
NO SEU CARRO, EM 10 MINUTOS!**

A U T O C R A T O

Revendedores Chrysler

**OS MODERNÍSSIMOS E LUXUOSOS DODGE À SUA
DISPOSIÇÃO!**

RUA ALMIRANTE ALEXANDRINO N.º 1.020

TELEFONE: 531

C R A T O



C E A R Á

Depósito Nossa Senhora Aparecida

“O GIGANTE DO CRATO”

VALDEMIR CORREIA DE SOUSA

LOUÇAS, FERRAGENS, ELETRO-DOMÉSTICOS, MÓVEIS,
ARTIGOS DE TOUCADOR E PARA PRESENTES, UMA
INFINITA VARIEDADE DE COUSAS PARA O SEU LAR !

PREÇOS INIMITÁVEIS, QUE NÃO ADMITEM CONCORRÊNCIA

RUA SANTOS DUMONT N.º 39

CRATO

—o—

CEARÁ

A Cidade de CRATO, Ceará, no Desenvolvimento da Zona Caririense

J. DE FIGUEIREDO FILHO

Professor de História da Faculdade de Filosofia do Crato,
Presidente do Instituto Cultural do Cariri, do Conselho
Consultivo da A. N. P. U. H., com sede em São Paulo

Crato, no Ceará, passou à categoria de cidade, a 17 de Outubro de 1853, quando era Presidente da província — Joaquim Vilela de Castro Tavares. Foi coroamento natural de seu desenvolvimento, embora encravado em centro geográfico do Nordeste Brasileiro, afastado de sua metrópole, sem meios de comunicações apreciáveis.

Sua influência, desde o nascedouro, tornou-se marcante. não só no Cariri, zona que fica ao sopé da chapada do Araripe, no lado cearense, como nas vizinhanças, compreendendo o interior de Pernambuco, Piauí e Paraíba.

Nasceu da antiga aldeia do Brejo do Miranda, que também dava o nome de riacho que passava nas imediações, provavelmente originário do sesmeiro Gil de Miranda, dono de várias glebas no interior do Ceará. O fundador foi o capuchinho de origem Italiana do Hospício de Olinda. Erigiu capela de taipa e coberta de palha de palmeira babassu, em praça que traçou, em quadrilátero perfeito, conforme o costume de sua congregação religiosa. Ainda hoje conserva o traçado de Frei Carlos Maria de Ferrara. O jardim foi batizado com o nome do fundador. Possui disposição belíssima, com fonte luminosa, pérgola, iluminação feérica e bonitas residências a cercam, dominadas pela imponente Catedral, ainda no mesmo local da igreja e é dividida em dois planos, um mais elevado, dando-lhe graça e beleza.

Foi o povoado iniciado para abrigar o ameríndio Cariri, não só da terra, como das vizinhanças. Conforme o Visconde Porto Seguro significa calado, taciturno, contrastando assim

com os palradores TUPI. Deu origem ao topônimo da zona que fica no sul cearense. Capistrano de Abreu, o maior historiador do Brasil e etnólogo, classificou-o entre as grandes nações indígenas do Brasil. Falava a língua travada, própria do tapuia em geral. O Cariri ou KIRIRI, tecia algodão e caroá, caçava, plantava mandioca, fazia farinha, técnica bastante evoluída pra sua rudimentar civilização. Conhecia o feijão, milho e o mais colhia nessa natureza exuberante e pródiga de um dos trechos mais férteis do Nordeste, com dezenas e dezenas de fontes a jorrarem do sopé do Araripe. Possuíam como arma principal, o HY-HY TÊ, espécie de prancha de arremeso, que manejavam com habilidade, sendo desmedidamente bravos, robustos e relativamente inteligentes, de conformidade com a observação de Lord Cochrane, quando, em 1824, esteve, em Fortaleza, a debelar a revolta republicana da Confederação do Equador. Faziam parte das tropas do Presidente revolucionário Tristão Gonçalves de Alencar Araripe.

A Confederação dos CARIRI, contra o domínio lusitano deu mais trabalho a debelar do que a dos TAMOIOS, entre S. Paulo e Rio. Necessitou da mobilização de todo o poderio branco, com investida em todos os rios nordestinos e requisição até de bandeirantes paulistas, peritos no preamento de indígenas.

Escola, na aldeia do Brejo do Miranda foi implantada pelo barbadinho fundador e catequista do núcleo. Para melhor fixar o ameríndio arranhou terreno agrícola com os proprietários Domingo Alvares de Matos e esposa,

Maria Ferreira de Silva, herdeiros do sesmeiro Antônio Mendes Lobato.

Mais adiante, foram espoliados pela ganância dos brancos. Uns foram recolhidos a Arronches, Parangaba, nas imediações de Fortaleza, outros, mais livres, embrenharam pela chapada do Araripe, em busca de outras paragens.

Os alhores do povoamento de Crato perdem-se nos primeiros momentos do século XVIII. A terra, em zona fértil, contrastando com a caatinga que a rodeia, água abundante, constituiu-se em ponto de atracionismo para muita gente provinda da zona do São Francisco e depois, dos Inhamuns, Ceará, conforme observação, do Juiz Carlos Feitosa, em colaboração, na revista cratense — "ITAYTERA" N.º 17, de 1973.

O povoado, perdido no âmago do Nordeste Brasileiro, prosperou, tanto assim que, a 6 de Agosto de 1763, o governador de Pernambuco o elevou a município, confirmado depois pelo seu sucessor — Conde de Vila Flor. Na época o Ceará pertencia à jurisdição pernambucana. O ato compreendeu também a aldeia de Baturité. Todas as duas tiveram topônimos de origem lusitana.

Os capuchinhos já haviam abandonado a direção da capelinha, consagrada à Nossa Senhora da Penha, de França, devoção daquela ordem religiosa, o motivo teve origem na política anti-estrangeira da Corte Lusitana. Padre Manuel Teixeira de Moraes, de S. Mateus dirigia a paróquia, iniciada, em 1762, só inaugurada oficialmente, em 1768. Frei Carlos Maria de Ferrara, em 1749, foi substituído pelo seu irmão de Ordem, Frei Gil Francisco de Palermo, até 1760. O sucessor, barbadinho, igualmente, celebrou sua última missa, em Janeiro de 1763. Tratava-se de Frei Joaquim de Veneza, pelo fato do vigário de S. Mateus ainda continuar na paróquia anterior.

O mapa do Brasil continha pontilhado de muitas localidades, com topônimos lusos. A Missão do Miranda, embora com denominação de origem ibérica, sem qualquer vinculação com o ameríndio, ou bárbaros, como chamavam, foi rebatizada com outra que lembrava vilarejo alentejano. Ainda

hoje perdura quase esquecido. Celebrizou-se pelo priorato, sendo o último o infante D. Miguel. Lembra casta de uvas, existente no Algarves. Chamou-se Vila Real do Crato.

José Sebastião de Carvalho e Melo, o onipotente Marquês de Pombal, anteriormente Conde de Oeiras, no interesse de luzitanizar o Brasil, ordenou que os governadores, do lado de cá do Atlântico, ao criarem vilas, dessem-lhes topônimos de origem portuguesa.

Na época, por influência do jesuíta, espalhava-se a língua geral, filha do tupi, para melhor relação do elemento aborígine com o colonizador. A expulsão daquela Ordem Religiosa, baluarte outrora da Igreja contra Reforma protestante, em 1773 pelo poderoso ministro de D. José I, não se prendeu exclusivamente ao atentado contra aquele Rei. A tentativa de regicídio foi atribuída pelo governo a um conluio entre a família Távora e a Companhia de Jesus.

Velha rixa existia, em terras do Brasil em torno dos jesuítas. Bandeirantes tornaram-se seus inimigos, tendo como causa o elemento indígena das reduções, bem organizadas disciplinarmente pelos Filhos de Santo Inácio. Nos Sete Povos, do Rio Grande do Sul, havia preponderância absoluta do religioso espanhol. A própria Espanha, visceralmente religiosa, temeu a sua influência. Todos os países da Europa abriram guerra contra os inicianos, tendo também a chancela do Papa. Na expulsão geral foram eles abrigar-se debaixo de Catarina I, ortodoxa do Império da Rússia.

A instrução estava em mãos dos Jesuítas. Nesse setor, foi golpe tremendo para a nação que se preparava para eclodir, mais adiante. A instrução leiga não pôde substituí-los. Não possuíamos universidades, a exemplo da América espanhola. Tive ensejo de visitar Caxias, no Maranhão, onde existem vestígios de colégio jesuítico, mostrando opulência. Lá estudavam rapazes de quase todo o interior do Maranhão, Piauí e Ceará.

Há duzentos anos, estamos afastados da administração férrea de Pombal. Devemos agora separar o joio do trigo, analisando-a conforme o tem-

po em que êle atuou. Para o Brasil teve seu lado positivo. O irmão que mandou para esta colônia, Francisco Xavier de Mendonça Furtado foi estadista de visão esclarecida, seguindo à risca a orientação de Lisboa. Mudou a sede do governo do Estado do Maranhão, compreendendo o Norte, de São Luis para Belém do Pará. Impediu assim a conquista da Amazonia por filibusteiros francês e inglês. Desempejou a ligação entre o Amazonas e Mato Grosso, interrompida pela influência jesuítica. Transferiu a capital do Brasil para o Rio de Janeiro, mais próxima da zona de mineração.

No extremo sul, Mendonça Furtado arregimentou tropa de linha mais forte, capaz de garantir-nos as fronteiras com as colonias espanholas do Prata. Foi política que contribuiu decisivamente para a futura unificação do país. Libertou Pombal o elemento indígena do cativoiro.

Voltemos à Vila Real do Crato. Instalada a 21 de Junho de 1764, com o protocolo legal, pelo Ouvidor do Ceará Grande — Vitorino Xerez Soares Barbosa, foi a vila esquadrinhada, partindo do quadro da Matriz de Nossa Senhora da Penha. Convém citar as determinações, vindas de Pernambuco praxe emanada do Rei :

"Haverá em todas as Vilas ou Lugares, duas Escolas Públicas, uma para Rapazes e outra para Raparigas, nas quais se ensinará, além da Doutrina Cristã; ler, escrever e contar, na forma que se pratica em todas as nações civilizadas. Na das Raparigas, além da Doutrina Cristã, ler, escrever, fiar, fazer renda, costuras e todos os misteres próprios de seu sexo (suprimiram o ensino de contar por acharem desnecessário à mulher).

Para a subsistência das sobreditas Escolas haverá um Mestre, e uma Mestra que devem ser pessoas dotadas de bons costumes, prudência e capacidade dos atos que possam desempenhar as obrigações de seus empregos, às quais se destinará o emolumento de meio tostão por mês de cada discípulo, meio alqueire de farinha por ano, na ocasião da colheita, pago pelos pais dos mesmos índios, ou pelas pessoas, em cujo poder viverem, concorrendo cada um com porção que lhe competir em

dinheiro, ou efeitos, o que pacientemente se regula a que se acham rezuídos".

Conforme as determinações, transcritas do historiador Theberge pelo juiz Carlos Feitosa, publicada no 17.º número da revista "ITAYTERA", Instituto Cultural do Cariri, 1973, Crato.

Na Vila Real do Crato matricularam-se 53 do sexo masculino, entregues ao mestre João Salvador. Inscreveram-se 37 meninas na outra. O nome da Mestra não ficou. Diz, por ocasião da inauguração da Vila existiam 208 homens para 400 casas. Foram recrutados para a vila recém-inaugurada ameríncolas Cariús, Quixelô e outros. Convém ressaltar que já existiam escolas no núcleo povoado, desde a Missão do Brejo do Miranda ao encargo de seu fundador — Frei Carlos Maria de Ferrara. As notas acima foram colhidas no cartório de Icó pelo já citado historiador Theberge, de origem francesa. Integrou-se de alma e coração àquela vila sertaneja, por demais propícia ao criatório de gado vacum.

Citemos novamente o juiz Carlos Feitosa, à pág. 27 do 17.º número de "ITAYTERA" :

"(C) O território recebido em doação para nele ser construída a Vila, e situação de seus moradores, a CARTA dá, em primeiro lugar, a extensão das medidas lineares portuguesas antigas, e, em seguida, diz quanto tocará a cada um, no mesmo nível de igualdade, neste tocante, o Vigário Padre Manuel Teixeira (prova de que a Paróquia já funcionava) Padre Manuel Teixeira e o principal dos gentios, índio José Amorim; o Coadjutor e o Capitão-Mor; Sargento-Mor, o Capitão e Alferes; Sargentos, Cabos, Escrivães, Meirinhos; Soldados e Moradores".

Tão pormenorizadas eram as determinações do Governador que mandou que os moradores guardassem o esterco de animais para adubo da lavoura.

"Determinou que as ruas deveriam ser retas (direitas) e orientadas no sentido norte-sul, leste-oeste (cardiais) e assim foi feito. Ainda hoje o esquadrinhamento de Crato é perfeito, como se observa de sua planta. De-

terminou também que as casas teriam quintais destinados à criação". Carlos Feitosa.

Esse alinhamento continuou com as ruas abertas depois, com algumas interrupções, que facilmente poderão ser corrigidas. Já vimos que Frei Carlos, à moda dos filhos de S. Francisco, traçou a praça da Matriz em quadrado, com a capela ao centro. A cidade espalhou-se pelas estradas, desceu e subiu morros, com plano urbanístico, legado pelos nossos ancestrais. Não foi cópia da planta de Fortaleza, surgida no século passado com o boticário Ferreira. Quando a Vila de Crato foi inaugurada, a capital cearense não passava de localidade atrasada, pior do que Aracati e Icó.

Seu traçado obedeceu a planos antigos do fundador capuchinho e das determinações do Governador de Pernambuco.

Tudo estava preparado para a Vila progredir e projetar-se para o futuro que seria dos mais brilhantes. Criou Câmara Municipal com eleições trienais. Esta escolheu seus juizes de Paz, recaindo no branco Francisco de Melo Pereira, também presidente da Câmara, portanto, com poderes executivos municipais, e o indígena, José Amorim. Crato tomou alento e, na época, abrangia terras dos futuros municípios de Barbalha, Juazeiro do Norte e Santana do Cariri.

Surgida economicamente com a cultura da mandioca, tendo casa de farinha, ampliada do sistema primitivo indígena, introduziu outras culturas agrícolas. Terrenos de massapê, facilmente irrigáveis pelas fontes do Araripe e dos brejos, intensificou a cultura canavieira importada da zona da mata pernambucana e do Reconcavo Baiano. Engenheiros de rapadura e aguardente disseminaram-se. As casas de farinha multiplicaram-se e mais adiante invadiram o chapadão do Araripe e ficaram. Fruteirais da zona tropical espalharam-se em sítios e quintais. O algodão não tardou, puxado em bolandeiras a tração animal. No começo do século presente o motor a vapor foi introduzido, a dar lugar ultimamente às usinas de beneficiamento daquela fibra.

A criação que medrou no início de

nosso povoamento, toma agora novo impulso, após as Exposições Centro Nordestina de Animais e Produtos Derivados, ocorridas no mês de Julho atraindo gado e visitantes das mais longinquas paragens criadoras do Brasil, incluindo o Triângulo Mineiro, Rio Grande do Sul, Alagoas e Bahia.

As transações comerciais de Crato eram feitas no princípio, com Recife, através de Icó e Aracati, aproveitando a via natural para carros de bois, das várzeas jaguaribanas, entre aquelas duas vilas. Havia também a estrada real entre Crato e a capital pernambucana. Exportávamos sempre rapadura, cereais, aguardente e algodão, a importação prendia-se a produtos manufaturados. Só a aproximação da Estrada de Ferro de Baturité, hoje Rêde de Vição Cearense, nos vinculou mais a Fortaleza. Rodovias nos interligam às principais cidades do país e a importação se faz direta com S. Paulo, pela Rio-Bahia.

A mais imediata influência da elevação de Crato à vila foi que seus habitantes aprenderam a governar-se por si só, longe da Bahia, Rio, Recife e Fortaleza. Vieram os juizes de Paz, capitão-mor, meirinhos. O Senado da Câmara Municipal, tendo o presidente no executivo, recebia as queixas do povo e providenciava no que era possível. As escolas e os vigários melhoraram as condições educacionais da população. Donos de sítios criaram prestígio e mañavam os filhos para o estudo, em Recife para Seminário de Olinda. Lá se aprendia letra ou filosofia. O clima liberal soprado dos Clubes Patrióticos e das Lojas Maçônicas contaminava mais os seminaristas do que a Teologia ou Apologética. A família Alencar e outras a ela entrelaçadas, tendo à frente o espírito varonil de Bárbara Pereira de Alencar, enviou vários jovens. Incumbiram-se daquelas doutrinas enciclopedistas, entre eles, José Martiniano de Alencar, que seria mais adiante, estadista do Império.

De pouco a pouco a elite da antiga Missão do Brejo do Miranda adquiriu ansias de independência. Não tardou a trabalhar para retirar de topônimo aquele pomposo título que o ligava ao Reino. A matrona, embora

viúva do português José Gonçalves Pe-
reira, orientada por seu filho José Mar-
tiniano, deu guarida ao movimento que
se esboçava, tanto assim que o natura-
lista e pensador que preparou a revo-
lução pernambucana de 1817, precon-
izou heroína, ainda, em 1810, BARBA-
RA DO CRATO.

Por alvará de 22 de Junho de 1816,
a Vila Real do Crato passou a cons-
tituir a segunda comarca do Ceará,
abrangendo os municípios sul cearen-
ses e parte do centro. O primeiro
Ouvidor, homem ilustrado, empreende-
dor, lusitano, foi José Raimundo do
Paço Porbem Barbosa. Foi nomeado
a 12 de Julho de 1817 e esteve, em
exercício, até 1820.

A Revolução independentista e re-
publicana atingiu Crato, veiculada pelo
subdiácono José Martiniano de Alen-
car. Rebentou-se a 3 de Maio, após
Missa celebrada em comemoração à
Santa Cruz. Contou com o apoio da
família Alencar, amigos e seus mora-
dores de sítios. Durou pouco por fal-
ta de preparo ideológico e militar. Fo-
ram debelados os revoltosos facilmen-
te pelo chefe conservador Leandro
Bezerra Monteiro e o Capitão-Mor do
Crato, José Pereira Filgueiras, homem
de força física e moral de proporções
descomunais. Os chefes, incluindo
Tristão de Alencar e mais adiante sua
genitora Dona Bárbara foram presos,
remetidos para Fortaleza, Recife e Ba-
hia. Sofreram o diabo, até que foram
anistiados, em consequência da Revo-
lução Constitucionalista do Porto.

Quando retornaram de Salvador
não ficaram inativos. Conseguindo
adesão de seus inimigos de 1817, tendo
como figura principal, o caudilho Pe-
reira Filgueira, Tristão Gonçalves Pe-
reira de Alencar, com o escrivão Miguel
Pereira Ibiapina conseguiram que a
Câmara toda, no dia 1º de Setembro
de 1822, aderisse ao decreto do Prin-
cipe Regente D. Pedro, mandando que
se fizesse a eleição da Constituinte
Brasileira, de conformidade com o de-
creto de 23 de Junho, do mesmo ano.
O fato foi quase inédito no Norte.
Muitos historiadores consideram a da-
ta como o dia da Independência, em
Crato. O melhor é que a data para a
escolha dos eleitores que iriam escolher
os autênticos de nossos representantes

à maneira norte americana ficou mar-
cada para sete de Setembro, data que
coincidia com o grito do Ipiranga. A
luta pela emancipação política se ini-
ciou, do centro para o litoral. Autori-
dades portuguesas, ou por outra fiéis
a Portugal foram demitidas. Criou-se,
com representantes da Comarca de
Crato, o GOVERNO TEMPORÁRIO DO
ICÓ, vila dominada por negociantes
lusos e prestigiosos. Houve lutas e o
Governo Temporário, encabeçado por
Pereira Filgueiras e Tristão Gonçalves,
mais tarde com o sobrenome nativista
de Alencar Araripe, marchou com ele-
mentos armados, engrossando sempre,
Fortaleza, entregou-se sem lutas, do-
minada até então por governo alheio
ao movimento, contrário à vontade de
sua população que sintonizava com a
nação. A posse ocorreu a 23 de Ja-
neiro de 1823.

Os mesmos chefes cratenses inva-
diram o Piauí e Maranhão, entregues
ao experimentado cabo de guerra, José
da Cunha Fidié, desalojando-o de Ca-
xias, assim assegurando a libertação
do Norte. A luta não parou.

Com o fechamento extemporâneo
da Constituinte Brasileira a 1º de No-
vembro de 1823, por inspiração de José
Martiniano de Alencar, deputado à
mesma Constituinte, Tristão que foi o
presidente do Ceará e Pereira Filguei-
ra, comandante das armas da malogra-
da Confederação do Equador, tiveram
fim desastrado. O primeiro foi truci-
dado, em Santa Rosa, hoje Solonópo-
le e o segundo faleceu de impaludismo,
quando seguia preso para o Rio, em
S. Romão, Minas, no São Francisco.

Com a abdicação de D. Pedro I,
a 7 de Abril de 1873, os antigos libe-
rais são perseguidos, em Crato, pelo
ultra-conservador chefe CORCUNDA—
Joaquim Pinto Madeira e seu compan-
heiro de ideal e de lutas, o vigário de
Jardim, Padre Antônio Manuel de Sou-
sa. Chegara a hora da vingança. Pin-
to Madeira não se conformou com a
saída de D. Pedro I. Iniciou revolta
de caráter restauradora. Crato armou-
se, mas foi tomado pelos pintistas jar-
dinenses, havendo morticínio a san-
gue frio. Começou êle a marcha em
direção da capital, mas foi detido em
Icó.

O Presidente do Ceará, José Ma-

riano de Albuquerque Cavalcanti chegou ao campo da luta e destroçou os rebeldes, embora numerosos. O Gal. Labatut, vulto de destaque na luta da Bahia, herói de Cabrito, foi enviado ao Cariri, pela Regência. Pouco teve o que fazer militarmente, pois, o presidente José Mariano, herói da revolução pernambucana, de 1817, em Recife, já havia dado o golpe de misericórdia. Labatut lançou proclamação aos revoltosos e estes capitularam. Presos os chefes pretensamente restaurados, passaram por série de prisões Joaquim Pinto Madeira, já no governo Martinião de Alencar, em 1834, foi recolhido a Crato, julgado, irregularmente e fuzilado, no Barro Vermelho, agora Pinto Madeira, a 28 de Novembro de 1834. O Pe. Antônio Manuel de Sousa, apelidado BENZE-CACETES, por abençoar os cacetes que os cabras de Jardim armavam-se, ficou em S. Luís, do Maranhão, retido por doença que o impediu de atender a requisição judicial de Fortaleza. Ao ser julgado em Crato, em 1837, encontrando a atmosfera amenizada pela celeuma que repercutiu, no Ceará e no Rio, a morte de Pinto Madeira, foi absolvido, voltando a dirigir espiritualmente a paróquia de Jardim.

Todas essas lutas impediram a vila de progredir por algum tempo. Depois, retomou o ritmo normal de desenvolvimento. A melhor prova foi ter sido elevada à categoria de cidade pelo presidente do Ceará, Dr. Joaquim Vilela de Castro Tavares, com idêntico topônimo da vila.

A evolução continuou. Em 5 de Julho de 1855, circulou seu primeiro jornal "O ARARIPE", dirigido pelo famoso homem de imprensa João Brígido dos Santos, historiador e que, depois se projetaria em Fortaleza como polemista e político. Já no crepúsculo do século passado, em 1898, inaugurou a cidade sua estação telegráfica, ficando assim em comunicação rápida com o mundo. Teve luz elétrica deficiente, em 1919, importando caldeira, de Lavras, ponto terminal da estrada de ferro, chegada, com dificuldades, em carro de bois mansos. Inaugurava energia elétrica, em 1939, á força hidráulica da nascente do Batateira. Tornou-se logo deficiente, mas mos-

trou o espírito sempre ativo do pioneirismo cratense. O problema só foi resolvido com a chegada, em 1960, dos fios de Paulo Afonso.

O primeiro bispo do Ceará, D. Luís Antônio dos Santos, filho de Angra dos Reis, homem de visão extraordinária, duas vezes vindo a Crato, em costa de animais, vencendo 600 quilômetros, instalou o Seminário de S. José, na chapada do Granjeiro.

É edifício imponente, entregue, no começo aos padres Lasaristas. Constituiu a CELULA MATER que marcou o próximo desenvolvimento educacional da terra, aproveitado ao máximo pelo 1º bispo da Diocese de Crato, D. Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva. Reabriu o Seminário de S. José, mesmo chegando a Crato, a terrível calamidade climática de 1915. Fundou o colégio para moças, Santa Teresa de Jesus, ao mesmo tempo que instituiu a Congregação do mesmo nome, agora com educandários, orfanatos, em quase todo o país, incluindo o estado líder da Federação, S. Paulo.

Em 1868, o Apóstolo do Nordeste, Padre Ibiapina, filho do antigo escrivão de Crato, mentor, com Tristão Gonçalves do movimento da Câmara Municipal, que encabeçou a independência no Ceará, fundou a Casa de Caridade. Seu pai fôra fuzilado, doente de variola, por ter tomado parte da Confederação do Equador. Seu filho deixou roteiro luminoso de obras em benefício do povo e da Religião no Nordeste. O estabelecimento que fundou, em Crato, destinou-se ao ensino de ofício e de letras ao elemento feminino, além de espécie de irmandade para mantê-lo e dirigi-lo. Sua sede foi remodelada para bonito e vasto edifício moderno por D. Francisco de Assis Pires e sucessor, D. Vicente de Paulo de Araújo Matos. Nele funcionam a Rádio Educadora do Cariri, Ginásio Madre Ana Couto, Cine-Educadora, parte da Faculdade de Filosofia e a Fundação Padre Ibiapina, das iniciativas mais úteis da Diocese. Há educação intensa, em letras e ofícios para a juventude, sindicalização dos operários, além de programa cultural, é instituição modelar que por si só recomenda o papel da Igreja, nos tempos presentes.

O bispo criou a primeira cooperativa de crédito e a cidade é dominada por extensa rede bancária: Banco do Brasil, Bradesco, Banco da Bahia, Banco Industrial do Cariri, Cooperativa de Crédito Caixaeral, além de várias cooperativas de consumo.

O bispado muito contribuiu para a difusão do ensino não só no município como noutros limítrofes. O Estado e a Municipalidade continuaram, com eficiência, na mesma iniciativa. Funcionam oito grupos escolares na zona urbana e rede vultosa de escolas isoladas nos distritos. No segundo grau, só o Colégio Estadual possui matrícula de cerca de 3.000 alunos, seguindo-se o Colégio Diocesano, Colégio Santa Teresa de Jesus, Ginásio Madre Ana Couto, Escola de Música Branca Bilha. No distrito há dois ginásios e nas Almécegas funciona bem aparelhado Colégio Agrícola, bem dirigido, com Centro de Tratoristas. Já se iniciou, na urbe, o ensino superior, com a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Faculdade de Economia, mantida pela Escola Técnica de Comércio, instituição modelar e Faculdade de Direito. Crato é ponto de atração de estudantes de toda a circunvizinhança e até de paragens mais afastadas. Além disso, mantém número crescido de jovens nas Universidades de Fortaleza, Recife, Salvador, S. Paulo, Brasília e Rio. Afora outros que fazem cursos especializados na Europa e nos Estados Unidos da América.

É relativamente bem alentada sua rede hospitalar, com toda a aparelhagem moderna, orientada por competente corpo médico e também ponto de atração para muita gente de fora. O pioneiro na zona foi o Hospital de S. Francisco de Assis, iniciativa diocesana, dos mais completos do interior nordestino. Há ainda o Sanatório para tuberculosos, em prédio moderno, vasto, isolado, Casa de Saúde S. Miguel, Infantil, Hospital de Cardiologia, Doenças mentais, Sandu, Centro de Saúde, Posto de Endemias Rurais, abrangendo vasta zona.

Na orla citadina, como sucede em todo o Nordeste e mesmo em cidades do sul, aglomera-se a população desfavorecida da sorte, fugida da zona rural, em pleno desconforto, em contras-

te com o centro e bairros ricos.

A zona urbana conserva o traçado antigo com ruas retas, arborização, calçamento a paralelepípedo. As praças e jardins públicos são belos e multiplicam-se as residências em estilo moderno. As casas comerciais, fábricas são de bons aspectos. Abundantes são as oficinas mecânicas, bem aparelhadas.

Clubes sociais e campestres sobressaem-se pela frequência, bom gosto e piscinas, recordista em quantidade, no interior nordestino. Há três nos campos, com jardins e em pontos pitorescos e frequência desusada aos sábados e domingos.

A cidade chama a atenção pela beleza de seus jardins particulares, públicos e fruteiras nos quintais que não desaparecem com o progresso. De longe, sobressaem-se a verdura que a domina, em contraste com outras localidades nordestinas da zona sertaneja.

A iluminação, embora deficiente no passado, mesmo tendo dado o exemplo às outras cidades, na introdução de energia elétrica é agora feérica e abundante, com fios que vieram da hidrelétrica de Paulo Afonso. Há duas rádios emissoras possantes, ouvidas em vasta região, a TV entra bem nítida, das duas estações de Fortaleza, captada por milhares de aparelhos receptores.

É centro bem animado, com bares, restaurantes típicos, boas orquestras, corais, teatro de jovens, até procedentes de distritos rurais.

O majestoso edifício do SESI, prima pela beleza arquitetônica, salões de aula, campos de esporte e piscina.

Movimento intenso de carros e pedestres demonstra que a cidade tem vida e animação, como capital de pequena proporção. Mesmo, surgido seu núcleo populacional, há mais de duzentos anos, Crato não aparenta nada de velharias. Sua aparência é moderna e os edifícios antigos, como o Seminário e Igrejas possuem aspectos de construção mais recentes, conservando certa imponência.

Há na cidade Parque Permanente bem vasto, com áreas e pavilhões diversos, onde se realiza anualmente concorrida Exposição Centro Nordestina de Animais e Produtos Derivados.

Atrai a maior aglomeração humana da cidade e quantidade apreciável de gado. Tomou proporções avultadas pelas festividades, rodeios, folclore. Muito contribuiu para a melhoria do rebanho bovino na região.

Há fatos marcantes que comprovam que o brasileiro do interior, do pleno coração do Nordeste, não é inlenso à civilização, embora, de quando em quando, atingido por seca total. Está evoluindo, em setores básicos irremovíveis. É o que acontece com a cidade de Crato. Desde os seus primórdios, seus homens de destaque encaminharam os filhos para o estudo superior para Olinda, Bahia, Recife, Rio, S. Paulo, Fortaleza, Ouro Preto e últimamente, Brasília. Muitos fixam-se noutras terras, em posição de destaque e outros retornam ao Cariri, conseguiram firmar elite cultural, com os que ficaram, em Crato, estudando; hoje ensinam em vários estabelecimentos de ensino e até escolas de ensino superior, com proficiência. Em quase todos os jornais do País encontramos cratenses militando em suas colunas, sem qualquer desdouro.

Após o primeiro semanário que Crato possuiu, inaugurando a imprensa do interior cearense, em 1855, seguiram-se outros jornais, sem interrupção, até os momentos presentes.

Todos esses fatores transformaram Crato em centro cultural com projeção. O mais importante é que nenhum dos melhoramentos que surgem tendem a derramar-se pela vizinhança.

No primeiro capítulo do quarto volume de minha HISTÓRIA DO CARIRI, começo com a esplanada que transcrevo :

Nenhum processo de desenvolvimento intelectual numa região nasce espontaneamente, ou é transplantado, já amadurecido, de um lugar para outro.

Na realidade, fomos povoados por homens que eram portadores de certo grau de civilização. Todavia, os exploradores que avançaram pelo sertão a dentro, em paragens inóspitas, não se distinguiram pelas letras, nem por conhecimentos de certo valor intelectual. Foram seres humanos fortes, que não temiam, de forma alguma, enfrentar as asperezas do meio, em

luta contínua contra a natureza e o bronco selvícola, que, apesar de dominado pela barbária, sabia defender sua gleba, com unhas e dentes.

Neste pedaço dádioso da terra nordestina, além da Missão dos Cariris Novos, depois, Missão Velha, fundaram-se quase simultaneamente, dois núcleos de povoamento, à sombra do zelo apostólico dos capuchinhos do Hospício de Olinda. Um foi a Missão do Miranda que falei e outro e o outro no lado pernambucano da chapada do Araripe, Exú. Situando-se muito ao sopé do chapadão, por segurança, mudou-se mais adiante para outro local.

O outro, na capitania do Ceará, às margens do Salgado, o primeiro a fundar-se, provavelmente pelos Carmelitas, de Pernambuco. Chamavam-se S. José dos Cariris Novos pelos mesmos indígenas que povoavam a zona, idênticos aos dos Cariris Velhos, da Paraíba.

A Missão do Brejo do Miranda, surgiu ao amparo da faina agrícola e de escolas rudimentares. Quando evoluiu após elevar-se à vila, surgiram poetas eruditos e populares. Dois cantadores de improviso, dos principais do Nordeste: José de Matos, espécie de Bocage matuto e o cego Aderaldo nasceram em plagas cratenses. O erudito que primeiro desabrochou foi o poeta Ludgero. Na zona a floração de escritores é bem vultosa tendo Crato como centro principal.

No começo do século, além dos grêmios que sempre pulularam, sobressai-se o Clube Romeiros do Porvir, espécie de réplica à Padaria Espiritual de Fortaleza. Tivemos teatro, no dealbar deste século, tendo composições locais, ao encargo do então promotor de Justiça — Dr. Soriano de Albuquerque. Mudando-se para Fortaleza teve atuação brilhante no meio e criou na Faculdade de Direito, a primeira cadeira de Sociologia, do país.

Tivemos vultos de renome nacional a exemplo de José Martiniano de Alencar, estadista do Império, presidente da Província, Senador, pai do romancista José de Alencar. Leandro Bezerra Monteiro celebrou-se pela defesa que fez dos bispos D. Vital e D. Macedo Costa, na chamada questão religiosa,

que abalou os alicerces do império. O maior paisagista do Brasil foi o cra-tense Vicente Leite. Seu mais eminente gravador, residindo em Paris é outro conterrâneo. Servulo Esmeraldo. Gravador popular é Valderedo Gonçalves, com trabalhos já expostos na Europa, com elogios. Outras figuras sobressaem-se no cenário nacional: os advogados Ratisbona, e Alvaro Bomilcar, criador do nacionalismo tipicamente brasileiro, o violinista Virgílio Arraes Filho, o bispo de Pelotas, Dom Joaquim Ferreira de Melo, o Pe. Cícero Romão Batista é filho do Crato é das figuras mais populares do Nordeste e mesmo do Brasil. José Carvalho, escritor, foi o primeiro a encabeçar a luta contra as forças de ocupação do território, em litígio com a Bolívia — o Acre, hoje estado da Federação.

No dia 18 de Outubro de 1953, ainda em comemoração às deslumbrantes festas do primeiro centenário de elevação de Crato à cidade, fundou-se o Instituto Cultural do Cariri que aglutina os escritores da zona ou a ela ligado, em secções de Letras, Arte, Ciências e Folclore, com cadeiras patrocinadas e preenchidas sempre com trabalhos bem esplanados e orientados. Não fazem vergonha diante de qualquer academia ou instituto histórico de qualquer recanto do Brasil. Mantém a revista ITAYTERA, já no 17º ano, circulando nos meios cultos nacionais e na região.

Na cidade circulam outras duas revistas: "REGIÃO" a da FACULDADE DE FILOSOFIA DO CRATO. Circula o semanário de feição moderna a "A AÇÃO", além dos dois jornais falados, das possantes emissoras locais.

Crato aumenta de dia para dia, com urbanização bem característica, obedecendo o traçado primitivo. Os problemas crescem também como em todas as cidades, em prejuízo da zona rurícola, embora quase toda eletrificada com escolas e estradas muitas delas asfaltadas. Vincula-se com o país pelo asfalto, via ferrea e avião. Comunica-se por telefone com o mundo e pelo telegráfo nacional. Criam-se instituições. Projeta-se universidade regional, com três escolas de nível superior funcionando, recebendo alunos das localidades vizinhas. Sua influência no

progresso do meio é bem desenvolvida. O clero novo. O MOBREAL começou a instruir a população para resolver seus problemas vitais. Clubes de serviço cooperam nessa marcha evolutiva. Sua história é repleta de ensinamentos e marcou-lhe o futuro cheio de esplendor, mercê também da tenacidade de seus filhos tanto no passado como no presente.

Bibliografia ITAYTERA, Crato, 1.º e 17.º volumes. História do Cariri, J. de Figueiredo Filho, 1.º e 2.º volumes, Revista Brasileira de Cultura — Ministério da Educação do Cariri, Efemérides do Cariri - Irineu Pinheiro - Imprensa Universitária do Ceará.

Crato, Julho de 1973.

CRATO NOS ALTOS ESCALÕES DO GOVERNO FEDERAL

Pelo Exmo Sr. Presidente Ernesto Geisel foi nomeado ASSESSOR DE IMPRENSA da Presidência da República o nosso eminente conterrâneo, Dr. Humberto Esmeraldo Barreto. Pertence a tradicional família local sendo seus pais o Sr. e Sra. Juvencio Farreto.

Por outro lado, o Ministro da Fazenda, S. Excia. Mario Henrique Simões, nomeou o escritor Nertan Macêdo para seu Assessor de Imprensa. Trata-se de nosso consócio do Instituto Cultural do Cariri e jornalista dos mais conceituados do país, a quem enviamos o nosso especial abraço de cumprimentos.

DENIZARD MACÊDO ELEITO PARA A ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

Com muito júbilo, o Instituto Cultural do Cariri registra a merecida eleição (10.03.1974) para a Academia Cearense de Letras, do intelectual conterrâneo, professor, jornalista e historiador, José Denizard Macêdo de Alcântara. Motivo especial de nossa alegria é que a sua condução á imortalidade se fez por unanimidade, justamente para a Cadeira 34, antes ocupada pelo nosso inolvidável Presidente, J. de Figueiredo Filho, concedendo, assim, á nossa cidade, ter um outro seu filho naquela mesma Cadeira.

U S I N A B E Z E R R A

DE

Irmãos Bezerra de Menezes S. A.

COMÉRCIO E INDÚSTRIA



COMPRA E BENEFICIAMENTO DE ALGODÃO



CAPITAL REGISTRADO Cr\$ 3.800.000,00



INSC. ESTADUAL 06.217.284 - 0

C. G. C. 07.173.867/001

End. Teleg.: BEMENEZES

FONES : 203 - 603

Av. TEODORICO TELES, 502

CRATO — CEARÁ

“FLORO BARTOLOMEU”

de NERTAN MACÊDO

J. DE FIGUEIREDO FILHO

Nertan Macêdo especializou-se em escrever sobre assuntos vinculados intimamente ao sertão nordestino. Nasceu em Crato e familiarizou-se com a vida do interior, desde muito cedo. Conheceu de perto a tragédia das secas. Nas feiras, conviveu com o homem da caatinga braba. Escutou atento, estórias de cangaceiros célebres e leu historietas de livrinhos de cordel, ainda quando criança a atirar de baladeiras, nos brejos do Batateira. Conheceu Juazeiro e ouviu-lhe as coisas que contavam de Maria de Araújo, do Beato José Lourenço. Viu o Padre Cícero e o Dr. Floro. Seu tio o jornalista Otacílio Macêdo contou-lhe, ao vivo, a entrevista que fizera com o Capitão Virgolino, em plena cidade cariense de Juazeiro. Tudo aquilo ficou no sub-consciente do jovem que, ao crescer, despertou para as lides de imprensa. Assuntos, sorvidos em sua própria terra e no meio que a cercava, desabrocharam em sua inteligência criadora. Para que escrever em torno das capitais, peçadas de cronistas e de escritores? Narravam e comentavam, com minúcias, tôdas as suas particularidades, nos jornais e nos livros?

Nertan tinha campo vastíssimo a descrever. Não se empolgava mais com os asfaltos das avenidas. Seu mundo escondido, embora vultoso do quilate de Euclides da Cunha já o tivessem devassado. O material a explorar não poderia esgotar-se, facilmente. O tesouro escondido era como o minério que se deposita quase oculto, no subsolo.

O jovem escritor estudara, com brilhantismo, em academias, convivera com letrados nos jornais, mas o seu melhor curso de aprendizado fora em contacto com gente do sertão, nos Inhamuns, no Cariri cearense, no Pajeú de Flores, ou às margens do Rio S. Francisco. Seu estilo é meio áspero,

como a vida do domador do campo, mas sabe tocar, bem de perto, à alma do sertão ou de quem sabe amá-lo. Quando faz versos é a maneira do cantor do pé-de-violão, mas, estilizando-os são bons e têm dom de perdurar. Sabe ser compreendido pelo nordestino e de todo aquele a quem ao mesmo de afeiçoa, de coração.

Suas publicações, tôdas com toque de originalidade, têm se constituído série de sucesso ininterrupto. Seu primeiro livro, lançado em artística edição da “AGÊNCIA JORNALÍSTICA IMAGE, do Rio, tem o título “FLORO BARTOLOMEU”. É estudo sincero e pode-se dizer, imparcial e criterioso, escrito sobre o tão conhecido companheiro indissolúvel da trajetória política do Padre Cícero Romão Batista.

Foi simbiose perfeita, enquanto o médico baiano viveu ao lado do PADRIM de incomputável multidão, disseminada pelo interior do Nordeste sofrido. Floro fez carreira a sombra do Padre, aproveitando-lhe as fraquezas e certa vontade.

Conheci-o pessoalmente, em fase diversas de sua vida. Vi-o em casa de Antônio Luís o chefe aciolino de Crato, deputado estadual unionista. Ficou ao lado de Juazeiro, em toda a luta de 1913 para 1914. Estava com ares altivos de vencedor, mas sem deixar de manifestar certa deferência pelo seu correligionário cratense, homem de fibra a toda prova. Encontrei-o depois, alegre, em festa do Lameiro, a dançar, em casa do Cel. Nelson da Franca Alencar, por ocasião de homenagem à Escola de Aprendizes de Marinheiros, parece-me que em 1926. Dançou bastante e não fazia vergonha entre os pares mais jovens. Promovera êle as festividades em Juazeiro, servindo até de orientador da cozinha, na qualidade de bom baiano que fora.

Irritadíssimo ficou, quando da

"DULCE CHACON"

DJANIRA FILGUEIRAS

Privando, há vários anos da amizade dessa figura admirável de mulher que é Dulce Chacon, sinto-me bastante envaidecida.

Culta, inteligente, escritora e jornalista, membro atuante da Academia Pernambucana de Letras, onde exerceu o cargo de secretária é, sobretudo, profundamente humana.

campanha que lhe moveu pelo "O NORDESTE", da Arquidiocese do Ceará, o Pe. Manuel de Macêdo. Algum tempo depois, já visivelmente doente, mobilizou patriotas a fim de impedir a penetração da Coluna Prestes no Ceará, pelo Vale Cariense. Custou-lhe o resto da saúde, mas foi promovido a General honorário do Exército Nacional. Ainda falaram muito, no Cariri, que conspirou para derrubar o Governo de Moreirinha, até que a morte impediu a realização de tal conspirata.

Nertan fala em tudo isso, como verdadeiro mestre. Resuscita a célebre RODAGEM, onde ladrões e assassinos foram condenados à pena capital pelo Dr. Floro, na rodovia antiga que ligava Juazeiro a Crato. Tudo aquilo sucedia com o indiferentismo do próprio Governo, o pavor do povo e o silêncio do Padre. O escritor, hoje bem conhecido, no Brasil e traduzido no estrangeiro, fez obra completa e apesar de mostrar o seu herói acaba por torná-lo simpático ao leitor. Até agora foi a melhor biografia que se fez no caudilho baiano a serviço de Juazeiro. Dá suas boas qualidades sem esconder as péssimas mas, a verdade é que não pode, de forma alguma, ser afastado, no livro, de seu inseparável amigo. O Padre Cícero Romão Batista.

Nertan, incontestavelmente, está na lista dos melhores escritores do Nordeste atual. Seu trabalho tem marca própria e possui atrativo e caracteres de permanência.

Suas belas crônicas que ilustram às páginas do "Jornal do Comércio" e as notas sociais publicadas falando de suas atividades merecem destaque e devem ser lidas com atenção porque em todas elas existe um conteúdo, uma mensagem, de tudo aquilo que se afirma de real e de belo nos dias que correm.

As narrações que fez sobre as viagens que já realizou particularmente "volta ao mundo", as opiniões pessoais pelos lugares que visitou às quais *emprésta* um colorido novo, revelando o senso *estético* a par da riqueza intelectual que caracteriza a sua personalidade marcante.

Há quem a julgue esquisita, excêntrica, até *porém*, no contato quase diário que temos como vizinhas, encontro-a sempre bem humorada, obsequiosa, em sua *mesa* de trabalho, rodeada de livros e papéis, num devotamento todo especial à sua profissão, abordando assuntos em foco e orientando também aqueles que a procuram e a quem ela oferece o apoio e o acolhimento que a vida tão criminosamente lhes roubou.

Dentre os vários livros de sua autoria destaca-se "As Crianças do Recife" que a crítica consagrou e é um testemunho valioso de seu talento

Educadora de mérito, ocupou vários cargos de relevo na Rede Escolar do Estado, e atualmente, é orientadora educacional do "Colégio Porto Carreiro".

Como psicóloga, conduz os jovens e adolescentes a trilharem os caminhos da verdadeira integração moral e social, preparando-os e guiando-os na *senda* do dever, aperfeiçoando-lhes a caráter, no cumprimento de sua missão cívica em favor da família, da sociedade e da Pátria, eles que são as sentinelas, às futuras esperanças desse Brasil que num crescendo de melhores dias avança para a civilização e o progresso.

Recife, agosto de 1973.

"GAZETA DE NOTÍCIAS".

Policlínica Odontológica do Crato

SERVIÇOS DENTÁRIOS COMPLETOS

Clínica

Cirurgica

Prótese

Radiologia

Dr. Anibal Viana de Figueiredo

Dr. Francisco Ailton Esmeraldo

Rua Bárbara de Alencar, 903

esquina com a Dr. João Pessoa

CRATO

-

CEARÁ

INDUSTRIAS E MASSAS ALIMENTICIAS GESSI

— I M A G —

Esmerada fabricação

dos mais famosos

biscoitos e macarrões

PRODUTOS DE ALTA QUALIDADE

A venda nas

principais mercearias

e super mercados

Rua Santos Dumont, 20/22

FONES 647 e 386

CRATO

—

CEARÁ

O Folclorista MANOEL AMBRÓSIO

FRANCISCO DE VASCONCELLOS

*"Há homens que têm muito mais valor,
que outros que têm fama"*

SILVIO JULIO

ANTES DE MAIS NADA...

Não posso mostrar facêta de um intelectual, sem antes traçar-lhe o perfil. E, esta precisão aumenta quando está em tela a personalidade de um homem verdadeiramente eclético, desses que souberam semear nos incontáveis campos das refinadas atividades do espírito.

Por isso, vou de início apresentar o Manoel Ambrósio panorâmico, para depois trazer a lume algo de sua produção no setor do registro de fatos da cultura popular de sua terra natal, das barrancas mineiras do São Francisco. A seu tempo virão as explicações, comentários, cotejos e críticas que se fizerem necessários.

Esclareço de pronto, que grande parte do material trazido à estas páginas, foi coletado nos arquivos de D. Nely de Oliveira Montenegro, filha de Manoel Ambrósio, através dos depoimentos pessoais de D. Maria Josefina de Oliveira Souza, de D. Joana Josefina de Oliveira e de Manoel Ambrósio Júnior, igualmente filhos do folclorista januarense e nos arquivos de estabelecimentos de ensino e de órgãos públicos do Município de Januária.

E, antes de entrar no mérito, conto como pintou a ideia deste trabalho. Em 1967, estive pela primeira vez em Januária, tendo eu na oportunidade me ligado de corpo e alma à simpática cidade barranqueira. Do consórcio, surgiram alguns embríões, que, a seu tempo, tomaram corpo, para afinal virem paulatinamente a público. O primeiro veio a furo nas páginas do N.º 16 de Itaytera, sob o título "Januária meu amôr". O segundo apareceu em "Encontro com o folclore" N.º 15 versando sobre o poeta popular Jovê da Mota. O terceiro nasce agora, depois de longo período de gestação.

Digo gestação porque suas origens remontam ao meu primeiro contato com a Princesa do São Francisco.

Naquela altura eu ouvira falar de Manoel Ambrósio, por bocas populares de diferentes gerações. Alguém melhor informado gabou-lhe os dotes de cultor do folclore. Sendo esta minha área, passei a interessar-me pelo homem. Perguntei por suas obras. Não sabendo informar com precisão, sugeri meu informante que eu me dirigisse à filha do intelectual barranqueiro, D. Nely de Oliveira Montenegro, então fazendeira no Erejo do Amparo, Município de Januária.

Mais do que a simples leitura das possíveis obras editadas, movia-me o intuito de penetrar a personalidade do escritor, seguir o seu rastro de demopscólogo à antiga, descobrir prováveis inéditos.

Tendo-se baldado para mim um contato pessoal com D. Nely, naquela oportunidade, restringi-me à troca de correspondência. Mandei-lhe a primeira carta em 18 de setembro de 1967. Sua resposta veio, rápida em 30 do mesmo mês, capeando pequena biografia de seu pai. De posse desse material, fiquei certo de que não faria mais que um artiguete. E, eram bem mais arrojadas minhas pretensões. Entrei em compasso de espera.

Em outubro de 1972 pude finalmente entrevistar-me com D. Nely. Na tranquilidade do seu "Barro Alto" no Distrito do Breio, tive tempo suficiente para esmiuçar os seus arquivos e para constatar que o cerne da obra de Manoel Ambrósio estava contido em quasi duas dezenas de alentados cadernos, onde durante anos acumulara sua produção intelectual, a mór parte concentrada no registro do folclore de sua região.

Deante dessa alviçareira descobrir-

ta, parti para o contato com outros informantes da família e para esquadramento dos guardados de instituições públicas e privadas a cata de dados sobre a carreira do escritor norte-mineiro.

E, no correr deste 1973, depois de demorada permanência em Januária, quando ali ministrei Curso de Folclore, terminei minhas investigações, ficando afinal capacitado para o cometimento que ora se desenvolve.

Além de reunir aqui os traços marcantes da vida do mestre barranqueiro, até agora esparsamente anotados, e de revelar algo de sua efetiva contribuição ao levantamento de dados do populório do médio São Francisco, acredito que este trabalho somente colinária seus elevados objetivos, se alguém de boa vontade, depois de tomar conhecimento do que aqui se contém, se lembrasse dos cadernos do mestre, até hoje à espera de um editor.

MANOEL AMBRÓSIO PANORÂMICO

Manoel Ambrósio Alves de Oliveira nasceu aos 7 de dezembro de 1865 na cidade de Januária, Estado de Minas Gerais. Veio ao mundo em modesta casa da antiga rua João Cravo, hoje desaparecida, tragada que foi pelo Rio São Francisco.

Era filho primogênito dos januareses João Alves de Oliveira e Serafina Alves de Oliveira.

Depois de estudar as primeiras letras na terra de origem, matriculou-se na Escola Normal de Montes Claros, sob a proteção do padrinho José Carlos Versiane. De volta a Januária, frequentou as aulas de Filosofia, Latim e Francês de mestre Lindolfo Caetano de Souza e Silva.

Amigo inseparável de suas barrancas, cujos aspectos físico-geográficos e humanos conhecia profundamente, pode-se dizer que teve a integral vivência do seu meio, relutando sempre em afastar-se dele. Apesar de ter vivido sete anos (1935/1942) no Rio de Janeiro, nunca se deixou contaminar pelo brilho falso do luzeiro da cidade grande. Nela sentiu-se sempre um inadaptado e, quando a saudade aper-

tou de verdade, tomou o rumo da sua Januária que não tardaria a reclamá-lo definitivamente para suas entranhas.

E, desmentindo o velho ditado bíblico de que ninguém é profeta em sua terra, foi sem favor o maior expoente da cultura barranqueira de todos os tempos. E levou-se em conta o meio pequeno e hostil, a política sórdida, os obstáculos de todo o gênero, as deficiências de comunicação com os centros maiores, a época em que viveu, amou, curtiu e plantou em tantos campos diferentes.

Casou-se Manoel Ambrósio duas vezes. A primeira com D. Josefina Durães Ferreira com quem teve os seguintes filhos: Alice, Joana, Josina, Maria Josefina, Dejanira, Carlos, Durvalina e Afra. Morrendo-lhe a mulher em 30 de outubro de 1905, consorciou-se mais tarde com D. Antonia de Souza Oliveira, que lhe deu apenas um casal de filhos: Manoel Ambrósio Júnior e Nely.

Faleceu Manoel Ambrósio aos 24 de agosto de 1947 na casa de N.º 55 da rua Padre Serrão. Mercê da Lei Municipal N.º 387 de 7 de março de 1951, gestão do Prefeito Silvío Brasileiro de Azevedo, passou a referida rua a chamar-se Manoel Ambrósio, numa sincera homenagem ao incomparável januaresense e, de modo especial, ao homem que naquele logradouro residira por tantos anos, tendo nele encerrado a carreira terrena. A casa, que ainda está de pé e bem conservada, tem nos dias que correm o N.º 229 e foi, no tempo de nosso biografado de propriedade de seu irmão Apolinário Alves de Oliveira Casqueiro.

D. Antonia de Souza Oliveira sobreviveu ao companheiro, tendo desaparecido em 17 de novembro de 1956.

Dentro dessa visão panorâmica do intelectual januaresense, cabe examinar, ainda que superficialmente, cada setor em que deu de si, sem interesses imediatistas.

EDUCADOR

Pode-se dizer que Manoel Ambrósio, viveu e sustentou a imensa prole de seus magros proventos de profes-

sor. Numa época em que o ensino interiorano era verdadeira aventura, manteve o nosso enfocado escola particular nos cômodos disponíveis de sua morada.

Mas as arengas políticas fizeram-no amargar anos de sobressaltos e de dificuldades financeiras. Serenados os ânimos, foi enfim nomeado professor na cidade barranqueira de Manga. Ali esteve entre 1908 e 1911. Em 1923 veio-lo Inspetor Regional em Paracatú. Em 1927 Diretor do Grupo Escolar Bias Fortes, em Januária, instalado a 20 de agosto daquele ano. Entre 1928 e 1932 Diretor do Grupo Escolar Afonso Arinos, em São Romão, onde aposentou-se.

Volviendo à terra natal, não buscou o "otium cum nobilitate" a que fazia juz por direito e de fato. Continuou na velha luta pela educação. E, foi dos grandes entusiastas da ideia da criação em Januária de uma escola normal. De suas mãos e das de alguns outros professores, surgiu o novo estabelecimento de ensino tornado realidade através do Decreto 11.399 de 22 de junho de 1934, O Decreto 10.564 de 5 de novembro de 1938, o oficializou. Da primeira diretoria, que trabalhou gratuitamente, fez parte Manoel Ambrósio como Secretário. Foram seus pares nessa memorável jornada o Dr. Antônio Generoso, João Lagoeiro Santos, Fortunato Vassallo e o Dr. João Moreira de Castro.

A Escola que nascera quase que franciscanamente, tomou vulto no correr dos anos e hoje, ostentando o nome de Colégio Estadual Olegário Maciel ocupa excelentes instalações em prédio especialmente construído para os fins a que se destina.

JORNALISTA

O jornalismo e a política ocuparam o mesmo espaço na vida de Manoel Ambrósio. Marcharam juntos sendo aquele a trincheira deste. Em 1901 fundou "A Luz", primeiro jornal de Januária. Completo pioneirismo numa terra totalmente desprovida de recursos. Prelo e tipos foram feitos em madeira, confeccionados por Constantino Rego. Todo esse material, ho-

je digno de um museu, ficou esquecido nos fundos da casa onde residiu a mãe do jornalista, hoje de propriedade de Alípio Montalvão. Nada restou para recordar a velha tipografia.

"A Luz" foi o paladino do partido Luzeiro, que teve como opositor ferrenho o Escureiro. Brigas provincianas do passado que chegaram às gerações de hoje com sabor quase folclórico.

Mal saído das refregas oriundas dessa primeira experiência jornalística, funda Manoel Ambrósio, em 28 de fevereiro de 1909 o periódico "A Januária".

HISTORIADOR

O Esboço das refregas do Município de Januária, foi a grande meta de Manoel Ambrósio nesse setor da atividade intelectual. Foram alguns capítulos publicados em "A Luz". Mas o vultoso material alicerçado em minuciosa pesquisa e que compõe dois grossos volumes, encontra-se ainda à espera de um editor. Em verdade a obra já rolou por Comissões, Institutos, Academias, etc. Já esteve nas mãos de políticos prestigiosos. Contudo permanece no egoísmo do manuscrito, manuscrito que custou ao historiógrafo muito amor, muita isenção e muita noite gasta à luz bruxoleante das lâmparas, compulsando documentos, alinhavando fatos, dissecando personagens.

POETA

Manoel Ambrósio foi poeta por atavismo e por pressão do meio. Assim como Euclides da Cunha disse que o sertanejo é antes de tudo um forte, digo eu que o barranqueiro é acima de tudo poeta. E, a fina sensibilidade do intelectual januarense não escaparia à regra.

Assim é que além de Paranapetinga, que viu editado ainda em vida, deixou na gaveta alguns livros de poesia prontos para o prelo. São eles Harpas, Ave Maria e Nevoeiro no Caminho Branco.

Manoel Ambrósio não se limitou à reserva de seus cadernos. Foi o poeta de todas as horas, dos amigos vivos ou mortos, de todo o povo de Januária.

Com a mesma espontaneidade com o mesmo arrepio de amor ao semelhante e à terra, fez epitáfios, epitálâmios, glosou motes, compôs de um golpe a letra do hino de seu torrão, musicada por João Batista Lima.

Apenas no intuito de comprovar o que fica acima, registra aqui dois exemplos dessa capacidade criadora do poeta januarense

Em 1906 falecia Olivia Moreira do Prado, filha de um amigo seu. Morte prematura, chorada, sentida. Manoel Ambrósio sensível a tudo deixou epitáfio gravado na lápide que encimava a sepultura da menina, existente no antigo cemitério de sua cidade :

(I)

Terna Olivia nasceu a saudade
Onde a campa vai só vicejar
Tú desfolhas a rosa da vida
Que a aurora não pode acordar

(II)

Ai ! não vives Olivia querida
Violeta orvalhada no chão
Para sempre recebe um adeus
A saudade de um coração

(III)

Brotam relvas nas vagas revoltas
O teu senhor que a morte roubou
Virgem bela acabou-se a esperança
És a folha que o vento levou

Agora a letra do Hino de Januária :

CÓRO : Dos céus do norte
Ó Pátria minha
Tu és rainha
Das águas belas
Cetro de amores
Os teus primores
Não têm rumores
Não têm procelas

1 — Ó Januária
Do São Francisco
O basilisco
Baixando o sul
O dorso afagas
Do monstro as vagas
Por estas plagas
Do campo azul

2 — E tu te miras
E tu te inclinas
Nessas ondinas
A murmurar
Nessas aragens
Dessas paragens
Ditasas margens
Do rio mar

3 — Da promessa
Querida terra
Teu seio encerra
Toda a ventura
O peregrino
A ti sem tino
És do destino
Doce ternura

4 — E tu te acolhes
Alma infeliz
Que se maldiz
Desoladora
Cosmopolita
Terra bendita
És mãe aflita
Consoladora

5 — Ó Januária
Águas vertentes
Águas correntes
Te fazem amada
De realeza
Da natureza
Toda a beleza
Terra adorada

6 — Tão maviosos
Os teus encantos
Prazeres santos
Do teu sorriso
São verdes eras
Que tu nos deras
E as primaveras
De um paraíso

AUTOR TEATRAL

Embora suas peças não tenham passado do âmbito familiar, em termos de encenação, deixou Manoel Ambrósio considerável acervo de dramas na maioria de sabor regional. Marta, Dois Destinos, Amores de Capataz e Bandidos do Pinduca, são alguns de seus títulos.

PROSADOR

Esta foi uma das áreas em que Manoel Ambrósio mais se realizou. Dos três romances que escreveu teve dois

publicados — Hercília e os Laras — restando no ineditismo Os Melos. Em 1945 veio a lume a novela regional A Ermida do Planalto, editada pela Monção do Rio de Janeiro. E, nos anos de 1935 e 1936, os primeiros em que residu na Guanabara, colaborou, embora irregularmente, na saudosa revista "Noite Ilustrada", para qual escreveu contos, narrativas, até anedotas calcados em acontecimentos nas barancas sanfranciscanas. Num periódico da maior cotação na época, do qual eram assíduos colaboradores Lima Figueiredo, Perilo Neves, Pedro Calmon, Martins de Oliveira, etc., fez Manoel Ambrósio algum sucesso com seus escritos. Entre outros consigno aqui "O D'abo" publicado em 4 de setembro de 1936 com ilustrações de H. Cavalleiro; "Confirmação" em 29 de janeiro de 1936 ilustrado por Seth; "O Cangussú" (anedota sertaneja da Guerra do Paraguai) em 6 de maio de 1936 com desenho de Seth; "O Serpa" em 10 de junho de 1936 com ilustração de Seth; "Um Milagre" em 2 de julho de 1936 ilustrado por Monteiro Filho e "Pai João" em 13 de outubro com desenho de Renato Silva.

ESTUDIOSO DOS PROBLEMAS REGIONAIS

Antecipando-se aos antropólogos, sociólogos, economistas e ecologistas de hoje, Manoel Ambrósio, numa época em que tais ciências praticamente não existiam, empreendeu estudos profundos em todos esses campos. Jamais foi um teórico. Conhecia os mistérios, os entraves, os problemas, as riquezas e o potencial de sua região, como poucos contemporâneos seus e quiçá como os técnicos atuais que viajam de avião, estão sempre apressados e via de regra baseiam-se em dados recolhidos indistintamente.

Sem a vontade consciente de fazer ciência creio que Manoel Ambrósio curtido no duro aprendizado advindo da constância ecológica, teria superado os modernos manipuladores dos dados sanfranciscanos. Foi sem dúvida um pioneiro e um pioneiro sério.

Em 1935, segundo declaração dos meus informantes, saiu de sua modesta morada na rua Cruz Jobim, no Irajá, para fazer conferência na Academia

Carioca de Letras sob o título "O SERTÃO". O alentado estudo científico das reais possibilidades econômicas do vale do São Francisco, infelizmente jamais foi publicado. Bem aventurados os que puderam ouvir o conferencista naquela torde de 1935.

Devo explicar que, não obstante os esforços que empreendi junto à referida Academia, não me foi possível encontrar em seus arquivos a data precisa do memorável evento. Mesmo assim, aproveito a oportunidade para agradecer ao Dr. Othon Costa pelo empenho na pesquisa dos dados de que eu carecia.

"A Bacia do São Francisco" foi outro trabalho sério do intelectual barraqueiro, que ainda jaz no ineditismo.

IDEALISTA

Sem qualquer interesse subreptício, ajudou Manoel Ambrósio a fundar as Irmandades de São Vicente de Paula e do Sagrado Coração de Jesus, assim também o Hospital de Tuberculosos em Poções, Município de Januária. Organizou ainda o côro da Matriz de sua terra, do qual era membro efetivo.

MANOEL AMBRÓSIO NO RECONHECIMENTO DOS OUTROS

Foi o escritor barraqueiro membro do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais e da Academia Mineira de Ciências. É patrono da Biblioteca Municipal de Januária e da cadeira n.º 8 da Academia Municipalista de Letras, de Belo Horizonte, da qual é ocupante seu filho Manoel Ambrósio Júnior.

MANOEL AMBRÓSIO FOLCLORISTA

Afirmo, sem medo de errar, que o cerne da obra de Manoel Ambrósio. no que diz respeito à recolha do folclore regional, está completamente inédito.

Embora tenha deixado em artigos esparsos, em colaborações dispersas alago de seu trabalho nesse campo da cultura humana, tais fatos tornam-se irrelevantes frente aos incontáveis manuscritos guardados por uma de suas herdeiras.

É verdade que em 1912 publicou o

seu "Brasil Interior". Não se pode negar que nele haja folclore, mas um folclore literatizado, trazido a lume sob o manto do pitoresco, do insólito. Folclore para curiosos e lúcidos, bem ao gosto da época, conforme será demonstrado oportunamente.

O folclore mesmo, na pureza da pervivência nos grupos sociais barranqueiros, registrado tal qual chegou aos sentidos do mestre januaense, este, ainda ninguém conhece.

Penetrar nesse mundo até agora privativo da família Alves de Oliveira é o que tentarei fazer aqui, embora em parte.

Começo por relacionar o que encontro nos arquivos de D. Nely de Oliveira Montenegro. Lá estão:

Cantos Populares do Alto Rio São Francisco — Primeira Parte — 1897

- a) 1ª série: 72 cantigas;
- b) 2ª série: 193 quadras correspondentes às cantigas
- c) 3ª série: 61 batuques;
- d) 4ª série: 60 páginas manuscritas contendo côcos, trovas e lóas;
45 cantigas;
24 páginas manuscritas contendo poesia popular;
58 batuques;
27 páginas manuscritas contendo côcos, trovas e lóas;
11 páginas manuscritas contendo cantigas e batuques.

Contos e Novelas do Vale das Maravilhas — 5 cadernos

Adivinhas e Outros — 1 caderno
Antonio Dó — 1 caderno

A primeira preocupação que ocorre em face dos rótulos acima, é a de fixar no tempo o folclorista barranqueiro.

Já ficou dito que Manoel Ambrósio nasceu em 1865. Foi portanto contemporâneo de Silvio Romero (1851-1914) de Melo Moraes Filho (1844-1919) de Rodrigues de Carvalho (1867-1935) de Pereira da Costa (1851/1923), para citar apenas os que mais se des-

tacaram, na época, no registro e na divulgação das coisas do populário.

E, o que era folclore para os intelectuais daquele tempo?

Folclore valia na sua essência literatura popular, segundo as concepções inglesas então reinantes. Era uma espécie de primo pobre da literatura em geral, apenas aflorado por um ou outro estudioso que ousava romper com as rígidas estruturas da época. Sabe-se que Tobias Barreto fazia-lhe cerrada carga.

Assim sendo, eram os folcloristas meros registradores do chamado fato espiritual ou sejam as lendas, os mitos, as estórias, os cantos, a poesia popular e acidentalmente usos e costumes, credices e superstições. O fato material estava ainda fora do alcance e das cogitações dos demopsicólogos.

Tão pouco poder-se-ia falar em pesquisa folclórica, da maneira como ela é encarada nos dias que correm. Não havendo ainda a ciência do folclore, claro esta não poderia haver pesquisa com os seus requisitos técnicos. Ocorria é verdade a simples coleta calcada em reminiscências, na vivência de determinado meio ou na informação de terceiros. E pesquisa vale manipular o dado folclórico fixando-o no tempo e no espaço, enfocando-o sob o prisma sócio-antropológico, procedendo aos cotejos, buscando suas possíveis origens segundo a coincidência ou a sucessividade. Mas tudo isso é preocupação do estudioso moderno. Portanto nada de julgar o petérito à luz do atual.

Se tais considerações ocorrem, não tem elas o espírito desmerecedor do esforço ancestral. Pelo contrário elas se tornam inarredáveis para o perfeito entendimento de uma época.

Muito válidos os registros de nossos antepassados folcloristas, hoje preciosos elos na imensa corrente da cultura popular através dos tempos.

A prova dessa validade salta dos olhos a todo momento. Não há trabalho sério de folclorista dos dias que correm, mormente no enfoque do fato espiritual, que não traga referências às recolhas de Silvio Romero, de Pereira da Costa, de Rodrigues de Carvalho, de Celso de Magalhães, etc.

Bastam essas observações para que

se lamente o ineditismo da obra de Manoel Ambrósio. Seus manuscritos formam a estrela que falta na constelação dos pioneiros estudos de folclore no Brasil.

Além de guardarem recolhas, hoje inestimáveis para o melhor entendimento do populário barranqueiro, tais acervos poderiam vir a completar as obras dos contemporâneos do intelectual januarense, que nasceu, criou-se e viveu nas margens sanfranciscanas, acompanhando o ir e vir daqueles que durante séculos fizeram do Velho Chico o meio de ligação entre o Nordeste e o Centro Sul.

Ora, se o São Francisco representou no passado o que hoje representam a Rio-Bahia e suas ramificações e o que representará amanhã a Transamazônica, fácil é concluir-se a importância dos registros folclóricos numa zona tipicamente de tradições portanto de cultura polivalente, ainda que fossem outros os tempos, sem a plethora de comunicações dos dias atuais.

Feitos esses comentários indispensáveis, passo ao exame dos inéditos de Manoel Ambrósio.

A simples leitura dos títulos dos cadernos de folclore de Manoel Ambrósio é bastante para se concluir que foi fiel à sua época.

Sua preocupação com registro do fato espiritual, seu interesse pela literatura popular, a coleta procedida sem obedecer a sistemas e classificações, a ausência de cotejos e de busca das origens dos elementos manipulados, estão evidentes no bôjo de seus escritos.

Carece ainda observar que, certamente por influência de Silvio Romero, uma expressão nacional, teria Manoel Ambrósio batizado um de seus trabalhos com o nome de Cantos Populares do Alto Rio São Francisco. O manuscrito, que é de 1897, estaria bafejado pelos Cantos e Contos Populares do Brasil, de autoria do escritor sergipano, os quais haviam sido editados respectivamente em 1882 e 1883. A certeza dessa influência romeriana ainda mais se acentua, quando se sabe que Manoel Ambrósio, segundo depoimento de sua filha Joana Josefina, mantinha algum relacionamento epistolar com o intelectual de Lagarto.

Mas, o que merece ser ressaltado,

é que Manoel Ambrósio, mesmo nas suas longinquas barrancas, deu alguns passos a mais que seus contemporâneos, porque teve a preocupação de grafar as palavras segundo a pronúncia popular da região, porque jamais adulterou o vocabulário natural de seu meio de origem, porque procurou esmiuçar o problema do cangaço e suas relações com o folclore, ao estudar a figura de Antonio Dó, porque interessou-se exaustivamente pelas advinhas, ao ponto de coletar cerca de 142 que reuniu num caderno quase específico.

No que concerne às advinhas, é bom que se diga que os seus registros praticamente escaparam aos antigos folcloristas. Segundo Fausto Teixeira, autoridade no assunto, Silvio Romero apenas publicara três em seus Cantos Populares do Brasil e F. J. de Santa-Anna Nery no Folclore Brasilien trouxera a lume somente vinte e quatro, coletadas na região amazônica.

A coletânea de Manoel Ambrósio vem a público agora, feitos os cotejos indispensáveis. Transcrevi o acervo de seu caderno "Advinhas e Outros", título mal posto mercê do desconhecimento na época da moderna classificação dos fatos folclóricos.

Do caderno constam ainda AECs. (dos Arengueiros, dos Marinhos, do Café), fórmulas enumerativas sob o designativo de parlendas e quadras. Em verdade, para nós dos dias que correm o referido caderno deveria carregar o rótulo de "Parlendas e Outros" pois que, não somente as fórmulas enumerativas são espécies de gênero parlenda, assim também os ABCs., as Advinhas, as Emboladas, as Lengalengas, os Travalinguas, as Anedotas, os Provérbios, os Ditados, etc., etc.

Releva notar que tais advinhas aparecem aqui exatamente na ordem em que o seu coletor as colocou, mencionados até seus eventuais cortes. O trabalho é exclusivamente de Manoel Ambrósio, apenas vindo a furo por minhas mãos, com as conotações que hoje se fazem obrigatórias. Nada foi conspurcado, nem mesmo foram tentadas classificações e sistematizações, segundo o conteúdo dos enunciados ou o teor das respostas.

Para tentar fazer os devidos cotejos, escolhi o acervo de advinhas —

1.350 ao todo inserido por Fausto Teixeira em seu Livro das Advinhas Brasileiras — Editora Letras e Artes - Rio 1964, sem dúvida, o que há de mais completo no gênero, em termos quantitativos, no plano nacional. Nele estão agrupados as advinhações segundo critério pessoal do autor. As peças, ou foram recolhidas nas obras de quantos se interessam no Brasil pelo mesmo material folclórico, ou foram registradas pelo próprio Fausto Teixeira em diversos pontos do país.

Dadas essas explicações, passo a relacionar em sua ordem natural, as advinhas copiladas pelo mestre barranqueiro no antes chamado Alto Rio São Francisco. Friso que elas tem no fundo e na forma, marcado sabor rural e doméstico, sem contaminações alienígenas ou de índole urbana, portanto consentâneas com a época em que foram anotadas e com as estruturas sociais vigentes.

1 - Uma caixinha
De bom parecê
Não hai carapina
Que saiba fazê.
Resp.: AMENDOIM

Fausto Teixeira registra três advinhas com enunciados semelhantes ao do exemplo acima, embora duas delas tenham respostas diferentes. São :

52 - Uma bola bem feita,
de bom parecer,
não há carapina
que saiba fazer.
Resp.: LUA — conforme Theo Brandão in Folclore de Alagoas.

212 - Uma caixinha de bom parecer,
Não há carapina que saiba fazer.
Resp.: OLHO — (Paraíba) conforme Alcides Bezerra in Antologia de Folclore Brasileiro de Luis da Câmara Cascudo.

305 - Caixinha de bom parecer,
Não há carapina que saiba fazer.
Resp.: AMENDOIM — conforme coleta de Fausto Teixeira em Minas Gerais.

2 - Tem escama,
não é peixe;
tem crôa,
não é rei.
Resp.: ANANAZ

Foi a seguinte a versão que Fausto Teixeira colheu em Minas e que corresponde ao número 289 de seu trabalho :

tem corôa, não é rei,
tem escamas, não é peixe.
Resp.: ABACAXI

3 - Casa caiada
Lagôa d'água
Resp.: ÔVO

Fausto Teixeira registrou em Minas :

222 - Casa caiada
Lagoa dourada.
Resp.: ÔVO

4 - Mãe mansa
Fia braba.
Resp.: PIMENTA

5 - Moça formosa,
home nervoso,
currel grande,
gado miúdo.
Resp.: A LUA, O SOL, O CÉU E AS ESTRELAS

6 - Stá em casa,
stá calado;
stá no mato,
stá falano.
Resp.: MACHADO

Fausto Teixeira recolheu em Minas :

639 - Que está em casa, está calado;
está no mato, está gritando ?
Resp.: MACHADO

7 - Joga pra cima,
é pratado;
joga no chão,
é ouro.
Resp.: OVOS QUEBRADOS

Fausto Teixeira apontou em Minas :

226 - Joga-se pra cima é prata,
cai no chão é ouro ?
Resp.: ÔVO

8 - Caminha, caminha,
não faz rasto ?
Resp.: CANÔA

9 - Que muitos tem
e não vestem;
que muitos vestem
e não tem ?
Resp.: NOBREZA

10 - Redondinho
Redondão,
Faz o rasto
Compridão.

Resp.: CARRO

11 - Toco
Toroco
toco;
tira o toco
fica o toco.

Resp.: BOTINA

12 - Voa cumo passarim,
urra que nem boi,
não é boi nem passarim ?

Resp.: BEZOURO

13 - Qual o passo maravia
que dá leite quando cria ?

Resp.: MORCEGO

Fausto Teixeira anotou no Espírito Santo :

1.146 - Me diga lá, seu doutor,
que estudou filosofia :
qual é a ave que voa,
e dá leite, quando cria ?

Resp.: MORCEGO; "mas não é ave e
sim mamífero..."

14 - Sobe carrasco, desce carrasco,
c'o as tripa a rasto.

Resp.: AGULHA

Fausto Teixeira traz à sua cole-
tânea, a mesma advinha, colhida por
Saul Martins em Minas e publicada
por este no Diário de Minas de Belo
Horizonte em 1952. É de se observar
que Saul Martins é natural de Januá-
ria, sendo provável que tenha colhido
a referida advinha em sua terra na-
tal. Ei-la :

454 - Sobe, carrasco,
desce, carrasco
com a tripa de arrasto.

Resp.: AGULHA DE COSTURAR E
LINHA

15 - Branco por fora,
preto por dentro.

Resp.: ALGODÃO

16 - Foi a justiça prendê os home;
a casa saiu p'las janela,
e os home ficaro preso.

Resp.: REDE DE PÊSCAR

17 - Uma cerca de pau a pique,
c'uma vaca dentro.

Resp.: LINGUA

18 - Quatro esteio
c' uma teia em cima.

Resp.: TATÚ

Fausto Teixeira coletou em Minas:

275 - Quatro esteios e uma telha só ?
Resp.: TATU; CÁGADO, JABUTI E
TARTARUGA

19 - Trabaia de dia,
descansa de noite.

Resp.: CHINELOS

20 - Já fui carne,
hoje não sou;
esperano carne
c'o a boca stou.

Resp.: BOTINA

21 - Altas torre,
Belos penacho;
água doce,
fruta no cacho.

Resp.: COCO

Fausto Teixeira apontou em Mi-
nas :

362 - Altas torres,
lindos penachos;
água na flor,
flor nos cachos.

Resp.: COQUEIRO DA BAHIA

22 - Dez caçadores
Todos dez caçam
e só dois matam.

Resp.: OS DEDOS DA MÃO CATAN-
DO PIOLHOS

Fausto Teixeira consignou versão
alagoana segundo José Maria Belo in
Enigmas Populares — Rio — 1950.

150 - Andam dez atrás de um e dois
tiram-lhe a vida ?

Resp.: DEDOS A CATA DE PIOLHO

23 - Fui por um camin,
com quinze varas topei;
coisa que nunca vi,
muito indimrado fiquei.

Resp.: CAPIVARA

24 - Muiê boa e má,
De cacos em caquinho,
De galhos em galinhos,
Eu sou.

Resp.: MACAQUINHO

25 - Tem uma perna só
e abre os braços pra nos receber.

Resp.: A CRUZ

26 - Enche uma casa,
Não enche uma mão ?

Resp.: BOTÃO

Fausto Teixeira registrou em Minas :

492 - Que enche uma casa,
mas não enche uma mão ?

Resp.: BOTÃO EM SUA CASA

27 - Qual a madeira
que mais tem nomato ?

Resp.: PAU TORTO

Fausto Teixeira anotou em Minas:

1.173 - Qual é a qualidade de pau que
mais existe nomato ?

Resp.: PAU TORTO

28 - Quem faz,
não goza;
quem goza,
não vê,
quem vê
não deseja
por mais bonito
que seja

Resp.: CAIXÃO

29 - Meu princípio fora cinza,
meu vivê ninguém espanta;
de sete fias que tive,
a derradeira foi santa.

Resp.: QUARESMA

Fausto Teixeira consignou versão potiguar, conforme Veríssimo de Melo in Advinhas — Natal — RN. 1948.

17 - Meu nascimento foi cinza,
do meu viver ninguém se espanta;
de sete filhas que tive
a última delas foi santa.

Resp.: QUARESMA

30 - O que tem a boca maior
do que a cabeça ?

Resp.: RIO

31 - Semo dois irmão,
na cor e nas condição;
pera bodas e função,
a mim me convidarão;
pera o tráfico da cozinha,
ist'é lá c'o meu irmão.

Resp.: VINHO E VINAGRE

Fausto Teixeira documentou em Minas :

778 - Nos somos dois irmãos,
diferente no parecer :
meu irmão não vai à missa
e eu não a posso perder;
para festas e batizados
é a mim que chamarão;
para negócios de cozinha,
vão falar com meu irmão.

Resp.: VINHO E VINAGRE

32 - Que é que todos os dias vemos ?

Resp.: OS NOSSOS SEMELHANTES

33 - Os reis quasi não vêm
e Deus nunca viu, nem há de ver ?

Resp.: OUTRO DEUS

34 - Qual o homem que morreu por
mão de outro,
sua mãen ão foi nascida,
sua avó conservou-se virgem,
até o dia em que ele morreu ?

Resp.: APEL

Fausto Teixeira registrou versão potiguar, segundo Veríssimo de Melo in Advinhas — Natal — RN. 1948.

1 - Houve um homem no mundo
que sem ter culpa morreu;
nascêu primeiro que o pai,
e sua mãe nunca nasceu;
sua avó estava virgem
até que o neto morreu.

35 - Verde foi meu nascimento,
que de luto se cobriu;
para dar gosto a muitos,
nos ares se sumiu.

Resp.: FUMO

Fausto Teixeira colheu no Espírito Santo :

372 - Verde foi meu nascimento,
mas de luto me cobri;
para dar gosto ao mundo
pelos ares me sumi.

Resp.: FUMO

36 - Em altos nasci,
em altos moro;
dá um grito,
Vai-se embora.

Resp.: MAMONA

Fausto Teixeira registrou em Minas :

393 - Alto está
alto mora;
dá um grito
e vai embora.

Resp.: MAMONA : o fruto estoura ao calor do sol.

- 37 - Planta bola
colhe ferrão
Resp.: QUIABO
- Fausto Teixeira coletou em Minas:
- 432 - Planta-se chumbo e colhe-se chifres?
Resp.: QUIABO: sementes e frutos.
- 38 - Que beijamos e não adoramos?
Resp.: COPO
- 39 - Qual a obra que Deus fez mas não acabou?
Resp.: CABAÇA
- Fausto Teixeira consignou versão paulista, conforme Sebastião Almeida de Oliveira in Cem advinhas Populares São Paulo 1940:
- 326 - Deus fez e não acabou?
Resp.: CABAÇA: fruto da cabaceira; antes de seu uso precisa ser limpa e curada.
- 40 - Come pela barriga,
Vomita pelas costas?
Resp.: CEPILHO: (plaina pequena)
- Fausto Teixeira apontou no Espírito Santo:
- 685 - Que come pela barriga e solta pelas costas?
Resp.: PLAINA DE CARPINTEIRO, CEPILHO
- 41 - Três moças formosas:
tirando-se uma
duas não prestam.
Resp.: TREMPÉ
- Fausto Teixeira registrou versão maranhense conforme Domingos Vieira Filho in Advinhas Populares — Bol. da Com. Catarinense de Folclore N.º 9/10 — Florianópolis SC. 1951:
- 763 - São três irmãs numa casa;
tirando-se uma duas não servem?
Resp.: TREMPÉ PARA COZINHAR
- 42 - Tango lafandango,
entra dentro
sai pingando
Resp.: COPO
- 43 - Um velhinho
com seu dentinho
chama toda a sua gatinha.
Resp.: SINO
- Fausto Teixeira colheu no Espírito Santo:
- 743 - Um velhinho com um só dente,
quando grita,
sua casa enche de gente?
Resp.: SINO
- 44 - Planta taboa
e colhe bola
Resp.: MORANGA (qualidade de abóbora)
- Fausto Teixeira apontou no Espírito Santo:
- 293 - Plantei tabuinhas,
colhi bolinhas.
Resp.: ABÓBORA
- 45 - Choca no chão
tira nos ares?
Resp.: PLANTA
- 46 - Pro mato com a boca pra casa,
Vem para casa co'a boca pro mato
Resp.: ESPINGARDA
- Fausto Teixeira anotou em Minas:
- 602 - Que sai de casa com a boca virada pra casa;
e vem pra casa com a boca virada pro mato.
Resp.: ESPINGARDA NO OMBRO DO CAÇADOR
- 47 - Em alto está
em altos mora;
todos o vê
ninguém adora.
Resp.: SINO
- Fausto Teixeira recolheu em Minas:
- 739 - Alto está,
alto mora
todo mundo vê,
ninguém adora.
Resp.: SINO
- 48 - Taboa taboleta:
quer chova quer não chova
sempre molhada está
Resp.: LINGUA
- 49 - Stá no peito,
stá cantando;
stá na cama,
stá calado
Resp.: VIOLÃO
- Fausto Teixeira registrou em Minas:

787 - Que quando está no canto, está calado,
quando está no colo, está chorando ?

Resp.: VIOLÃO

50 - Carneiro branco
da frissura preta.

Resp.: ALGODÃO

Fausto Teixeira consignou variante alagoana conforme José Maria Belo in Enigmas Populares — Rio — 1950 :

295 - Um homem branco das tripas pretas ?

Resp.: ALGODÃO : pluma e sementes

51 - Uma casa,
c'o uma forquilha só

Resp.: CHAPÉU DE SOL

52 - Mata a mãe, enforca o filho ?

Resp.: BANANEIRA

Fausto Teixeira colheu em Minas:

311 - Corta-se a mãe e enforca-se o filho ?

Resp.: BANANEIRA E CACHO DE BANANAS

53 - Na seca stá parada,
nas águas stá correndo,
e não pode pegar a filha.

Resp.: MANJARRA (almanjarra)

54 - Mocinha donzela
vestidinha de amarelo.

Resp.: BANANA

55 - Corre mais no carrasco
do que no caminho ?

Resp.: FOGO

56 - Um pedaço de cavaco,
arranca com bois do carrasco.

Resp.: PENTE

Fausto Teixeira registrou versão conforme Theo Brandão in Folclore de Alagoas — Maceió — 1949 :

676 - Sou tamanho de um cavaco,
puxo o boi todo do mato.

Resp.: PENTE-FINO, PIOLHOS E CABELO

57 - Das 3 pessoas divinas,
Uma d'elas hei de ser;
Crio a quem me criou,
Não sou Deus mas posso ser.

Resp.: TRIGO E VINHO

58 - Quanto mais tira,
mais aumenta ?

Resp.: BURACO

59 - Meu pé
minha mão;
minha vida
stá no chão.

Resp.: MAMÃO

60 - Tem dente não morde,
tem asa não avoa.

Resp.: ALHO

61 - Anda a cavalo,
mas sempre de pé.

Resp.: CRAVO DE FERRADURA

62 - Alto como torre,
doce como mel,
amargo como fel.

Resp.: MAMÃO

Fausto Teixeira colheu a seguinte variante em Minas :

391 - Alto como um prédio,
dá leite como vaca
é doce como mel
e amargo como fel.

Resp.: MAMOEIRO E MAMÃO

63 - Entra dentro da mãe
pra vê seu pai.

Resp.: IGREJA

64 - Um tatú
com um capim no pé

Resp.: PAU FERRO

65 - Emprenha de noite,
pare de dia.

Resp.: CASA

Fausto Teixeira registrou em São Paulo :

552 - Que enche de noite e esvazia de dia ?

Resp.: CASA, MORADIA

66 - riscada pelo folclorista.

67 - Um pau com doze galhos,
cada galho com seu ninho
e dentro um passarinho.

Resp.: O ANO

68 - Este menino é meu parente,
irmão de meu marido,
filho de meu filho;
é meu neto,
meu filho legítimo.

Resp.: O MENINO EXPOSTO QUE CASOU COM SUA MÃE

69 - Nasce em pé
corre deitada

Resp.: CHUVA

Fausto Teixeira apontou em Minas :

28 - Que cai em pé e corre deitado ?
Resp.: CHUVA

70 - Gurupí de dois pés,
tinha gurupí de um pé;
veio gurupí de quatro pés
e tomou.
Gurupí de dois pés
correu atrás e não pegou.

Resp.: UMA MULHER PREPARAVA
UM MOCÓ, VEIO UM CA-
CHORRO E O FURTOU. EM-
BALDE AQUELA O PROCU-
ROU.

71 - Cancelada pelo coletor.

72 - Fui andando pr'um camin
topei meu compadre barbudo,
fui dar um tapa nele
mas não pude.

Resp. MANDACARÚ

Fausto Teixeira trouxe duas ver-
sões da advinha. A primeira colhida
em Alagôas e inserida por José Maria
Belo em Enigmas Populares — Rio
1950 :

396 - Eu ia por um caminho
e encontrei um velho barbudo;
fui dar um tapa nele; não pude.
Resp.: MANDACARÚ

A segunda registrada pelo próprio
Fausto Teixeira no Espírito Santo :

378 - Fui no mato, encontrei um velho
barbudo;
quis dar um tapa nele e não pude
Resp.: IRÍ (espécie de palmeira espi-
nhenta).

73 - Uma porta que abre e fecha.
Resp.: OLHO

74 - Nasce de joelhos pedindo três
coisas a Nosso Senhor :
chuva, gordura e sal.
Resp.: FEIJÃO

75 - Quatro na cama,
quatro na lama;
dois parafusos
e um que abana.
Resp.: VACA

Fausto Teixeira consignou versão
paraibana inserida por Alcides Bezerra
em suas adivinhas, in Antologia do
Folclore Brasileiro de Luis da Câmara
Cascudo :

285 - Quatro na lama,
quatro na cama,
dois parafusos
e um que abana

Resp.: VACA: PÉS, TETAS,
CHIFRES E RABO

Colheu ainda a seguinte variante
em Minas :

Quatro na lama,
dois na cama,
dois que assopram
e um que abana.

Resp.: VACA: PÉS, CHIFRES,
NARINAS E RABO

76 - Um curral de pau a pique
com uma piaba no meio.

Resp.: OS DENTES E A LINGUA

77 - Um correndo após o outro sem
alcançar.

Resp.: O DIA

78 - Jogo pra cima prata,
cai no chão, ouro.

Resp.: OVOS

Fausto Teixeira coletou em Minas :

226 - Joga-se pra cima é prata, cai no
chão é ouro ?

Resp.: OVO

79 - Velho, bem velho,
atrás d'uma porta
com a barba torta.

Resp.: ANZOL

80 - Atirei no que ví,
matei o que não ví;
com lasca de pau santo,
assei e comi.

Resp.: UM CAÇADOR ATIROU A UM
BENTEVÍ; ERRA O ALVO E
MATA UMA POMBA NO GA-
LHO FRONTEIRO; TEVE FO-
ME E NÃO ACHANDO UM
PAU PARA ESPÊTO, TIRA
UMA LASCA A UMA VELHA
CRUZ — PREPARADO AQUE-
LE PETISCO COME O ASSA-
DO.

81 - Menina bamos drumi,
qu'ê coisa que Deus deixou;
junta capela com capela
menina lá se ficou.

Resp.: OLHOS

82 - Passarinho pequenino,
das asas verde-dourada;
vem cantano choraminga,
vai levano bofetada.

Resp.: MORIÇOCA

83 - Campo branco,
semente preta,
cinco bolos
e um só graveto.
Resp.: PAPEL, LETRAS, DEDOS E
CANETA

84 - Preta velha enrugada
de sua terra desterrada;
não hai função neste mundo,
que não seja convidada.
Resp.: PIMENTA DO REINO

85 - Barriga de pau,
costa de ferro.
Resp.: ESPINGARDA

Fausto Teixeira registrou em Minas:

600 - Que tem a barriga de pau e a
cacunda de ferro?
Resp.: ESPINGARDA

86 - Tem pés não caminha,
tem cabelos não pentia.
Resp.: MILHO

87 - Boi vermelho lambendo uma vaca
preta.
Resp.: FOGO

88 - Nasci branco, hoje estou preto;
careca de natureza,
os mortos me dão vida
os vivos me dão fraqueza.
Resp.: URUBÚ

Fausto Teixeira apontou em Minas:

279 - Branco de nascença,
preto por natureza;
morte pra ele é alegria,
vida pra ele é tristeza.
Resp.: URUBÚ

89 - Uma garça parda,
morrendo de sede,
com o bico n'água.
Resp.: CANOA

Fausto Teixeira consignou versão paulista conforme Rossini Tavares de Lima in Advinhas — Caderno de Folclore N.º 1 — São Paulo — 1947:

532 - Garças brancas
dos campos verdes,
com o bico n'água,
morrendo de sede
Resp.: CANOA

90 - Vivo em cima,
vivo em baixo,
morto no meio
Resp.: HOME, SELA E CAVALO

91 - Mame devagar meu filhinho,
pois já me doem os seios.
Resp.: MAMADA

92 - Uma moça que vive,
em dois taboados,
quer chova, quer não chova,
vive sempre molhada.
Resp.: LINGUA

93 - Pau d'água,
folha de táboa
Resp.: BANANEIRA

Fausto Teixeira registrou versão mineira conforme Saul Martins in Advinhas, Belo Horizonte, 1952:

316 - Pau d'água e folha de táboa.
Resp.: BANANEIRA

94 - Uma pomba seca,
sentada em um pau seco,
engolindo uma tripa seca.
Resp.: ROCA

95 - Tres moças e uma mesa,
vomitando para nos comerms.
Resp.: MOENDAS

96 - Tem dente não tem osso,
tem um palmo de pescoço.
Resp.: ALHO

Fausto Teixeira anotou versão paraibana de Alcides Bezerra em suas advinhas, in Antologia do Folclore Brasileiro de Luis da Câmara Cascudo:

303 - Tem balba e não tem rosto,
tem dente sem ser de osso,
tem um palmo de pescoço.
Resp.: ALHO

97 - Uma moça mais formosa,
mais bonita no falar;
u'a mão bate no pulso,
a outra dá de andar.
Resp.: VIOLA

98 - Um devoto que não sabe rezar.
Resp.: CANGURÚ

99 - Vem lá, vem cá,
Da boquinha na mulher
Resp.: COLHER DE PAU

100 - Sem resposta no caderno do folclorista.

101 - Uma velha, muito velha,
conta mais de cem buracos.
Resp.: PENEIRA

102 - Uma igreja de barro,
com um Santo Antonio de pau.
Resp.: PANELA E COLHER DE PAU

- 103 - Nasce em pé e caminha deitado ?
Resp.: PAU DE CORÓA
- 104 - Quais as plantas que caminham
sem auxílio de ninguém ?
Resp.: PLANTAS DOS PÉS
- 105 - Qual a mulher que de qualquer
forma que se leia,
o mesmo nome se encontra ?
Resp.: AMA
- 106 - De noite está no alto
e de dia no atoleiro ?
Resp.: COLHER DE PAU
- 107 - Urra como garrote,
cava como tatú,
preto como carvão
Resp.: BESOURO
- 108 - Qual o quadrúpede que nós cria-
mos, e nós não queremos ver ?
Resp.: RATO
- 109 - Uma obra da mão de Deus,
que o seu nome traz presságio de
morte.
Resp.: MORRO
- 110 - Deus a fez e o homem desfez o
nome ?
Resp.: SERRA
- 111 - Come o duro não mata a fome,
o homem que não é homem.
OBS.: No caderno figura resposta
ininteligível.
- 112 - Uma cova bem cavada,
com seis mortos estendidos,
cinco vivos passeando,
maginando seus sentidos.
Resp.: VIOLÃO
- Fausto Teixeira registrou variante
alagoana conforme José Maria Belo in
Enigmas Populares — Rio — 1950 :
- 783 - Uma cova bem talhada,
com seus mortos estendidos,
dando gemidos horrendos,
dando ais tão sentidos ?
Resp.: VIOLA
- 113 - Sem efeito
- 114 - A cor dela,
é o nome dela.
Resp.: RAPOSA
- 115 - Antes de ser já é ?
Resp.: VESTIDO
- Fausto Teixeira consignou advi-
nha alagoana, idêntica à januaresense,
conforme José Maria Belo in Enigmas
Populares — Rio — 1950 :
- 776 - Antes de ser já é ?
Resp.: VESTIDO
- 116 - Tripa preta,
pele branca,
pé de ouro,
só morre de boquinha.
Resp.: CIGARRO
- 117 - Campo largo,
gado miúdo,
moça bonita,
velho carrancudo.
Resp.: CÉU, ESTRELAS, LUA E SOL
- Fausto Teixeira apontou em Mi-
nas :
- 26 - Campo grande,
gado miúdo
vaca formosa,
boi carrancudo.
Resp.: CÉU, ESTRELAS, LUA E SOL
- 118 - Grita como gente,
tem serra não é serraria,
tem espora não é vaqueiro.
Resp.: GALO
- 119 - Vira de fundo,
pra aguentar as punhaladas.
Resp.: DEDAL
- 120 - Entra n'água mas não molha,
entra no fogo mas não queima.
Resp.: SOMERA
- Fausto Teixeira registrou versão
paulista, conforme Rossini Tavares de
Lima in Advinhas, Cadernos de Fol-
clore N.º 1 — São Paulo — 1947 :
- 81 - N'água não se molha,
no fogo não se queima ?
Resp.: SOMBRA
- 121 - Já choveu ?
Boi berrou ?
Goteira pingou ?
Sabão de roupa acaba.
Resp.: JABOTICABA
- Fausto Teixeira divulga versão mi-
neira conforme Saul Martins in Ad-
vinhas — Diário de Minas — B. H.
1952 :
- 889 - Quando a chuva cai, faz já.
Quando o boi urra, faz bú.
Quando a goteira pinga, faz ti.
e o sabão da roupa acaba ?
Resp.: JABUTICABA

122 - Do palmito nasce a palma,
da palma nasce o palmito;
quero que você me diga,
quem entrou no céu sem alma ?

Resp.: A CRUZ

123 - Capa, requicapa,
da mais fina que tiver,
você não advinha nessa
nem na outra que vier.

Resp.: CEBOLA

Fausto Teixeira colheu no Espírito
Santo :

353 - Capinha sobre capinha,
capinha do mesmo pano;
se não adivinhar agora,
não advinha nem pro ano.

Resp.: CEBOLA

124 - Tres irmãs, uma disse :
bamos andá ?
A outra, bamos esbarrá ?
A outra, bamos quetá ?

Resp.: AGUA, ESCUMA E AREIA

Fausto Teixeira registrou no Espí-
rito Santo :

20 - São tres irmãs :
Uma diz : — vamos correr !
A outra : — vamos parar !
A outra : — vamos descansar !

Resp.: AGUA DO MAR, ESPUMA E
AREIA

125 - Duas moças donzelas,
subindo uma ladeira,
e nenhuma viu a outra.

Resp.: ORELHAS

126 - Uma casa com uma parede no
meio ?

Resp.: NARIZ

127 - Alto está, em altos mora,
todos beijam,
ninguém adora.

Resp.: COPO

128 - Na índia fui nascido
minha terra nem choveu,
vim pro Brasil,
para cousa de comer;
deram comigo no chão,
e acabei de morrer.

Resp.: PRATO

129 - De longe eu vi uma armada,
com os dentes para morder;
mastiga ele, mastiga,
engolir não pode ser.

Resp.: ENGENHO

Fausto Teixeira consigna versão
paulista conforme Rossini Tavares de
Lima in Advinhas — Caderno N.º 1
São Paulo — 1947 :

592 - Zig-zig vai voando,
tem dentes para comer;
mastiga e bota fora,
engolir não pode ser

Resp.: ENGENHO DE CANA DE
AÇUCAR

130 - O choque da galinha
e a ameaça do cão.

Resp.: CHOCOLATE

131 - Iam dez burros viajando,
morreu um, quantos ficaram ?

Resp.: O QUE MORREU

132 - O nome da casa,
é o mesmo nome do dono da casa

Resp.: CUPIM

133 - Um que não se faz sem gordura
e com gordura não presta.

Resp. SABÃO

Fausto Teixeira registrou versão
mineira segundo Saul Martins, in Ad-
vinhas — Diário de Minas — B. H.
1952 :

725 - Que com gordura não presta e
sem gordura não se faz ?

Resp.: SABÃO

134 - Dente na cabeça,
boca na barriga
a tripa por fora ?

Resp.: VIOLA

Este enunciado colhido por Ma-
noel Ambrósio nas barrancas do São
Francisco, se divide em duas advinhas
distintas consignadas por Fausto Tei-
xeira, conforme coleta de terceiros em
pontos diferentes do território nacio-
nal, embora as respostas sejam as
mesmas.

A primeira de origem alagoana foi
inserida por José Maria Belo em sua
obra citada. É a de N.º 780 da relação
de F. T. :

Uma velha com os dentes na cabeça
e a boca na barriga :

Resp.: VIOLA

A segunda, de origem mineira, foi
consagrada por Saul Martins em seu
trabalho sobre Advinhas. É a de N.º
781 da obra de Fausto Teixeira :

Que tem as tripas fora do corpo :

Resp.: VIOLA

135 - Sem efeito

136 - Repetição da advinha de N.º 85

137 - Já fui carne, hoje não sou;
carne, estou com a boca aberta;
esperando carne.

Resp.: BOTINA

138 - Uma cousa só no mundo
e todo o mundo serve com ela ?

Resp.: O DIA

139 - Oito parafusos, quatro na lama,
dois na carne e um que abana.

Resp.: BOI

140 - Corpo de espinho,
corôa de espada.

Resp.: ANANAZ

141 - Riscada pelo folclorista.

142 - Idem

Um comento faz-se indispensável aqui, para demonstrar a importância de determinados detalhes na pesquisa folclórica.

Fausto Teixeira, procurou vincular a procedência das advinhas aos Estados brasileiros onde teriam sido colhidas. No trato das coisas do populário, é este critério via de regra desaconselhável. Em primeiro lugar porque nem sempre os Estados estão dentro de u'a mesma região cultural. A segunda razão apoia-se no fato de modernamente preocuparem-se os estudiosos de ciências sociais com as chamadas micro regiões, que obrigam aprofundarem-se cada vêz mais os conhecimentos acerca de um fenômeno social, nos seus limites de origem, de evolução e de vivência, sem prejuízo de seu inserimento no contexto micro regional.

E, quantas micro regiões existirão dentro de cada Estado e dentro dos mal traçados contornos das discutidas Regiões Culturais ?

No que concerne ao alento trabalho de Fausto Teixeira, é certo que não lhe cabe culpa pelas faltas de terceiros, que pecaram pelas generalizações e pela inobservância de critérios científicos.

Mas no caso particular de Minas Gerais, onde o próprio Fausto recolheu expressiva quantidade de advinhas, a simples vinculação destas ao imenso

Estado interiorano não seria bastante, principalmente a este trabalho que traz a lume enigmas populares colhidos nas barrancas mineiras do São Francisco. Sabe-se que Minas, por sua situação geográfica, é unidade típica de transição. E creio que nenhum Estado terá dentro de seus limites tantas zonas condicionais a fatores relevantes, de modo a permitirem seguras diferenciações entre elas. O barranqueiro é o oposto do mineiro do sul; o homem da zona da mata não se confunde com o triangulino, mercê das condições ecológicas, dos meios econômicos, das estruturas sociais quasi sempre geradas por estes.

Assim, dizer-se que tal fato foi colhido em Minas Gerais, não basta para identificá-lo e situá-lo num verdadeiro espaço sócio-geográfico.

No caso vertente, sabe-se que as advinhas recolhidas por Manoel Ambrósio, o foram na zona mineira do São Francisco. E as de Fausto Teixeira, onde teriam sido coletadas ?

Aí está a considerável lacuna que, de certo modo, empalideceu minha tentativa de cotejo. Este reparo, não poderia passar despercebido.

Para encerrar valem algumas considerações sobre Brasil Interior, a única obra com material folclórico que Manoel Ambrósio conseguiu levar ao prelo. Saiu a primeira e única edição em 1912, financiada por Nelson Benjamin Monção, professor e compadre do folclorista barranqueiro. O livro foi dividido em dois volumes, na realidade contidos num só. Ambos trazem em seu bojo matérias que o autor grupou sob o seguinte subtítulo :— "Palestras Populares — folk-lore das margens do São Francisco". No primeiro volume figuram as lendas sanfranciscanas, que embora vazadas em termos regionais, com o devido respeito à pronúncia barranqueira, encontram-se de certa forma literalizadas, aliás bem ao gosto da época. Em 1912 ainda não haviam surgido Amadeu Amaral e Mário de Andrade, homens que começaram a revolucionar os estudos de folclore no Brasil e, mestre Câmara Cascudo, a maior expressão do continente, era um garoto de quatorze anos. Naquela altura o material folclórico para ter saído, não vindo através da pena de no-

mes consagrados, tinha que vestir as roupagens do pitoresco, do insólito. A propósito vale aqui transcrever trecho de Edison Carneiro colhido na "Evolução dos Estudos de Folclore no Brasil", à pág. 49 do N.º 3 da Revista Brasileira de Folclore :

"depois da Proclamação da República, mercê das crises que se seguiram, a coleta de dados e a descrição de usos e costumes escapou das mãos dos folcloristas, passando, gradativamente para poetas e novelistas que eventualmente chegaram a criar uma literatura regional em especial onde as condições sociais eram mais particulares ou pitorescas, onde o gênero de vida era mais particular, onde a espoliação da terra e do homem havia criado tipos lendários ao mesmo tempo de heróis e de bandidos".

Através dessa maneira de ver e à luz da realidade contida em Brasil Interior, o exegeta de Manoel Ambrósio toma-lo-ia por um banal contador de estórias, quando a realidade é bem outra, já que o seu verdadeiro tesouro, dadas as condições do meio januarense e da época ficaram nas gavetas decênios após decênios. E quantos folcloristas brasileiros terão sido vítimas das mesmas dificuldades, das mesmas imposições do mercado e consequentemente mal interpretados por seus julgadores ?

Da coletânea de lendas inseridas por Manoel Ambrósio em sua obra, constam a da "Mãe d'Água", a do "Lobisomem", a da "Mula sem Cabeça", a do "Carro que canta" (carro de Maria da Cruz inconfidente de 1736 que canta no fundo d'água), a da "Serpente do Rio São Francisco", a do "Caboclo d'água, Rolão ou Bixo d'água", a da "Zelação — quando a estrela corre e desaparece além, é ela, é ela — e zelação — a serpente mãe do ouro vivo, encantado", a da "Caapora" — um caboclinho encantado habitando as selvas e como o bicho homem, tendo o pé redondo — de garrafa — cocho, com um olho no meio da testa, cavalgando sempre um porco selvagem, por silenciosas e remotas brenhas".

No segundo volume estão narrativas, peças de teatro matuto, até anedotas regionais. O livro termina com um glosário, hoje de valor inestimável,

pois nele estão fixados termos muito típicos das barrancas que fatalmente vão sucumbindo na voragem da telecomunicação.

Resta dizer que Manoel tinha a alma popular dentro de si. Não era o intelectual encastelado na sua sabença e sim o homem simples e acessível, amante do contáto com o povo, observador atento, espírito de elevada sagacidade. Gostava de compartilhar da alegria sã e descontraída dos humildes e, numa sociedade nivelada pelas mesmas vicissitudes e pela economia pobre e rotineira, foi ele um prócer sem baração e sem cutelo, usando apenas as armas da inteligência, da cultura, da compreensão e do amor. Em casa ou na sociedade foi sempre o mesmo homem. Os que privaram de sua intimidade jamais esqueceram seu temperamento jovial e festivo retemperado em cada festa junina, quando oferecia aos amigos imenso curimatã recheado e assado nas brasas da fogueira, acompanhado das frutas januarenses e dos violões tocados por ele e por sua irmã Maria Rosa.

Caeteté, 4 de dezembro de 1973.

GENERAL RAIMUNDO TELES ELEITO PARA O INSTITUTO DO CEARÁ

Registramos a merecida eleição do nosso estimado consócio, e grande embaixador do ICC na capital cearense, General Raimundo Teles Pinheiro, para o INSTITUTO DO CEARÁ, conspícuo instituição de intelectuais e historiadores do nosso Estado. É das mais sérias e atuantes do país, e o General Teles, tendo assento ali, vê reconhecidos os seus méritos invejáveis de cultor da nossa história e intelectual da melhor tradição. Nossos parabéns.

NOVOS GOVERNANTES BRASILEIROS

A 15 de Março de 1974 foram empossados na Presidência e Vice Presidência da República os eminentes brasileiros, generais Ernesto Geisel e Adalberto Pereira dos Santos, respectivamente. O ICC enviou telegrama de felicitações, augurando profícua administração.

BANCO INDUSTRIAL DO CARIRI S. A.

A SÓLIDA ORGANIZAÇÃO

BANCÁRIA QUE NASCEU

PARA SERVIR A REGIÃO

MATRIZ:

Juazeiro do Norte

RUA SANTA LUZIA

FILIAL:

CRATO

RUA BÁRBARA DE ALENCAR

THOMAZ OSTERNE DE ALENCAR S.A.

COMÉRCIO — INDÚSTRIA — AGRICULTURA

PARA AVIAMENTOS E PEQUENAS INDÚSTRIAS:

MOTORES YANMAR DIESEL

UMA ORGANIZAÇÃO TRADICIONAL NO CARIRI

MOTORES ELÉTRICOS GENERAL ELECTRIC

MOTO-BOMBAS MONTGOMERY E YANMAR

GELADEIRAS GENERAL ELECTRIC E CONSUL

LIQUIDIFICADORES ARNO E WALITA

RÁDIOS E RADIOFONES PHILCO, ABC, PHILLIPS

TELEVISORES EM GERAL — INCLUSIVE EM CORES

VARIADO MATERIAL ELÉTRICO

MATRIZ: RUA Dr. JOÃO PESSOA N.º 405 — FONE: 583

FILIAL: BARBARA DE ALENCAR N.º 796 — FONS: 584

ENDEREÇO TELEGRÁFICO: OSTERN

C R A T O

— 0 —

C E A R Á

Mal. Humberto de Alencar Castelo Branco

(S U B S Í D I O — H O M E N A G E M)

Gen. Div. RAIMUNDO TELES PINHEIRO

Nasceu aos 20 de setembro de 1900, na casa N.º 38 da atual Rua Solon Pinheiro, na cidade de Fortaleza, na qual, após a competente restauração, foi colocada uma placa de bronze, alusiva ao fato, aos 20 de setembro de 1972, em solenidade com a participação do Governador do Estado, Cel. R-1 Cesar Cals de Oliveira Filho, do Cmt. da 10ª Região Militar, Gen. Oscar Jansen Barroso, do Cap. de Mar e Guerra Paulo Viana Castelo Branco e Antonieta Castelo Branco Diniz, filhos do marechal), de outras autoridades civis e militares, e dos membros do "Grupo de Trabalho" designado para proceder a trasladação dos restos mortais do Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco e de sua esposa D. Argentina Castelo Branco do Rio para Fortaleza: Dr. Ernando Uchôa Lima, presidente do "Grupo" e orador da solenidade, Dr. Raimundo Girão, Gen. Raimundo Teles Pinheiro e Dr. Otávio Pontes, além de populares... E, ainda, às 15:20 do dia 29 de março de 1973, após oportunos, enaltecedores e brilhantes discursos do Secretário de Cultura Dr. Ernando Uchôa Lima e do Governador Cesar Cals de Oliveira Filho, com a presença de autoridades civis e militares, foi instalado solenemente o Conselho Estadual de Cultura

Filho do Gen. de Brigada Cândido Borges Castelo Branco, piauiense de Campo Maior, e de D. Antonieta de Alencar Castelo Branco, fortalezense de Messejana, fez o futuro Marechal Castelo os seus estudos iniciais no "Externato São Rafael", supervisionado pelo Colégio Imaculada Conceição de Fortaleza, e dirigido pela Irmã Inês (vivem ainda os seus colegas de classe Professor Mozart Solon e industrial Fernando Pinto), e o curso secundário no Colégio Militar de Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

Matriculou-se na Escola Militar do Realengo em 29 de janeiro de 1918, de onde saiu Aspirante a Oficial da Arma de Infantaria aos 18 de janeiro de 1921, indo servir no 12.º Regimento de Infantaria, em Belo Horizonte, onde, após promovido ao posto de 1.º Tenen-

te, contraiu núpcias com a nobre dama D. Argentina Viana Castelo Branco, filha do Comendador Artur Viana e D. Cherubina Martins Viana, havendo do ilustre casal os filhos já referidos: Paulo e Antonieta.

Foi sucessivamente promovido: a 2º Ten. em 11 de maio de 1921, a 1º Ten. em 31 de outubro de 1922, a Cap. em 22 de março de 1932, a Maj. por merecimento, em 03 de maio de 1938, a Ten. Cel. por merecimento, em 15 de abril de 1943, a Cel. por merecimento, em 25 de junho de 1945, a Gen. de Brigada em 02 de agosto de 1952, a Gen. de Divisão em 25 de agosto de 1958, a Gen. de Exército em 25 de julho de 1962, a Marechal na Reserva de 1ª Classe em 14 de abril de 1964, em virtude de ter ascendido à Presidência da República, por eleição indireta do Congresso Nacional, nos termos do Ato Institucional baixado pelo Alto Comando da Revolução, de primeiro de abril.

Cursou a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, a Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (sendo classificado em primeiro lugar), a Escola Superior de Guerra da França, a Escola de Comando e Estado-Maior dos Estados Unidos, sendo diplomado, também, pela Escola Superior de Guerra do Brasil. Era sócio efetivo do Instituto Brasileiro de História Militar, Correspondente do Instituto do Ceará, "Doutor Honoris Causa" da Universidade Federal do Ceará e da Faculdade de Filosofia do Crato, justo prêmio ao mérito da sua cultura multiforme.

Foi instrutor, várias vezes, da Escola Militar do Realengo, além de ter exercido, sucessivamente, os cargos de Instrutor, Diretor de Ensino e Comandante da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (Em ambas tivemos a ventura de colher os seus preciosos ensinamentos, em 1932 e, depois, de 1946 a 1948).

Com a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, integrou, no posto de Ten. Cel., o Primeiro Escalão da FEB, exercendo as funções de Chefe da Seção de Operações do

seu Estado-Maior, e o fez de maneira a merecer encomiásticas citações dos Comandos do V Exército, Generais Criteberg e Mark Clarck, e do seu eminente Comandante, então Gen. de Div. João Batista Mascarenhas de Moraes.

Possuía as seguintes condecorações: Medalha Militar de 40 anos de bons serviços, Cruz de Combate de Primeira Classe, de Guerra, de Campanha, de Grande Oficial das Ordens do Mérito Militar, Naval e Aeronáutico; Medalha de Guerra dos Estados Unidos da América, da Inglaterra e da Argélia; Comendador da Legião de Honra da França, São Bento de Aviz de Portugal, Coroa da Itália e Mérito do Paraguai. E mais: Cruz de Guerra com Palma, Medalha de Reconhecimento, Estrela de Bronze dos Estados Unidos da América, etc.

Nos postos sucessivos de General, exerceu as seguintes principais funções: Comandante da 10ª Região Militar (quando exercemos a função de chefe do Serviço Militar e da 1ª Seção do seu Estado-Maior) (1); Sub-Chefe das Forças Armadas, Comandante da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército; Comandante da 8ª Região Militar e Guarnição da Amazônia, com sede em Belém, Pará; Diretor Geral do Ensino do Exército, no Rio (quando, por ele fomos indicado e nomeado comandante, sucessivamente, da Escola Preparatória de Cadetes e do atual Colégio Militar de Fortaleza, que tivemos a suprema honra de instalar e dirigir, com dedicada resolução e grande carinho, durante dois anos e seis meses); Comandante do IV Exército, com sede em Recife, e, finalmente, Chefe do Estado-Maior do Exército, de onde saiu com o posto de Marechal da Reserva, a 15 de Abril de 1964, para dirigir, como Estadista de escol, na Presidência da República Federativa do Brasil, os seus destinos, no mais crítico e caótico período da sua história Republicana, e desbravar, com indomável energia e oportuníssima honestidade e sabedoria, os caminhos

cruciantes da secular floresta de obstáculos fabulosos, por forma a permitir a paz, a segurança, o desenvolvimento e o bem-estar que, com a graça de Deus e a sua coragem, para alguns impopular, hoje desfrutamos num revolto mundo conturbado pela angústia, pela violência, o sangue e cataratas de sentidas lágrimas

Após transferir o Governo ao seu sucessor, Marechal Artur da Costa e Silva, ao 15 de março de 1967, fez uma viagem a Portugal a 24 de maio, atendendo a convite do seu Governo, e a Paris, como convidado do nosso Embaixador Bilac Pinto. (2)

De regresso, realizou uma viagem para matar saudades do seu querido Ceará, dos seus amigos e familiares cearenses, que estimava com eufórica e sadia camaradagem, e manifesta espontânea felicidade (Uma noite, jantando no Palácio das Laranjeiras, no decorrer de agradável palestra exclusivamente sobre Ceará e Cearenses, perguntou-nos: "Onde pretende fixar residência quando deixar o serviço ativo do Exército?" "Respondemos que, provavelmente, em Fortaleza". E ele arrematou rindo: "Quando me libertar da Presidência, onde não permanecerei um segundo além do período fixado, não poderei gozar da sua felicidade; mas asseguro que estarei, durante muitas vezes por ano, comendo aquelas boas peixadas do "Iate" com os casais amigos(...) e tomando cafésinho na Praça do Ferreira, como fazíamos às tardes das quintas-feiras de 1953/54, no Abrigo Central, com você, o Santabaia, o Murilo, o Vilar, o Amarante e todos aqueles ótimos auxiliares que não esqueço e, por vezes, o Vice Stênio Gomes e o Cacique do Crato Filemon")...

Na manhã de 15 de julho de 1967, em companhia do Gen. Raimundo Gomes Alves, no "San Pedro Hotel", palestramos alegremente algum tempo, e o fizemos novamente durante maior tempo e maior eufórica alegria, na

NOTAS — (1) — O Gen. Castelo transmitiu o comando da 10ª Região Militar ao Cel. Arnould Antunes Maciel em 21 de maio, e embarcou para o Rio, num "Constellation" da PANAIR, às 10:30 de 23 de maio, tudo de 1954. Foi nomeado seu substituto, no comando efetivo da Região, o Gen. Bda. Emillo Maurell Filho (Gen. R. T. P.)

(2) — O Presidente Castelo Branco, de 15 de abril de 1964 a 15 de março de 1967, voou 974,35 horas, 413.117 quilômetros, fez 121 visitas aos Estados, passou 416 dias em Brasília, 490 no Rio e 158 nos Estados; concedeu 3.221 audiências e despachos com seus Ministros, 5.368 audiências com autoridades diversas, diplomatas, dirigentes de empresas, delegações, etc., e 617 reuniões: Ministerial, Conselho de Segurança Nacional, Alto Comando das Forças Armadas, Ministros de Estado e Parlamentares ("Castello Branco, Revolução e Democracia", de José Wamberto).

manhã de 16, por ocasião de almoço íntimo na residência do casal Elza - Dr. Otávio Pontes, com a participação, entre outros, dos casais Gen. Dilermando Gomes Monteiro, Gen. Murilo Borges Moreira, Comandantes da Base Aérea e da Escola de Aprendizes Marinheiros, quando foram tomadas as providências necessárias à sua viagem de "trolei-motor" à fazenda NÃO ME DEIXES, da sua amiga e admiradora Rachel de Queiroz, na manhã da segunda-feira seguinte. Ao despedir-se, já no automóvel, por volta das 15:00 horas, perguntou-nos onde poderia pernoitar, ao que respondemos: "na Casa de Repouso São José, na Serra de Santo Estevão". E ele rindo: "Lá, lerei seu "Aspectos Políticos da Guerra do Paraguai" e, de volta, comentarei".

E foi o nosso último diálogo com o grande chefe com quem cooperamos em inúmeras missões e insigne Mestre no Realengo e na Praia Vermelha, e constituiu-se modelo indelével para a nossa correta conduta profissional, pública e social. A sua indiscutível honradez, seus destacados méritos culturais e profissionais, sua grandeza de coração, sua proverbial euforia no convívio com os amigos, sempre foram reconhecidos. Seu grande poder de liderança, sua estatura como dos maiores Estadistas do Brasil, já estão sendo reconhecidos e proclamados, e, rapidamente, mostraremos adiante...

Depois... a hecatombe das 09:30 do dia 18 de julho de 1967, quando do seu regresso de Quixadá no avião Piper Aztec do Governo do Estado, matrícula PP-ETT, que se chocou com o jato T-33 do 1º/G. Av., que se encontrava em formação com outras aeronaves em exercício, e, em consequência a sua trágica morte e dos seus companheiros de viagem (Cândido de Alencar Castelo Branco, Maj. Art. Manuel Nepomuceno de Assis e Alba de Mesquita Frota, além do piloto Francisco Celso Tinoco Chagas).

Vimos, violentamente emocionado e transido de dor, o seu corpo desarticulado, quando da necessária autópsia no Hospital Militar de Fortaleza; desfilamos tristonho, aniquilado, frente ao seu corpo inerte, juntamente com o nosso povo, acabrunhado, na sua sentida homenagem ao grande cearense, durante o velório no salão nobre do Palácio da Luz; assistimos, contristado, o embarque do ataúde com os despojos daquele grande amigo, que, no almoço da manhã de 16 citado, havia combinado achar-se aqui para maior permanência em agosto ou setembro, por forma a poder visitar conosco, além do "nosso Crato", a cidade de

Exu, origem dos Alencar no Brasil, e que não o pudera fazer, na sua estada, como Cmt., da 10ª Região Militar, nas comemorações do primeiro centenário da elevação do Crato à categoria de cidade, em 16/17 de outubro de 1953; e não o pudera, ainda, quando da sua estada como Presidente da República, nas comemorações do bi-centenário da criação da Vila Real do Crato, em 21 de junho de 1964.

Depois... a participação, com muita honra, do "Grupo de Trabalho" que elaborou a programação da transladação dos seus e dos despojos de sua nobre esposa do Rio para Fortaleza, e das cerimônias altamente consagradas dos dias 17 e 18 de julho de 1972, quando, após visitação pública na Igreja do Pequeno Grande, vieram aludidos venerandos despojos repousar no grandioso Mausoleu, situado a 150 metros da nossa residência, com as ilustres presenças dos Exmos. Srs. Presidentes da República, Governador e demais autoridades Estaduais, Ministros, Parlamentares, Marechais, Generais da Ativa e da Reserva, demais autoridades militares, civis e eclesásticas, seus companheiros ex-combatentes da FEB e povo da sua querida Fortaleza.

Depois... a participação direta das posteriores homenagens, nas cerimônias da aposição de placas comemorativas, a 19 e 20 de setembro de 1972, no apartamento Nº 18, da Casa de Repouso São José, em Santo Estevão, Quixadá, onde o ilustre cearense pernoitou a última noite de sua vida terrena, e na casa Nº 38 da atual rua Solon Pinheiro; e, por fim, na instalação, na mesma casa desapropriada e completamente restaurada, do Conselho Estadual de Cultura, às 15:20 horas do dia 29 de março de 1973, antes aludidas...

E, embora já perlustrando o compartimento dos 65 marços, quando imperativamente se nos deparam problemas a equacionar e resolver, quando nos surgem dúvidas e angústias, recorremos a Deus, à nossa consciência, aos ensinamentos do insigne mestre e ao estímulo da sua carinhosa correspondência (Exemplos: "Rio, 8 de junho de 1954. Meu caro amigo Telles, Estou aqui mais para agradecer do que para lhe dar notícias. Desde minha chegada que não me canso de bem considerar a camaradagem do meio Militar da 10ª R. M., não só no apreço à minha pessoa, como também nas gentilezas feitas à Argentina. E você e sua senhora muito fizeram para que tivéssemos tanta consideração. O casal nunca variou, sempre o mesmo no trato e nas atitudes. Desde o Rio, antes de 1952. Em 1953, então, nos ligamos mais pelo trabalho e pela boa

visinhança. E no Crato? Ai, vimos e sentimos, no casal, a fidalguia da gente daquela terra. Por tudo isso meu velho amigo Telles, muito obrigado. E a melhor maneira de lhe expressar meus agradecimentos é lhe dizer o meu propósito de conservarmos a amizade do casal... E aceita um apertado abraço de seu amigo e camarada obrigado H. Castello Branco"; outro: "Meu caro Telles. Quando eu escrevi este discurso, muito me lembrei da equipe de estado-maior que tanto me ajudou na 10ª R. M. com as suas qualidades bem positivas. E destaque, nessa equipe a sua pessoa, o auxiliar sério, operoso e eficiente, além disso, o bom amigo. Um apertado abraço do seu velho camarada Castello. Em 24-VI-1955"; outro: "Rio, 14 de agosto de 1962. Meu caro Telles. Estou em falta com você e bem grande. Já deixei a D. G. E., a 9 do corrente, estando agora à espera de classificação. Até agora de nada fui informado, nem perguntado. Envio-lhe o elogio que, com muita honra, fiz ao ilustre amigo Cmt. do CMF. Nossas recomendações à Dona Valdelice. Um abraço muito amigo do seu velho camarada H. Castello Branco"; outro: "Guanabara, 5 de Março de 1964. Meu caro Telles. Muito reconhecido a seus préstimos durante a minha estada em Fortaleza. A amizade velha é como agardente do Crato. Minhas melhores recomendações à Valdelice. Um abraço amigo do Castello"; e mais um: "De Palácio do Planalto Brasília D. F., 21 de Março de 1966. Cel. Raimundo Telles. Estado Maior do Exército. Min. Guerra — Rio — G. B. Recebi folheto referente minha visita nosso Crato pt Agradeço fidalguia et estima apresentação feita velho camarada amigo pt Marechal Castello Branco — Pres. da Rep.").

Este, o insigne mestre e doutrinador militar que nos instruiu na Escola Militar de Realengo e na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército; este o grande chefe militar a quem prestamos a possível eficiente cooperação na Chefia do Serviço Militar e na 1ª Seção do seu Estado-Maior Geral na 10ª Região Militar, e nos comandos sucessivos, da Escola Preparatória de Cadetes e do Colégio Militar de Fortaleza, sob sua chefia na DGE; este o grande amigo de coração adamantino, sempre aberto aos íntimos. (Quando do nosso comando no Colégio Militar, era seu chefe de Gabinete o companheiro e distinto amigo Tácito Teófilo G. Oliveira, então Cel.).

E que dizer do grande Estadista? Proclamemos a conselhação da História: "...aos 11 de abril de 1964, o Marechal Humberto de

Alencar Castelo Branco, um dos mais brilhantes e notáveis chefes do exército brasileiro, figura tradicional por sua atuação na Força Expedicionária, e nas mais elevadas funções militares, foi eleito Presidente da República, recebendo o pesadíssimo encargo de restabelecer a ordem em todos os setores da vida nacional, que um regime irresponsável abalara brutalmente.

Castelo Branco, enérgico e prudente, iniciou um governo de saneamento e reconstrução, procurando extirpar as falhas em suas raízes, revitalizar o organismo do País e restaurar o seu prestígio internacional. Organizou um ministério com figuras das mais competentes e notáveis. Adotou corajosas medidas de contenção da inflação e promoveu inúmeras iniciativas de desenvolvimento. Enfrentou sérias crises, naturais em um ambiente revolucionário, onde as sensibilidade afloram no intuito patriótico das funções idealistas. A gestão Castelo Branco restaurou a autoridade moral do Presidente da República do Brasil. Infundiu a confiança do povo e elevou o conceito de nosso País no exterior. A figura desse Marechal, que em função de Estadista revelou-se indiscutível, honrou o Exército, ao mostrar a sua cultura, o seu patriotismo e a sua coragem. Como desejava, em 15 de março de 1967, entregou a faixa presidencial ao Marechal Costa e Silva, eleito seu sucessor. Retirou-se modestamente para sua vida particular, vindo a falecer, pouco mais tarde, em consequência de lamentável acidente aéreo. Tributo-lhe a Nação, que tanto lhe devia, as mais sentidas homenagens". ("História do Exército Brasileiro", Edição do Estado Maior do Exército, 1972).

Para concluir: Este desprezioso subsídio é uma pálida homenagem do "vaqueiro do Crato", agora também, de acordo com a lei n.º 4057, de 29 de setembro de 1972, e Diploma solenemente entregue aos 02 de março de 1973, "vaqueiro de Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção". É uma grata imposição do conceito que cultuamos com unção religiosa: Enaltecer e Venerar os eminentes vultos do passado. Notadamente os que nos guiaram pelos caminhos da HONRA, da DIGNIDADE e do DEVER, da JUSTIÇA, do CIVISMO e do PATRIOTISMO...

(Mini-biografia dedicada ao Centro de Preparação de Oficiais da Reserva de Fortaleza).

Fortaleza, 24 de maio de 1973.

Gen. RAIMUNDO TELES PINHEIRO

Aliança de Ouro S.A.

INDÚSTRIA E COMÉRCIO

MATRIZ: RUA SÃO PEDRO, 379 — FONES: 340 e 539

TELEGRAMA: "ALIANÇA" — CX POSTAL, 17

JUAZEIRO DO NORTE — CEARÁ

Distribuidora da:

CIA. SIDERÚRGICA NACIONAL

Chapas prêtas e galvanizadas

Distribuidora da:

CIA. GOODYEAR DO BRASIL

Correias Industriais e Mangueiras

AGENTES EXCLUSIVOS OLIVETTI

E mais:

CASA ROSADA

ARMAZÉM FELJÓ

CASA SAMPAIO: Tecidos e Confecções

Agência Crato:

RUA Dr. JOÃO PESSOA N.º 246

AGENTE EXCLUSIVO OLIVETTI

MATERIAL PARA CONSTRUÇÃO

Organização Técnica Contábil e Comercial Ltda.

Auditorias e Planejamentos
de Empresas em Geral

Assistência Administrativa e
Contábil a Prefeituras Mu-
nicípios

Planos de Aplicação e Pres-
tação de contas

Assistência Técnica Contábil

Execução de Serviços Con-
tábeis Mecanizados Manuais

Constituições de Empresas

Defesas Fiscais Trabalhistas
Previdenciárias

RUA SENADOR POMPEU, 274

Telefone: 513 - Telegrama: "ORTEC"

Crato

—

Ceará

O Crato há 50 anos

ANTONIO DE ALENCAR ARARIPE

Há cincoenta anos, exatamente, estava chegando, pela primeira vez, à cidade de Crato. Era 14 de julho de 1920. Nomeado, por ato de 31 de maio de 1920, do Ministro da Agricultura, Indústria e Comércio, Simões Lopes, expedido em virtude de indicação do Delegado Geral do Recenseamento no Estado, o engenheiro Hermano de Vasconcelos Bittencourt Júnior, Delegado da 6ª Secção, que tinha por sede a Princesa do Cariri, a 19 de junho, do mesmo ano, perante o delegado fiscal Mário Linhares, prestei o devido compromisso, no dia 17, viajei, por via férrea para Lavras, onde então residia minha família com o fito de ali aguardar a ordem de ir assumir o exercício da função.

Recebida tal ordem, às quatorze e meia horas do dia 9 de julho iniciei a cavalo o percurso da estrada para o Crato, via Aurora, onde pernotei em casa de meu irmão Cícero, convidado para secretariar-me.

O dia seguinte, 10.7.1920, utilizei-o para vencer a etapa Aurora-ingazeira, de onde, após o pernoite, prossegui para Missão Velha, ponto de descanso, e, à tarde, para Juazeiro, que me acolheu em sua única casa de hospedagem então existente, a chamada Pensão Olegária.

Foi a este tempo que se iniciou meu conhecimento pessoal com o padre Cícero. Ciente este da minha presença na cidade e da função que vinha exercer no Cariri, apressou-se em visitar-me, acompanhado do Delegado de Polícia (Manoel Calixto de Lira, ou Manoel Ternóteo, era um desses famarazes locais nas lutas armadas) e de numeroso séquito de romeiros.

Guardo dêsse primeiro contacto com o patriarca juazeirense a lembrança do cordial tratamento que me dispensou, e do fato, por êle referido, de meu pai lhe ter assistido à ordenação, e de ser hóspede, quando seminarista em Fortaleza, do Cônego José Ferreira Lima Sucupira, sacerdote com cuja neta, a prima Matilde Umbelina de Araripe Sucupira, havida de justas núpcias, aquê se casara pela primeira vez.

Chefe da edilidade local, o padre Cícero comigo desde logo acertou as providências sobre a instalação da Comissão Censitária

Municipal, que por lei lhe cabia presidir, e a divulgação de apêlo aos romeiros para que prestassem de boa vontade os dados necessários exigidos pelos recenseadores.

Na tarde de 14 de julho, encetei o percurso da etapa restante da jornada para o Crato, onde às vinte horas me inscrevi como um dos hospedes da Pensão Avenida, de Alfredo Gonçalves. Surpreendeu-me ao vencer êsse último trecho da viagem, o fato de ter verificado que o leito da estrada era constituído de terreno quase sempre firme e às vêzes acidentado, quando antes ouvira referir constar o mesmo de planície arenosa. Acontecera ter errado o caminho, deixando à esquerda a via certo para aquela cidade, encaminhando-me, à direita, pela que bota para o sítio "Pau Sêco", o tradicional solar da heroína Dona Bárbara.

Para efeito da realização do recenseamento, o Ceará fôra dividido em onze secções, ou delegacias, uma delas a 6ª, confiada à minha direção, e as demais aos Drs. Carioto Fernandes Távora 11ª, padre Leopoldo Fernandes 7ª, e Srs. Vicente Carneiro 4ª, Manoel de Castro Paiva 2ª, Laudelino Benigno 9ª, Sindulfo Chaves 10ª e Josino Firmeza 5ª.

Minha jurisdição administrativa abrangia os municípios de Crato (sede), Juazeiro, Missão Velha, Barbalha, São Pedro do Cariri, Quixerá e Santana do Cariri, onde desde logo providenciei, a 17, 24 e 25 de julho, e a 7 e 10 de agosto, sôbre a organização das Comissões Censitárias, presididas pelo prefeito local e integradas por autoridades civis e pessoas gradas, e a designação dos agentes recenseadores.

A tôdas as localidades acima nomeadas por vêzes da sede me levou o transporte-animal, único existente no meio naquela época.

Tive a grata sorte de afinal levar a bom têrmo, na secção em aprêço, os serviços do censo de 1920, que me valeram menção honrosa da parte dos superiores hierárquicos. Cabe-me registrar o fato de haver correspondido plenamente aos meus anseios de fixar-me no Cariri a designação para no mesmo exercer, mui jovem ainda, relevante função. Atraíam-me irresistivelmente para aquêlê setor do Estado, tanto a idéia de que ali se si-

tuava uma das áreas de maiores possibilidades sociais e econômicas do Nordeste, como os vínculos e tradições de família, que a ela tanto me prenderam. Minha trisavó, por via Paterna, Bárbara Pereira de Alencar, se bem que não tenha nascido no Ceará, cêdo estabeleceu-se no município de Crato, onde constituiu família e ali vieram à luz da vida seus descendentes, entre os quais figuram meu bisavô Tristão, o mártir de Santa Rosa, e meu avô Pedro Jaime de Alencar Araripe, companheiro do tio Senador Alencar na fuga para o São Francisco, em 1824, a quem escrevia, a 16 de junho de 1832, de Campo Maior (Quixeramobim), para onde se expatriára, narrando-lhe "as circunstâncias e vexações" por que passava a família, vítima dos "tristes acontecimentos do Cariri, nossa infeliz pátria", e noticiando-lhe o fato de "minha avó" (dona Bárbara) ter conseguido evadir-se "para as partes do Piauí" ("Anais da Biblioteca Nacional", v. 86, ps. 411/412).

Conforme consta da publicação em apreço da correspondência passiva do senador Alencar, à página 279, Pedro Jaime, com o falecimento de dona Bárbara, foi um dos herdeiros a que se uniu Neutel, também filho de Tristão — reza carta de João Franklin de Lima, de 3.6.1833 — "para juntos irem tratar de tal negócio" (o inventário).

Os movimentos revolucionários de 17 e 24, em cuja vanguarda estiveram os Alencares, as atrozes perseguições e amarguras de que foram vítimas membros da família, alguns deles brutalmente imolados, como Tristão Gonçalves, Leonel, o capitão-comandante de Jardim, Antônio Geraldo e João Pereira de Carvalho, tôda a epopéia de bravura e sofrimento vivida por meus ancestrais e ressoante da crônica da região, sem dúvida por si representa ponderável motivo para que à mesma sempre me sentisse profundamente vinculado.

Estabelecido definitivamente no sul do Estado, enquanto me esforçava para dar fiel cumprimento às atribuições do cargo, cujo exercício me fôra cometido, habilitava-me, pelo conhecimento da população e análise das respectivas atividades, para delas participar como profissional do Fôro e, ao mesmo tempo, iniciante militante nos quadros da vida partidária.

Não sendo, cinquenta e dois anos atrás, graduado em Direito, vali-me, em 1918, do dispositivo legal então vigorante, que assegurava a pessoa em tal condição o exercício da advocacia, uma vez que fôsse aprovada em exame escrito e oral realizado perante banca examinadora nomeada e presidida pelo

presidente do supremo órgão do Poder Judiciário estadual, o Tribunal da Relação. Realmente, submetido com êxito a tal prova de habilitação perante os desembargadores Francisco Antônio de Oliveira Praxedes e Sabino do Monte, presidente do Tribunal, e Procurador Geral do Estado, e os examinadores Drs. Antonino Fontenele e Alfredo de Oliveira Polari, foi-me concedida, com a data de 7.1.º 1918, Provisão "para que possa", consoante os termos do respectivo ato, "por um ano exercer a profissão de Advogado nas Comarcas de Lavras, Icó, Iguatu, Crato, Jardim, Senador Pompeu, Quixeramobim, Tauá, Assaré, Jaguaribe, Quixadá e Fortaleza".

A 8 de março de 1919, por igual período, renovou-se dita Provisão, cuja área de vigência se estendia, também, às comarcas de Pacatuba, Baturité e Crateús. A 2 de julho de 1920, quando já estava na presidência do Tribunal o desembargador João Firmino Dantas Ribeiro, nova concessão legal, agora para o exercício por dois anos, me foi concedida. Seguiram-se a êsse ato as Provisões, pelo período de dois anos, cada, de 13 de julho de 1922 e de 7 de novembro de 1924, nas quais estão abrangidas, entre outras, as comarcas de Barbalha e Milagres, e, na última, a de Juazeiro.

Encerrou-se aí o ciclo de oito anos de minha vida como rábula, devido a ter-me bacharelado em Direito, na Faculdade do Ceará, com a turma comemorativa do Centenário dos Jurídicos a 11 de agosto de 1927.

Pertenço, por via paterna, à família que conta, entre os seus ancestrais, grande número de membros dedicados às atividades do Fôro. Meu pai iniciou-se nesse setor como escrevente de cartório em sua terra natal (Quixeramobim), e foi serventuário de justiça de Pereiro, a contar do dia nove de setembro de 1873, até quase o fim do século passado, quando, por igual ou maior período, dispondo de provisão de advogado, passou a servir ao Ministério Público nas comarcas de Senador Pompeu, Tauá, Jaguaribe, Icó, Lavras e Jardim. Consagrou, assim, mais de meio século da existência, às lides do Fôro! Seus irmãos, Pedro e Antonio Jaime, deputados provinciais, militavam no magistério oficial e dispunham, também, de provisão para advogar.

Meu avô paterno, Pedro Jaime, exerceu temporariamente funções judiciais em Quixeramobim, onde se dedicava ao notariado seu sógros José Joaquim da Silva Lôbo, e advogava filho dêste, o deputado provincial e bacharel em Coimbra, Canuto Lôbo. Jurista

consagrado foi meu tio-avô, conselheiro Tristão de Alencar Araripe, que, como Presidente da Assembléa Provincial, Deputado Geral, Ministro de Estado e do Supremo Tribunal Federal, serviu, em altos postos, aos três poderes do regime político do País.

Afirma-se que, por força da lei do atavismo, cada um está sujeito a herdar certos caracteres dos ascendentes remotos. Não é estranhável, portanto, que, com dedicação e entusiasmo por mais de meio século, me tenha consagrado aos estudos jurídicos e trabalhos forenses. A carreira de advogado iniciiei-a nas comarcas de Lavras e Icó, principalmente nos termos de Aurora e Várzea Alegre. Foi nesse que se realizou minha estréia na tribuna judiciária, quando defendi, com relativo sucesso para o acusado, certo homicida submetido a julgamento do Tribunal Popular.

No Icó, em outubro de 1920, já se registrava minha primeira vitória no fóro cível, em demanda movida contra o constituinte Bertoldo Nogueira. Fui para o Cariri quando já estava me familiarizando com a prática e a aplicação das leis, a que por tanto tempo assistira meu pai se devotar.

Vendo-me procurar seguir-lhe os mesmos passos da carreira de rábula a graduado em Direito, advertiu-me, certa vez, o professor Eduardo Girão que, como êle, estava indo da prática para a teoria. A diferença existente entre as nossas trajetórias consistia no fato de haver-me submetido a exames em segunda época e, assim, deixado de abeberar-me das lições dos doutos mestres da Salamanca estadual.

Infelizmente pela falta de frequência só contei com os mestres mudos, os livros, para a conquista, na turma, por força das boas notas obtidas, de uma das primeiras classificações, e para a elaboração de trabalhos jurídicos, alguns, divulgados em memórias, outros inseridos em publicações jurídicas do vulto da "Revista de Direito", de Bento de Faria, da "Revista Forense", de "O Direito", e do "Ceará Judiciário".

Nas dezenas de anos de advocacia, nos auditórios de comarcas dêste e dos Estados vizinhos (Pio Nono, Fronteiras, Picos e Valença, no Piauí; Exu, Bodocó e Ouricuri, em Pernambuco), consegui credenciar-me à confiança de avultada clientela.

O apêgo ao estudo das questões confiadas ao meu patrocínio, que então me fêz dispôr de uma das mais completas bibliotecas especializadas existentes entre nós, e o especial interesse com que cuidava, sem poupar

dedicação e sacrifícios, da defesa dos direitos dos constituintes conduziram-me à conquista, devo dizê-lo, modestia à parte, de incontestável renome profissional. Entre outros documentos comprovantes dessa assertiva, que adiante serão invocados, cabe-me, desde logo, trazer à baila os testemunhos de autoridades judiciárias do mais alto conceito no Estado.

Atestou-me o desembargador Silva Moura, presidente do Tribunal de Justiça, em petição protocolada sob o N.º 163, a 24.11.34, "gosar de ótima reputação, exercendo com inteligência, todo critério e demonstrado zelo à profissão de advogado".

A seu turno, afirmou, a 16 do mesmo mês e ano, o Dr. Hermes Paraíba, o grande juiz que durante tantos anos estêve à frente dos destinos da Comarca do Crato: "Atesto que o requerente gosa de reputação ilibada e se tem conduzido no exercício da advocacia com a máxima correção".

Funcionei no primeiro processo de falência da firma Lima Medeiros & Cia., instaurado na região, e tive sob meu patrocínio a responsabilidade da defesa de acusados em processos criminais de grande repercussão no interior do Estado: a morte de Paulo Brasil, em Iguatu, e a do cel. Felinto Cruz, em Santana do Cariri.

Inscrito na Ordem dos Advogados, secção do Ceará, a 15 de maio de 1933, Carteira N.º 164, registro 2 (vide o edital com o quadro do Fóro do Estado, inserto em "O POVO" de 11.1.1933), participei ativamente da vida forense do Crato, no período em que aquela cidade era nomeada, por vultos em destaque do nosso supremo cenário da Justiça, como sede da comarca cearense onde melhor se processavam os feitos.

Pôs em destaque o jurisconsulto e Ministro do Supremo Tribunal Philadelpho de Azevedo, ao emitir voto no Recurso Extraordinário N.º 5.414/1942, relativo à demanda que patrocinei no Fóro de Jardim, minha "grande acuidade profissional e perfeito conhecimento das lêtras jurídicas em tão afastado rincão".

O professor de direito e emérito doutrinador Odilon de Andrade, pronunciando-se a propósito do memorial "Da Cobrança de Título Sem Causa em Ação Prescrita", com 102 páginas, afirma ter eu demonstrado "de modo completo e exaustivo a tese da prescrição", usando "em tôdas as outras partes argumentação de grande vigor e de incontestável justiça". E conclui: "Sem desfazer em seu Crato, penso que o senhor é um profissional que merecia o Rio, ou outro fóro de primeira ordem". ("O POVO", de 9.6.1942).

O notável orador do fôro criminal do Rio e publicista especializado, Evaristo de Moraes, acusando a leitura do trabalho "A Morte de Paulo Brasil", declara tratar-se de "uma defesa completa, revelando não só conhecimentos jurídicos pouco comuns, como enorme dedicação à causa de seus constituintes", e acrescenta: "Sinceramente, lhe digo que causa admiração encontrar-se no interior do País um advogado tão aparelhado, não só com o conhecimento de bons autores, como com o da jurisprudência dos Tribunais". O desembargador Abner Vasconcelos, em carta de 20.6.28, comunicou-me ter lido esse juízo crítico, achando que o mesmo "vale pela mais valorizada das opiniões".

Divulgando-o pela "Gazeta de Notícias", de que era diretor, o jurista Antônio Drumond qualificou-me de "advogado matuto de mais saber do que muito advogado pracionano".

No "deputado matuto" do Ceará, Carlos Lacerda, conforme divulgou na "Tribuna da Imprensa" e pelo rádio, ao tempo do rumorosíssimo inquérito sobre o protecionismo oficial ao jornal "Última Hora", jamais julgou poder encontrar um "grande advogado".

Sobre o aludido trabalho forense, produzido em ruído processo criminal o emérito Clóvis Beviláqua, a 21.5.28, escreveu-me enviando felicitações pela "inteligência revelada no dirigir a defesa e pelos sólidos conhecimentos de Direito Penal, de que se colhem provadas a cada página".

Tendo publicado mais quatro memoriais forenses sobre matéria criminal ("Da Prova no Mandato Criminal", "A Rixa de Santanópolis", "Delito Contra a Honra" e "Caso Típico de Habeas Corpus"), e mais de uma dezena concernentes a questões cíveis, a propósito dos mesmos conservo em meus arquivos honrosas manifestações de juristas de todos os matizes.

Entre as manifestações de tal natureza aqui está a que consta de carta datada de 3 de setembro de 1937, escrita pelo renomado civilista J. M. de Carvalho Santos: "Tenho a satisfação de acusar o recebimento do magnífico memorial de sua autoria sobre a questão de "Abalo de Crédito" que poucas vezes tenho visto tão bem versada. Expresso-lhe minha admiração pelo seu trabalho de jurista, que cada dia se afirma de maneira mais brilhante".

Distingui-me o desembargador Manoel Carlos de Figueiredo Ferraz, preclaro magistrado componente do Tribunal de Justiça de S. Paulo, ao acusar, a 15.7.41, o recebimento do memorial — "Dos Efeitos da Coisa

Julgada na Imissão de Posse" — com a afirmativa de tratar-se de "trabalho realmente bem feito que por seu valor honra as tradições de inteligência e cultura do foro do Ceará".

Por sua vez o consagrado jurisperito desembargador A. E. Magarinos Torres, da Corte de Justiça do Rio, agradecendo-me, a 19.8.39, a oferta de dois exemplares de memórias forenses, felicitou-me "pelo brilho e erudição" dos mesmos.

O professor Olavo Oliveira, respondendo-me a certa indagação sobre assunto de que era incontestavelmente especialista de truz, declarou-me em carta de 2 de fevereiro de 1933: "Tendo-o, como o tenho, como mestre de Direito — no que não lhe faço favor — muito me desvaneco a sua consulta. Vai sair a revista do Instituto. Honre-a com a sua douda colaboração".

O Memorial "O Juiz dos Doutos sobre a Apelação Civil, entre partes M. Gomes de Sá e Frota Gentil S. A.", contém semelhantes pronunciamentos feitos, no que toca à demanda da mais alta importância agitada no Fôro de Crato, por Clóvis, Valdemar Ferreira, Numa Paula Vale, Adroaldo Costa, desembargador Melo Guimarães e outros luminares da jurisprudência.

Cabe-me declarar, a tantas linhas do presente o oportuno relato, que esses autorizados pronunciamentos, atribuindo-me pretensa capacidade profissional, não os divulgo por deles me julgar merecedor, ou para satisfazer à exigência de vaidade, incompreensível à altura do avanço de minha existência. Se recorro a esses generosos conceitos espontaneamente emitidos sobre as minhas habilitações como obscuro autodidata do interior do Estado, que, ao vivo, dia a dia, durante mais de meio século consagrou-se ao estudo e à aplicação do Direito, somente o faço para dar colorido indispensável ao respectivo histórico.

Foi na atual Lavras da Mangabeira que tive a primeira oportunidade de habilitar-me ao exercício do direito político do voto. Perthenço ao colégio eleitoral de Crato, a contar de 1920.

A acentuada vocação para a vida pública, que com fervor acalentou desde a juventude, impelia-me para os prêmios eleitorais, onde se selam os destinos das populações democratizadas.

Na vigência do regime republicano, o consentimento dos governados na investidura do poder, expresso através das urnas, constituiu princípio fundamental.

A livre manifestação da vontade popular

no ato da escolha dos que devera receber a aludida investidura só em simulacros de democracia pode ser dispensada.

Era o que outrora, ao tempo das atas falsas, das celeberrimas eleições a bico de pena, ocorria em todo o País. Por êsse omisso processo de subversão de norma essencial ao regular funcionamento das instituições democráticas, tolhia-se ao povo o exercício do mais grave dos direitos políticos. Membros do Executivo e do Legislativo, federal, estadual, municipal, nenhum dêles galgava as escadas do poder por força de livre pronunciamento dos governados. Em regime cognominado do povo, pelo povo, fraudava-se às escâncaras o direito de representação, que é, na expressão de abalitado constitucionista, o mais belo instituto com que pode um povo resolver bem seus problemas gerais.

Tendo-me qualificado eleitor ao pleno vicejar dessa situação de evidente opróbio político, não poderia, sem desatender às influências de patriotismo, deixar de aliar-me aos que se propunham e dar-lhe cerrado e decisivo combate.

Imenso era então, quase sem possibilidade de ser coarziado, o poderio dos detentores do poder em face do qual pareciam esmaecer tôdas as esperanças de reconquista da livre manifestação nas urnas. Mesmo assim, não vacilei um só instante em aderir de corpo e alma, á aguerrida equipe então formada, sob e inspiração de Fernandes Távora, para lutar sem tréguas nem vacilações pela dignificação de nossa vida pública.

Sustenta Sampaio Dória que os partidos antigos pleiteavam princípios e os agrupamentos modernos cavam interesses. Estamos no tempo em que, ao ver de Oliveira Viana, a política é menos serviço público do que meio de vida privada. Não foi essa chamada vacuidade ou ausência de motivações coletivas o que me induziu às atividades partidárias. A política de dedicação à causa pública, que a ancestrais alencarinhos tanto fêz sofrerem perseguições, punições e até a morte, nunca esteve fora de meu ideário. Creio provir da seiva haurida nessa tradição a força que sempre me levou a concebê-la em seu mais alto sentido.

Apraz-me acentuar que, sendo homem de partido durante tantos anos, jamais mudel de orientação, nunca me inscrevi sob outra bandeira. Do Partido Republicano Cearense às legendas que lhe sucederam do Partido Democrático de São Paulo, do antigo P. S. D., da U. D. N., e da atual Arena, eis aí a rota certa de meu ttrócinio político.

No periodo que antecedeu à revolução de trinta, cansei-me de testemunhar a celebração de eleições sem eleitores presentes, representados êstes pelos próprios membros das Mesas receptoras, que se revezaram no trabalho de consignar-lhes os nomes, como se fôsse os portadores dos mesmos, nas atas eleitorais. Quantas vêzes, Indo assistir ao pleito eleitoral em Assaré, constatei o fato de os correligionários locais, chefiados pelos próceres oposicionistas Antônio Fernandes, Mundóca e Nenen Arrais, ficarem impedidos de votar, porque as respectivas atas já tinham sido, ou estavam sendo lavradas às escondidas. Só em uma oportunidade, de 1920 a 1930, graças à ação enérgica de um juiz digno, à altura, Daniel Lopes, assegurou-se naquele município à oposição o acesso às urnas. Minha intransigente atitude de combate aos desmandos situacionistas tornou-me alvo, em 1926, de denúncia dada ao Ministro da Guerra pelo chefe das tropas legalistas, Dr. Floro Bartolomeu, que me acusava de promover o aliciamento de reforço para os revolucionários. Tive de valer-me então dos bons préstimos do amigo Dr. César Cals, para desfazer a balela junto ao Presidente, Des. José Moreira, nos termos do que consigna o jornal "Nação", de 12.9.31.

A revolução de trinta encontrou-me em São Mateus, onde logo soube da deflagração do movimento. Transferi-me, primeiro, para Crateús e, em seguida, com Mário Leal e numeroso grupo armado, para Iguatu, de cujas estações telegráficas ocupadas telegrafamos ao governante estadual, notificando-o do propósito de marcharmos para a Capital e promovermos-lhe a deposição.

Sem pleitear, por de forma alguma me convir, as circunstâncias forçaram-me a aceitar a chefia do Executivo de Crato, para o qual fui nomeado em 17.10.30. Como nela me comportei, dentro da norma sempre adotada de viver para a política, e não da política, consta do trabalho inserto em O POVO, de 6.1.68, em que há a ressaltar ter-me qualificado, Demócrito Rocha, ao deixar o exercício do cargo, de "o maior Prefeito da Revolução".

Nos anos que se seguiram da nova institucionalização do regime à queda da fâmegada ditadura getuliana, por ter enfrentado com altivez e destemor as perseguições de toda a sorte, feitas aos correligionários por decaídos recambiados ao poder graças ao adesismo, e por ter combatido sem cessar, mediante todos os meios, inclusive na direção do semanário "O Cariri", os desmandos governa-

mentais, duas vezes fui conduzido, sob guarda policial, para Fortaleza, e uma vez detido, ora em casa de pensão, em Juazeiro, ora, sob palavra, na residência em Crato. Ao fim do regime ditatorial, contra a minha expectativa, fui candidatado à Assembléia Nacional Constituinte, a que me elevaram os sufrágios dos correligionários. Outras eleições asseguraram-me, afinal, o comparecimento, em vários anos de exercício de mandato, a 4.346 sessões parlamentares, conforme certificou a Secretaria da Câmara dos Deputados.

O mandato nas relações entre particulares, ou entre governantes e governados, abrange direitos e deveres mais ou menos idênticos. A prestação de contas, por exemplo, constitui imperioso dever, peculiar tanto aos procuradores e comitentes, como aos portadores da representação política.

A estes, adverte eximio comentarista, não assiste outro meio de prestar contas ao povo que os elegeu, de fazê-lo ciente do que realmente praticaram, senão publicando seus discursos, suas defesas, suas explicações, seus manifestos. Foi isso exatamente o que realizei, com a publicação dos livros "Orós, a Redenção do Nordeste" e "Doze Anos de Parlamento".

Dir-se-á que minhas cinco décadas de ação firme e constante em prol do aprimoramento democrático das instituições brasileiras não me abriram as portas do êxito fácil na vida pública. Isso constitui natural ocorrência em pais onde, consoante observação de Gilberto Amado, em "Presença na Política", a palavra partido significa "associação de indí-

víduos para a conquista e fruição do poder, só e só", e é "o acaso exclusivamente que levanta os homens às posições".

Se algures que a missão do homem público se realiza e se exalta precisamente naquela conjuntura em que, com o despojamento total de si mesmo, com o abandono de quaisquer reivindicações ou interesses, entrega-se humildemente à execução de sua rude tarefa. Abstraindo-me de preocupações personalistas, creio ter-me esforçado sempre para cumprir com fidelidade as tarefas que me têm sido cometidas na vida pública.

Basta-me essa convicção para dar ânimo e conforto ao espírito.

C R A T O

MORAIS E SILVA

Lá no sopé da cordilheira, assente,
há muitos anos com meus pais te vi...
Esmeralda formosa! toda gente
exalta o que de belo fulge em ti...

Essa serra feraz e viridente,
dos mananciais que, outrora, conheci,
eleva-se soberba em tua frente,
ó nobre capital do Cariri!...

Quem não te ama, princesa do Nordeste!
se valorosos filhos tu nos deste
e és uma glória para todos nós?

Doce oásis do Estado cearense,
deixa que em verso sem cessar te incense,
rosal de amor, em florações de heróis...

M A R I A C A B O R É

MORAIS E SILVA

Maria Caboré, cafusa insana,
a usar tecido de algodão barato;
altaneira e descalça, andava em Crato,
com ares de princesa ou soberana...

Era de vê-la, imponente e ufana,
de bom humor, que parecia inato;
sem conhecer nenhum artesanato,
confundia-se, ás vezes, com cigana...

Propalava-se noiva a todo mundo,
do Príncipe Odilon, que chegaria
em carruagem de ouro, de além mar...

Quando a expirar, sob esse amor profundo,
viu a descer do Céu, em pleno dia,
um anjo que a levou para casar.

R E M I N I S C Ê N C I A

MORAIS E SILVA

Pelas ruas de Crato, sem tropeço,
menino, andava a divagar a pé;
era bem pobre, humilde, mas travesso;
foguetes apanhava em frente a Sé...

Ao insulamento, por demais, avesso,
ia ao Granjeiro e ao Seminário até;
porém, o quadro que já mais esqueço,
mais se prende à Maria Caboré...

Descalça mas de porte ereto e altivo,
dir-se-ia de uma tribo ou pai selvagem;
não gostava de negro ou de cativo...

Era o seu sonho, além de casto, bom:
aguardava a doirada carruagem
que lhe traria o "Príncipe Odilon".

Folclore Regional

TESTAMENTO COM QUE JUDAS ESCARIOTES, VERSÃO 1972, SE DESPEDE DE SEUS AMIGOS E ADMIRADORES, LEGANDO-LHES TODOS OS SEUS HAVERES — CRATO, 02 DE ABRIL DE 1972

- 1 — AMADO POVO, EM GERAL
DA MINHA TERRA QUERIDA
HOJE FOI CHEGADO O DIA,
MAIS TRISTE DA MINHA VIDA.
É GRANDE A SATISFAÇÃO
QUE TRAZ A FESTA DO JUDAS.
O ENTE DA TRAIÇÃO
PATRONO DE OUTROS JUDAS!
- 2 — BEIJEI AS FACES DO CRISTO,
AQUELE REI SOBERANO!
VENDI POR 30 DINHEIROS
E NÃO TIVE O SEU PERDÃO!
MEU DESESPERO FOI GRANDE,
QUE À FÔRÇA ME ENTREGUEI!
CUMPRINDO A MINHA SINA
POIS MEU MESTRE EU RENEQUEI...
- 3 — FUI UM ENTE TRAIADOR,
POIS COM MINHA AMBIÇÃO,
TIVE INVEJA DO MEU REI
QUE PREGAVA A UNIÃO...
CURANDO E FAZENDO O BEM,
POIS TINHA SUA BENÇÃO...
- 4 — MEUS DEDICADOS AMIGOS:
A VOCÊS QUERO AGRADAR,
AQUELE QUE NÃO GANHAR,
CONFORME-SE, NÃO VÁ CHORAR,
MAS, NÃO SIGAM MEU EXEMPLO,
QUE EU SÓ FIZ ME ATRAPALHAR...
- 5 — ESCOLHI COMO PRIMEIRO,
MEU DEDICADO PREFEITO:
O SENHOR MIGUEL TEUNAS,
É HOMEM DE GRANDE FEITO:
COM UMA BANDA DE MÚSICA,
QUE SEMPRE FALOU EM DAR,
O PRÉDIO DA PREFEITURA,
UM DIA VAI TERMINAR...
O SEU GOVERNO, NO CRATO,
VAI CADA VEZ MELHORAR,
RECEBA, MIGUEL TEUNAS,
UM ABRAÇO QUE VOU LHE DAR...
- 6 — AOS MEUS DIGNOS DEPUTADOS,
TAMBEM LHES QUERO AGRADAR:
AS MINHAS BIBLIOTECAS,
EU JÁ MANDEI ENTREGAR...
- 7 — VEREADORES, QUERIDOS,
UM CONSELHO VOU-LHES DAR:
OS POBRES DOS NOSSOS BAIRROS,
VOCÊS PRECISAM OLHAR:
NÃO TÊM ÁGUA! SÓ TÊM LIXO,
FAZ NOJO ATÉ SE OLHAR,
A POBREZA SEMPRE AJUDA,
VOCÊS DEVEM SE LEMBRAR!
RECEBAM MINHAS POLTRONAS,
P'RA VOCÊS REPOUSAR,
E, TAMBEM MEU ÚLTIMO ADEUS,
QUE AGORA VOU-ME ACABAR...
- 8 — QUERIDO PEDRO FELICIO,
QUE É DA MINHA ESTIMAÇÃO,
RECEBA, A TÍTULO DE HERANÇA,
UM CARRO NOVO, QUE TENHO,
EU O DOU, DE CORAÇÃO,
O SEU PRESTÍGIO É TÃO GRANDE,
AQUI EM TODA A REGIÃO,
RECEBA, MAIS, O MEU VOTO,
COM TODA A SATISFAÇÃO.
NO PRÓXIMO PLEITO SERÁ,
O PREFEITO DO CORAÇÃO!!!
- 9 — AO QUERIDO OSVALDO ALVES,
MEU JORNALISTA LEGAL,
RECEBA COMO LEMBRANÇA,
UMA OFERTA GENIAL:
VOCÊ É TÃO CONHECIDO,
QUE PASSOU A FEDERAL.
OS MEUS LIVROS DE ACADEMICO,
PARA DE MIM SE LEMBRAR,
MAS, EU LHE PEÇO, Ó OSVALDO,
MEU ENTERRO ANUNCIAR.
NAQUELA SUA ORCANIC,
UMA EMPRESA DE ABAFAR,
O PAGAMENTO É COMIGO,
JUDAS NÃO LHE PODE FALTAR.
- 10 — QUERIDO Dr. HUMBERTO,
A QUEM DESEJO ABRACAR:
COM A SUA PACIENCIA,
A TODOS QUER AGRADAR,

- PARA SEU NOVO HOSPITAL,
UM PARABÉM EU VOU DAR :
SUA PERSONALIDADE,
UM DIPLOMA LHE OUTORGOU :
DE PRESIDENTE DA ARENA,
TODO MUNDO APROVOU...
- 11 — MEU PROFESSOR PEDRO TELES,
MÚSICO DA MINHA PAIXÃO,
DEIXO-LHE O MEU PIANO
PARA SUA DISTRAÇÃO.
UNS ESTOQUES DE LIFÓRMES
QUE SERVEM DE ADMIRAÇÃO,
NA HORA EM QUE FÔR VESTIR,
LHE BATE NO CORAÇÃO.
JUDAS NUNCA FOI CAFONA,
REPARTE COM RETIDÃO,
MAS, CHEGUE PERTO DE MIM,
E RECEBA MEU ABRAÇO...
- 12 — QUERIDOS COMERCIANTES :
DO MEU CRATINHO ADORADO,
RECEBAM, SEM MAIS TARDANÇA,
UMA OFERTA DE LEMBRANÇA :
AS MINHAS ECONOMIAS,
P'RA VOCÊS SÃO RESERVADAS,
MAS, REPARTAM DIREITINHO,
P'RA NÃO HAVER ENROLADA :
CUIDADO COM A INVEJA,
PODEM SER ANIQUILADOS,
DE GRANDE, CONHEÇO DEUS,
E, NA TERRA, TUDO É NADA...
- 13 — Dr. MENEZES BARBOSA,
DA GRANDE RÁDIO PROGRESSO,
DEIXO-LHE UM CONSULTÓRIO,
MAS, MEU DOUTOR, EU LHE PEÇO :
QUE TENHA PENA DOS POBRES,
NA HORA DA PRECISÃO :
DEIXO GRAVATAS MUI LINDAS,
PARA SUA COLEÇÃO,
ESPERO DE SUA AMIZADE,
A MINHA CRÔNICA FAZER,
ÀS 12 HORAS DO DIA,
PARA TODO O PÚBLICO SABER,
ADEUS, MENEZES BARBOSA,
UM DIA, AINDA O HEI DE VER...
- 14 — PARA O BAIRRO DAS CACIMBAS,
A QUEM TENHO ADMIRAÇÃO,
EMBORA ESTEJA ENCOSTADA,
MANDO MINHA TELEVISÃO :
AS PEÇAS ESTÃO TODAS SOLTAS,
E BASTANTE ESTRAGADAS,
MONTANDO UMA POR UMA,
TALVEZ QUE DÊ RESULTADO,
ASSISTAM SUAS NOVELAS,
SEM HAVER DIFICULDADE.
E LEMBREM-SE : O AMIGO JUDAS,
SEMPRE FOI BOM CAMARADA.
- 15 — MEU CARO ABIDORAL,
GENTE FINA, QUE ABRAÇO,
VOU DEIXAR-LHE, DE HERANÇA :
BICOS, RENDAS E UM LAÇO,
ESTOQUE DE MIUDEZAS,
ENTREGUEI EM SUAS MÃOS.
E, TAMBEM UMA PRINCESA,
E FRUTO DO CORAÇÃO.
POIS COM VOCÊ FAÇO TUDO,
VIUVO DA MINHA PAIXÃO...
- 16 — MEU QUERIDO JAGUARIBE,
AMIGO DESDE CRIANÇA,
VOU DEIXAR-LHE DE LEMBRANÇA,
UMA MODERNA OFICINA,
E UNS MOTORES DE AUTOMÓVEIS,
FEITOS NA AMÉRICA LATINA,
MAS, DEIXE AS CAMARADAGENS,
QUE LHE DÃO MAU RESULTADO,
RECEBA OS CONSELHOS DO JUDAS,
SEU AMIGO, DO PASSADO...
- 17 — O SENHOR JOSÉ PAULINO,
HOMEM DE ALTO VALOR,
POIS VOCÊ VAI RECEBER,
MEU DIPLOMA DE PINTOR :
VOCÊ É ANTIGO NO CRATO,
MERECE O NOSSO LOUVOR,
ZÉ PAULINO É MEU AMIGO,
DESDE O TEMPO DE MENINO,
CANTAMOS NAS SERENATAS,
ASSENTADOS NAS ESQUINAS...
- 18 — O MEU TIO, ZÉ DE BASTOS,
A QUEM SEMPRE EU ADOREI,
VOCÊ SEMPRE TEM GÓSTO,
DE EM MINHA FESTA AJUDAR,
TODAS AS MINHAS CUÉCAS,
JÁ MANDEI LHE ENTREGAR...
E TAMBEM UMA LINDA BOLSA,
PARA SUA IRMÃ HERDAR...
ELA ESTÁ MUITO ENGRAÇADA,
ACHO QUE VAI ASSENTAR...
O ZÉ DIZ PARA A IRMÃ :
O MEU SOBRINHO É LEGAL !
NUNCA PENSEI EM GANHAR,
UM PRESENTE SEM IGUAL...
- 19 — O VALTER, DA PADARIA,
EU TENHO QUE AJUDAR,
CAL, TINTA E CIMENTO,
P'RA PADARIA AJEITAR...
AS PAREDES TÁ MUITO SUJA,
VOCÊ DEVE BEM OLHAR.
MAS, DEVIDO AO TEMPO RUIM,
VOCÊ NÃO PODE CRIAR...
MAS, SEU AMIGO, JUDINHA,
SEMPRE GOSTOU DE AJUDAR,
ADEUS... ATÉ O INFERNO,
NÓS NOS ENCONTRAREMOS LÁ...

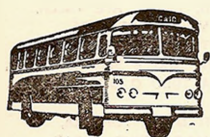
- 20 — MEU FILHO, ZÉ DE ROBERTO,
FILHO DO MEU CORAÇÃO,
OS MEUS LINDOS PIJAMAS,
POIS VOCÊ TEM PRECISÃO...
DE TODOS OS MEUS FILHINHOS,
VOCÊ É O DE ESTIMAÇÃO.
NÃO SIGA O EXEMPLO DO PAI,
QUE SÓ QUIS A PERDIÇÃO...
CUIDADO COM A PAQUERA,
ELA VAI LHE ATRAPALHAR...
RECEBA OS TRINTA (30) DINHEIROS,
QUE POR JESUS EU FUI DAR...
DEVIDO À MINHA AMBIÇÃO,
EU TIVE QUE ME ACABAR...
- 21 — PARA A TURMA DA GESSI
BORRACHAS DO MEU CORAÇÃO,
UM RESTAURANTE DECENTE,
BEM NO CENTRO DA CIDADE...
MERENDAS, CAFÉ, ALMOÇO,
JÁ ESTÃO CLASSIFICADOS.
AQUELA TURMA BACANA,
SEMPRE POR MIM ADORADA,
ADEUS, ADEUS, QUERIDINHAS,
VOU PARA MINHA ÚLTIMA MORADA...
- 22 — O SENHOR JOAQUIM OTÁVIO,
EU JÁ ME IA ESQUECENDO:
MAS NÃO O POSSO OLVIDAR:
POIS É AMIGO, DE FATO,
VOU DEIXAR-LHE DE HERANÇA,
UM PARTIDO DE ARARUTA,
DEZ BARRIS DE BACALHAU,
COM A POBREZA DESPACHAR,
VOCÊ É MUITO CARIDOSO,
NUNCA VIVE A LASTIMAR,
ADEUS, ATÉ UM BELO DIA:
OS MEUS CRIMES VOU PAGAR...
- 23 — O TAL JOAQUIM MESTRE NÉCO,
O CAFONA POPULAR,
A SERRA DO ARARIPE
EU JÁ MANDEI CONTRATAR...
TODO AQUELE PIQUIZAL,
PRA SUA VIDA ENFRENTAR.
LÁ NO MERCADO REDONDO,
SEU CAPITAL VAI AUMENTAR,
MAS NÃO VENDA MUITO CARO,
O FISCAL TEM QUE OLHAR...
RECEBA MAIS UM PENICO,
NAS HORA DAS NECESSIDADES...
MAS ANTES DA MINHA MORTE,
VENHA AQUI, PRA ME BEIJAR...
- 24 — MEU DEDICADO AZUL,
DA BANDA, O MAIOR CHEFÃO...
RECEBA, COM MEU CARINHO,
UM GRANDE APERTO DE MÃO...
COM O PRESENTE QUE GANHASTE
- JUNTO COM SUA COMISSÃO,
AS FARDAS, JUDAS VAI DAR,
SEMPRE LHE TIVE ATENÇÃO...
MAS, MANDE SEUS INSTRUMENTOS,
PRA MEU ENTERRO ACOMPANHAR...
- 25 — AO COMPADRE ANTONIO HONOR,
PRECISO PRESENTEAR.
COM UMA COOPERATIVA,
PRA VOCÊ NELA COMPRAR...
VOCÊ É MUITO QUERIDO
E, POR NÓS É ESTIMADO,
FOI ESTE O MELHOR PRESENTE,
QUE FICOU CLASSIFICADO...
- 26 — PARA A TURMA DO AÇOUGUE,
QUE POR MIM É ADORADA,
UM CURRAL CHEIO DE VACAS,
PARA VOCÊS, SÃO DESTACADAS:
MAS, REPARTAM COM CUIDADO,
PARA EVITAR ZOADA...
UM ARMAZEM DE PURO SAL,
PARA OS TOUCINHOS SALGAREM,
TOUCINHO SEM SAL NÃO PRESTA,
TENHAM UM POUCO DE CUIDADO
E TAMBEM UMAS MORENAS,
PARA ELAS LHE AJUDAREM,
E CREIAM QUE JUDAS AMIGO,
SEMPRE FOI BOM CAMARADA...
- 27 — A RÁDIO ARARIPE DO CRATO,
EU NÃO TENHO O QUE DEIXAR:
É EMISSORA ASSOCIADA,
NINGUEM PRECISA AJUDAR...
CONTUDO, DEIXO UM PEDIDO,
É O QUE POSSO ATESTAR:
ADEUS, ADEUS, MEUS QUERIDOS,
OS MEUS CRIMES VOU PAGAR...
- 28 — PARA JOAQUIM LUCIANO,
ESPÊTO DA MALDIÇÃO,
VAI FICAR, COMO LEMBRANÇA,
O MEU VELHO MACACÃO...
CUIDADO, QUANDO VESTIR,
O BICHO ESTÁ TODO RASGADO,
PRINCIPALMENTE NO FUNDO.
TENHA UM POUCO DE CUIDADO...
FOI O MELHOR DOS PRESENTES,
QUE EU LHE TINHA RESERVADO.
- 29 — MEUS DEDICADOS DOUTORES,
UM CLUBE MUITO BACANA,
A QUEM TENHO MUITA ATENÇÃO,
LÁ NO ALTO DO SERTÃO...
PARA NO FIM DA SEMANA,
REPOUSAR COM ANIMAÇÃO...
CONTEMPLANDO MINHA MORTE,
SEI QUE DÓI NO CORAÇÃO...
FOI ESTE GRANDE PRESENTE:
ACEITEM, COM GRATIDÃO...

- 30 — CASSIMIRO DA CARROÇA,
MEU IRMÃO DE CRIAÇÃO,
PRA VOCÊ TÁ ENCOSTADO,
NO RECANTO DO FOGÃO,
UMA NINHADA DE GATOS,
QUE É DE SUA ADMIRAÇÃO,
MAS, NÃO VÁ SE ARRANHAR,
CUIDADO, NA MALDIÇÃO,
SETE ANOS DE ATRASOS,
DEUS NÃO LHE DÁ O PERDÃO,
ACEITE, DE CORAÇÃO,
A FLOR DA MINHA TRAIÇÃO...
- 31 — PARA A RÁDIO EDUCADORA,
UM PRESENTE VAI GANHAR...
UNS DISCOS VELHOS QUE TENHO,
PARA VOCÊS ESCUTAR...
PARA NAS NOITES DO SERTÃO,
VOCÊS TODOS COMENTAR...
JUDAS SEMPRE FOI AMIGO,
TEMOS DE TER COMPAIXÃO,
UMA MÚSICA COMO ESTA,
DÓI DENTRO DO CORAÇÃO...
- 32 — QUERIDO LEANDRO FRANCO,
POSTALZINHO DO MEU AGRADO,
EU NÃO O POSSO ESQUECER,
POIS É AMIGO, DE FATO,
DEIXO-LHE COMO LEMBRANÇA,
UMAS PIPAS DE AGUARDENTE
NA HORA DA MINHA MORTE,
EMBEBEDA A MINHA GENTE...
MAS, UMA COISA EU LHE PEÇO:
TENHA DE MIM COMPAIXÃO,
NÃO DEIXE QUE O AMIGO JUDAS,
VÁ MORRER NO FRIO CHÃO...
- 33 — PARA A TURMA DOS BANCÁRIOS:
UM PRESENTE VAI GANHAR,
MINHA TURMA DE SOLDADOS,
PARA O BANCO ÉLES GUARDAR...
EVITANDO UM ASSALTO,
VOCÊS FICAM A LASTIMAR,
FOI ESTE O GRANDE PRESENTE,
QUE VOCÊS DEVEM GANHAR...
- 34 — PARA O CHICÔ LEONEL,
COMERCIANTE QUERIDO,
RECEBA, SEM MAIS TARDANÇA,
UMA OFERTA DE LEMBRANÇA:
DUZENTAS SACAS DE FEIJÃO
COM QUINHENTAS DE ARROZ,
DEZ FARDOS, DE MACARRÃO,
PARÁ SUA MANUTENÇÃO.
NA OUTRA SEMANA SANTA,
VAI VIVER BEM DESCANSADO.
RECORDANDO MINHA MORTE,
DE TUDO FICARÁ LEMBRADO.
- 35 — PARA O MESTRE MOREIRINHA,
MEU AFILHADO DE BEM,
DE TODOS OS MEUS QUERIDOS,
A VOCÊ QUERO MAIS BEM,
RECEBA COMO LEMBRANÇA,
UM CARRO VELHO QUE TEM
CUIDADO NUMA VIRADA...
VOCÊ FOI SEMPRE PONTUAL,
COM SEU PADRINHO ADORADO...
- 36 — QUERIDA MISERICÓRDIA,
POVINHO QUE SEMPRE AMEI,
GAROTAS DO MEU ABRAÇO,
PAQUERAS DE QUEM GOSTEI,
VÃO RECEBER COISA BÔA,
UM CLUBE MUITO BACANA,
PRA DANÇAR SUAS TERTÚLIAS,
COM TODA SATISFAÇÃO,
CUIDADO: NÃO VÃO BRIGAR,
VOCÊS SÃO DE AMARGAR,
ZÉ NILTON DIZ PARA O PINHEIRO:
AMIGO IGUAL AO JUDAS
JAMAIS IREMOS ACHAR,
FOI ESTE O MELHOR DONATIVO
QUE ELE PODIA DAR...
- 37 — REPARTI TODOS OS MEUS TÊRES,
ESTOU IMPRESSIONADO,
MAS, A CLASSE DOS MOTORISTAS,
AINDA NÃO DEIXEI NADA:
UM POSTO DE GASOLINA,
INSTALADO LÁ NA GROTA
PRA VOCÊS SE FORNECEREM,
NA HORA DAS NECESSIDADES,
MAS, BAIXEM O PREÇO DAS CORRIDAS
TENHAM DÓ E COMPAIXÃO,
JUDAS NOS DEU ESTE POSTO,
VAMOS SERVIR À POPULAÇÃO...
- 38 — PARA O CEGO MOACIR,
QUE POR MIM É ADORADO,
UM PRÉDIO PRA SEU ARMARINHO,
FICA BEM GALARDOADO,
ESTOQUES DE MIUDEZAS,
PRA VOCÊ NELE BOTAR,
MAS DEIXE ESSA MANIA,
QUANDO O POVO VAI PASSAR,
CADÊ A MERCADORIA?
JUDAS VAI ME ENVIAR,
NA ÉPOCA QUE NÓS ESTAMOS,
SÓ VIVE A SE LASTIMAR...
TIRE AS CAIXAS VELHAS DA PORTA,
SENÃO VAI SE ACABAR...
OLHE O QUE VAI GANHAR,
POIS EU SOU UM ENTE POBRE,
MAS DESEJO LHE AJUDAR...
- 39 — SOBRINHO, MUNDINHO FRANCO,
QUERIDO DO MEU VIVER,

- PRA VOCÊ EU RESERVEI,
A HERANÇA QUE MERECEER:
AS MINHAS PORCAS PARIDAS,
E A GATINHA MIMI,
VEJA, QUE GRANDE OFERTA,
EU ESCOLHI PARA TI...
- 40 — AO MEU QUERIDO ESPORTE,
TIME NOVO, EM POSIÇÃO,
QUERO PARABENIZAR,
COM A GRANDE RECEPÇÃO,
CAMISAS NOVAS, CHUTEIRAS,
ENTREGUES EM SUAS MÃOS,
UM LINDO CAMPO GRAMADO,
PRA MELHOR ATUAÇÃO,
E, NO DIA DA ESTRÉIA,
DERROTAR, COM ANIMAÇÃO,
A TURMA DO F. HIGINO,
A PIOR DA REGIÃO.
- 41 — A TURMA DO BARRO VERMELHO,
EU TENHO QUE AJEITAR:
GALINHAS, PORCAS E CABRAS,
MAS ESTÃO SEM PODER ANDAR,
VOCÊS TRATEM COM CUIDADO,
QUE DARÁ BOM RESULTADO.
A TROÇADA DA COZINHA,
JÁ ESTÁ CLASSIFICADA...
- 42 — AO MEU QUERIDO BERNARDO,
DAS CASAS PERNAMBUCANAS,
TODAS CERVEJAS DO BAR,
PARA SUAS CARRASPLANAS,
E, DEPOIS DO MEU ENTERRO,
VÁ SUA CARA ENCHER,
MAS NÃO PRECISA CHORAR,
NA HORA DE ME SEPULTAR...
- 43 — PARA O POBRE DO PALMEIRAS,
QUE SÓ VIVE A LASTIMAR,
BOLAS, CHUTEIRAS, MEIÃO,
PARA O TIME PROSPERAR,
POIS UM QUADRO COMO ESTE,
NUNCA PODE SE ACABAR,
JÁ FUI DIRETOR DE TIME,
E VIVI, A ME LASTIMAR,
COM ESTAS DIFICULDADES,
CADA UM PODE PASSAR,
MAS, ANTES DA MINHA MORTE,
UM A UM, QUERO BEIJAR...
- 44 — PARA PAPAÍ GENEROSO,
EU NÃO TENHO O QUE DEIXAR:
POIS ESTÁ MUITO VELHINHO,
PRA MINHA FESTA ENFRENTAR,
RECEBA, COM MUITO GOSTO,
SAPATOS BRANCOS, QUE TENHO,
O SEU NÃO TEM MAIS SOLADO,
A GENTE NÃO PODE VER,
- ADEUS, ADEUS, PAPAIZINHO,
ATÉ O PRÓXIMO ANO,
VÁ LOGO SE PREPARANDO,
PRA MINHA FESTA ENFRENTAR...
- 45 — PARA ZULENA TAVARES,
QUE SEMPRE FAZ MEU TESTAMENTO,
AS MINHAS CAIXAS DE JÓIAS,
DEIXO, COM CONTENTAMENTO...
MINHA LINDA RADIOLA,
PRA SUAS TERTÚLIAS FAZER,
JUNTO COM SUAS COLEGAS,
DANÇAR, TANTO, ATÉ VALER,
TODA MINHA DISCOTECA,
VOCÊ TEM QUE RECEBER,
SEU MANINHO É SEMPRE AMIGO,
LHE DÁ TUDO O QUE QUISER...
- 46 — REPARTI MINHA FORTUNA,
NADA MAIS TENHO A DAR,
AQUELE QUE NÃO GANHOU,
SE CONFORME, SEM CHORAR,
POIS EU SOU BASTANTE RICO,
SEMPRE GOSTO DE AGRAVAR...
- 47 — ADEUS, ESTUDANTES QUERIDOS,
MOTORISTAS E CHAPEADOS,
CARROCEIROS, SAPATEIROS,
A VOCÊS: MINHA AMIZADE...
ADEUS, ATÉ QUE UM DIA,
POSSAMOS NOS AVISTAR...
- 48 — ADEUS, CAFONAS DO CRATO,
CABELUDOS E MALANDROS,
ADEUS, CORÔAS ENFADADAS,
QUE NÃO ME DERAM ATENÇÃO...
AS LABAREDAS ME CHAMAM,
EU QUERO ME INCENDIAR,
ADEUS, BORRACHAS QUERIDAS,
PAQUERAS DO MEU AMOR,
ADEUS, CIDADE MODELO,
CIDADE QUE PROSPEROU...
- 49 — ADEUS, PAPAÍ GENEROSO,
MEU FILHO, ZÉ DE ROBERTO,
O CAFONA: MESTRE NÉCO,
O MEU TIO, ZÉ DE BASTO,
TODA A CLASSE OPERÁRIA,
QUE SEMPRE ME DEU ATENÇÃO,
OS QUE ME ACOMPANHARAM,
NO MEU CORTEJO AFAMADO,
ME LEVEM LOGO PRA FÔRÇA,
POIS JÁ ESTOU LIQUIDADADO...
- 50 — ADEUS, CIDADE MODELO,
EU JÁ VOU ME LIQUIDAR:
A FORÇA ESTÁ ME CHAMANDO,
MEUS PECADOS VOU PAGAR...

EXPRESSO REAL CARIRIENSE

2 Ônibus DIARIOS para S. Paulo



7 horas

14 horas

2 Ônibus DIARIOS para C. Sales

Aos Sábados :

Além dos 2 ônibus diários, mais

1 ÔNIBUS LEITO para S. Paulo

13 horas

Conforto! Segurança! Pontualidade!

CRATO : – Rua Mons. Esmeraldo

JUAZEIRO : – Estação Rodoviária

Subsídio de Dilucidação

JOSÉ DOS ANJOS DIAS

Dando-se tempo ao tempo para haver tempo, trará época peculiar para esclarecer os fatos obscuros, que até então, viviam incógnitos assombreados por mistérios de aparências inalteráveis.

O senhor Otacilio Anselmo, através de Itaytera, vem demonstrando ser protegido dos Deuses, porque de outro modo não se explicaria grande cópia de conhecimentos arquivados na sua bagagem literária. A sabença é oferta dos Deuses aos mortais, segundo a qualidade que torna alguém digno de prêmio.

Itaytera N.º 17 trouxe bons artigos, na minha opinião, dentre eles, o que mais adquiriu força ou robustez, foi o trabalho sobre o combate de Miguel Calmon.

Não porque tivesse sentido em mim a menor satisfação de reviver a luta fratricida de 1914, que tantas vidas tirou, deixar o solo calcado pelos guerreiros atapetado de luto e regado de sangue.

Guerra escabrosa de origem política, causadora de desassossêgo e rezinga inócua que durou por muito tempo, entre cratenses e juazeirenses.

Assisti ao ataque infrutífero da Polícia do Presidente Franco Rabelo contra o Juazeiro do Norte, ocasionador de três vítimas dentro da cidade: um jumento, uma velha e um homem que era meu vizinho.

Nenhum guerreiro de Juazeiro foi morto ou ferido no ataque à cidade, dado a proteção que as trincheiras ofereciam, não houve mais do que aquelas vítimas acima referidas. Por incrível que pareça, as facções em luta, revidavam olho por olho e dente por dente.

Momentos antes da investida da polícia contra o Juazeiro, fui com meu primo Manuel e aquele vizinho, observar de cima dos jatobazeiros que existiam no Quadro Pio X esquina com Santa Cecília, a aproximação da força.

Instantes depois, veio em nossa

direção um guerreiro nosso, avisar que saíssemos dali que a polícia já estava à vista em alguns setores tomando posição de combate, seríamos alvos fatais.

Eu e meu primo descemos incontinenti, porém, nosso vizinho ficou trepado, mal andamos o primeiro quarteirão para chegarmos à nossa casa, a polícia desencadeou intensa fuzilaria para dentro da cidade. Foi revidada por nossos homens ocultos nas trincheiras, que atiraram nos alvos humanos com pontaria bastante certa.

Nosso companheiro que permaneceu trepado, caiu como um jenipapo maduro, recebeu uma bala dundum na testa com saída perfurante na nuca. Episódios da curiosidade da minha meninice que desejava de tudo ver e conhecer, que ia custando-me a vida.

Outro fato que eu não poderia deixar de narrar pelas circunstâncias que o caracteriza, sendo desconhecido desta linhagem hodierna, narro-o com veracidade e não como estória.

Os homens escolhidos a dedo e comandados por Zé Pedro, com o objetivo de desalojar os soldados que estavam refugiados na fazenda Coimbra, atual "Macacos", após o combate realizado na referida fazenda, voltaram ao Juazeiro conduzindo dois milicianos, um morto e outro arquejando, em consequência dos balaios que receberam.

Bem assim alguns caixotes contendo garrafas de vinho, uma peça de artilharia e determinável quantidade de foguetões. Os ditos objetos pertenciam a Milícia Estadual de Fortaleza.

A bebida seria distribuída à tropa com os foguetões espocando, pelo júbilo do triunfo da tomada de Juazeiro, que isso não se deu e sendo do conhecimento de todos. Porque o comandante da milícia atacante, não possuía tino de ação de combate para empregá-lo com sua tropa, fazendo assédio ao Juazeiro que teria de capitular. Também poderia não se render, dependeria do jogo de sorte. A falta de tática foi a causadora da derrocada da

tropa no ataque a Juazeiro, criando no ânimo dos soldados complexos de toda sorte.

Seja-me permitido narrar algo curioso, ocorrido com os dois soldados abatidos em "Macacos", pelos combatentes comandados por Zé Pedro.

Conduziram aquelas vítimas à presença do Padre Cícero que as abençoou, em seguida o miliciano arquejante desvencilhou-se da vida neste mundo conturbado pela renitência da humanidade, em permanecer obstinada cpondo-se ao Decálogo de Moisés.

Foi perguntado aquele Padre onde deveriam enterrar os dois cadáveres. Ordenou que os sepultassem no Campo-Santo local.

Isso não foi feito, apenas um daqueles soldados gozou daquele direito. Justamente o que havia chegado aos pés do Patriarca com sinais de vida. Ao outro não lhe deram sepultura dentro do cemitério, enterraram-no do lado de fora. Acharam que não era digno por ter sido abençoado depois de finado.

Essa desatenção não foi levada ao conhecimento do saudoso Pe. Cícero, como também era desobedecido em outras ordens que dava.

Aconselhou aos obstinados da luta respeitar os lares e os padres, mulheres e crianças, amparar os velhos e aleijados, como também não se apossar do alheio. Os saqueadores não tiveram autorização do Padre Cícero para saquear, desobedeceram-no obstinadamente. No entanto, taxaram-no de co-autor e mais algumas cousas, sem merecer.

Este mencionador apesar de ser menino na época da luta, tomou parte ativa na construção das trincheiras e do valado que circundavam o Juazeiro.

Foi trabalho hercúleo para os habitantes daquela cidade, trabalhávamos em revezamento noite e dia cantando MARIA VALEI-ME.

Enquanto isso ocorria, os mestres relativos à pirotecnia fabricavam pólvora para municiar as lazarinhas, clavinotes e bacamartes dos defensores de Juazeiro.

O tempo passa e a lembrança fica, ainda conservo a recordação do dia em que a minha Juazeiro recebeu a

visita de belicosidade da força rabelista.

Foi o dia de maior expectativa para nós, mantivemos vigilância redobrada, esperávamos a cada instante o ataque.

É inegável dizer-se que a polícia não demonstrou bravura, lutou com heroicidade contando com desvantagem, porque localizou-se nos terrenos planos sem rêgos, que não lhe ofereceram abrigo para livrar-se das balas.

Mesmo assim, deu prova do seu valor de combatividade, resistiu por várias horas aos impactos certos saídos das nossas trincheiras.

O oficial que comandou o ataque a Juazeiro, estendeu a linha de investida às cegas, sem perceber que estava próximo das trincheiras, deixou os soldados expostos a verdadeiro suicídio, porque ficaram ao alcance dos tiros dos homens de Juazeiro.

Senhor Deus, perdoa a todos que diretamente ou indiretamente concorreram para aquela carnificina fratricida.

Sem paixão nem regozijo deste relator que é Juazeirense, confesso que, ouvi alguns guerreiros de minha cidade relatar: alvejei vários soldados. As perdas não foram mais elevadas, devido a deficiência das armas dos defensores de Juazeiro, que em sua maioria eram constituídas de espingardas, bacamartes e clavinotes.

Se for preciso saberei localizar o local onde repousam os restos mortais daquele soldado anônimo da Polícia do Ceará que deu sua vida defendendo um direito, que teve como jazigo uma cova rasa no outão do cemitério.

Acharia que, os restos mortais do referido soldado, fossem depositados num sarcófago ao lado do busto do herói J. da Penha.

Hodiernamente, os que atuaram em 1914, já desapareceram do cenário da vida, a geração nova ignora a existência da cova do soldado no exterior do cemitério. O túmulo do referido soldado está sob o passeio, os transeuntes passam por cima sem percebimento que num pequeno trecho daquele passeio, jaz o corpo dum policial que perdeu a vida por causa da má compreensão de alguém.

Antes de concluir este trabalho de esclarecimentos, desejaria ser mais ex-

plícito no assunto relativo as três mortes ocorridas em Juazeiro do Norte, por ocasião do tiroteio da Polícia.

Alguém poderá presumir que estou procurando ocultar a realidade, em virtude daquela cidade ter sido atacada por cerca de 500 milicianos e causar três vítimas exclusivamente. Pois, na época, a demografia de Juazeiro no que apresentava em comum, poderia ser feito um raciocínio concludente de possuir 30.000 habitantes.

A velha e o homem morreram por causa de imprudência, o jumento estava solto na rua exposto as balas dos fuzis da polícia.

A referida velha estava dentro de sua casa quando começou o ataque, as balas passavam sibilantes por cima dos telhados, outras atingiam as telhas das casas, portas, paredes e janelas.

Então, aquela macróbia, lembrou-se da sua cabrinha que estava do lado de fora, saiu para abrigá-la dentro de casa e tombou para sempre traspassada por uma bala. Não morreu muita gente, em vista de cada casa ser transformada em fortaleza e em cada quarto construído um valado, com um metro de profundidade a fim dos moradores abrigarem-se dos projéteis.

Bem assim, antes do ataque, não havia mais ninguém pelas ruas, todos estavam recolhidos aos seus lares, rezando o rosário ou o Ofício Divino para N. S. das Dores esmorecer os soldados e proteger nossos guerreiros.

Existe caso que às vezes não seria bom relatar, trago à lume por ser desconhecido dos caririenses hodiernos.

Os moradores de cada casa estavam guarnecidos de chuço de dois palmos de lâmina, embutido num pau com mais de dois metros de comprimento. No caso da polícia invadir a cidade, seria atacada por essa modalidade de arma pontiaguda.

Morreria muita gente, porém os soldados não escapariam, porque os juazeirenses estavam com firme propósito de defender nossa cidade e o saudoso Pe. Cícero, sem medirem sacrifícios. Naquela ocasião, morrer por meu padrinho Cícero e N. S. das Dores, seria ato de heroísmo.

Tudo se transforma para melhor,

quem conviveu com o povo daquele tempo e tem convivência com o atual, observa a grande transformação.

Em minha casa, éramos 5 pessoas, cada qual tinha o seu chuço. Até para mim que era menino, deram-me um chuchinho e instruíram-me como deveria agir se a polícia chegasse à minha porta.

Voitemos ao tema relacionado com a morte do Cap. José da Penha. Depois de tantas informações prestadas e publicadas nos jornais e revistas, que não atingem a tábua real sem alburno, resolvo trazer à lume algo do que me foi revelado confidencialmente daqueles velhos tempos do gatilho.

O Capitão Otacílio Anselmo, em seu trabalho, publicado na página 85 da revista Itaytera N.º 17, publicou o seguinte: — “Outra confusão que ainda perdura em torno do combate de Miguel Calmon é a autoria da morte do Cap. José da Penha. De fato, desde 1914 até agora são apontados como autores de tal homicídio os sediciosos José Terto, José Pinheiro e Manuel Rosa (indicado por si próprio. (4)”

Zé Terto foi meu vizinho, Zé Pinheiro vi uma vez e Manuel Rosa não o conheci, apenas ouvia zum-zum da sua sarinha sanguifica.

Nenhum dos três acima citados assassinou o Capitão José da Penha, responderão perante o Tribunal Divino por crimes que praticaram noutras pessoas, diversas a daquele Capitão, que tanto procurou firmar o Coronel Franco Rabelo governando o Ceará.

O bando constituído dos irmãos Tibúrcio, Jacinto, Esperidião, Napoleão e João Thomé, sob a orientação dos irmãos Manoel e João Chiquinho, desfechou no Cap. J. da Penha forte descarga, porém não o atingiu saiu ileso. Outros atiradores também procuraram alvejá-lo, não lograram êxitos nos seus propósitos, porque J. da Penha estava determinado pelo Alto para deixar a vida terrena somente no dia seguinte.

Tudo que ocorre é com anuência do Céu. A Verdade das verdades enunciou: — “Não cairá uma folha sem o consentimento do meu Pai”. Por esta veracidade, podemos conhecer ou perceber, que vivemos controlados pela Supérriima Divindade, exclusivamente

Ela é capaçíssima de revelar o porque das adversidades ocorrentes na vida de cada um de nós.

Existiu algo para J. da Penha ser martirizado, se não houvesse, Jesus também não teria sido entregue aos judeus, fundamentos que escapam da sutileza de argumentação.

Deus sabe o que faz e nós ignoramos o sentido real dos seus atos e de tudo quanto Ele obra.

Tudo é recompensável, então, J. da Penha que teve a sua vida ceifada tragicamente, seu sangue embebido nas vestes, seu corpo exposto às intempérries e ridicularizado por desumanos, foi para conferir aureóla à sua alma assim como Jesus aureolou-se.

Como sabemos, o combate de Miguel Calmon, teve início no dia 22 de fevereiro de 1914 pela manhã, terminando à noitinha desse dia sinistro.

A força do Cap. José da Penha entrou em debandada, êsse oficial ao que parece, ficou desnordeado sem contato com sua tropa, pois, foi capturado no mato na manhãzinha de 23, montado no seu ginete.

A detenção foi efetuada pela triada sinistra: — José Felipe, José Severino e Manoel Rosa.

Os companheiros da referida triada, receberam a incumbência de largarem-se no mato, com a finalidade de abaterem gado, porco, ovelha e bode, para alimentar os guerreiros. Também deveriam ter recebido ordem para reconhecer a caatinga, prevendo um ataque de surpresa da polícia, mais tarde.

Fortuitamente deu-se o encontro com o malgrado oficial, que nem se quer o destino deu-lhe tempo para fugir. Trago à idéia, que o Capitão José da Penha, tenha ficado perdido de rumo por atrever-se a fazer um reconhecimento ousado e solitário, nas imediações do local da luta do dia anterior, ao sair do Sol do dia 23.

Era conhecido como oficial temerário que não tinha medo de truanices. Tudo indicava que, voltou aos arredores de Miguel Calmon a fim de certificar-se da posição dos combatentes de Juazeiro, voltar e reorganizar sua tropa para um ataque maciço, pois, ainda dispunha de potencial humano e bélico.

Por predefinição fôra predestinado para lhe aparecer inopinadamente dois leões e um cordeiro, representado por Zé Felipe, Manuel Rosa e José Severino. Êste como meu vizinho e por confiar em mim, narrou-me com minudência todo o acontecimento. Adiantou-me mais que, o combate de Miguel Calmon foi mais pesado do que os ataques a Juazeiro e Crato, se os soldados do Capitão J. da Penha tivessem tido mais um pouco de persistência, os guerreiros de Juazeiro teriam recuado.

Agora vejamos o drama pavoroso que ocorreu na manhã de 23 de fevereiro de 1914, entre aquele destimido Capitão do Exército e três homens do cangaço.

Ao defrontarem-se com o Capitão José da Penha, Zé Felipe e Manuel Rosa deram-lhe voz de prisão, obrigaram-no a descer do cavalo, intimidaram-no com suas armas e ele não amarelou nem tartamudeou, demonstrou calma e serenidade sem apresentar sobressos diante daquele momento de perigo.

Zé Felipe indagou-lhe: — "Macaco onde tá os macaco?" Respondeu-lhe com fixidez: "Mesmo que te dê aparência de macaco não o sou, estou sem contato com meus soldados".

Zé Felipe advertiu-o: — "Te prepara macaco pra morrer!" Então, o Capitão J. da Penha, solicitou aquele jagunço de maus bofes, que o deixasse para matar depois que se entrevistasse com o chefe. Recebeu de chôfre um não com articulação fônica prolongada.

José Severino agiu como intercessor. Intercedeu a favor do Capitão José da Penha, a fim de que Zé Felipe o poupasse e o conduzisse até à presença de um dos chefes que não estava longe dali. O facínora Zé Felipe contraiu a cara mostrando-se aborrecido e disse-lhe: "Até você Zé Severino quer compactuar com esta peste!" Sem perda de tempo apontou a sua arma na direção da cabeça do Capitão e disparou, prostando-o por terra.

Tirou a vida daquele bravo capitão potiguar, que confiava no porvir e ainda tinha de oferecer muito de si ao Brasil, era novo em idade e sonhava com um futuro promissor.

Manuel Rosa invejou a Zé Felipe, sentiu também sede de sangue, abateu

a tiros o cavalo da montaria do Capitão José da Penha. Em seguida, atraído pelos disparos, chegou ao local outra fera humana, o celeberrimo Zé Pinheiro que veio acelerado rompendo o mato.

Zé Felipe, Zé Pinheiro e Manuel Rosa, revistaram as vestes do extinto J. da Penha, imitaram aos judeus tal como procederam com Jesus. Dividiram entre si os objetos de uso pessoal daquele militar da estirpe de Caxias, com exceção da túnica e do culote que ficaram embebidos de sangue do martirizado, que se tornou muralha da defesa dum Presidente Estadual, roneiros solaparam seu poder.

Zé Felipe ficou com a pistola da vítima, Zé Pinheiro apossou-se do quepe, a carteira de identidade e o relógio que vendeu a alguém de Juazeiro, pela insignificância de quatorze mil réis.

Considero maldito o vendedor como o comprador, ambos estão no mesmo nível de maleficência. Não me lembro mais o que tocou de sorte para o assassino do cavalo, que foi o perverso Manuel Rosa.

Suponho que o Capitão José da Penha conduzia dinheiro, a fim de fazer face às despesas com municamento da tropa. Está visto que, o Presidente Franco Rabelo, não lhe entregaria os soldados para uma missão espinhosa como aquela, sem dar-lhe quantia suficiente para os gastos.

Agora vejamos como usaram de sagacidade para enganar, fugindo da responsabilidade do crime que praticaram, temendo que mais tarde, fôsem procurados pela JUSTIÇA, que não deixariam de ser.

Quando alguém perguntava a qualquer elemento combativo da quartelada, quem era verdadeiramente o autor da morte do Capitão José da Penha, respondia que havia morrido em combate. Todavia, sabia perfeitamente quem o matou, guardava para si no esconderijo da consciência e levar o segredo ao túmulo.

Zé Pinheiro quando bebia água que passarinho não bebe, apresentava-se com gabolice, mostrava a identidade do desventurado Capitão, contudo sem afirmar ser êle o autor da tra-

gédia.

Outros diziam: "Parece-nos que foi Zé Terto ou talvez o grupo de João e Manuel Chiquinho".

A dúvida tem perdurado até nossos dias, então, como tudo tem seu tempo, resolvi trazer informe luminar para clarificar e desenredar o mistério duradouro introduzido pela dúvida, respeitante a morte do Capitão José da Penha.

O finado José Severino, presencial do assassinato ferino, relatou-me o acontecimento da tragédia tal como acima relatei, sem escapulir da verdade.

Adiantou-me mais que se encontrava diante de dois leões indomáveis, qualquer gesto que demonstrasse não ter gostado da ação bestial de Zé Felipe, estaria também sujeito a ser assassinado.

Não continuou na jornada até Fortaleza, dali de Miguel Calmon voltou ao Juazeiro, foi cuidar da lavoura no pé da serra de S. Pedro, aproveitando o inverno que foi muito bom.

Acho que as hesitações pereceram com a exposição do princípio certo, pois, o autor da morte do Capitão José da Penha foi o cruel Zé Felipe.

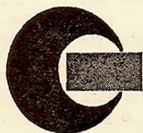
Não demorou muito para a lei de causa e efeito atuar, laurear com a recompensa que o mundo oferece a quem o aborrece.

Nosso planeta poderia ser para nós verdadeiro Eden, procuramos transformá-lo em zanguncho para nos zangunchar, pela ebridade mulhada da nossa vivência transgressiva a Lei Divina.

Zé Felipe, Zé Pinheiro e Manuel Rosa, receberam galardão equivalente ao que praticaram. José Severino apesar de promiscuir-se e ter tido comunidade com aqueles dois Iôbos, contudo sem compartilhar com suas ações, morreu já bem velhinho em sua cama.

Continuará sempre acesa em minha mente, a figura indestrutível daquele oficial arrojado, que se sacrificou defendendo o Presidente do Ceará, Coronel Franco Rabelo.

Glória incessante a memória dêste Coronel e daquele Capitão, que foram mal avaliados pela descomunidade da política naquela ocasião, comprimindo e arrebatando o governo de um, fazendo desaparecer a vida do outro.



CECASA

REVESTIMENTO NO
PISO E NA FACHADA

Meditação sobre o Homem

JOSÉ NEWTON ALVES DE SOUSA

Fascinados pelo desenvolvimento tecnológico, muitos esquecem o Homem, sujeito do progresso. A mais potente ou a mais modesta das máquinas não existiria sem o seu artifice. As leis da natureza continuariam a sua dinâmica, mesmo sem o Homem, mas a consciência e a utilização racional delas pertencem ao homem, debaixo do céu.

O Homem, como ser biológico, é objeto de múltiplas ciências que, das generalidades às especializações, buscam conhecê-lo, curá-lo ou alongar-lhe a vida.

Como ser social, ei-lo em terreno comum, em que tentam sondar-lhe o ser e o agir, não poucas ciências da mais flagrante atualidade.

Como ser espiritual, ei-lo na mira de psicólogos racionais, filósofos e teólogos.

Situado no espaço, por ele se interessa o geógrafo; seno tempo, o historiador.

Mas o Homem é, fundamentalmente, uma *unidade*, uma *inteireza*, uma *realidade* e um profundo *mistério*. Cada faceta desse complexo admiravelmente harmônico é objeto de uma ciência. A sua abordagem é múltipla, mas sua realidade é única.

O que o define filosoficamente é sua natureza racional. O que o torna robre, seu espírito. Somaticamente, é pó; psiquicamente, é vida; pneumatamente, é semelhança com Deus. Verme da terra no plano biológico, é superior às estrelas, em seus transcendentes arcanos. Feito corporalmente para sete palmos de terra, não se satisfaz com a imensidão do universo; mesmo pondo o pé na lua, seu coração — como o diz Sto. Agostinho — não se aquieta, enquanto não repousa em Deus.

Dá-lhe sua dimensão ontológica a magnitude de pessoa, e é sabido que, se Deus guia o destino dos povos, o Homem coobera com Deus, na construção da História.

Eu usaria uma comparação já

consagrada, para relembrar, aqui, a grandeza do Homem: *Quereis saber qual o valor do Homem no mundo, Imaginai o mundo sem o Homem.*

O conhecimento do Homem é um perene desafio a ele próprio. Os gregos falaram, por intermédio do sábio, no "Conhece-te a ti mesmo".

Há uma ciência, porém, marcada-mmente humana, especificamente do Homem — a Antropologia, que, para efeito didático, se tem seccionado em física, cultural e filosófica, mas cuja unidade essencial não é lícito por em dívida.

A Antropologia a princípio foi uma *antroposcopia*, uma *homovisão* globalizante. Dessa primitiva luz abrangente do Homem em totalidade, evoluiu-se para conceitos e estudos particularistas, que tiveram o mérito de aprofundar os diversos aspectos da realidade humana. Vale aqui lembrado o apólogo da "Mosca Azul", de Machado de Assis: Os estudos particulares do Homem mais uma vez resultaram em dissecações decepcionantes. Para demonstrá-lo, basta proceder-se a uma análise biofísica ou bioquímica do corpo, ou submeter um homem a laboratório de psicologia experimental. A análise exaustiva do Homem, de sua realidade multifacetada, não satisfaz os anseios mais íntimos de próprio Homem. As ações deste, no campo das várias ciências que ele domina, não lhe deram tranquilidade nem cabal satisfação. Ele se despojou de duas coizas de máxima importância: *suas raízes espirituais* e o *senso básico de sua unidade ontológica*. Por isso mesmo, ele, hoje, arrepia, sófrego, o caminho trágico de suas *aventuras*, em busca do porto luminoso e saciador de sua Aventura. Vai à lua no mesmo tempo histórico em que esbarra diante da gripe. Investe as mais vultosas economias em guerras fratricidas e ainda se sente incapaz de curar o câncer. Instala-se na suntuosidade das mansões de ouro e não pôde evitar que, diante dos cristais, se erga o submundo das favelas.

A Antropologia filosófica vem procurando restituir ao Homem a visão de sua inteireza ontológica. Não é mais uma Antropologia um tanto ou quanto arbitrária e fantasista, como alguma vez se terá praticado, ao longo da História, mas uma Antropologia que não recusa a mais tangível das realidades concretas, sabendo, entretanto, afirmar as mais transcendentes arestas do Homem, as suas vinculações com o Permanente, com o Absoluto, com Deus.

Verdadeiramente, é o Homem um ser cultural, e só o é porque inteligente e necessitado, vivo e mortal fator parcial da História e aspirante à Eternidade.

Ele faz a Poesia, a ficção, o ensaio, os Artes Plásticas, a Música, do mesmo modo que talha um ídolo, escava uma barreira, fiska um peixe, constroi um abrigo. Em todos os casos, mesmo naqueles em que a sua operatividade pareceria simplesmente animal, o fator movente, o piloto da ação é a sua realidade intelectual e espiritual, que lhe subjaz e age no mais recôndito do ser. Por isso que toda cultura é, primeiramente, espiritual.

HORIZONTALIDADE DA CULTURA

A cultura, considerada em sua horizontalidade vivencial, é dinâmica do Homem como ser livre, criador e social. Sozinho, sua experiência não lhe daria ensino à operatividade cultural. Ele e o outro formam o eixo propiciador da cultura como "produto" comunicável.

Mas seria o Homem — como alguns dizem — apenas *ego* e *superego* ?

Não. Há, na essência que o especifica, alguma dosagem de alteridade, um anseio de complementação, uma busca de união com o outro, com quem vive ou para quem vive. Todo homem é solidário de outro homem. Daí seus deveres para com o próximo, deveres que, friamente postos e considerados, o obrigam à Justiça e que, engrandecidos pela Fé e pela Graça, tomam a forma de doação e passam a chamar-se Caridade.

VERTICALIDADE DA CULTURA

A Terra é muito pequena para o Homem, que já conquistou o nosso satélite e ambiciona ir pessoalmente mais além. De astro em astro, confiando apenas em suas forças, incontido na sublimidade de seu arrojo e no poder de sua inteligência, continuará a epopéia espacial, que assombra o mundo. E após o último astro, que lhe restará ?

O Infinito não está assim tão longe. Certa feita, no remoto Oriente, Ele veio e assumiu forma humana. De espinho O coroaram e numa cruz O mataram. Mal sabiam os deícidas de então que o instrumento daquela morte apontava, simultaneamente, para os horizontes do mundo e para o céu. Era a geometria da síntese doutrinária: AMARÁS A DEUS (SOBRE TODAS AS COUSAS) E AO PRÓXIMO (COMO A TI MESMO).

Naquele dia, Deus, Feito Homem, morria. Feito histórico e fato teológico. Essa é uma grande verdade que todos proclamamos, convictamente. Deus morreu. Morreu, como Homem, no alto da Cruz. O erro atual está em esquecer a outra parte. Ele, de fato, também ressuscitou. E se Ele não ressuscitasse, vã seria a nossa Fé, di-lo São Paulo.

Aquele Homem trágico e nu disse-ra: QUANDO EU ESTIVER SUSPENSO ENTRE O CÉU E A TERRA, ATRAIREI A MIM AS MULTIDÕES.

Meus amigos :

Ele ainda lá está, pendente da Cruz. Seu Sangue ainda escorre. Sua morte não terminou. Hoje, essa Cruz se transforma em ódio, em violência, em injustiça, em genocídio, em guerra em miséria e em fome. Todos nós somos deícidas. Todos nós estamos a ritmar nossos passos pela Rua da Amargura. Poucas são as Verônicas e os Pilatos estão-se multiplicando. Não só o véu, mas o próprio Templo sofrem lacerações.

Pergunta uma novela, que está a fazer sensação: "E nós, ...aonde vamos...?"

Meus amigos :

Estamos no tempo em que a Liturgia da Igreja faz reviver o Drama do Calvário.

A Cruz é o destino e o endereço.

D. Balbina Lídia Viana Arrais

OTACÍLIO ANSELMO

Minhas primeiras impressões sobre Dona Balbina remontam ao ano de 1919, pouco antes de sua aposentadoria, em Brejo dos Santos, de cuja localidade foi a primeira professora pública.

Lembro-me bem que, apesar da idade, ela continuava a ter os traços de sua antiga beleza helênica. Era alta, esbelta e fisicamente perfeita. À luz da Biometria, ajustava-se-lhe a classificação dolicocefala. Fora, por certo, loura na juventude, tal era a cor dos olhos — duas pérolas de um azul já desbotado, emulduzadas numa face de alvura marmórea.

Rematava-lhe a harmonia de formas os seus bastos e longos cabelos brancos, que, bi-partidos ao meio, davam-lhe o sijnete de austeridade, honradez e brandura que caracterizavam sua personalidade. Mas o que mais impressionava de D. Balbina era o caráter sem jaça, a nobreza de mestra, o equilíbrio moral.

Filha do casal João Casemiro Viana Arrais - Mariana Infante Lima, Balbina Rolina Viana Arrais — este o seu nome de batismo — nasceu no município de Lavras (Lavras da Mangabeira), no dia 5 de dezembro de 1862.

Como ocorria antigamente, ela fez os seus primeiros estudos no próprio lar, com os pais, e, à falta de estabelecimentos públicos, em escolas particulares.

Sua juventude foi passada sob o

Não por ela mesma, mas por Quem nela morreu.

EIS O HOMEM

Ele está pendente da Cruz. Somos deicidas potenciais, em nossa fragilidade e indigência.

Ele está pendente da Cruz.

Ele derrama Seu Sangue redentor sobre todos os homens.

Será que ainda não sabemos aonde ir ?

Páscoa de 1970.

regime dos lares sertanejos de antanho, entre o lar, a escola e a igreja.

Aos 22 anos de idade, isto é, em 1884, a moça Balbina foi levada a Fortaleza, onde submeteu-se a concurso para o Magistério Público, no antigo Liceu do Ceará, tendo sido aprovada com distinção.

No ano seguinte, ingressou no professorado oficial por nomeação do Presidente Honório Benedito Ottoni.

Eis o seu título de nomeação :

“Juiz de Direito Carlos Honório Benedito Ottoni, Comendador da Ordem da Rosa, Presidente da Província do Ceará, etc.

Nomeio D. Balbina Rolina Viana Arrais para o cargo de professora da cadeira do sexo feminino de S. Pedro do Crato.

Palácio do Governo do Ceará, em 16 de janeiro de 1885.

a) Carlos Honório Benedito Ottoni

Cumpra-se e registre-se.

Inspetoria Geral da Instrução Pública do Ceará, em 16 de janeiro de 1885.

Domingues”

A margem desse documento há um selo do Império, de forma elíptica, com o distico da Secretaria do Governo.

Na qualidade especial de uma das primeiras professoras públicas do Cariri, Balbina Viana Arrais inicia a sua carreira com uma disposição de ânimo que lhe acompanharia até o fim de sua longa e fecunda existência.

De São Pedro do Crato (atual Cariri-açu) começou a sua peregrinação pelas vilas e cidades da região caririense.

Em 21 de novembro de 1887, sob o governo do Dr. Enéas de Araújo Torreão, foi removida para a vila de Várzea Alegre, aonde efetuou-se o seu casamento com Lydio Dias Pedroso, farmacêutico, filho de Crato.

Esse acontecimento tornou-se um fato decisivo para a vida de D. Bal-

bina. Realmente, logo depois começou a arrastar as consequências de haver-se unido a um cidadão cujas convicções políticas eram opostas à situação dominante.

Adviram, daí, as remoções da jovem professora para as localidades onde o império da força era a lei suprema.

Por ato do Governador Luís Antônio Ferraz, ela foi removida para a cidade de Lavras, a 4 de setembro de 1890.

Na gestão do Major Benjamim Liberato Barroso, em 17 de março de 1892, removeram-na para a cidade de Barbalha. Dessa cidade, a 9 de setembro de 1893, sob o governo do Ten. Cel. José Freire Bizerril Fontenelle, D. Balbina foi removida para o ensino misto da cidade de Iguatu. Decorrido menos de um ano, por ato de 27 de junho de 1894, do mesmo presidente, ela sofreu outra remoção para a vila de Várzea Alegre.

Finalmente, pelo Presidente Antônio Pinto Nogueira Acióli, teve a sua última remoção, com data de 25 de junho de 1898, para a vila de Brejo dos Santos.

A antiga vila de Brejo dos Santos marcou o fim da vida nômade de D. Balbina, por motivo do falecimento do esposo, fato ocorrido em 20 de agosto de 1898.

A primeira escola pública de Brejo dos Santos foi instalada à Rua da Taboqueira, numa ampla casa de propriedade do Cel. Basílio Gomes da Silva, chefe do executivo municipal (1893-1909). Do velho solar da Taboqueira a escola transferiu-se para o centro da vila.

Cinco anos após o falecimento do seu esposo, que lhe deixou apenas uma filha, D. Balbina passou a ter o consolo da companhia de um irmão, o Pe. José Casimiro Viana Arrais, o qual, nascido a 7 de setembro de 1876 e ordenado em Salvador (setembro de 1901), havia sido coadjutor em Itapipoca e vigário de Trairi.

A chegada do Padre Viana naquela vila, ocorrida em 1903, como segundo vigário, produziu um novo impulso de progresso à terra.

Do próprio púlpito iniciou uma campanha esclarecedora sobre o culti-

vo do algodão. Incentivando o plantio e fazendo até distribuição de sementes da malvacea, os seus ensinamentos e o seu poder de persuasão deram os resultados esperados, inclusive a instalação de uma fábrica de beneficiamento cujo aquisitor foi o fazendeiro Manuel Inácio Bezerra. Além disso, auxiliado por Antônio Bernardes de Maria, o Pe. Viana construiu a capela de Bom Jesus da Esperança e reedificou a de Senhora Santana, no Poço.

No dia 20 de abril de 1911, falecia o Padre Viana, tendo legado aos seus paroquianos, além da moral cristã, o surto de progresso agro-industrial de que atualmente se beneficia aquele município. (O Pe. Viana faleceu quando escrevia um artigo para o jornal "Cetamas", de Barbalha, do qual era exímio e constante colaborador).

Desaparecido o irmão, D. Balbina permaneceu na sua rotina diuturna, desenvolvendo o meio.

O dia 16 de setembro de 1919, assinala a sua aposentadoria, sob o governo do Dr. João Tomé de Sabóia e Silva. Sua missão, porém, continuou através da filha, Balbina Pedrosa Viana Arrais (Dona Pedrosilha), diplomada em Fortaleza.

D. Balbina Lídia Viana Arrais faleceu no dia 28 de fevereiro de 1951, aos 89 anos. Era ela uma das criaturas raras para quem o Sol deveria parar. Espírito cristão por excelência, caráter sem jaça e equilíbrio moral a toda prova, D. Balbina jamais se aposentou das funções de mestra. Até os últimos dias de sua vida estava sempre rodeada de crianças aprendendo a ler.

Foi presidente do Apostolado da Oração, desde sua fundação até falecer, instituição esta criada pelo Padre Viana, e da Confraria de Na. Sa. do Carmo, fundada pelo Padre Monteiro. Já nos últimos anos de sua existência, mandou erigir um grande cruzeiro de madeira no alto do cerro que ladeia a cidade.

Mestra utilíssima do ensino público no Cariri, primeira professora de Brejo dos Santos, onde alfabetizou duas gerações, D. Balbina já devia ter o seu nome eternizado na aludida cidade, como prova de justiça e sentimento de gratidão do seu povo.

O Caráter Místico de Padre Cícero

CULTURA BRASILEIRA

1.º SEMESTRE DE 1973

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

PROFESSOR CID TEIXEIRA

Aluno: JOSÉ EMERSON MONTEIRO LACERDA

Salvador (BA), 03 de julho de 1973

"Não fiz a revolução, nela não tomei parte nem para ela concorri, nem tive a menor parcela de responsabilidade direta ou indiretamente nos fatos ocorridos".

PADRE CÍCERO ROMÃO BATISTA

PLANO DE CONJUNTO

A abordagem do presente fato a fiz de forma quase empírica — espécie de documento/depoimento — tentando assim fugir de interpretações aprofundativas de cunho sociológico ou político muito encontradiças em pseudoanalistas da história nordestina. Me passaram pelas mãos livros de leigos e religiosos em agressões ou benditos ao Santo do Juazeiro. Conheço de perto autores como Jáder de Carvalho, Padre Antônio Gomes de Araújo, Otacílio Anselmo, Nertan Macedo, Amalia Xavier de Oliveira, todos com centenas de páginas sobre o embuste ou a nova teologia do Ceará — mas não me satisfiz em reproduzir o que já foi dito, pois a experiência pessoal obriga-me a sentir a falta de cristalização e afastamento necessários aos investigadores conscientes de fenômenos em que se envolvem política regional, brigas de famílias e sonhos divagadores dos bacharéis de letras nacionais — que se faz sentir em todos os biógrafos de Cícero Romão Batista e sua reinção na região do Cariri. Acumulei a vivência com as esperanças, fé e promessas do nordestino — por ter nascido em zona cearense próxima de Juazeiro e manter contato com beatos eromeiros. Veremos o que posso acrescentar ao que foi dito.

O HOMEM/O SANTO

Em rápido histórico necessário a uma tomada de conhecimentos dos fatos físicos — dizemos haver Cícero

Romão Batista nascido na cidade de Crato, no Ceará, em fins do século XIX e se ordenado padre secular — vir. do a ser vigário do Distrito de Juazeiro — pequena povoação com uma casa de tijolo cru, sete de taipa e dez de palha — com pequena capela a N. S. das Dores. Incrustada ao sopé da serra do Araripe — à margem da estrada real Crato/Missão Velha — a pequena vila não apresentava nada especial no aspecto da região Cariri — de vegetação diferente do resto do Estado pela sua umidade e exceção no sertão seco em redor. População formada por camponeses pobres — apegavam-se ao culto das coisas divinas como último reduto da salvação do corpo nas terras do outro mundo.

Teríamos continuado a rotina não fossem os fatores variados reunidos pelo vigário dentro de seu momento histórico. Dotado de personalidade marcada por conhecimentos de hipnotismo e levitação — estudioso que era de mistérios da mente — explorava em suas pregações sua capacidade de orador emérito em uma aparência exterior atraente — de olhos azuis e face forte no ângulo do maxilar inferior.

A prática dos atos religiosos era efetivada na paróquia de Juazeiro sem onus para os fiéis que ali se dirigiam. Este fato divulgou-se rapidamente pelas vilas e fazendas das imediações — em breve levando ao Padre Cícero numerosos necessitados — causando a primeira impressão de apoio à massa humilde. O primeiro fator do místico que se seguiu nasceu de um fato material ligado à satisfação de necessida-

des econômicas.

Também no princípio vamos encontrar as preleções do padre sobre higiene e medicações de urgência a uma população arraigadamente admiradora da farmacopéia silvestre. O fato de se evitar a exposição a moléstias através de normas de higiene foi tomado como coisa vinda dos céus — alguma coisa despertando na divulgação dos fatos entre as pessoas — se acrescentando e exagerando. As primeiras chamadas seriam aí detectadas.

No itinerário homem/santo as coisas ocorreram independentes da vontade de Cícero Romão — por decisão exclusiva dos acontecimentos — com base no perfil popular dos primeiros parauaianos de Juazeiro.

O homem simples com sua predisposição fisiológica à violência e ao fanatismo — conhecedor distante da teologia cristã — dotado de credences em coisas fora de seus conceitos simplistas do mundo e do universo — recebe sempre de braços abertos as novas mensagens de homens com dotação além das suas. Pela esperança de um novo mundo longe das dores deste vale de lágrimas — o sertanejo impotente se aferra a fatos estranhos — sonha com Deus em busca de — ao menos — uma aproximação com seu reino de promessas. Esse protótipo foi trabalhado pelas manifestações do vigário de Juazeiro de forma despreziosamente humilde e inocente.

OS MILAGRES

Na mente popular se formam nuvens de conceitos indefinidos pela falta de cultura e necessidade de uma nova realidade concreta. Existe a fome do mito — assim podemos dizer. O vago mental no homem rude se preenche mediante a composição imaginosa de cada um. Os fatos são distorcidos pela falta de conhecimento — falta de lucidez. Daí nascer uma tipologia para cada estrutura — na mente de cada pessoa. O santo — por exemplo — não poderá jamais existir sem os milagres de Jesus Cristo — as provas verazes de um poder além do homem. O santo Padre Cícero também sentiu — na genealogia — a carência dos primeiros milagres que finalmente

vieram a se dar no dia 6 de março de 1889 — primeira sexta-feira da quaresma.

Independente — penso — da vontade do Padre, se divulgaram — como fogo em pólvora — a notícia de haver se transformado em sangue a hóstia de comunhão dada por êle à beata Maria de Araújo — mulher rezadeira do povo.

“O fenômeno repete-se várias vezes em público. Médicos são enviados a Juazeiro para verificar se se trata ou não de um caso clínico. Um deles — por ignorância ou má-fé — atesta — com firma reconhecida em cartório — tratar-se realmente de um milagre.” (1)

Ao lado destes acontecimentos — a Diocese do Crato se alarma com os fatos do Distrito de Juazeiro e força o Padre a se retirar em exílio à cidade pernambucana de Salgueiro — aguardando autorização para uma viagem a Roma, onde prestaria contas ao Sacro Colégio do Vaticano das acusações de heresia das quais fora imputado pelo arcebispo de Fortaleza. Finalmente em 1898 se avista com Leão XIII e se mantém a suspensão das suas ordens sacerdotais. Retorna a Juazeiro — contra seus superiores hierárquicos — se mantendo até o final da vida em situação de rebeldia e clandestinidade episcopal.

Em Juazeiro — prosseguiram em funcionamento as maquinações milagreiras — se espraiando através do meio rural em fuga das calamidades climáticas pelos estados circunvizinhos de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Piauí. As primeiras romarias se organizaram. A pé — principalmente — em montarias — carro-de-boi — os nordestinos se achegavam em busca das curas do santo. Cegos, aleijados, doentes de toda espécie seriam salvos nas graças do Padre Cícero.

A predisposição cabocla ao fanatismo se fez sentir no século XIX em vários recantos do nordeste faminto. Ao lado de Juazeiro — Canudos, Caldeirão, Contestado, Pedra Bonita e Serra do Rodeador — formavam as ilhas de perfeição montadas em torno dos homens santos.

A adoração se tornou desesperada — sentido inverso ao das intempéries.

O que foi antes pequena vila de

menos de cem habitantes se tornou sítio de armas de fazedores de crime em defesa de um ideal religioso bélico — a impor sua verdade teológica aos que lhes negassem aceitação.

Os auxiliares do Padre Cícero usam o conteúdo político de seu sonho sagrado para imposições aos coronéis dos engenhos de rapadura de interesses próprios.

No ponto presente podemos analisar através de tipos psicológicos — a formação do trono de Juazeiro. No alto — imune a qualquer acusação terrestre — o Padre Cícero — em suas celebrações de boa-fé nas pessoas e nas coisas de Deus — como que deslumbrado por tanto poder em modificar a estruturação encontrada aqui na terra. Assumindo de corpo e alma o ideal a êle entregue pelos camponeses do Nordeste. Imediatamente abaixo seus representantes materiais — os burocratas do poder do império — Floro Bartolomeu e uma equipe de homens fortes — como o médico José Marrocos — personagens sagazes e ambiciosos — estira do tentáculo à exploração da força política e de liderança — chegando até a abalar a segurança política do Ceará — quando depuseram com tropa de jagunços o governo oligárquico de Antônio Pinto Nogueira Acióli — depois de vencerem as forças defensores de Crato e saquearem todas as cidades à margem da estrada de ferro até Fortaleza. Ainda dentro desse perfil tipológico — vamos encontrar o caboclo de arma em punho — ciente de servir a Deus e afrontando com a própria vida os inimigos de Juazeiro. O mais inocente dos três personagens — este veio a prosseguir pelo tempo/ espaço o mistério do Padre Cícero — no que nos deteremos adiante.

O FEUDO DO SANTO/HOMEM

Ao retornar das lutas na capital — o exército do Juazeiro passou a ser empregado na força econômica de mão-de-obra rural em toda a região do Cariri. Os fanáticos se congregavam nas localidades mais próximas da sede do feudo do Padre Cícero — nunca iam muito longe temendo perderem as graças emanadas e poder ouvir sempre as palavras sagradas. As roma-

rias constantes fizeram acentuar a necessidade de novos meios de vida — uma indústria ascendeu — toda forjada pela manufatura e sedimentada na invenção. Economicamente teríamos a chegada no Cariri da Era Industrial — alterada pelos modos culturais diferentes — envolvendo o místico com um avanço exclusivo em um mundo pré-capitalista de engenhos de cana-de-açúcar.

Juazeiro é hoje o maior centro artesanal do Brasil. A falta de possibilidade de sobreviver de outra maneira fez do romeiro um homem a se realizar pelo trabalho manual — forjas, imagens de gesso — tornos — entalhes em madeira — carpintaria — escultura — etc. — foram os principais caminhos seguidos. A cidade cresceu rapidamente em menos de meio século. Ultrapassou em população a cidade de Crato. Fábricas se erguem substituindo os antigos empórios de comércio ativo. A zona sul do Ceará progrediu nos favores do santo.

CÉU / INFERNO INDUSTRIAL

O desenrolar do presente trabalho não se prendeu a determinado esquema anteriormente armado. Deixei a-cortecer as descrições e análises e somente agora me polio ao fornecimento de algum dado da atualidade de Juazeiro — como a Meca do Nordeste — para onde convergem os mais variados povos — inclusive do exterior do país — em busca de curas para seus males — fazendo-se deduzir alguma seriedade no fenômeno — o tornando digno de estudo detido e rigoroso.

No alto da serra do Horto — a cinco quilômetros da sede do município — onde o Padre Cícero construiu ao voltar de Roma — capela igual à existente no Horto das Oliveiras em Jerusalém — para onde foi Jesus em suas meditações antes de seu sacrifício final — um certo grupo econômico que atualmente domina a região cariense (os Irmãos Bezerra de Menezes) construiu uma estátua de 35 metros de altura com a imagem do Padre.

Prosegue — deslocado no tempo — o culto à personalidade do santo de Juazeiro. Os frutos são revertidos em benefício de alguns. — quando há

SANTOS DUMONT

J. LINDEMBERG DE AQUINO

Há, na marcante e original personalidade de ALBERTO SANTOS DUMONT, nuances dignas de nota, como talvez em bem poucos líderes da humanidade. Homem de vida agitada, de sociedade, foi, por outro lado, o cientista e pesquisador incansável, a contradizer com toda uma vida mundana e faustosa que a sua condição de rico lhe propiciava, no cenário exuberante de Paris.

Descende Santos Dumont de legítima família francesa. O avô, François Dumont, casado com a filha de um ourives de Bordeus, veio para o Brasil logo depois da Independência, fixando-se em Diamantina, onde se entregou ao comércio de pedras preciosas. Ali lhe nasceu o filho Henrique, em 20 de Julho de 1832, que, mais tarde, casaria com Francisca, filha do comendador português Francisco de Paula Santos, no ano de 1856.

Esse filho Henrique estudara, antes, no Colégio D. Pedro de Alcântara, em Botafogo e formara-se, posterior-

mente, em engenharia, em Paris, 1853, pela ECOLE CENTRAL DES ARTS ET METIERS, e quando regressou a Minas foi engenheiro de Obras Públicas em Ouro Preto, antiga capital da Província.

O casamento deu-lhe 8 filhos, a saber, Henrique, Maria Rosalina, Virgínia, Luís, Gabriela, ALBERTO, Sofia e Francisca.

"Alberto — diz Raul Polillo — o sexto dos filhos, e o de físico menos robusto, foi o escolhido para modificar a fisionomia da inteira civilização ocidental".

Nasceu ele a 20 de Julho de 1873, na Fazenda Cabungu, em Palmira, Estado de Minas Gerais, hoje cidade de Santos Dumont, criando-se na roça "entre bichos e flores, fabricando engrenagens de cortiço ou mônjolos de taquara, que ele forcejava por fazer funcionar", como diz Francisca Rodrigues Gregory.

Em 1883, com 9 anos, foi residir, com seu Pai, em S. Paulo, que adqui-

as despejas de capital nas datas festivas de 20 de março e dois de novembro — caminhões vindos de localidades desde Manaus até Minas — com gente de todas as classes sociais. A indústria do milagre se faz continuada agora em versão mais industrializada e institucional — pois a municipalidade abrigou em si as maquinações de Nossa Senhora das Dores do Padre Cícero. Os outros santos inexistem — sumiram atrás das imagens de gesso do Padre, levando consigo Jesus Cristo e mesmo o Deus Católico Apostólico Romano — talvez ainda devido às repressões sofridas pelo antigo vigário no início de sua carreira santificado-ra pelos donos da verdade cristã.

Juazeiro hoje é um campo vivo de representação ritual de uma nova religião em moldes diferentes de todos os anteriores modelos. Seu sistema político / social / religioso / celestial /

utópico gira em torno de um único ente superior a todos os outros de sua categoria mística — numa comunidade envolvida pelo secreto de uma nova teologia. Nada conseguiu deter o avanço histórico desse fanatismo — se conservou os atributos feudais — as pessoas trazem em si um sentido ideológico próprio — além da mentalidade inicial de credence simplesmente. O aspecto religioso se confirma em volta de Padre Cícero — não se deixando levar além de Nossa Senhora das Dores — dentro de um risco calculado — evitando-se que esta supere em força celestial o poder do primeiro.

Aqui encerro este rápido esboço — pretendendo preenchê-lo com dados a serem pesquisados em breve. —

- (1) Rui Facó — Cangaceiros e Fanáticos (págs. 136)
Civilização Brasileira. 1972.

rira vasta fazenda de café em Ribeirão Preto.

Cêdo demonstrou seu pendor para a leitura e um espirito curioso e aguçado. Leu toda a coleção de Julio Verne antes dos doze anos.

"Franzino de corpo, estatura menor do que a média, cabeça muito grande para o seu conjunto somático, Santos Dumont precisava ser, constantemente, amparado, nas rixas infantis, pelos seus dois irmãos mais velhos, que muito bem lhe queriam. Seja devido á sua indolente meditativa, seja por sua imaginação, sempre em atividade, seja pela fraqueza relativa ao seu físico, que não lhe permitia brilhar nos brinquedos entre os meninos de sua idade, Alberto costumava recolher-se ás leituras. Lia tudo, mas, principalmente, livros de proezas novelescas" (Raul de Polillo).

Seu Pai, homem bastante empreendedor, já negociara e plantara em Rjo das Velhas, Barbacena, Valença e outras cidades, tendo se fixado definitivamente em Ribeirão Preto, onde prosperou admiravelmente com fazenda de café, origem da fabulosa fortuna da familia.

"Algumas vezes, no verdor dos meus anos — confessa Santos Dumont, sobre as leituras de Julio Verne, acreditei na possibilidade de realização do que contava o fertil e genial roman-cista".

Santos Dumont manifestava especial tendência á mecânica. Dirigia, ainda criança, a locomotiva da estrada de ferro particular da Fazenda. Consertava a engrenagem de qualquer máquina quebrada, em casa.

Aos doze anos foi estudar no Colégio Morton, em Campinas. E logo depois, ainda bem jovem, matriculou-se na famosa Escola de Minas, de Ouro Preto.

Entre 1888 e 1891 visitou Paris, sendo que, com a morte do Pai, em 30 de Agosto de 1892, voltou áquela capital, tendo viajado muito até 1897, onde completou sua educação, leu muito, interessou-se pelos esportes mais aristocráticos, principalmente pelo automobilismo. Ali, em contacto com cientistas e inventores, desenvolveu extraordinariamente sua inteligência, e analisou máquinas, motores e engre-

nagens com a maior facilidade.

A esta altura já gozava "de ótima saúde, cousa que não se poderia prever em sua infância, e dispunha de extraordinária capacidade de resistência ao sono e aos esforços físicos". (Polillo).

Em 1898 construiu o seu primeiro balão — o BRASIL N.º 1, de uma série de doze com que iria encantar, com suas aventuras nos ares, a população da capital francesa, e conquistar a sua sociedade, abrindo-se-lhe, as portas da fama.

Em 19 de Outubro de 1901, com o dirigível N.º 6, provou a dirigibilidade do balão e o controle do vento, contornando a Torre Eiffel e conquistando o ambicioso Prêmio Deustch.

Em 13 de Setembro de 1906 ensaiou o seu primeiro voo de avião no campo de Bagatelle — utilizando, pela primeira vez, o mais pesado que o ar. Sucesso absoluto. No dia 23 de Outubro, no mesmo campo, fez o seu voo oficial e consagrador, perante a Comissão do Aero Club de França, que lhe concedeu, por isso, a Taça Archdeacon. Em 12 de Novembro de 1906 concorreu e venceu a dois outros valiosos prêmios. Estava consagrado.

A França inteira se postava aos pés de homem rico e aristocrata, que regalava a sociedade com suas festas e demonstrações de pompa.

Frequentavam-lhe a casa o Rei Leopoldo II, da Belgica, o Príncipe de Mônaco, a Princesa Isabel, a futura Redentora, no Brasil, a Imperatriz Eugênia, a atriz Collete, Julio Verne, H. G. Wells, a Condessa de Noailles, Marcel Proust, Joaquim Nabuco e outras figuras famosas da vida francesa.

Santos Dumont era o "dandy" na correção e no zelo em seus negócios e no impecável aspecto pessoal.

Na guerra de 1914 aliou-se nas tropas francesas contra o Kaiser, demonstrando, com isso, seu reconhecimento á França.

Deixando a carreira aeronáutica, não patenteou nenhum dos seus inventos, deixando-os para utilização da humanidade.

Desde 1904 recebera do Governo francês a Comenda de Cavaleiro da Legião de Honra. Em 19 de Outubro de 1913 foi inaugurado em Paris um

monumento em sua homenagem, em Saint Cloud, quando ele disse, entre outras cousas —: “Este monumento, mandando erigir pelo Aero Club de França, me é duas vezes grato, é a consagração aos meus esforços, e, como homenagem prestada a um brasileiro, reflete-se sobre a Pátria toda”.

A partir de 1914 empreendeu viagens a diversos países do mundo e novamente a Europa. A partir de 1918 fixou-se em Petrópolis, construindo, ali, bonita casa de residência. Em 1931 foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras.

Santos Dumont já éra, então, um homem profundamente doente, e estava prestes a cometer o suicídio, o que o faria, em 23 de Julho de 1932. O fato, que abalou profundamente, o país e a humanidade inteira, resultara do seu estado psíquico de ansiedade, depressão e desgosto, que o tornaram “um homem brusco, de meias palavras, e soturno, portador de histeria mental. Na análise de Raul de Polillo, Santos Dumont sofria, também, do descontrole da intimidade afetiva, quando afirmava:

“Santos Dumont não desertou da vida, na acepção comum da expressão. Expulsou-o dela a espantosa tragédia dos nervos que se arrebentaram ao cabo do decênio mais portentoso jamais vivido por um homem, filho de mulher, á luz do sol. Em dez anos consecutivos de ação, a labarêda do gênio lhe queimou a energia nervosa da vida toda. A chamada velhice fisiológica prematura do inventor brasileiro, não foi velhice: foi a multa que ele teve de pagar, por haver condensado, em apenas dez anos de sua vida, alguns milênios de sonhos da humanidade inteira... Por haver sobrevivido, como nune da mitologia, embora sendo simplesmente humano, á considerável soma de ciladas que a Morte lhe armara para apanhá-lo moço”.

Gondim da Fonsêca assim analisou o trágico fim de Santos Dumont:

“O processo de sentir, de Santos Dumont, deixava de ser curioso. Era um doente de recordações. Não se desembaraçava de nenhuma. Poder-se-ia comparar a sua psíquique ao órgão visual de uma criatura cuja retina guardasse tudo, sobrepondo imagens a ima-

gens, sem se desfazer de uma só. Á primeira imagem, vista com clareza, outras iriam se juntando... E mais outras. Por fim, a cegueira tornar-se-ia inevitável, em consequência de tamanha confusão de imagens sobrepostas. Essas considerações, talvez aborrecidas e um pouco abstratas demais são importantíssimas para se compreender o desfecho lógico da vida de Santos Dumont”.

Morto Santos Dumont — desgostoso, sem dúvida, com a utilização do avião como meio de guerra e destruição — seu coração foi conservado, depois de retirado do corpo inerte, reverentemente, pelos médicos, como o de Chopin, em Varsóvia.

Sabendo, doze anos depois, da existência dessa reliquia, Paulo Sampaio, Presidente da PANAIR, conseguiu a sua aquisição, e em monumento de jacarandá, com capiteis de ouro, entregou-o ao Ministro da Aeronáutica, Salgado Filho, em 24 de Outubro de 1944, durante a Semana da Asa. Ficou muito tempo exposto no salão de honra da Escola de Aviação Militar do Campo dos Afonsos, e hoje está no Museu Nacional de Aeronáutica.

O Dia 23 de Outubro é considerado o Dia do Aviador. A partir de 5 de Dezembro de 1914, pela Lei Federal 165, sancionada pelo Presidente Dutra, Santos Dumont passou a ser Tenente Brigadeiro, homenagem póstuma do Governo á sua pessoa.

Vendo seu coração exposto, afirmou Raul de Polillo, seu maior biógrafo:

“Não é sem uma emoção incalculavelmente profunda, mista de veneração, de orgulho e de inefável alheamento ás cousas terrenais e transitórias, que o espírito da gente se coloca em presença da perpetuidade daquele coração. Ele pulsou, como nenhum outro, para a bondade, para a grandêza da Pátria, para maior lustre da civilização, bem como para a beleza mais ampla e mais intensa de nossa vida”.

(Palavras pronunciadas no Rotary Club do Crato, em 20 de Julho de 1973, por ocasião da homenagem a SANTOS DUMONT, no dia do seu centenário de nascimento).

PERO COELHO DE SOUSA

A J. DE FIGUEIREDO FILHO

I

EM EUSCA DA REMOTA E LENDÁRIA IBIAPABA,
QUE O FASCINA COMO UM TESOURO FULGENTE,
PERO COELHO DE SOUSA, EXTRAORDINÁRIO EMBOABA,
SEGUE, TODO AMBIÇÃO, ALGUNS HOMENS A FRENTE.

LUSO GUERREIRO AUDAZ, QUE SEMPRE MENOSCABA
O IMPECILHO, PERLUSTRA O LITORAL ARDENTE
DESSE NORDESTE A PÉ, E, INDO DA TABA A TABA,
SEM REPOUSO, DOMINA O INDÍGENA VALENTE.

ALCANÇA A POUCO E POUCO A DESEJADA TERRA,
APÓS CONTÍNUA, VÁRIA E TRUCULENTA GUERRA,
DESVENDANDO AFINAL SUA ESTERILIDADE.

E, PRÓXIMO, SE LHE ERGUE, INDIFERENTE, A GUERRA
— ALTIPLANO DESNUDO — À VIVA CLARIDADE,
DESVENDANDO AFINAL SUA ESTERILIDADE.

II

— POUCO IMPORTA. SEM MEDO E SEM DESCRENÇA, AVANTE.
AFIM DE NÃO PERDER DE ESFORÇOS TANTOS MESES
EXPULSEMOS AGORA, UM POUCO MAIS DISTANTE,
DA COSTA MARANHENSE, AO MENOS, OS FRANCESES.

— NÃO. RESPONDEU-LHE A TROPA, EM REVOLTA, ARROGANTE,
COM SUSSURROS HOSTIS E GESTOS DESCORTESES.
E ACRESCE JÁ SEM FÉ NO ESTRENUO COMANDANTE,
— VOLTAREMOS DAQUI. NÃO MAIS OUTROS REVESES.

PERO COELHO DE SOUSA, ENTÃO DESANIMADO,
REGRESSA. MAS, DESLEAL, CÚPIDO, DESALMADO,
AO MODO DOS HERÓIS DE OUTRORA, AVENTUREIROS,

QUER O VENCIDO, QUER MESMO O IMPOTENTE ALIADO,
COMO ESCRAVOS CONDUZ TODOS OS PRISIONEIROS
— SEU LUCRO MATERIAL DOS TRABALHOS GUERREIROS.

III

EMPORA INEFICAZ A PRIMEIRA FAÇANHA,
O EGREGIO CAPITÃO, COM RENOVADO ALENTO,
LOGO NO ANO SEGUINTE, AINDA COM O MESMO INTENTO,
BUSCA EXPLORAR DE NOVO AQUELA TERRA ESTRANHA.

DENTRO EM POUCO, PORÉM, O ASSALTA O CLIMA EM SANHA,
UMA SECA. E ELE VOLTA, ESFOMEADO, SEDENTO,
COM OS SEUS. A UM FILHO VÊ MORRER DE ESFALFAMENTO...
E, POR FIM, VAI MORAR SEM RECURSO NA HESPAÑHA.

MAS A GLÓRIA COLHEU, MERCÊ DESSA OUSADIA,
DE FUNDAR NA COLÔNIA UMA CAPITANIA,
QUE PROVÍNCIA SE FEZ DE DILATADO IMPÉRIO,

E PODE SE TORNAR, EM NÃO REMOTO DIA,
MESMO NÃO TRANSCENDENTE, A CUSTA DUM MISTÉRIO,
UMA NOVA NAÇÃO DESTE RICO HEMISFÉRIO.

PRODUTOS



C O B E L
COMERCIAL DE BEBIDAS LTDA.

Revendedores BRAHMA

Rua Mons Esmeraldo, 618/626 - FONE 485

CRATO

-

CEARÁ

Cônego Manuel Feitosa

J. CALÍOPE

A Revista Eclesiástica, do Rio, O Nordeste, de Fortaleza e A Ação, de Crato, bem como alguns dos intelectuais desta mesma cidade, ao tempo do falecimento do saudoso Cônego Manuel Feitosa, deram notícias circunstanciadas de tão infausto evento, notícias que, o autor destas linhas agradeceu sobremaneira.

Pela amizade e gratidão, fiz publicar na importante Revista ITAYTERA, desta cidade, de número onze, fls. 127 a 136, um esboço da vida do Cônego, sem nenhuma pretensão de historiar acontecimentos, nem exaltar a figura daquele sacerdote que se fez conhecido no norte, no centro e no sul deste Estado, onde desenvolveu sua atividade como professor, como jornalista e como vigário.

Transcrevendo o que dêle disseram seus biógrafos, incluí os dizeres da lousa que foi presenteada pelo saudoso Bispo D. Francisco e pelo Mons. Antônio Feitosa.

"*Etiam se mortuus fuerit vivet.*" (Joan II, 25"). Significa, mais ou menos, que está vivo entre nós aquele que morreu e nos era caro. Para mim, o Cônego não foi esquecido. O ilustrado Gomes de Freitas, que honra os jornais da capital e outras publicações cearenses, fez publicar em jornal dali e depois reproduziu na ITAYTERA N.º 13, magnífico trabalho que historia o povoamento dos Feitosas nos Inhams, e no Cariri.

Muito grato fiquei ao Jornalista emerito pelas referências delicadas que inseriu e pelos conhecimentos que nos proporcionou com seu trabalho.

Estranhando a referência minha de que aquêlê sacerdote tivesse sido o primeiro da família a residir no Cariri prova o engano com datas e documentos.

Quem escreve para a imprensa, tem que arcar com os erros tipográficos e com os descuidos de revisão.

Como aconteceu que dizendo que o Cônego Feitosa era o primeiro padre da família que vinha residir no Cariri,

a expressão padre foi esquecida pelo tipógrafo e deu lugar àquêlê cavaco. Vê-se, entretanto, que no trecho seguinte, eu me referia a outros padres da família Feitosa que vieram depois do Cônego, dando a entender que se tratava de padres e não de leigos.

Ainda por má sorte minha, no período seguinte, em que me referia aos outros padres da família, ficaram esquecidos os nomes dos padres Neri Feitosa e Aquiles Feitosa que com os enumerados, ficaram residindo no Crato ou no Cariri, onde estão como vigários, alguns dêles.

Logo que verifiquei os enganos da publicação, pedi para a Revista fazer uma corrigenda, mas ainda, sem sorte, esta não saiu na ITAYTERA N.º 12.

Mostrei a pessoas da família, o engano e a corrigenda, nos autógrafos em meu poder.

Quanto à família Feitosa, eu leio muito o Tratado Genealógico da Família, escrito pelo saudoso Leonardo Feitosa, tio do Cônego e também o que escreveu o Dr. Carlos Feitosa, ilustre rebento daquela família.

No livro se verifica que uma filha de Francisco Alves Feitosa, o primeiro que pisou no Ceará, casou-se com o João Cavalcante, do Cariri, naquêles tempos idos.

Naturalmente sua família e mesmo o casal, moravam no Cariri. Outra filha casou-se com Arnaud de Holanda, do Cariri. No inventário de Francisco Alves Feitosa, feito em 1770, constam sítios em Latão e Estivas, de Santana do Cariri e em Engenho da Serra, de Crato.

Naturalmente alguém que herdou êstes sítios, dos Feitosas, nêsse tempo morou ali, como deve ter morado em Correntinho, de Crato, onde Manuel Ferreira Ferro, filho de Francisco Alves Feitosa, possuiu terras.

O Cônego Feitosa estava muito distante dêsses seus parentes, em grau como no tempo dêles. Ele era o 32.º pentaneto de Antônio de Sousa Carvalhedo, que como João Alves Feitosa, o

Do Instituto Cultural do Cariri ao Secretário de Cultura do Estado

O INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI DIRIGIU AO Dr. ERNANDO UCHÔA LIMA, ATRAVÉS DO GENERAL RAIMUNDO TELES PINHEIRO, A SEGUINTE EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS, NA QUAL JUSTIFICA A SUA SOLICITAÇÃO DE AJUDA DAQUELA REPARTIÇÃO, AO NOSSO ICC, NO ANO DA CULTURA:

Crato, 25 de Março de 1974

Exmo. Senhor
Dr. Ernando Uchôa Lima
DD. Secretário de Cultura do Estado
FORTALEZA - CE.

Senhor Secretário:

Fundado a 18 de Outubro de 1953, como coroamento das memoráveis festas que assinalaram o Primeiro Centenário de elevação do Crato á categoria de Cidade, o INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI vem conduzindo a sua existência com destemor e afincó, jamais se atemorizando ante os empecilhos e dificuldades que se lhe antepõem como entidade de fins caracteristicamente culturais.

Sua missão tem sido cumprida á risca.

Sua Primeira Diretoria aclamou como Presidente o inolvidável escritor e historiador cratense, Dr. Irineu Pinheiro, que, empossado no cargo, naquele dia, no mesmo permaneceu até 21 de Maio de 1954, quando faleceu. Sucedeu-lhe, temporariamente, na Presidência, o renomado sacerdote e pesquisador dos nossos fatos históricos, Pe. Antônio Gomes de Araújo, até que, em Outubro de 1954 foi eleito para a Presidência o jornalista e escritor J. de Figueiredo Filho.

Permaneceu este no elevado posto,

primeiro Feitosa, se casára na família Araújo, assim, entrelaçada com Feitosa.

O Cônego chegou no Crato em 1917 e eu em 1919.

Já encontrámos parentes em quasi todas as cidades do Cariri, bem radicados. Hoje há Feitosa em todo Brasil.

dinamizando a entidade e a ela se devotando, até ao holocausto de sua vida, até 29 de Agosto de 1973, data de seu falecimento, sendo sucedido, em eleições realizadas em obediência extrita ás normas estatutárias, pelo Dr. Jósio de Alencar Araripe, advogado e jornalista, na Presidência.

Da atuação do Instituto Cultural do Cariri, nos seus 21 anos incompletos, de existência, fala melhor a nossa revista ITAYTERA, seu órgão oficial, agora com o seu 18.º número no prelo, e reconhecida e proclamada em alguns dos melhores centros culturais do país, como a melhor revista, no gênero, publicada no interior do Nordeste.

ITAYTERA é enviada, regularmente, na sua tiragem anual, aos principais órgãos e centros de cultura do país e até do exterior, que reclamam os seus primeiros números, como fonte preciosa de informação e documentação.

É evidente que faz, espontaneamente, a mais bem alicerçada propaganda da nossa terra e de sua cultura.

O INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI consagrou-se á pesquisa e defesa do nosso folclore e preservação dessa riqueza da cultura popular. Nesse sentido, estimulou o aparecimento de conjuntos folclóricos, dantes quase extintos, revitalizando, assim, esse aspecto de nosso desenvolvimento cultural.

Patrocinou a pesquisa de fatos históricos que tiveram o Cariri como cenário, realçando, desse modo, nossa presença na formação histórica cearense — notadamente nas lutas da Independência.

Em diversos Estados brasileiros es-

teve também presente a nossa instituição, participando de congressos, simpósios, formas de debates e outras iniciativas de caráter cultural.

Em Crato, os conjuntos folclóricos IRMÃOS ANICETO e ITAYTERA, em pleno vigor, apresentando-se em diversas festas cívicas, para autoridades e visitantes, são o resultante do nosso trabalho.

Coube ao INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI a fundação e organização do MUSEU ITAYTERA, de produtos regionais, mantendo-o por mais de dez anos, e finalmente cedendo-o, ao zelo, guarda e conservação da Prefeitura Municipal do Crato, mediante convênio. Esta, o colocou em prédio histórico, a antiga Cadeia Pública do centro citadino, onde se acha aberto aos visitantes.

Colaborou a nossa entidade no movimento pela criação do INSTITUTO DE ENSINO SUPERIOR DO CARIRI, de que resultou a fundação, igualmente, da FACULDADE DE FILOSOFIA DO CRATO, a primeira do interior cearense, fundada a 6 de Dezembro de 1955 e inaugurada a 15 de Maio de 1960, com a presença do Ministro da Educação daquela época.

O ICC teve papel destacado na fundação do Instituto de Ensino Superior do Cariri do qual o nosso saudoso J. de Figueiredo Filho, ao morrer, era vice Presidente.

De par com essas atividades, manteve e mantém variada e assídua correspondência com alguns dos principais vultos e instituições culturais do país. Intercâmbio salutar que eleva nem só o nome do Crato mas de todo o Estado do Ceará e do seu povo.

Paralelamente instalou, inaugurou e tem feito funcionar uma Biblioteca, hoje com cerca de 4 mil volumes, uma das maiores do Estado, e de acervo dos mais preciosos, sempre procurada e consultada por estudantes e todas as pessoas interessadas em assuntos regionais e outros assuntos.

Presentemente, a Biblioteca, por deficiência das instalações, já pequenas, para sua acomodação, está a precisar de sede nova, dentro dos moldes modernos com catalogação e classificação de seus livros, autores e assuntos, medida que pleitearemos, brevemente,

como ajuda, da Universidade Federal do Ceará, em vista de não possuímos técnico no assunto.

Estão em andamento os entendimentos para a assinatura de um convênio entre o INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI e o ex-deputado Antônio de Alecar Araripe, testamenteiro de D. Rosa Amélia de Oliveira, para que, em casa dessa senhora, benemérita professora conterrânea, falecida há 8 anos, se instale e faça funcionar, de forma condigna, uma Biblioteca aberta ao povo. Referido testamenteiro convênará com o ICC para que a Biblioteca a ser instalada ali seja a nossa, já rica, pelo número de seus livros e documentos, satisfazerdo, assim, a última vontade de D. Rosa Amélia de Oliveira.

Precisaremos, todavia, de recursos para reformar a Casa, localizada à Praça Juarez Távora, vizinha à COTELCE de Crato a fim de que possamos dar-lhe feição condigna, bem como à nossa Biblioteca, a ser transferida para ali dentro de poucos dias.

Na Casa pretendemos instalar, também, sala para reuniões da nossa Diretoria, sala de conferência e salão para exposições de arte.

Não esmorecemos ante o desaparecimento de nosso inolvidável Presidente, J. de Figueiredo Filho, falecido em Agosto último.

Já estamos encaminhando ao prelo o N.º 18 da nossa revista ITAYTERA, que, com 200 páginas, edição de 1974, terá grande parte dedicada à sua memória.

O nosso Secretário Geral está ultimando o Primeiro Roteiro Turístico do Município do Crato.

Em nossa Secção de Letras, já se empossaram, em solenidades brilhantíssimas, diversos intelectuais, com Cadeiras que tem o Patrocínio de diversos vultos notáveis da Região e até de fora dela. Sessões que se realizam sempre no auditório da Faculdade de Filosofia do Crato, com a qual mantemos intercâmbio da mais alta importância.

Outras posses serão realizadas no corrente ano, de acordo com o calendário pré-estabelecido.

Desde a fundação do ICC que temos patrocinado a edição de livros de

Em Circulação Dois Livros do Vice Presidente do ICC

Lançados pela Imprensa Universitária do Ceará, como parte do Plano de Obras do Pe. Antônio Gomes de Araújo, estão circulando dois livros do renomado historiador conterrâneo, Vice Presidente do Instituto Cultural do Cariri.

Tratam-se de CIDADE DE FREI CARLOS e POVOAMENTO DO CARIRI, estando para circular o terceiro volume da série de historiografia, em que se publicam e preservam os maiores e melhores estudos daquele grande líder da história regional.

O Plano de Obras do Pe. Antônio Gomes de Araújo se constitui uma das mais arrojadas iniciativas de caráter cultural e editorial do Ceará, e constará de cerca de dez volumes, todos, riquíssimos como forma de documentação genuína e indiscutível de fatos

históricos ligados á formação da gens caririense.

O segundo deles, mais recente na publicação, POVOAMENTO DO CARIRI, tem a apresentação "na orelha", de F. S. Nascimento, outro membro ilustre do Instituto Cultural do Cariri, eleito para a Academia Cearense de Letras, e como prefaciador, o intelectual José Denizard Macêdo de Alcântara, figura de proa da vida cultural cearense.

Ambos os livros, lançados em noite de autógrafos pela Faculdade de Filosofia do Crato e Instituto Cultural do Cariri, que muito se honram em ter em seus quadros esse vigoroso e genuíno intelectual cearense, há 20 anos Vice Presidente reeleito do ICC e um dos seus fundadores e maiores animadores.

autores regionais, ensejando, desta forma, o aparecimento dos nossos autores. Já sobe a mais de 10 essas obras publicadas.

Também publicámos a HISTÓRIA DO CARIRI, já com 5 volumes em circulação, de notável importância para as Escolas da região, bem como um ROTEIRO BIOGRÁFICO DAS RUAS DO CRATO. O último lançamento que fizemos, em 5 do corrente mez, foi do livro do nosso consócio, Monsenhor Rubens Gondim Lóssio, hoje Magnífico Reitor da Universidade Católica do Recife, trazendo ao Crato grande parte da Congregação daquela instituição universitária, que veio prestigiar o acontecimento.

Participa todos os anos o Instituto, da Semana da Pátria e dos fatos cívicos, com palestras nas Escolas, Emissoras de Rádio e Clubes de serviço, a cargo de seus diretores e associados.

Por todos esses motivos e mais outros, que não alinhámos ante o temor de nos alongarmos em demasia, julgamos que o INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI é merecedor de ajuda de parte

da Secretaria de Cultura do Estado, pelo muito que tem feito, e ainda pode fazer, pelo desenvolvimento cultural e intelectual da zona sul cearense, preservação de nossas riquezas folclóricas, estímulo á arte, movimentação do meio, e projeção do Crato, do Cariri e do Ceará, por todos os recantos da Nacionalidade.

No ANO DA CULTURA, em nosso Estado, depomos ás mãos de Vossa Excelência este nosso Relatório, na serena certeza de boa acolhida e de justo prêmio a quem, tão devotadamente, tem servido á Cultura cearense.

Respeitosamente,

Jósio de Alencar Araripe
Presidente

J. Lindemberg de Aquino
Secretário Geral

Anexo: Volume de ITAYTERA, N.º 17 Estatutos do Instituto Cultural do Cariri
A SERVIÇO DA PALAVRA, último lançamento do I. C. C.

RELÓGIO

Zuleika Pequeno de Figueiredo

Objeto despercebido que, as mais das vezes, serve para controlar horários. Sempre olhado com afan, nas repartições públicas, para verificar o término do trabalho.

Na família, é mais um companheiro que segue a vida, em suas mutações, ou simplesmente, na rotina dos afazeres domésticos.

As antiguidades sempre tiveram valor quando são coisas de arte, ou pertencentes à História. Últimamente, a vaidade feminina tem dado imenso prestígio a tais coisas, até as que não sejam artisticamente confeccionadas.

Mas o relógio antigo da família, esse merece culto especial. Marca os momentos de muitas gerações. Lá está ele, bonito, apreciado pelos visitantes de outras terras, embora que, o valor dos que o viram pregado na parede da sala de jantar, desde criança, seja maior, pela lembrança das horas que marcou. Felizes e tristes. De regosijo e preocupações. Horas de alegria ao voltarem os filhos pequenos do colégio, à chegada de parentes e amigos e, ao reunir-se a família às horas das refeições.

Outras bem amargas que doem na alma e que se procura não lembrar.

Se ele falasse, naquele tic-tac invariável e dissesse tudo o que viu e ouviu?! Seriam estórias de romances, desencantos da vida, mas também de vozes infantis, alegrando a casa. De velhos que já se foram, mas deixaram com a gente, os ensinamentos do bom caminho.

E continua lá no seu canto, parando e se acionando os ponteiros, para marcar novas horas na vida da nova geração.

* * *

Essa crônica foi lida na Rádio Educadora do Crato, há meses atrás. Não sabia eu que o mesmo relógio marcaria logo, a hora mais dolorosa de minha vida.

Meio dia e 20 minutos do dia
29 de Agosto de 1973.

A RAINHA DAS ÁGUAS

PETRARCA MARANHÃO

Por mil vitórias-Régias adornada,
como noiva sensual de um rei gentio,
Manaus se mira, — qual donzela amada —
no espelho cristalino de seu rio.

Pelo clarão da lua iluminada
ou por um claro sol quente e macio,
repousa na floresta almofadada
molhando os pés no igarapé sombrio...

Dos seus jardins com tufos de altas relvas,
sôa, solene, fina e solitária,
a rumorosa música das selvas!

Manaus, poema de luz, que o céu encerra!
Resplende em tua graça legendária
arco-iríjs de amor de minha terra!

O REI DOS RIOS

PETRARCA MARANHÃO

Vem de longe o Amazonas, o gigante
caudaloso, feliz, tentacular,
maior que o Mississipi e que o possante
rio Nilo, de glória milenar...

Do Telhado do Mundo, êle, insinuante,
deslisa da montanha, a ultrapassar
vales, terras, florestas, sempre avante,
rumando na distância, para o mar...

Busca o estuário, em que deve, finalmente
arremessar, violento, inquietas águas,
num lance magistral, largo e imponente...

A tudo vence, como um herói romântico:
rompe diques, barragens, pedras, fráguas,
projetando-se olímpico, no Atlântico!...

S A U D A D E

DANDINHA VILAR

Saudade — Alguma coisa no presente
A nos lembrar um sonho já vivido
Que nunca se apagou da nossa mente
E que nunca por nós foi esquecido.

Saudade — Algo que fica para sempre!
Do amor findo o caminho percorrido...
E que nos faz guardar constantemente,
Do passado, o episódio preferido.

Sentimos que ela está no pranto ardente
Que alguém derrama á hora da partida
Num momento de dor angustiante...

Sem perceber que a gente também sente,
Às vezes, a saudade indefinida
De outra saudade que já vai distante.

F. C. PIERRE & FILHOS

COLCHÕES DE MOLA,
RÁDIOS, REFRIGERADORES,
MÁQUINAS DE COSTURA,
MÓVEIS E
ELETRODOMÉSTICOS EM GERAL

Rua Santos Dumont N. 60

TELEFONE 232

C.G.C. 07.171.986/001 - C.G.F. 06 217.242-5

Crato

-

Ceará

Cidadão do Crato

Tenho sido, a vida irteira, um homem à procura de um caminho.

Por isso, geralmente contrastante, fiz muitas tentativas, perlustrei muitas veredas, feri os pés nas pedras da estrada invia, de quase impossível acesso, para chegar aqui, com um lugar ao sol.

Em meio a essa gama de experiências, nesta mesma heróica e inesquecível cidade do Crato, iniciei minha possivelmente frusta carreira de poeta de água doce.

Mais tarde, ao verrumar os meus exatos pendoros, em busca de vocação legítima, verifiquei que realmente de meu agrado seriam os estudos econômicos e financeiros.

E como profissional do Direito — advogado, notário público, professor de finanças e de legislação fiscal e de Direito Tributário — nunca, jamais, me libertei das tenebrosidades dos *in folios* da economia pública.

Assim, provido de tão antipoéticas inclinações, não seria de supor, nem mesmo por mim, cultor da antipoesia, que, vez por outra, voltando às origens, eu reincidisse nas amenidades que só as musas proporcionam.

Mas tal aconteceu.

E aconteceu vezes sem conta, a ponto de aventurar-me a publicar versos, a princípio, por insistência de um cratense a quem sou muito afeiçoado — o pintor e gravador Sérvulo Esmeraldo.

Depois, por hábito e desfastio.

E numa dessas afoitas incursões pelo reino encantado de Camena, pressionado pela saudade imensa, me foi dado imaginar uma conversa lírica com o vate Casemiro de Abreu. Conversa em que relato as profundas razões do meu apêgo a esta querida e generosa comunidade caririense, em cujo aconchêgo modelei toda a minha formação, desde a mais tenra idade, se é que se pode chamar de tenra a ingrata e trabalhosa infância do menino pobre.

A essa conversa-poema de minha ternura pelo Crato, dei o nome de Ó QUE SAUDADES QUE EU TENHO,

CLÁUDIO MARTINS

(Da Academia Cearense de Letras)

um verso do próprio Casemiro, a cujas palavras recorro frequentemente, à guisa de recurso poético. Diz assim:

Ó que saudades que eu tenho
Da aurora da minha vida
Pobre aurora
Pobre vida
De menino abandonado
Mas quanta alegria,
Quarta,
Naquele doce abandono
Sem afeto,
Sem carinho,
Nos descuidosos vagares
Que os anos não trazem mais
Na minha infância querida
O Crato era bem pequeno
Mas para nós era um mundo,
Nosso mundo de meninos...

Suas estradas de areia,
Suas ruas tortuosas,
O seu céu de primavera,
Ainda não perturbados
Pela civilização,
Eram todinhos só nossos,
Nossos, só
De mais ninguém.

E sempre que apetecia
Sem camisas
Que não tínhamos,
Fés descalços,
Braços nus,
Iamos furtar sem remorsos
O pomar de Siá Aninha,
Ou tomar banho de açude,
Erincar de manja,
Ou de peteca,
Açoitar os mais franzinos,
Travar batalhas a pedras,
Rolar á noite na areia,
Com as filhas da vizinha...

Naqueles tempos ditosos
O Crato tinha de tudo,
Tinha o Poço-da-Escada
Nossa piscina de pobre,
O Cinema Paraíso
Com Carlitos,
Com Tom Mix,

Feiras livres,
Cantadores,
E muitas e muitas vèzes,
O grande Circo Olimecha
De fama interracial.

— Hoje tem espetáculo ?
— Tem, sim senhor !
— Às 8 horas da noite ?
— Tem, sim senhor !
— Olha a negra na janela
— Tem a cara de panela !
— Olha a negra no portão
— Tem a cara de tição !
— O palhaço o que é ?
— É ladrão de mulher !

— Ó raio
— Ó sol
— Suspende a lua...

O palhaço ordena :

— Anima, rapaziada da canela fina !

E a vida estrugia
E a negrada vibrava
Espalhando pela cidade virgem
O nosso contentamento sem limites.

O negro Vicentinho,
Eem á frente
No braço magro exibindo
A cruz branca de alvaiade
A cruz branca que era seu ingresso
Erchia de inveja o filho do Promotor
Que não podia ser moleque !

Nossas almas, Casemiro,
Tão mal guardadas,
Tão sôltas,
Não respiravam inocência
Essa inocência tôda
Pois as côxas torneadas,
Roliças,
Gordas,
Bonitas,
Da menina do trapézio
Do grande Circo Olimecha
Já eram acenos lúbricos
À nossa precocidade.

No jogo de cobra-cega
Era sempre Mariazinha,
Tão mansa,
Tão boazinha,
Que gostávamos de agarrar.

Mas que vale, Casemiro,
Nos dias de minha infância

A rua era nossa escola,
Palmatória era o estímulo
Ao invés de corretivo.

Nossos pais não tinham tempo
E a sua pedagogia
Era o rêlho,
Era o chicote.

No entanto, Casemiro,
O que é bom sempre tem fim.

Um dia chegam desgraças :
Trem,
Automóvel,
Avião,
Tomando conta da rua,
Mudando a face de tudo,
Destruindo o nosso mundo,
Nosso mundo de meninos !
O Crato não foi mais Crato
Ficou tudo lá pra trás.
Passou tudo,
Morreu tudo,
Até mesmo, Casemiro,
A nossa infância querida
Que os anos não trazem mais !

Quem me dera, Casemiro,
Áqueles tempos tornar !
Quem me dera, Casemiro,
Moleque voltar a ser !
Gritar palhaço nas ruas,
Encher de frutas roubadas,
Os bolsos por acolá !

De que me valem tesouros,
De que me valem honrarias,
De que me vale o que tenho,
Se tudo daria
Por aquilo que não tive,
Na minha infância querida,
Que nunca mais há de vir ?
Ó que saudades que eu tenho
Da aurora da minha vida...

Meus senhores :

Trago, para a beleza e grandêza
desta solenidade, êste momento íntimo
e marcante de minha vida, bem vivida,
tão só para justificar ou explicar a
desmedida valdade que me leva a acelar
homenagem tamanha.

Quando dirigidas a mim, sou vis-
ceralmente infenso a manifestações
como a que ora presenciamos.

Amiúde posto á prova, quando,
ocupei posições de destaque, sempre,
por questões de princípios, as recusei.

Além de incômodas aos meus in-
coercíveis acanhamentos, não creio na

pureza do incenso, quando a gente só tem o que dar.

Não creio, sobretudo, no prestígio outorgado por sucesso fortuito, pela desvalia da fortuna vã ou por bamburrios de sorte.

Por isso, coerente com essa filosofia de vida, prefiro ser um anônimo a sentir, na planície inostensiva, o calor da verdadeira amizade, a lisura dos gestos grandiosos.

E nada mais verdadeiro e mais nobre que o bem que ora me fazeis.

Há pouco menos de dois anos, quando tive o privilégio de receber e saudar, na Academia Cearense de Letras, o jornalista, poeta e escritor Durval Aires minhas insopitáveis lembranças arrastaram-se, invencivelmente, para o chamego das vastidões carirlenses, o lar comum, o insubstituível lar.

E repassei emoções e bemquerenças. Analisei no poeta da terra do Pe. Cícero minha própria meninice. E fiz ver, em exageros de recordações gratíssimas, que só duas forças seriam capazes de propelar, para u'a migração forçada os que, como nós, aqui deitam raízes: a fome das sêcas e a fome do saber.

Ninguém será capaz de sentir mais do que eu a sincera aflição do poeta Zé de Matos, ao extravasar, em amarga despedida:

“ADEUS CIDADE DO CRATO
QUERERES DA MINHA VIDA.
LEVO SAUDADES DE TI,
RAPADURA E RAPARIGA”.

A prova lírica vos dei há pouco. A prova provada vos dou agora, afirmando, igualmente com absoluta sinceridade, que este é o momento mais enternecedor de minha agitada existência.

Meus amigos:

Cresci no Crato e com o Crato.

Quando, aos oito anos de idade, recebi de meu Pai diploma de homem feito, comecei a trabalhar.

Naquele tempo, aqui nestas paragens, ao menino classe-média só restavam dois caminhos: ser operário ou simular vocação sacerdotal, quando não a possuía, e ingressar no Seminário.

Sem qualidades para mascarar tendência mínima para as sacrossan-

tas cousas do Deus que amava, tive que conformar-me com as cousas do Demo, que estavam ali, fervilhantes, nas ruas perdidas de minha cidade.

E em meio á molecagem desenfreada, em companhia dos filhos do Professor Bezerra, do cego Cleto, de Melito, de Jocel Militão e outros não menos famigerados e queridos capitães das traquinagens de minha infância, fui aprender um ofício.

Primeiro, alfaiataria — e não passei de um chuleio de u'a manga de palitô. Depois foi a Tipografia, a Gazeta do Cariri, com um gerente duríssimo, cujo nome esqueci de propósito, e amigos como Zuza Chato, que reencontrei mais tarde em Fortaleza, o mesmo companheiro, que gostaria de rever.

A Tipografia foi minha verdadeira escola.

Compondo, letra a letra, artigos de Otacilio Macedo, de Celso Gomes de Matos e de padres eminentíssimos, aprendi a escrever corretamente, sem as complicações da gramática ou os mistérios da filosofia.

E daí, dêsse aprendizado incomum, poder, bem cedo, trocar os romances de capa e espada de Michel Zevaco, pelos clássicos portugueses e brasileiros

Até então cursara apenas a escola da Beata Neves — Santa Beata Neves! — que tanto fez pela pobreza desta terra.

Estivesse em mim, e eu lhe ergueria uma estátua em praça pública, pois maior que ela, na minha afeição, somente o Pe. Francisco de Assis Pita, a quem o Cariri e adjacências devem o melhor de sua projeção cultural. E nós, os de nossa geração, tudo o que somos hoje.

Na Gazeta de Bruno de Menezes permaneci tempo suficiente para alicerçar meus conhecimentos. Mas um dia meu pai e meus irmãos decretaram que eu deveria subir na vida. De tipógrafo e distribuidor de jornal, guindaram-me a comerciário.

Esse foi, pois, sem dúvida, o grande momento de minha adolescência.

Um cratense invulgar — o Cel. Luis Teixeira — resolveu, em sua incedível bondade, desviar-me, dos perigos em que me abismava, até ali, e integrar-me em plano social mais alto.

Fez-me amigo e colega de seus filhos — Luizinho, de cuja intimidade participei até seu recente passamento, e Newton Teixeira, que me incentivou e deu coragem quando mais eu precisava.

Em consequência desse apoio, outras significativas amizades brotaram: Moisés e Julio Teixeira, Pedro Macário de Brito, Eli Norões, Raimundo Siebra, Luiz Gomes, Ernani e Elmar Brígido e Silva, Tomé Cabral, Raimundo Esmeraldo, Pedro e Unias Norões. E outros mais.

Aos quatro últimos — Tomé, Raimundo Esmeraldo, Pedro e Unias Norões — devo novo acesso. Dessa vez foi o milagre do meu ingresso no Ginásio do Crato, fundado no ano anterior.

Foram eles e a coragem de meu pai e a largueza de um irmão, que me induziram a deixar o emprego útil a mim e aos meus, para seguir, afinal, o meu destino.

O Pe. Pita, esse admirável e incompreendido bemfeitor, acolheu-me sem condições, como se eu fôra um milionário.

E se eu, desastadamente, não tivesse revelado inclinação para o saxofone, ele me não teria obrigado, depois, a ser músico de sua famosa banda, em companhia de Pedro Pinheiro de Melo, no trombone, Walter e Eliomar de Sá Cavalcante, mais tarde D. Jerônimo, na trompa, Fran Martins, nos pratos, além de outros bambas da época, em instrumentos mais esquisitos, ainda.

O Ginásio do Crato foi o ponto final de uma fase plena de atribulações e o começo de uma carreira que meu Pai me ajudaria a perulstrar.

Quando chegou o momento de cursar uma Faculdade, ele vendeu o pouco que aqui possuía e transmigrou para a cidade grande, a fim de que eu e o Fran não nos privássemos disso.

Grande e admirável Pai, que, lamentavelmente, não conseguiu viver até testemunhar seus filhos atingirem a meta que ele visualizara:

— Um Criador de Universidades, um Mestre em Direito Comercial, um Doutor em Odontologia e também Reitor, u'a Médica, e seu ex-moleque cariense, transformado em Doutor em

Ciências Econômicas, Escritor, Acadêmico, Secretário de Estado, e, acima de tudo, muito acima mesmo, filho adotivo do Crato, o maior galardão que poderíamos, eu e ele, almejar.

Creio que agora compreenderéis minhas palavras iniciais.

Sobretudo, minha emoção.

A emoção que sente um filho espiritual desta terra, recebido como filho verdadeiro.

Emoção, ainda, por haver tudo isso acontecido, por força de iniciativa de um homem simples, como o é, sem favor, o Vereador Virgílio Xenofonte de Oliveira.

Não o conhecia pessoalmente, e o pormenor valoriza, infinitamente, a nobreza do gesto. Gesto que não poderei esquecer jamais, pois que, sem o saber, Virgílio me deu o prêmio que sempre ambicionei: A Cidadania Cratense!

Quero e amo, sem reservas, minha terra de nascimento, a cidade de Barbalha. Mas sou um produto do Crato, de suas virtudes e defeitos, de sua grandeza e visciditudes.

Quando o Crato ainda não conhecia automóvel, nem trem, nem avião, eu já lhe vivia os prazeres simples.

E com ele cresci.

Com ele me fiz homem.

E pela bondade imensa dos que hoje lhe asseguram a pujança, me torno um dos seus cidadãos.

Obrigado, meu caro conterrâneo Virgílio Xenofonte de Oliveira!

Obrigado, meus queridos amigos da Câmara Municipal do Crato!

Obrigado, Sr. Prefeito, dileto amigo Pedro Felício Cavalcanti.

Obrigado meu povo.

Povo bom do Crato, povo privilegiado, pois que, imune das agruras da saudade que acompanha os que daqui se vão, tem a ventura de permanecer fiel e unido á maior terra do mundo!

(Discurso pronunciado na solenidade de outorga do Título de Cidadão Cratense, na Câmara Municipal do Crato, na sessão solene de 03.03.74, presentes, entre outros, o Dr. Ernando Uchôa Lima, Secretário de Cultura do Ceará, o Dr. Joaquim de Figueiredo Correia, ex-vice-Governador do Ceará, o Prefeito Pedro Felício Cavalcanti, e outras altas personalidades).

Catullo Cearense :

POETA E LETRISTA

PEDRO GOMES DE MATOS

Entre fins do século passado e as duas primeiras décadas do atual não havia, no Brasil, quem não conhecesse Catullo da Paixão Cearense. Quem não cantasse as suas modinhas, quem não soubesse de cor os seus versos, impregnados de lirismo, plenos do mais sentido nacionalismo.

Era a sua poesia a alma e o coração de um povo. Não a do povo do litoral, mas a do que, personificada no caboclo, existiu, no sertão, em princípios do século XIX.

Ao produzir *Meu Sertão, Sertão em Flor, Poemas Bravios e Mata Iluminada*, afirmava-se Catullo um grande poeta, poeta original e único.

No sentimento de nacionalismo iguala-se a Gonçalves Dias. Aliás, ambos nasceram no Maranhão. Um na cidade de São Luís (Catullo) o outro nos arredores de Caxias no sombrio da mata virgem frente a uma natureza onde as palmeiras e os nativos babaçus dominam por inteiro a paisagem.

Como trovador, e em popularidade, foi Catullo da Paixão Cearense o Roberto Carlos de nossos dias. Cantou para o povo, e para os maiores espíritos do tempo.

Nenhum escritor, nenhum crítico, nenhum intelectual em evidência, deixou de manifestar aplausos a Catullo da Paixão Cearense. Foram eles: Pedro Lessa e Pontes de Miranda; Guilherme de Almeida e Antônio Torres; Mário de Alencar e Humberto de Campos; Alberto de Oliveira e Coelho Neto; Roquete Pinto e Afrânio Peixoto; Câmara Cascudo, Fernando Nery e Assis Cintra, dentre outros.

Rui disse concordar com Júlio Dantas em que os "versos de Catullo possuem um encanto irresistível".

Veza por outra, visitava-o Agripino

Grieco, crítico dos mais agudos das letras brasileiras. A ele Catullo dedicou o seu livro "Poemas Escolhidos". Essa obra alcançou 50 edições.

Ainda agora, modernistas do porte de Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda mostram-se sensíveis à poesia "bárbara e bela" de Catullo da Paixão Cearense.

Mário de Andrade afirma, categórico: "Catullo é o maior criador de imagens da poesia brasileira".

E Sérgio Buarque de Holanda diz da "surpresa, do encantamento, da comoção", que provocam suas estrofes (Fernando Góes).

Era Catullo pouco mais do que um menino quando compôs a primeira modinha *Ao Luar*, que começa assim: "Vê que amenidade, que serenidade / tem a noite, em meio / quando, em branco enleio, / vem lenir o seio de algum trovador".

No dizer de Saul de Navarro, foi Catullo o "rapsodo da nossa musa anônima, a viola que tange o coração da raça, o lábio que balbucia o idioma que vai plasmar os anseios e a sensualidade, a imaginação e a volúpia da nossa gens..."

Talvez com o seu desaparecimento tenha tombado "o último ipê dourado, a resistir, impávido, aos lenhadores do país antigo e tradicional".

Pena não tenha tido Catullo (quanto ao léxico por ele atribuído ao homem do interior) a fidedignidade, a autenticidade de Mistral, "que fez obra de arte com os elementos fornecidos pelo povo".

Se assim, a sua obra teria o sentido sociológico, e histórico, da de José Lins do Rego, da de Euclides, da de José Américo de Almeida, da de Raquel de Queirós.

Como quer que seja — a afirma-

tiva é de Humberto de Campos — recusar a Catullo da Paixão Cearense um alto engenho poético seria contestar, na claridade do dia, a existência do Sol. Poucos espíritos, entre nós, foram dotados de imaginação tão vigorosa, e nenhum até hoje, de imaginação tão ingênua, tão fresca, tão natural. As suas imagens no *Meu Sertão*, no *Sertão em Flor*, nos *Poemas Bravios*, em *Mata Iluminada*, têm a suavidade, a graça, a singeleza felizes das manhãs de inverno nas altas serranias do nordeste. Sente-se ao ler os seus grandes poemas daquela fase, o gosto das frutas, o cheiro das flores silvestres, e um barulho de água virgem, tombando nas encostas da serra. Surpreendido nas origens, o regato de sua poesia é o mais delicioso que o Brasil tem visto manar no sistema potamográfico da sua literatura. Dá ele idéias, aí, dos tempos inocentes da humanidade, da quase alvorada do mundo, da hora radiosa em que o homem acordava com a saúde do corpo e a alegria na alma para o dia da civilização. Poucos povos modernos possuirão um exemplo tão precioso de inspiração nativa e pura. (in *Crítica*, 1ª Série).

Autodidata, Catullo da Paixão Cearense chegou a fazer traduções de poetas famosos (Lamartine, por exemplo).

Frequentou o parnasianismo, o condoreirismo e um dos gêneros mais difíceis da arte poética — a trova — pelo rigor da síntese na manifestação do sentimento.

Veja-se, a propósito, essa estrofe de sua lavra :

“Qual seria o anel do poeta
Se o poeta fosse doutor ?
— Uma saudade brilhando
— Na cravação de uma dor”

Através de histórias, e de uma série de adjetivos, muitos foram os que procuraram desmerecê-lo.

Em toda a sua obra, o Ceará é uma constante.

Em *Terra Caída* o menestrel recorda :

“Faz hoje sete janêro
Que eu dêxei o Ciará...”

E diz, não sem um quê de vaidade e orgulho, em *O Poeta do Sertão*:

“Não há, poeta, não há
Cum o us fio do Ciará”.

Falava nele a voz do sangue. E desta terra, isto é, de Maranguape, onde afinal vem Catullo, no bronze, contemplar os seus anfiteatros de granito, guardou ele, adolescente, imagens que jamais, pelo tempo em fora, se apagaram de suas retinas e serviriam, como serviram, de inspiração à sua poesia.

Ele conquistou um lugar de honra em nossa música popular. E embora fosse, no fundo, um homem simples, cultivava a vaidade, talvez por conhecer sobejamente seu próprio valor. (Ary Vasconcelos).

Um dos seus maiores triunfos foi ter convencido Alberto Nepomuceno, em 1908, então diretor do Instituto Nacional de Música, a realizar no salão de concertos do Instituto um recital de violão então considerado um instrumento bastardo ou “uma espécie de arma proibida”, na expressão de Humberto de Campos.

Catullo viveu numa época em que os poetas, tais como Alberto Guimarães, Olavo Bilac, Emílio de Meneses (e ele próprio) gozaram de imenso prestígio. Davam recitais e, na rua, eram reconhecidos por todos.

Com os pés no chão, desconheceu o Parnaso.

As poesias que o povo admirava nele eram justamente aquelas com cheiro de terra, que falavam de amores e infortúnios da nossa cabocla, que reproduziam a nossa linguagem com os seus defeitos, que viam o mundo e as coisas com uma sensibilidade nossa. Por isso o povo deu-lhe um busto em vida, reunindo tostão por tostão, para perpetuar a admiração por seu poeta. Memorável campanha do jornal *A Noite*.

Do que foi a audição por ele levada a efeito no Palácio do Catete, a convite do Marechal Hermes, dá-nos testemunho Dona Nair Tefé da Fonseca :

“Essa audição de Catullo no Palácio do Catete, constitui o maior sucesso a que um verdadeiro artista po-

deria aspirar em toda a sua vida. Catullo, ao término de cada canção que interpretava, recebia da culta assistência uma ovação delirante. Todos o aplaudiram de pé. E ele bem o merecia pelo seu gênio e seu irresistível poder de transmissão de sentimento.

A audição valeu-lhe mais que aplausos: Catullo saiu de lá praticamente nomeado para um cargo na Imprensa Nacional. Depois que assumiu, seus inimigos fizeram chegar aos ouvidos do presidente que Catullo só comparecia à repartição uma vez por mês, para receber os vencimentos. O Presidente desfazia a intriga, desarmando seus autores.

— Catullo é mesmo um maluco. Quem mandou ele ir ao serviço?

As histórias dos empregos de Catullo foram um verdadeiro anedotário. Conta Bastos Tigre que certa vez o poeta foi surpreendido por um telegrama que exigia sua presença no Ministério da Viação, para o qual fora nomeado pelo Ministro Pires do Rio. O movimento de 1930 tinha vencido, cuidava de moralizar o serviço público, plataforma de toda revolução que se preza. O chefe de gabinete do Ministro José Américo quis saber tudo o que ele fazia (ou não fazia) na repartição.

— Qual o seu cargo aqui?

—Datilógrafo.

— E se fosse preciso realizarmos um teste de datilografia, que máquina o senhor escolheria?

Catullo ficou embatucado. O chefe de gabinete insistiu: cada datilógrafo se habitua a um tipo de máquina. Sem saída, o poeta encontrou esta:

— Bem, nesse caso, prefiro uma Singer.

Filho de Amâncio José da Paixão Cearense, ourives e relojoeiro, natural do Ceará, e D. Maria Celestina Braga da Paixão, natural de S. Luís do Maranhão nasceu a 8 de outubro de 1863 e faleceu no Rio de Janeiro (GE), onde sempre viveu, a 10 de maio de 1946. Contava 83 anos de idade. Perdulário, morreu pobre. Deixou magnífica bagagem de letras das quais algumas com músicas de famosos cultores da música popular brasileira: Anacleto de Medeiros, Ernesto Nazaré e Irineu

de Almeida, que, por sua vez, tiveram em poemas seus excelentes músicas colocadas por Catullo.

Serviu como contínuo do Cais do Porto e depois como estivador. Dessa dura situação retirou-o a esposa do parlamentar Silveira Martins, convidando-o para lecionar a seus filhos.

Com o lançamento de *Meu Sertão*, em 1918, iniciou-se a glorificação literária de Catullo. Das duas criações, as mais populares foram: *Luar do Sertão*, *Ontem*, *ao Luar*, *Cabôca di Cazangá* e *Flor Amorosa*, que, por sinal, reproduz um dos momentos do filme da Atlântida *Esse Milhão é Meu*.

O sepultamento de Catullo (o corpo foi levado em cortejo a pé para o cemitério de São Francisco de Paula, em Catumbi) — conta seu amigo Carlos Maul — não foi um fato comum na vida da cidade. A Banda do Corpo de Bombeiros ia tocando a *Marcha Fúnebre*; atrás da carreta com o corpo ia grande massa popular. A passagem do féretro, as casas comerciais cerravam as portas; as bandeiras estavam em funeral. Quando o corpo chegou ao cemitério, havia milhares de pessoas à espera.

Os discursos de personalidades fizeram a cerimônia entrar pela noite. Uma lua imensa começou a luzir no céu, e espontaneamente o mexicano Alfonso Ortiz Tirado, tenor e médico, começou a cantar baixinho *Luar do Sertão*. Em pouco o rumor de milhares de vozes a acompanhá-lo dominou a noite: “Não há, ó gente/oh, não,/ luar como este/do sertão...”

Toda a fortuna de Catullo era isto: a adoração popular.

E para que mais se possuía ele, a maior, a mais augusta das realezas, que é a realeza do gênio, na conceituação de Ramalho Ortigão.

Nos últimos anos de vida, Catullo morou num barracão de madeira na antiga Rua Francisca Méier, 21, hoje Rua Catullo da Paixão Cearense, no Engenho de Dentro, subúrbio carioca. Ao barracão ele deu o nome de “Palácio Choupanal”. Ali recebia velhos amigos, antigos companheiros da estiva e visitantes ilustres. Entre eles, Júlio Dantas e Monteiro Lobato.

Obscuro cultor das letras, e penitente de quantos a si mesmos pelo es-

Impressões de Leitura

(A VIDA DE EDUARDO PRADO)

RAIMUNDO BORGES

Que esplendida floração de talentos tem sido a deste País!

Desde moço tinha eu ouvido falar de Eduardo Prado como diletante, homem de fortuna, vivendo mais na Europa do que no Brasil, figura indispensável nas rodas de homens de letras como Eça de Queiroz, Joaquim Nabuco, Ramalho Ortigão, Rio Branco, Graça Aranha, etc., em Paris, ou na sua luxuosa Fazenda no interior de São Paulo.

Dividia a vida entre os intelectuais, os livros e o campo, onde também mantinha rica biblioteca.

Falava-se nele sobretudo como jornalista desabusado e, depois, como polemista que se notabilizara com a publicação do seu livro "A Ilusão Americana", vindo à luz depois de proclamada a República e que lhe valera a expatriação para a Europa no governo de Floriano, fugindo a cavalo pe-

forço e os méritos se estatuiam, associe-me, comovido, a homenagem que, com a inauguração desta herma, ora se presta a Catullo da Paixão Cearense.

E valho-me do ensejo para redizer, como o fez Machado de Assis ao pé da estátua de José de Alencar, corrigindo o desalento do autor de *O Guarani*: "nem tudo passa sobre a terra".

(Palavras proferidas em 31.01.74 por ocasião da inauguração da herma de Catullo da Paixão Cearense na Praça Desembargador Pontes Vieira, Maranguape).

FONTES:

1. Ary Vasconcelos — *Panorama da Música Popular Brasileira*, 1º volume. Martins. 2. Raimundo de Meneses *Dicionário Literário Brasileiro*, 2º volume. Saraiva. 3. Abril Cultural — *Contra-capô do long-playing — Catullo da Paixão Cearense — Cândido das Neves* (Indio). 4. Humberto de Campos. *Crítica*. 1ª Série

los sertões de Minas e da Bahia para embarcar, em Salvador, num navio inglês que o conduziu ao Velho Mundo.

Mas, só agora, me apercebo do valor intelectual imerso desse homem extraordinário.

Descubro, casualmente, na Biblioteca da Faculdade de Filosofia do Crato "A Vida de Eduardo Prado" de Cândido Mota Filho, e me entrego ávido à sua leitura.

Ao terminar, senti-me tomado de um grande arrependimento, ou de uma espécie de quasi remorso, por haver só agora entrado em contacto com a obra do notável paulista.

Porque, na verdade, nessa magnífica biografia, está em síntese traçada toda a produção literária de Eduardo Prado pela pena agíl, vibrante e, sobretudo, veraz de Mota Filho.

Jornalista, polemista, cronista, conferencista, escritor, tudo isto foi o autor de "Ilusão Americana".

E pena que a sua vida, algo dispersiva, não tenha permitido nos desse ele, como escritor, a obra prima que seria de esperar de sua imensa cultura e da facilidade que tinha de expressar em grande estilo seus pensamentos.

Também lhe foram curtos os dias. Faleceu de febre amarela em pleno vigor físico com pouco mais de 40 anos.

Mota Filho revelou-me com o seu trabalho o escritor de raça deformado pela fama de rico, de gastador, de boêmio, habitual das noitadas alegres de Paris; tanto que até se atribuía a êle, com visos de verdade, a figura do Jacinto, o ultra-civilizado da "A Cidade as Serras" de Eça.

Dou-me por bem pago da leitura quasi ininterrupta que fiz, suspensa apenas, aqui e ali, pelas tarefas mais urgentes de afanosa atividade profissional.

Ufano-me de incluir mais um na galeria dos escritores brasileiros da minha admiração.

114 Anos: Inventário de filho de D. Bárbara

ANTÔNIO DE ALENCAR ARARIPE

O inventariado, cujo espólio ora constitui objeto da presente resenha, é o primogenito do casal José Gonçalves dos Santos e sua mulher, a heróina d. Barbara Pereira de Alencar, nascido a 27 de janeiro de 1.783 na freguesia de Cabrobó, e batizado a 17 de fevereiro do mesmo ano em Exú, Pernambuco. George Gardner, o naturalista inglês que ha mais de um século esteve no Cariri e por dias, ou meses, fixou-se em Crato, ao nome de João Gonçalves Pereira de Alencar alúde, em termos encomiástico, no relatório escrito sobre a excursão realizada, que se prolongou a outros pontos do Nordeste e cujo teor consta de reprodução acolhida nas páginas da Revista do Instituto do Ceará. Trata-se de irmão do Senador Alencar e do protomartir da República Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, de tio do escritor José de Alencar e do jurisconsulto e homem de Estado Conselheiro Tristão de Alencar Araripe, e, enfim, do bisavô paterno do consagrado escritor cratense José Carvalho, que ao seu nome por vezes se reporta, tanto no drama "DONA BARBARA", como no trabalho "O Sítio Páu Sêco, no Crato-Ceará — Mais uma tradição sobre a descoberta do Cariri", inserto na dita Revista, tomo 45 — 1.931, págs. 111/17, e em outras publicações de sua autoria.

Não dispuseram de Alencar de antanho, dos vultosos patrimônios econômicos que chegaram a acumular, por exemplo, os Fernandes Vieira, Dias e Bastos, mas, como o relacionamento dos bens constantes do espólio em apreço, contava entre seus membros quem então vivia em estado de expressiva abastança.

O processo do inventário em análise instaurou-se em dias do ano de 1.860, quando, com a data de 19 de

abril, se expediu mandado, redigido pelo escrivão de Orfãos Joaquim José de Santana Milfont e assinado pelo respectivo Juiz dr. Manoel Thomás Barbosa Freire, para a citação da viuva d. Luiza Chavier da Silva, a fim de "receber juramento e fazer as necessárias declarações para se proceder inventário nos bens deixado por falecimento de seu marido".

Informado o oficial de justiça encarregado da diligência Gonçalo Lopes da Silva Brasil, que a citanda não poderia comparecer á casa de residência do Juiz "por ser uma mulher cega e velha", o termo de juramento e declarações do cabeça do casal lavrou-se, a 20/11/1860, no sítio "Páu Seco", de sua residência, onde o inventário passou a ser feito. Das referidas declarações consta que o inventariado falecera a 12 de setembro do ano anterior, deixando quatro filhos, um deles falecido e representado por três filhos legítimos e uma natural devidamente habilitada.

No título de herdeiros estão arrolados, além de cabeça do casal, os filhos: 1) Maria Martiniana de Alencar, casada com José de Sousa Rolim, 2) Barbara Auta de Alencar, casada com o tenente coronel Manoel da Cruz Rosa Carvalho, moradores na vila do Jardim, 3) Alexandrina Xavier de Alencar, casada com Antônio da Cruz Neves Júnior, 4) Cesário Gonçalves de Alencar, falecido, que foi casado com Maria Vespasiana de Alencar, representada por seus três filhos legítimos, e uma filha natural, que foi habilitada no inventário de seu pai, de nomes: a) Luiz Cesário de Alencar, emancipado, b) Antônio Cesário de Alencar, com 19 anos, c) Cesário Gonçalves de Alencar, com 18 anos, d) d. Barbara Pereira de Alencar, filha natural, ca-

sada com Domingos Alves de Gois.

Os herdeiros Luiz Cesário de Alencar, José de Sousa Rolim e Antônio da Cruz Néves Júnior, os dois primeiros no cartório do tabelião Antônio Duarte Pinheiro, de Crato, e o último no do serventário de Jardim, Valeriano de Oliveira Lima, a 21/4/1861 e a 22/1/1861, respectivamente, constituíram procuradores para assistir aos termos do inventário e partilha. É de notar que em cada um dos traslados de tais procurações, por sinal impressos, foi apôsto sêlo no valor de 160 réis.

O herdeiro Manoel da Cruz Rosa Carvalho, marido de Barbara Auta, foi citado por carta precatória dirigida ao então Juiz Municipal e Orfãos de Jardim dr. João Clemente Pessoa de Melo, magistrado sobralense que foi deputado provincial no Ceará e desembargador da Relação de Mato Grosso.

Prestou juramento, como tutor dos orfãos filhos de Cesário Gonçalves de Alencar, Roque Carlos de Alencar Peixoto. Entre os nomes de pessoas em evidência na vida política e social do meio, a cujos nomes ha referência no processo do inventário, notam-se: João Brigido, redator e signatário, a rogo da viúva inventariante, de petições requerendo a expedição de precatória para avaliação de bens sitos em Saboeiro, e, depois, a adjudicação de gados separados para pagamento de custas e dívida, e um dos avaliadores do espólio; Felon Bomilcar da Cunha (casado com neta de d. Inácia Pereira de Alencar, irmã da heroína Barbara, e pai dos drs. Artur, Alvaro e Alfredo, e Cel. Felon Bomilcar), sinatário em parecer sobre as avaliações, em nome do *de cujos*; Alexandre Chaves de Melo Ratisbona (deputado provincial e geral, advogado, orador de fama), testemunha em procuração da inventariante para dar andamento á deprecada na vila de Saboeiro, onde foram avaliados: vacas, bois e novilhos (26), a 20 mil réis, cada, novilhotes, a 12,

garrotes, a 8, éguas, a 30, poltros de muda, a 15, e quarenta cabeças de gado "cabrum", por 40 mil réis, além de TRÊS léguas de terra, por três contos de réis.

A descrição dos bens do espólio, inclusive os escravos, com o preço estabelecido, por seu interesse histórico, merece a devida divulgação.

Relacionam-se entre os imóveis além das 3 léguas de terra em Saboeiro: o Sítio "PAU SECO" — tradicional solar de dona Barbara — "havido por herança materna de seu falecido marido, e por compra feita a diversos herdeiros, a saber: NEUTEL, Aderaldo, Tristão, Delencarliense, PEDRO JAIME (avô do autor desta resenha), Carolina, Maria, Joaquim Antão, (bisavô da esposa do dito autor), Raimundo, José Vitoriano, Ana e Casimiro, no valor de 1.123.856, que com a casa de vivenda, de taipa, com uma porta e duas janelas, coberta de telhas e mais benfeitorias avaliam por 4.000,00; duas posses de terra no sítio São Gonçalo, sendo uma havida por herança e a outra por compra a d. Ana Triste de Alencar Araripe (viúva de Tristão Gonçalves). Observa-se que o senador Alencar, irmão do inventariado, também dispunha de duas posses no aludido imóvel, avaliadas, quando ocorreu o inventário daquele parlamentar processado em dias do ano de 1860 e ora constante do Arquivo Nacional.

Abrangeu a avaliação, feita por João Brígido e seu companheiro sendo fôro de Crato: 4 libras de prata em diferentes obras, avaliada, cada oitava a 160 réis, que importa em 81,920,182 libras de cobre, avaliada a 640 réis a libra, que importa em 116,420, 1 copo de prata com o peso de uma libra, avaliado a 160 réis cada oitava, que importa em 10,240, 5 enxadas por 540 cada, no total de 3,200, uma tenda de caldeireiro por 3,200, 5 machados por 1.500, 1 caixão de cedro por 10,00, 1 mesa de cedro por 4,000, 1 banca velha por 1,000, 1 jôgo de caixa de pregaria

POTENCIALIDADE ECONOMICA DO CARIRI

JÓLIO DE ALENCAR ARARIPE

Estudos têm evidenciado ser o Cariri uma das mais ricas parcelas do território cearense, senão de todo o interior nordestino. Apresenta a região características bem definidas, favorecidas por uma pluviometria das mais regulares, alcançando a média anual de 1.000 mm., em Crato e Barbalha. Em face de tão privilegiada dádiva da natureza, a diminuição das colheitas por falta de chuvas no tem-

por 1,000, outro jôgo velho por 4,000, 1 armário de cedro por 10,000. O preço dos gados em Crato assim foram calculados: Vacas paridas (11), a 22,00, cada, solteiras, (17) a 20,00, bois mansos (18) a 25,00, novinhos a 20,00, novilhotes (5) a 12,00, garrotes (6) a 6,00, éguas (5), sendo 1 velha por 16,00 e 4 novas a 25,00, burro novo (1) por 100,00, 1 burra velha por 60,00, cabras e ovelhas, a mil réis, cada.

No espólio arrolaram-se 38 escravos, classificados como "crioulos", "cabras", "cabrochas", "mulatas" e "caboclinho", variando o preço de 54 a 64 mil réis, para os mais velhos (de 60 e 65 anos) até o máximo de 900 mil réis para os de idade de trabalho.

O monte atingiu a 24.431,360. Deduzidas as custas (468,00) e dívidas (706,380), passou a ser partilhada a soma de 23.256,960, cabendo á meieira 11.628,480.

De custas coube ao Juiz — 40,800 réis, ao Curador e ao Contador 5,000, aos partidores — 60,000, aos avaliadores — 239,800 (só pela avaliação dos escravos ganharam 48,000), ao Escrivão do feito — 361,440. O julgamento do inventário e partilha em apreço foi afinal realizado, a 10/5/1891, pelo suplente do Juiz de Orfãos em exercício Tte. Cel. Antonio Luiz Alves Pequeno Júnior.

po oportuno, reduz-se, em Crato, a 12%, contra 32% em outros municípios do sertão circundante. Para suprir a eventualidade de possíveis irregularidades climáticas, dispõe ainda a região, afora o recurso da açudagem, de um lençol freático abundante e superficial. Grande área de terras planas, de aluvião profundo e facilmente irrigáveis, completam o quadro promissor da potencialidade econômica desta parte do Ceará.

Como não poderia deixar de ser, a exploração da terra se fez desordenadamente, de modo predatório. As queimadas frequentes deixaram desnudas as encostas, favorecendo a ação da erosão, que ameaça soterrar os solos mais férteis dos vales. O comportamento das fontes foi também modificado, e muitos rios, antes perenes, somente correm na estação das chuvas. A paisagem desoladora do sertão, causticado durante meses seguidos de sol intenso, vai aos poucos tomando conta do Cariri, onde o deserto já penetra fundo, quase até as encostas da Chapada do Araripe, restringindo os limites do oasis verdejante que se estendia por toda a região. A última barreira a ser vencida por esse processo de saarização, seria a chapada que emoldura o vale, revestida, ainda, de exuberante vegetação nativa, que lhe protege as escarpas, e na faixa da floresta, fator de primordial importância para a manutenção do equilíbrio ecológico deste canaam cearense. Quem galgou aquele paredão, poderá constatar que ali a terra se sustenta apenas pela ação das árvores. A devastação dessa cobertura florística, resultará no desmonte do arenito assim precariamente sustentado, que se lançará de encosta abaixo, soterrando tudo numa avalanche destruidora. An-

tes que essa ameaça se efetive, necessário se torna tratar da imediata recuperação das áreas devastadas, e da proibição rigorosa do corte de árvores nas escarpas íngremes, que não estão sob a proteção do serviço florestal.

Um trabalho de recuperação deverá ser feito em todo o sopé da serra, cujo solo vem sofrendo intenso desgaste pela ação das águas. As fontes, que devem ser objeto de especial proteção, deverão ser canalizadas para a irrigação de culturas, realizadas de acordo com um esquema técnico adequado às condições locais, visando seu melhor aproveitamento econômico.

O clima ameno desta parte dos municípios serranos, é indicado para a exploração agrícola de frutas as mais variadas, verduras, e até mesmo o café ali visceja em muitos sítios. frutificando há dezenas de anos. Os grandes mercados consumidores das capitais nordestinas estão hoje a poucas horas de viagem, para absorver toda essa produção, saída fresquinha dos nossos campos.

Embora tenha se afirmado ser desnecessária ou supérflua a açudagem no Cariri, o fato é que em poucas regiões do Nordeste haverá condições mais favoráveis ao represamento d'água, não somente em razão da maior regularidade das chuvas, como também pela natureza das terras, apropriadas a irrigação e cultivo intensivo. Acrescentese a esses fatores, a tradição dos moradores da região, dedicados em sua grande parte ao trabalho agrícola e vocacionada para essa atividade. Milhares de hectares de terras férteis poderão ser rehabilitadas para a agricultura, com o aproveitamento desses recursos. Aonde não for possível levar a água represada das barragens dos Carás, do Latão, do Riacho do Machado, Riacho dos Porcos e tantos outros, poderá ser utilizado o lençol freático abundante e superficial. Ao regime de colheitas diminuídas ou prejudicadas pela irregularidade das

chuvas, haverá de se suceder o regime de safras contínuas e ininterruptas, quer no inverno ou no verão, nas sêcas totais ou parciais.

Uma economia estável propiciará o acúmulo de poupanças, que serão reinvestidas no aprimoramento dos meios de produção, máquinas, insumos modernos, donde advirão maiores lucros e o enriquecimento da região. As indústrias de algodão e extração de óleos vegetais, trabalhando presentemente com grande capacidade ociosa, terão abundante matéria prima, obtendo assim maior desfrute de seus custosos equipamentos. Com uma agricultura próspera e desenvolvida, teremos fortalecida nossa principal indústria, e outros empreendimentos surgirão como uma decorrência natural, como a usina de açúcar, fábrica de doces e sucos de frutas e tantas outras, que na região se implantarão, depois de fortalecida sua infra-estrutura econômica.

Poucas regiões do Nordeste se prestarão com tanta propriedade a um trabalho desse porte, e responderão tão favoravelmente aos investimentos públicos nos setores da açudagem e irrigação. A indústria de pasteurização de leite, em fase de implantação, encontrará campo propício, e condições temos para desenvolver no Cariri a criação de gado leiteiro, talvez com maiores facilidades do que foi feito nos sertões de Alagoas e Pernambuco. Nossas exposições têm dado uma amostra dos progressos realizados nesse setor, por conta quase exclusiva da iniciativa privada. O gado de corte representa também um forte baluarte na economia regional, e poderá motivar de futuro a instalação de um frigorífico, meta já sonhada pelos criadores locais, cuja realização também está subordinada a solução dos problemas estruturais já apontados. Isso tudo é o que nos aponta o futuro, com o aproveitamento da potencialidade econômica do Cariri.

IMPORTANTES EFEMERIDES LOCAIS EM 1974

O ANO DE 1974 ASSINALA A PASSAGEM DE IMPORTANTES EFEMÉRIDES, DE IMPORTÂNCIA PARA NÓS, DO CRATO E DO CARIRI.

● Em 14 de Abril tivemos o Centenário de Alvaro Bomfilar, sociólogo, patriota, publicista do maior renome em todo o território nacional, natural do Crato.

● Em 18 de Maio, centenário de Manuel Siqueira Campos, que dá o seu nome á praça mais central do Crato. Foi comerciante e homem de grandes iniciativas, de notável espírito público. Natural de Porteiras, CE.

● 21 de Maio assinala os 20 anos do falecimento do Dr. Irineu Nogueira Pinheiro, Primeiro Presidente do Instituto Cultural do Cariri, médico e historiador dos maiores do Estado, a quem a historiografia regional ficou devendo assinalados serviços.

● 20 de Julho assinala o centenário do Cel. Francisco José de Brito, figura humana das mais queridas e admiradas da terra cratense, chefe de numerosa e digna família.

● 2 de Agosto assinala o Cinquentenário de George Teles Sampaio, malgrado marinheiro cratense, da Marinha de Guerra do Brasil, falecido a bordo do "Humaitá", de nossa Armada, com 21 anos de idade, na Segunda Guerra Mundial. Seu nome está eternizado numa das ruas de nossa Cidade.

● 15 de Outubro assinala o Centenário de falecimento de D. Ana Triste, viúva de Tristão Gonçalves, heroína nacional. Nascera em Crato em 16 de Fevereiro de 1789, consorciando-se em 1810 com o herói Tristão Gonçalves, da qual ficou viúva, após o seu trucidamento, na Revolução de 1824.

DOIS SESQUICENTENÁRIOS NO CALENDÁRIO CÍVICO DO CRATO ASSINALA O ANO DE 1974 :

● 1º de Maio — 150 anos do nascimento de Leandro Chaves de Melo Ratisbona, parlamentar do Império, natural do Crato, e figura do maior relêvo em nossa história política.

● 31 de Outubro — 150 anos do trucidamento do herói Tristão Gonçalves, ás margens do Jaguaribe, em S. Rosa, hoje Jaguaribara. Foi o malgrado Presidente da Confederação do Equador e figura no Panteon dos Heróis da Pátria.

O Instituto Cultural do Cariri registra essas datas e reservou para cada uma delas as suas celebrações.

PROFISSÃO DE FÉ

"Não sou filho de grande centro cidadão, nem tão pouco fui transplantado, com raízes e tudo, para a orla do oceano. Nasci e cresci ouvindo a canção nostálgica dos tangedores de bois, montado nas almanjarras dos engenhos de rapadura, diverti-me com o matraquear dos cacetes, no MANEL-RO-PAU e puxei alfenim junto á bagaceira. Só não fiz foi beber cachaça, ao pé dos alambiques caririenses, com aquêlre aljofre fechado, tão ao gosto dos cabras, e de certa gente mais graúda de minha terra. Tomei banhos em nascentes e no Poço da Escada, de Crato. Sou impregnado das cousas do Cariri.

Mas, sou cearense, da cabeça aos pés e orgulho-me disso.

A limitada cultura intelectual que possuo, em parte, é bebida neste Ceará que tanto amo".

(J. de Figueiredo Filho, in discurso na Academia Cearense de Letras).

CONJUGANDO

Eloi Teles

— eu amo
tú amas
ele ama.
nós amamos
vós amais
eles amam.

— o que é o amor?
— sel lá...
— como conjugaste?
— ora, aprendi na escola.
— a amar?
— não, a conjugar.
— amor existe?
— por que não?
— onde?
— só na conjugação.

.....
.....
.....

— olha, para falar a verdade
o único professor que ensinou o amor
morreu numa cruz, pela humanidade!

Sindicato dos Bancários de Crato

NOVA DIRETORIA

RECEBEMOS :

O Sindicato dos Bancários do Crato tem a honra de comunicar a V. S. que empossou a sua nova Diretoria, eleita em Assembléia Geral, para o triênio 1974/76.

A solenidade realizou-se na AABB, Crato, no último dia 19 de março, sendo que os novos dirigentes são os seguintes :

DIRETORIA

EFETIVOS

Presidente :

Jefferson de Albuquerque e Sousa

Vice Presidente :

Kleber Maia Cabral

Secretário :

Geraldo José Macedo Lemos

Tesoureiro :

José Milton Albuquerque

SUPLENTE

Manoel Patrício de Aquino

José Sampaio de Araújo

Geraldo Marques Rodrigues

Antônio Paulino Correia Filho

CONSELHO FISCAL

EFETIVOS

Waldery Gonçalves de Oliveira

Maria Amélia Ferreira

Ruy Moreno Pinheiro

SUPLENTE

Alcides José Esmeraldo

Juarez Ferreira de Alencar

José Airton Abagaro de Oliveira

DELEGADOS REPRESENTANTES :

EFETIVOS

Jefferson de Albuquerque e Sousa

Kleber Maia Cabral

SUPLENTE

Waldery Gonçalves de Oliveira

Manoel Patrício de Aquino

CONSULTE QUEM SABE.

REVISTA ECONÔMICA DO NORDESTE.

Se você quer conhecer a economia do Nordeste, o BNB está por dentro.

Realizando frequentemente pesquisas, estudos, seminários, cursos, coloca todo esse conhecimento à sua disposição na Revista Econômica do Nordeste, publicada trimestralmente.

Trata-se de publicação de gabarito que preenche uma lacuna no setor econômico da Região.



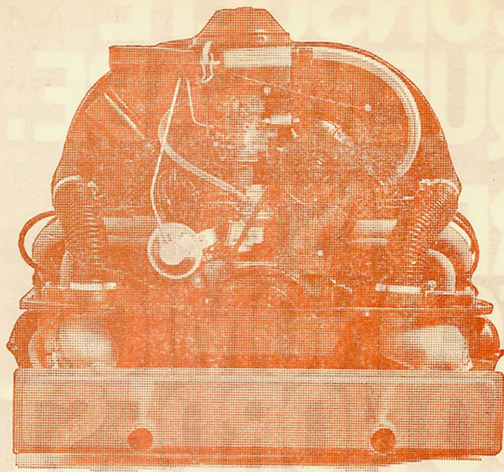
BANCO DO NORDESTE DO BRASIL S.A.

REVISTA ECONÔMICA DO NORDESTE

Assinatura anual: Cr\$ 20,00.

Números avulsos e atrasados: Cr\$ 6,00.

Rua Senador Pompeu, nº 590. Caixa Postal nº 628.
60.000 Fortaleza CE



Tem cara de motor novo, desempenho de motor novo e custa menos da metade de um motor novo.

Venha ver em nossa loja o motor Volkswagen, recondicionado pela Volkswagen.

Ele fica tão novo, que v. é capaz de confundir-lo com um motor novo.

Felizmente seu preço evita esta confusão: custa menos da metade de um motor novo.

Mas faz tudo que um motor novo faz.

As peças originais instaladas e as recondicionadas são submetidas a testes

os mais variados, que são uma verdadeira tortura. Mas também, depois de passar por esses testes, ele fica como se fosse novo.

Tanto é verdade, que ele recebe a mesma garantia que a Fábrica dá a um motor novo: 10.000 km ou 6 meses de uso.

Se v. gostar, tanto melhor para seu carro: em 90 minutos, ele vai sair de nossa Revenda como um carro de motor novo.

EM CRATO:

DRASA - Distribuidora Regional de Automoveis S. A.

RUA RATISBONA - FONE 305



REVENDEDOR
AUTORIZADO

AÇOITES NO TEMPO

PE. ANTÔNIO DE ALCÂNTARA

A briga do tempo ficou bem configurada numa discussão que tive com o padre John. Este culpava o passado por tudo quanto há de mau no presente. John — Nunca vi tempos piores do que os nossos. Curtimos os efeitos acumulados do passado. Tudo estava errado na Igreja: padres, bispos e até a Cúria romana. Os Concílios também estavam errados e, dentre eles, o maior culpado foi o Tridentino com seus anátemas. Uma tradição espúrita colocou a Igreja fora do tempo e nós vivíamos desinstalados da realidade. Vivíamos num clima de deturpação religiosa. O povo ia por um lado e nós por outro. A Igreja eram os padres, os bispos e, no alto, o Papa. O resto ficava fora, era o mundo. Resultado: clérigos e leigos, viviam distantes. Leigos, lá por fora e clérigos cá por dentro. Eram duas paralelas que não se encontravam.

Aqui respirou, acendeu um cigarro e prosseguiu:

— O clero, pobre clero! Sua formação estava toda errada. Bastava um fedelho transpor os umbrais do Seminário para ter direito à batina. O Direito Canônico era calcado aos pés. Seus bonitos volumes ficavam nas estantes dos eruditos e seus cânones ficavam espesinhados. O mais humilde seminarista andava de batina, desde o curso primário. Sem a tonsura de clérigo, sem ter estudado sequer a primeira página da Teologia, já andava como um vigário: sapatos de fivela, colarinho eclesiástico, capa e chapéu eclesiásticos, faixa de seda. Era um amor! Mais enfeitado que um Cardeal! Esse luxo atraía os filhos dos pobres, de tal modo que a pobreza, para muita gente, era sinal de vocação. O rapazinho e seus pais enganavam o Reitor, o Bispo e todos os padres. O gasalhoso ninho do Seminário servia de abrigo contra os gaviões do Inferno, que vinham roubar a inocência dos meninos. Era preciso defender os pombinhos inocentes, da voracidade dos gaviões. Os

vocacionados, segundo o pensamento de alguns bispos, deviam sair do mundo perverso e mentiroso. Si fosse possível, deviam sair dos cueiros para a batina. O Seminário devia ser morada de anjos.

De novo o padre John respirou. Deixei-o falar sozinho. Acendeu outro cigarro e continuou:

— Essa doutrina errada estava bem dentro das idéias de muitos superiores e Reitores de Seminários. Vocação não era obra do Espírito Santo, mas chamado do bispo, pronto.

— Esquisito, não? — observei eu.

— Sim, muito esquisito! Vivíamos fora do tempo. Nova bandeira fora levantada contra a infalibilidade dos bispos em matéria de vocação.

Muitas vozes se levantaram contra as estruturas. Urge descer a ripa em tudo quanto aí está. Errada a formação dos seminaristas. Melhor é fechar os Seminários. Hoje muita coisa já caiu. Até a batina caiu. Assistimos o alvorecer de uma Igreja nova, de uma liturgia nova, de uma Teologia dinâmica e precisamos de um novo tipo de padre.

Aqui John parou. Parecia ter dito tudo. Desabafara comigo e pensava que o meu silêncio significava sintonia de pensamentos.

Falei assim e ele respeitou meu pensamento:

— Tudo no mundo fica dentro de três fases do tempo: *passado*, *presente* e *futuro*. Em qualquer dessas fases há insegurança. O presente é o livro do passado e o futuro escreverá a história do presente. Gente, a história omite o futuro, porque só relata fatos acontecidos. Só os profetas, carismáticos, relatam acontecimentos futuros. A História não consiste numa simples exposição de fatos. Uma verdadeira História exige inteligência, capaz de interpretar, fielmente, seus pormenores e seu verdadeiro sentido. Em toda história se derrama parcela de inteligência do historiador, e da sua filosofia. História bem narrada e bem

interpretada é tarefa difícil.

"O que se passou, passou". Só os reflexos do passado podem falar do presente. Certo? O presente traz, incontestavelmente, no seu conteúdo, uma herança do passado. Para uns, o passado errou em tudo e merece condenação total.

Parece injusto condenar o passado por tudo quanto aconteceu, por tudo quanto vemos no presente.

John, suas invectivas me parecem injustas. Sabemos que essa mania de criticar o passado caracteriza os tempos de transição. E estamos neste caso. Parece que estamos cometendo grande injustiça para com os benfeitores do passado. Eles não erraram em tudo. Somos também herdeiros do bem que fizeram. E quem pode garantir que tudo quanto fazemos está certo? Que tudo é bem feito? O historiador deve ser imparcial, arguto, inteligente e justo. Sem uma grande cultura ninguém será grande historiador. Lá no passado é que se encontra a pedra angular de muitas construções que resistem ao tempo e chegam até nós com galhardia.

Os grandes santos estiveram certos e a Igreja ainda hoje lhes presta merecido culto, como heróis. Francisco de Assis e seus seguidores levaram uma vida santa. Convencidos de que o mundo andava mal e mergulhado numa grande crise moral e religiosa, ergueram-se às culminâncias do heroísmo. A história registra uma crise sem precedentes no tempo de São Francisco e aquela situação não podia continuar. Estava certo o santo, e podemos generalizar, estavam certos os santos e merecem os louvores e os agradecimentos de todas as gerações. A "Peste Negra" que varreu a Europa no meio do século XIV, destruiu mais vidas do que a bomba atômica no Japão e deixou a sensação de completa insegurança, de abandono total. Uma crise de intensidade jamais vista naquele tempo revelou-se a quem quer que estude os anos em que viveu Alexandre Bórgia; o mesmo aconteceu no fim da era vitoriana, aparentemente tão calma por volta de 1880. O conflito da ciência e da fé, o advento do trabalho não qualificado, a emancipação da mulher e outros fatos turba-

vam os espíritos. Tudo parecia incerto. Os monumentos da cultura desmoronavam-se, a catástrofe levava tudo de roldão. Apareceu a selvageria do homem contra o homem. O que nos faz hoje falar de crise não é a maior intensidade do nosso sofrimento comparado com o dos séculos passados, Temos o jornal, a televisão, as revistas de grande circulação e tudo bate numa sensibilidade mais aguda. Abominamos hoje certas crueldades que os séculos passados aceitavam sem contestação.

O passado, pelo simples fato de ser passado, é velho. O futuro não é pátria do certo, mas apenas do possível e do provável. Certas doutrinas e certos acontecimentos levam em si o germe do fracasso. A Revolução Francesa trouxe o germe do Capitalismo. O capitalismo trouxe o fermento do socialismo e do Marxismo. Esta, a dialética da História.

Os homens do presente estão cometendo um grande erro: culpam a Igreja do passado e esquecem-se de que estão assumindo grande responsabilidade para com a Igreja do futuro. A Igreja é uma instituição que carrega no bojo elementos humanos e divinos. De qualquer forma está dentro da História e a História humana não risca a linha divisória entre o humano e o divino. Os nossos erros humanos se refletem nos planos divinos. O homem pode atrapalhar os planos de Deus, para infelicidade nossa.

A nossa geração atingiu um ponto crítico da sua evolução. Incontestavelmente há uma concatenação de elos na sucessão dos tempos. O passado exerce influência sobre o presente e, não esqueçamos, que é deste presente que vai depender o futuro. Sobre cada um de nós há duas influências. Uma hereditária e outra adquirida. Uma que herdamos e outra que construímos. E os anátemos do presente sobre as gerações passadas são negra injustiça, especialmente se pretendemos especificar este ou aquele fato, esta ou aquela estrutura, este ou aquele Concílio. Muitos males de hoje, nasceram hoje. A História é um processo indefinido, no dizer de Hans Kohn, partindo da escuridão para a luz. Ca-

Salve Crato, cidade Princesa, município modêlo do Ceará!

NAPOLEÃO TAVARES NEVES

Por desvanecedor e honroso convívio do vosso companheiro e meu particular amigo, Dr. Jefferson de Albuquerque, aqui estou diante vós para alguns instantes de ameno e salutar convívio.

Pessoalmente, alegro-me por estar entre vós, porque é sempre bom voltar a Crato. É sempre salutar para para todos nós o convívio desta gente amiga nessa encantadora cidade, nascida do pioneirismo de Frei Carlos Maria de Ferrara para o nosso deleite. É sempre motivo de indizível júbilo voltar à terra amiga de todos nós, ber-

da tempo novo ilumina o tempo que se foi. O padre deve mudar os óculos quando a vista pede outro grau. Nada de interpretação isolada. Só encontramos sua justa interpretação dentro do contexto universal, à luz da fé, e da ética. A tradição não é estática. Evolui e os homens vão encontrando nova verdade ao descortinar panoramas do tempo futuro.

Cristo prometeu assistência à sua Igreja até à consumação dos séculos. Assim cada geração tem a sua história e fica responsável por sua vitória ou pelo seu fracasso.

Afinal, quanto aos males que nos assolam, não culpem os somente o passado. Não atiremos o passado pela janela. Somos nós também responsáveis pelos males da Igreja no presente. A Crise do clero não corre unicamente, por conta do passado. O presente se projeta como mero desafio à capacidade intelectual, à prudência dos padres de hoje.

As gerações futuras nos pedirão conta do presente.

“Com a medida com que medirdes os outros, sereis medidos” no futuro.

ço da civilização caririense, e onde todos temos fincadas as raízes mais profundas dos nossos conhecimentos, auidos nos seus modelares e tradicionais estabelecimentos de ensino, nos debates cívicos das suas praças públicas ou no convívio morno e acochegante da sua depurada sociedade.

Crato foi, é e sê-lo-á no porvir metrópole regional, fonte irradiante de cultura, de civilização e de progresso.

O sangue dos seus mártires fê-la grande, de grandeza incomensurável, irreversível e indestrutível porque o heroísmo humano não é valor que possa ser esquecido!

O seu passado de luta e de civismo já lhe garantiu um lugar sem disputa no cenário nordestino.

Não adianta tentar escurecer esta verdade porque a verdade triunfará sempre, apesar dos seus algozes.

Esta sim, é uma terra de sociedade já realmente sedimentada, cujas raízes buscam energia e vitalidade em um passado glorioso que é patrimônio nacional e que lhe confere o selo da perenidade.

Outros poderão ter asas, mas Crato tem raízes que simbolizam firmeza e solidez para não dizer perpetuidade!

Crato é Crato mesmo porque Crato é sua melhor definição, Crato inimitável, Crato indelimitável, Crato das Escolas Superiores, Crato de modelares estabelecimentos de ensino, Crato do Instituto Cultural do Cariri ao qual me orgulho de pertencer, Crato dos corais que, cantando encantam e exportam arte, Crato do Club Recreativo Grangeiro, sala de visita do Cariri, Crato da Exposição Centro Nordestina de Animais, Crato de rica rede hospitalar do mais alto gabarito, Crato dos jornais que persistem, Crato das livra-

rias que não falem mas se multiplicam, coisa rara no interior, Crato das revistas Itaytera e Região, Crato da Fundação Palre Ibiapina, Crato da pujante Associação Comercial, Crato que mandou Sérvulo Esmeraldo, meu ex-colega, crescer em Paris tendo o mundo como palco e Humberto Barreto e Nertar Macedo integrarem a equipe do Presidente Ernesto Geisel empossado na Presidência da República para tranquilidade da família brasileira, Crato, metrópole cosmopolita onde o Cariri nasceu, onde a Pátria gestacionou a República no idealismo sem par dos seus heróis, onde a Liberdade foi fecundada no sacrificio de Bárbara de Alencar, de Tristão Gonçalves e tantos outros, onde a civilização nordestina fez estágio de maturidade, onde a cultura regional se concentrou para se difundir, constantemente alimentada pelas tradições de um passado repleto de grandeza, sustentado por fantástico potencial humano e que daqui se irradiou por esses Brasis afora criando grandezas novas alhures, ensinando brasilidade, pregando civismo, amando a Liberdade e sublimando o Direito nas conquistas da Independência e na consolidação da República!

Crato é a terra natal de todo cariense porque aqui o Cariri nasceu para o Brasil, razão porque os seus trinufos são triunfos de todos nós que vemos neles os triunfos das Rossas diferentes comunas, consubstanciados no cosmopolitismo da Princesa do Cariri que hospedou o idealismo e os sonhos da minha geração aqui trazida pela luz sempre viva e vigilante do antigo e inesquecível Ginásio do Crato, sob a tutela sábia de Monsenhor Montenegro, incansável semeador de auras.

Esse modelar e tradicional educandário transformou-se no celeiro inesgotável onde a Nacionalidade veio buscar valores múltiplos que a engrandeceram aqui, ali, além, por toda parte e em todos os setores da atividade humana. Nele a vida pública brasileira veio buscar dezenas de prefeitos, deputados, governadores, secretários de Estado, ministros, senadores, além de artistas plásticos, jornalistas, empresários, escritores e intelectuais de toda ordem, técnicos e profissionais liberais,

F. S. Nascimento Eleito para a Academia Cearense de Letras

A Academia Cearense de Letras tem, desde o dia 12 último, um novo imortal. Trata-se do escritor Francisco de Sousa Nascimento (F. S. Nascimento), crítico literário e autor do livro A EXTRUTURA DESMONTADA. Vai ocupar a Cadeira 38, cujo patrono é o jornalista Tiburcio Rodrigues e que teve como último titular o professor Francisco de Meneses Pimentel.

O sr. F. S. Nascimento foi eleito com 34 sufrágios, sendo 17 por procuração e a decisão da Academia foi-lhe comunicada oficialmente no dia seguinte.

No decorrer da reunião do dia 12.11.73 da Academia, foram declaradas vagas duas Cadeiras, as de número 34, Patrono Samuel Uchoa, em virtude da morte do acadêmico J. de Figueiredo Filho, e a de número 8, patrono Domingos Olímpio, em decorrência do falecimento do Acadêmico Ferrandes Távora.

(NOVEMBRO — 73)

militares e religiosos.

Por tudo isto, Crato, eu te saúdo com profundo respeito e nesta hora de lazer e confraternização te repito ao ouvido aqueles versos magistrais nascidos para ti da gratidão e do estro grandiloquente do meu parente, poeta e orador, Juarez Ancilon Aires de Alencar:

*Neste século fantástico de heróis,
Quando o século dezoito o véu rompeu
E a estrela da manhã surgiu nos céus
Clareando os sertões, Crato nasceu.*

*Eia! Província dos Cariris Novos...
De Barbalha, de Jardim, de Exu!
Caminha oh! Cidade Capital
Para o progresso — teu porto seguro
Onde se lê a lenda imortal!*

*Heróica pelo passado
Grande pelo presente
Imensa pelo futuro!*

(Saudação pronunciada no Rotary Club do Crato no dia 22 de Março de 1974).

História de Mangabeira

R. PEDROSA

Até 1803 o atual distrito de Mangabeira, pertencida aos herdeiros do sargento-mór Custódio Alves Martins, filho que era, de Bartolomeu Nabo, o donatário da sesmaria do Icó.

Custódio Alves Martins foi senhor de 3 léguas de terras no Boqueirão da Serra, abaixo uma légua da cidade de Lavras, estacionára-se ali em 1707. (1)

Estas terras que constituem o atual distrito de Mangabeira, eram devolutas, (2) vindo então a se apossarem delas, o sargento-mór Custódio Alves Martins e seus descendentes.

Assim continuaram até 1803, um século depois, quando foram vendidas ao pernambuco ANTONIO FELIX VIEIRA, que aqui chegou neste ano.

Antonio Felix Vieira era filho de Manoel Vieira da Costa, senhor de engenhho em Vitoria de Santo Antão, Pernambuco. (3) Casou-se com Maria Joaquina do Espírito Santo, pernambucana desta mesma cidade.

Chegou Antonio Felix Vieira na cidade de Icó em 1802, acompanhado da mulher e um irmão, Felix Vieira da Costa. Comprou neste mesmo ano, aos herdeiros do sargento-mór Custódio Alves Martins, este "Sítio São José" pela quantia de 40 mil réis; sendo que ainda juntaria ao preço, "uma quarta de milho e um cavalo russo", (4) que trouxera desde Pernambuco.

O dito sítio media duas léguas de frente por uma légua de fundo, extremado ao sul com o Olhô d'água das Amescas, na Serra do mesmo nome, ao norte com o Riacho Machado, ao

leste com o Sítio Macacos e ao oeste com o Sítio Malhada Bonita, que ficava ao sopé da serra Negra.

Antônio Felix Vieira tomou posse do Sítio São José em 1803, instalando-se mais ou menos no centro, lugar onde construiu a casa grande e existe hoje a "Vila de Mangabeira".

A casa grande foi construída em tacaçico e taipa, com quatro águas e alpendre ao redor, situava-se no local onde atualmente existe a residência do senhor Joaquim Vieira; atrás do Instituto São José.

"Construída em estilo brusco, bem alta, de largas portas e paredes espessas, rodeada de largos alpendres que serviam de abrigo aos "comboeiros" e ainda para o recolhimento dos carros de boi, bastante usados naquela época. (5)

Felix Vieira da Costa, que tinha acompanhado o irmão, comprou um sítio na Ribeira do Riacho Machado, lugar depois conhecido por Canindezinho, onde instalou-se com a família.

Antonio Felix Vieira e sua mulher Maria Joaquina do Espírito Santo, tiveram cinco filhos;

- Manoel Vieira da Costa Neto
- Tereza Vieira da Costa Lima
- Ana Maria de Oliveira Gomes
- José Felix Vieira Moreira
- Antonio Felix Vieira Filho.

Manoel Vieira da Costa Neto, casou-se com Joana de Souza Lima entre os anos de 1807 e 1810, e ficou moran-

- (1) Antonio Bezerra "Algumas Origens do Ceará", pág. 105. Publicado em 1918.
- (2) Antonio Bezerra "Algumas Origens do Ceará", pág. 87. Publicado em 1918.
- (3) O irmão de Maria Joaquina do Espírito Santo, que era vigário em Vitoria de Santo Antão, resolveu ANTONIO FELIX VIEIRA que "roubaria" a noiva para casar-se, quando foi ajudado pelo irmão, razão pela qual não poderam continuar morando nesta cidade.
- (4) Este documento ainda foi visto pelo senhor Raimundo de Souza Mangureira "DERINHA" vindo a desaparecer logo depois.
- (5) Lourival Batista, "ORIGEM DE MANGABEIRA". FORTALEZA, 1960.

do na casa grande. Foi o fundador da capela que deu origem à vila.

Foram 7 o número dos seus filhos:

- José de Souza Reis
- Alexandre Vieira da Costa
- Mateus Lopes Vieira
- Maria Joaquina da Anunciação
- Genoveva de Souza Lima
- Delfina Maria de Souza Lima
- Ana Isabel do Espírito Santo

Tereza Vieira da Costa casou-se duas vezes, e fixou-se no Sítio Lages, a dois Kms. de Mangabeira.

Seus filhos do primeiro casamento foram:

- Venancia Vieira, conhecida como "MÃE VELHA"
- Viturina Vieira
- Vicência Vieira
- Ana Rosa Vieira
- Marinha
- Dondon
- Manoel Duarte
- Antonio Felix Sobrinho
- José de Souza Leitão

do segundo casamento:

- Bernardo de Oliveira Lima
- Joaquim Bernardo da Costa
- Belizário de Oliveira Lima

Ana Maria de Oliveira Gomes, casou-se com João Gomes da "Estrada" assim conhecido porque construiu sua casa à margem da "Estrada Real" que passava no sítio Taquari, lugar onde constituiu família.

Tiveram quatro filhos:

- Pedro Antonio
- Manoel Florencio
- Joaquim Gonçalves
- Joãozinho do Taquari

José Felix Vieira Moreira, constituiu família e fixou residência no sítio Macacos. Teve um filho:

- Agostinho Moreira

Antonio Felix Vieira Filho casou-se com Maria Luiza e ficou morando

no sítio Malhada Bonita. Tiveram um filho:

- Felix Antonio de Lima.

Dos filhos do Cel. Antonio Felix Vieira o único que ficou morando com ele, na casa grande, foi Manoel Vieira. Como r.a divisão das terras cada filho ficou com o sítio onde morava, o "Sítio São José" passou a pertencer a Manoel Vieira da Costa, que aí morava tranquilamente até 1860, quando surgiu uma epidemia chamada "cólera" da qual pelo menos 60% da população dos sítios vizinhos foi vítima.

"O terrível mal já parecia invencível. Esgotados os meios de combate àquela doença, o Cel. Manoel Vieira Costa, homem de grande estima, fez uma promessa a São Sebastião pedindo-lhe que livrasse o povo daquela mortandade, pois em troca, levantaria uma capela oferecendo-lhe o altar da mesma" (6)

Satisfeito o seu pedido, começou logo no ano seguinte a construção da capela. Esta porém só veio a ser inaugurada em 1863, devido a licença que teve de ser concedida pelo arcebispo metropolitano em Fortaleza, na época D. Antônio Luís dos Santos. Por este motivo é que a inauguração da capelinha só veio a ser feita em 20 de Janeiro de 1863, com missa solene celebrada pelo Revmo. Frei Claudino, capuchinho O.F.M. que chegou até S. José em um carro de boi.

Com a fundação da capela o Cel. Manoel Vieira da Costa doou à curia da Arquidiocese de Fortaleza 150 por 500 braças de terras, que formava com a capela, o patrimônio de S. Sebastião. Pertenceram estas terras à diocese até 1922.

A capela primitiva era de alvenaria e se constituía do corpo central da atual matriz; rebocada só pela parte interna, ainda continuaria até 1890 com o exterior em tijolo aparente.

A primitiva Imagem de S. Sebastião, esculpido em madeira, media 35 cms. de altura e veio de Fortaleza em 1862.

Até 1870 os únicos prédios existentes na localidade eram: a casa gran-

(6) Lourival Batista, "ORIGEM DE MANGABEIRA". FORTALEZA, 1960.

de do Cel. Antonio Felix, onde morava o seu filho, Cel. Manoel Vieira e a capela construída por este em 1863. Neste ano porém, casou-se uma filha do Cel. Manoel Vieira, Genoveva de Souza Lima, com Raimundo de Souza Nogueira, que morava antes no sítio Corregos, atual município de Cedro; construiu este a sua casa, no lugar atualmente ocupado pela casa paroquial.

Casa grande, de taipa e largo alpendre que dava para o nascente, ficando as suas biqueiras bem próximas às da capelinha.

Em 1885 morreu o Cel. Manoel Vieira e a direção da capela passou para o seu genro, Raimundo de Souza Mangueira.

Homem muito estimado por todos na região, começou por arrecadar fundos para a ampliação da capela primitiva, que a esta altura já se tornava pequena quando na celebração de alguma missa ou nas novenas do padroeiro, São Sebastião, rezadas anualmente de 11 a 20 de janeiro.

Em 1880 chegou em S. José o primeiro mestre-escola que alfabetizou por toda esta região. O preto-velho Joaquim Beato, homem bom e piedoso, o que lhe valeu a alcunha de "beato". Morou aqui até 1890 quando mudou-se para a ribeira do Riacho Machado.

Em 1890 com as esmolas arrecadadas e por sua conta própria, construiu Raimundo de Souza Mangueira, as partes laterais, a fachada, o campanário e o cruzeiro que existia na frente da capela. Conjunto arquitetônico de uma harmonia e graciosidade admiráveis, na sua simplicidade de linhas. Conservados até 1971 quando foi destruído criminosamente pelo atual vigário.

No ano seguinte, ou seja, 1891, um sobrinho do fundador da capela, Joaquim José, filho de Pedro Antonio, irmão de PEDOCA DOS TORRÕES e bisneto do Cel. Antonio Felix Vieira, fez doação do sino para o campanário

que tinha sido construído no ano anterior. Este foi fundido em Recife de onde viera.

No final do século passado a povoação se constituía de 3 casas de taipa e a capela, único prédio em alvenaria.

As casas eram: a primitiva residência do Cel. Antonio Felix, onde morava um seu neto, Bernardo de Oliveira Lima.

A casa de Raimundo de Souza Mangueira, casado com uma neta do mesmo coronel. Sua casa ficava nas proximidades da Igreja, como ficou dito aqui atrás.

A casa de Alexandre Vieira da Costa, também neto do mesmo cel. Sua casa ficava nas proximidades da atual Farmácia de Alexandre.

No princípio do século a festa do padroeiro começou a despertar maior interesse por parte dos habitantes dos sítios vizinhos, que na casa de Raimundo de Souza Mangueira faziam o seu ponto de encontro quase semanal e na "Festa de Janeiro" nome que daí por diante tomaram as novenas de S. Sebastião, por serem celebradas neste mês, a sua maior festa popular que se conservou até hoje, o ponto de encontro anual das famílias das "redondezas".

Deixemos que José Batista Lima a descreva. (7)

"A partir de 1900 as simples novenas de S. Sebastião passaram a ser chamadas de "Festa de Janeiro", e surgiram as noitadas.

Durante as noitadas as seis primeiras noites de festas eram dirigidas pelos seis cidadãos de maior destaque na vila ou nos sítios vizinhos.

As três últimas eram respectivamente: a do fogueteiro, a dos comerciantes, e a da rapaziada.

Nas noites dos cidadãos de destaque soltava-se um balão, após a novena, juntamente com muitos fogos e baterias. Terminadas estas cerimônias

(7) José Batista Lima, "Festa de Janeiro", 1973.

Além das fontes acima citadas, para escrever este artigo o autor entrevistou os senhores: José Duarte de Souza (ZECA), José Duarte, Raimundo de Souza Mangueira (DERINHA), Edson Luis, Alexandre Vieira, Maria José Pinheiro Pedrosa, pessoas as mais credenciadas, e a quem agradece a colaboração.

todos se dirigiam para o local em que hoje está o obelisco. Ali o chefe da noite estava numa cadeira especial para ser homenageado. O povo fazia uma grande fila e, empunhando cada uma, velas acesas, as pessoas tinham pela frente uma moça que entregava um ramalhete de flores ao senhor sentado, durante o tempo todo o "cabaçal" acompanhava tocando, enquanto o povo cantava :

"QUE RAMO É ESTE

QUE VAI SE ENTREGAR

SÃO SEBASTIÃO

Vai-SE FESTEJAR".

A noite do fogueteiro distinguia-se das demais pela balbúrdia do grande número de fogos, baterias, rodas de fogos e balões. A dos comerciantes também era muito festejada. Porém a noite mais alegre sempre era a última, a da rapaziada.

O ramo de flores que era entregue ao chefe, era levado por aquele que recebia, no dia seguinte antes do povo despertar, o possuidor ia às escondidas depositá-lo no altar da capela. E assim acontecia até a última noite".

Em 1903 um filho de Raimundo de Souza Mangueira, José Raimundo Mangueira, resolveu construir a primeira casa de alvenaria, que passou a funcionar como loja de tecidos e merceria.

Paralelo com este prédio, Tomaz Bernardo de Oliveira, filho de Bernardo de Oliveira e sua mulher Ana Isabel, bisneto do cel. Antonio Felix, construiu um quarto, grande, onde funcionava uma panificadora.

Ainda José Raimundo e seu irmão Pedro de Souza Mangueira, construíram três casas ao oeste da capela, ficando estas, por trás da primitiva residência de Raimundo de Souza Mangueira. Em alinhamento porém, com as duas já existentes; nasceu assim a primeira rua do povoado de São José.

Em 31 de Agosto de 1904 começou a funcionar em S. José o primeiro cartório, que só fazia casamento, e tinha como juiz distrital José de Souza Reis, "o velho Souza do Limoeiro" nome do

sítio onde morava. Era filho do Cel. Manoel Vieira, construtor da primeira capela. Neto do Cel. Antonio Felix que fora dono de todo o atual distrito de Mangabeira.

Em 1905 chegou a S. José o segundo mestre-escola, Amâncio Ferreira Lima, que instalou-se, constituindo família no lugar conhecido por Ladeira do Amâncio".

Em 1908 o Cel. Joaquim José de Vera, de família cratense, casou-se com uma neta de Tereza Vieira da Costa, e por isso morava no sítio Lages; resolveu construir também uma casa em S. José. O lugar escolhido foi ao lado da loja de José Raimundo Mangueira, que a tinha construído em 1903.

Em 1909, ou seja, no ano seguinte, o Cel. Antonio de Souza Reis, filho do juiz distrital José de Souza Reis, resolveu também construir uma casa em S. José, fazendo-a em alinhamento com as outras anteriormente construídas, no lugar onde atualmente mora a senhora Vitalina Guedes.

Em 1910 Felix Antonio de Lima, filho de Antonio Felix Filho, resolveu também construir uma casa no povoado de S. José. Morava anteriormente no sítio Malhada Bonita, sítio herdado do pai, que por sua vez era filho do Cel. Antonio Felix, o Adão deste distrito.

Desde o começo do século começaram a chegar em S. José, famílias de outros lugares, que aqui fixaram residência, contribuindo para o desenvolvimento do comércio, da cultura, e enriquecimento do folclore local.

Assim é que incorporou-se à vida e ao folclore mangabeirense a "banda cabaçal", esta foi organizada por José Fernandes, paraibano que se casou com Ana de Lima Fernandes, da família local, e por isso fixou residência em S. José. Era êle ainda o organizador das rossas festas de reizados ajudado por um outro seu conterrâneo que passou a morar em S. José desde 1912, João Pereira, que ficou famoso nas Festas de Janeiro, por dançar o "Caboré" pelas calçadas, pedindo esmolas p'ra S. Sebastião. Façanha repetida muito depois pelo "Juca".

Alguns lugares nos arredores do povoado ficaram conhecidos pelos nomes destes forasteiros que aqui se ra-

dicaram, é o caso da "Lagoa do Beato" e a "Ladeira do Amâncio", etc.

Em 1910 chegou ao S. José o senhor Pedro de Oliveira Lemos, que morava anteriormente no Riacho do Sangue. Era este, sobrinho de Raimundo de Souza Mangueira, construiu sua residência no lugar onde morava até pouco tempo José Luiza. Ao lado, montou uma "Bolandeira" primitiva máquina puxada a bois, para beneficiamento de algodão.

A mercearia do senhor José Raimundo Mangueira, que tinha sido construída em 1903, já era pequena para a afluência dos moradores de sítios vizinhos, que aí faziam suas compras e seu ponto de encontro nos fins de semana. Local onde se discutiam os problemas locais, onde se tinha notícia de uma rês perdida, onde se marcava um encontro, onde se faziam e desmanchavam-se os negócios.

Como ficou claro, o prédio já estava pequeno para a freguezia que aí se reunia, e por isto é que em 1911 resolveram os moradores do povoado construir em frente à capela (onde hoje se encontra o obelisco) uma ladeira coberta com palhas de carnaúba que servia para a feira dos domingos, dia em que todos faziam as suas compras da semana.

Foi com a construção deste barracão que surgiu na história de S. José uma personagem que faz parte do folclore local. "A preta Felisbela" vinha sempre no sábado à noite, do sítio Carindezinho, onde morava, e durante o domingo vendia aos que vinham fazer a feira, café, bôlo chapéu de couro, doce sêco com tapioca, e outras iguarias.

Foi a primeira "cafezeira" do povoado. Tema que mereceu um profundo estudo sociológico.

Depois de 1910 tivemos o terceiro mestre-escola, a professora "Maria Nêguinha", nome carinhoso pelo qual era conhecida de todos.

Em 1918 porém, funcionou a 1ª escola pública de S. José. A prof. Agá Cals de Oliveira, tia do atual Governador do Ceará, foi a quarta mestra do povoado. Veio de Fortaleza acompanhada pela sua mãe, mais só ficou aqui até 1919, quando foi obrigada a voltar devido à sêca que assolou toda a região

naquele ano.

Esta escola foi arranjada por intermédio do Sr. Gustavo Corrêa Lima, deputado estadual e filho da cidade de Lavras.

A quinta professora de S. José, e segunda da Escola Pública, foi a senhora Vivência Motta.

Em 1912 instalou-se em S. José o grupo industrial B. JUCA & CIA. Tendo como presidente o Senhor Manoel Cidrim de Castro Jucá. Explorava os ramos de tecidos, cereais, farmácia, compra e beneficiamento de algodão.

A usina para beneficiamento de algodão era movida à vapor, foi instalada ao lado direito da capela, lugar onde existiu anteriormente pequeno cemitério.

Em 1923 foi lançada a pedra fundamental do "Mercado Público" incentivado pelos senhores Eernardo e Manoel Cidrim de Castro Jucá. Logo depois do lançamento da pedra fundamental, foram construídos os três primeiros prédios do novo mercado.

Em 1924 foi fixado o dia para a feira livre, tendo sido escolhido o Domingo, uma vez que aos sábados a feira na sede era do município, Lavras. A firma B. JUCA & CIA. assegurava a compra dos produtos trazidos para a feira e que por ventura não fossem vendidos.

Em 1925 um incêndio nos depósitos e máquinas da firma B. JUCA & CIA. a destruiu totalmente. Depois destes acontecimentos, Bernardo Jucá mudou-se para Lavras, e Cidrim continuou morando em S. José, onde tinha loja de tecidos, até 1932.

Em 1927 o povoado de S. José tinha, 6 lojas de tecidos, 22 mercearias, e o consumo de carne nas feiras semanais chegou por esta época a 10 bois semanais.

Em 1934 o Presidente da República do Brasil, senhor Getúlio Vargas eleveu o "Povoado de São José" para "Vila de São José", visto que tinhamos aqui, igreja, cemitério, cartório, e quase duzentos prédios habitados.

Em 1944, um decreto do mesmo Dr. Getúlio Vargas, fez com que a "Vila de São José" passasse a "Vila de Mangabeira" nome até hoje conservado.

“Floro Bartolomeu”

LUIS PINTO

Tomei cedo conhecimento da vida do Cangaço. Meu pai, homem da roça, foi incumbido de parlamentar com Lampião, em Belém de Guarabira. Depois, alfabetizado, li os folhetos de feira. Só muito mais tarde, quando alguma substância me chegava à cabeça, li “Terra de Sol”, o grande e imortal livro do meu fraterno e saudoso amigo Gustavo Barroso. Daí por diante, à medida que os conhecimentos humanísticos cresciam e a ação jornalística na capital paraibana e no Recife, novas etapas surgiam-me, como conhecimento da fenomenação caudilhesca do Nordeste, tema do meu ensaio inédito “Introdução à História Política da Paraíba”. Nertan Macêdo é, dos pesquisadores sérios do Brasil, o mais preciso, sobretudo no que tange ao estudo sociológico do Ceará. Afirmar há dias ao dr. Pompeu de Souza a grandeza literária da sua terra, justificando as minhas afirmativas. O cangaço, beatos e cangaceiros, é tema hoje estudado e definido, faltando apenas relacionar o local com o nacional. O caudilhismo não era cearense nem paraibano, era, sim, brasileiro, depois da República. O livro de Otacilio Anselmo, sobre o qual escrevi, na minha opinião, é o grande depois de Gustavo Barroso. Mas Otacilio, bom pesquisador, é polêmico. Nertan Macedo difere na sua grande obra. Suas pesquisas são magistrais, imprescindíveis ao estudo futuro da história do Brasil que não se escreveu ainda. Seus estudos sobre Lampião e Antônio Conselheiro são panorâmicos. A origem dos Maciel é obra definitiva. Andei por Fortaleza, em 1958. Fiz duas conferências na terra de Iracema Dolar Barreira, que saudade, Raimundo Girão, Abelardo Montenegro, o polígrafo, terra e gente, amor e vida. Agora leio “Floro Bartolomeu”, o médico caudilho, da Bahia, enclausurado em Juazeiro do Padre Cícero. É livro de pesquisas dos maiores que possui-

mos. Percei que Otacilio Anselmo tivesse feito ponto final nas arengas caudilhescas do Ceará. Mas Nertan vem agora com a biografia do baiano, o “Doutor”, trazendo fotos novas e novidades novas que nos alarmam, para a futura história do caudilhismo Hispano-Americano da vida republicana do Brasil. Duas afirmações não aceito: quanto ao depoimento de Lampião sobre José Pereira Lima, de Princesa, na Paraíba, que não era absolutamente o que ele diz, e quanto ao assassino do Padre Aristides, de Piancó, pela Coluna Prestes, uma vez que o Padre Manuel Otaviano, figura das maiores das letras nordestinas, adversário do Padre Aristides, no seu livro “Mártires de Piancó” dá-nos versão mais segura, dado ter sido testemunha ocular dos acontecimentos. Floro, como se pinta no romarce de Nertan Macedo, nada mais é senão o Pinheiro Machado mirim do Ceará. Baiano, médico, fracassado, inteligente, viu no Padre Cícero a motivação da sua ascensão. Foi, viu e venceu. Nada mais. Quanto à política, era a mesma no Ceará ou na Paraíba, ou em Goiás. Escandalizam os fatos. Um presidente da República dando mão forte a cangaceiros... Graças a Deus, nesse particular, o Brasil evoluiu muito. Jamais voltará a Pinheiro Machado, Brizola “et cetera”. Somos hoje um País crescendo para o grande futuro que nos aguarda. O pesquisador amadurecido e honesto Nertan Macedo vem prestando grandes serviços às letras nacionais com os seus livros, dos melhores e mais sérios que temos. Sou nordestino, dedicado à região, conheço os fenômenos que por lá se passaram e sei que, os isolar, é desservir à Pátria, mas estudá-los serenamente é possibilitar a harmonia de um julgamento definitivo.

Diário de Notícias - Salvador - BA.

LOJAS AZTECA



Calçados e Confecções

ARTIGOS PARA PRESENTES E VIAGENS



Rua Dr. João Pessoa, 359 — FONE 599

CRATO

-

GEARÁ

DR. EBERT F. TELES

MÉDICO

Especialidade: Doença dos olhos - clínica e cirurgia

Consultório: Rua Dr. João Pessoa, 383

Residência: Praça da Sé, 47

TELEFONES { CONSULTÓRIO, 330
RESIDÊNCIA, 331

apresentando

"A Cidade de Frei Carlos"

e

"Povoamento do Cariri"

JO ARYVAR MACÊDO

Em haja a Faculdade de Filosofia do Crato pela publicação das obras completas do Padre Antônio Gomes de Araújo. Idealizada aquela pelo cérebro do Prof. José Newton Alves de Sousa, e editadas estas pela Imprensa Universitária, da Universidade Federal do Ceará, é empreendimento da mais alta significação para a historiografia regional.

Na verdade a história do Cariri cearense só se tornou, realmente, conhecida, após as investigações do Padre Gomes. Este, mergulhado, com beneditina diligência e com sacrifício das horas do lazer, nas fontes primárias que permaneceram dois séculos à espera de um garimpeiro, delas extraiu preciosidades, e não só elaborou trabalhos, em sínteses verticais e modulares, mas também propiciou aos demais que se ocuparam da história do Ceará meridional os frutos de suas escavações. É o caso de Irineu Pinheiro e J. de Figueiredo Filho, entre outros.

Com efeito o velho escafandrista, vasculhando os arquivos daqui e d'além, examinando, amiúde, livros, autos, etc., vários deles, fragmentados e quase ilegíveis, "mudou o curso dos estudos sobre a formação histórica deste Vale", procedeu a retificações neste particular, colocou luz onde havia trevas. Destarte, pediu a mão à palmatória a Antônio Bezerra, João Erigido, Gustavo Barroso e outros mais.

Quem, como eu, se dá ao mister de perulstrar o acervo arquivado destas

plagas sul-cearenses, há de encontrar, à farta, os rastros do Padre Antônio Gomes, em notas à margem, sublinhas e sinais. Efetivamente, por demais pesquisou o ilustre caririense. E, em que pese a implacabilidade do tempo que lhe não ensejou — como ele próprio no-lo assegura — a organização de todo o resultado de suas andanças pelo mundo poento dos alfarrábios, em quantidade, produziu razoavelmente, e, em qualidade, excessivamente.

Agora a Faculdade de Filosofia do Crato, por ocasião das festividades comemorativas do 14º aniversário de sua instalação, patrocina o lançamento dos dois primeiros volumes da obra impercível do seu emérito professor e vice-diretor: "A Cidade de Frei Carlos" e "Povoamento do Cariri", o primeiro, vez que anteriormente chegado, já lido por alguns, sem, no entanto, ter sido lançado oficialmente, porquanto se aguardava o segundo para lançamento conjunto.

Não fora a formalidade e a praxe, não se fazia preciso apresentá-los ao público, por isso que os livros do Padre Gomes já trazem em si todas as credenciais. E, se isso não bastasse, para termos idéia da grandiosidade dos estudos do Padre-Mestre, seria suficiente ler a introdução, de José Newton Alves de Sousa, o prefácio, de José Denizard Macêdo de Alcântara, e as apreciações, de F. S. Nascimento.

Lede e tentai as palavras desses luminares. A mim, permiti-me dizer apenas que livros como estes a todos nós, nos interessam de sobejo. Estes,

O Ano de 1973 no ICC

RELATÓRIO AO MINISTRO DE EDUCAÇÃO

Exmo. Senhor

Ministro da Educação e Cultura

O INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI, sediado em Crato, Ceará, nos termos da Legislação em vigor, dirige-se a Vossa Excelência para prestar contas, em sucinto Relatório, de suas atividades, no ano de 1973.

Mantivemos contínuo intercâmbio com escritores, jornalistas, e intelectuais conterrâneos e de outras plagas, em correspondência proveitosa, conforme mostram nossos arquivos.

Nossa Biblioteca cresceu com novas doações e aquisições de livros, revistas e periódicos, e esteve, o ano inteiro, franqueada ao público, notadamente à classe estudantil de nossa terra, para suas leituras e pesquisas de assuntos sociológicos e ligados à história da nossa região.

Nossa séde continuou sempre sen-

sim, os livros verdadeiramente indispensáveis à juventude de nossas escolas; estes, sim, os livros verdadeiramente indispensáveis aos que pugnam em prol da cultura; estes, sim, os livros verdadeiramente indispensáveis a quem queira inteirar-se da história do Cariri; estes, sim, os livros verdadeiramente indispensáveis a quantos se dedicam a perquirições sobre o passado de nossa gleba; estes, sim, os livros verdadeiramente indispensáveis a quem pretenda e precise conhecer a formação histórica e étnica da Região, bem como a de seu mais expressivo núcleo, esta maravilhosa cidade do Crato.

(Palavras proferidas na Faculdade de Filosofia do Crato, na noite de 17 de Maio de 1974, dentro da programação dos 14 anos daquela Escola, por ocasião do lançamento dos dois livros do Pe. Antônio Gomes de Araújo, Vice Presidente do ICC).

do procurada por visitantes ilustres, á cata de informações sobre a terra.

Em Sessão Solene realizada em 17 de Fevereiro de 1973, foi empossado o escritor NERTAN MACEDO, em Secção de Letras, do nosso Instituto, defendendo o mesmo uma brilhante tese sobre a vida e a obra de João Brígido, um dos pioneiros da imprensa cearense. Foi saudado, naquela ocasião, pelo jornalista J. Lindemberg de Aquino.

A essa Sessão compareceram altas autoridades, a começar do Dr. Thomaz Pompeu Brasil Neto, Presidente da Confederação Nacional da Indústria, e sua comitiva, que se encontravam em Crato, e o Vice Reitor, para assuntos estudantis, da Universidade Federal do Ceará, Denizard Macêdo.

Em outra sessão foi eleito para uma das Cadeiras do ICC o Dr. Thomaz Pompeu, que ocupará a Cadeira, da Secção de Letras, que tem como Patrono, o Senador Pompeu.

Deliberação igualmente importante foi a criação da SECÇÃO DE FOLCLORE, que terá suas Cadeiras ocupadas por renomados folcloristas da nossa cidade, tendo sido dois deles já convidados, Eloi Teles de Moraes e Pedro Teles.

Manteve o ICC permanente intercâmbio com a Faculdade de Filosofia do Crato e foi também dos que se empenharam pela criação de nossa Faculdade de Direito, a cuja instalação solene, dia 21 de Junho de 1973, compareceu com luzida comitiva.

Circulou em Julho o 17º número do nosso tradicional órgão — a revista ITAYTERA, como sempre, recebida com elogios gerais em todos os círculos intelectuais do Estado e de alguns pontos do país.

O Quadro Social do ICC teve substancial aumento no ano que passou, sendo votados e aceitos para sócios: Dr. Edmilson Cruz Neves, Dr. Antônio Nirson Monteiro, General Adauto Esmeraldo, Jornalista Vicente Favela Fi-

lho, Dr. Aluisio Cavalcante, Dr. Francisco Vasconcelos, Jornalista Emerson Monteiro Lacerda, Alderico de Paula Damasceno (Professor) Dr. José Peixoto de Alencar Cortêz, folclorista João Chiarini, Dr. José Arraes de Alencar, Monsenhor Raimundo Augusto de Araújo Lima, Monsenhor Francisco de Holanda Montenegro, Dr. Orlando Cavalcante, Jornalista José Viana Ulisses, Prof. Sílvia Sobreira, Pe. João Mendonça, D. Zuila Couto Gondim, Dr. Raimundo Coelho Bezerra de Farias, Pe. Francisco Salatiel e Prof. Dr. Francisco de Assis Brito.

Foi o INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI atingido por rude e doloroso golpe, a 29 de Agosto de 1973, com o falecimento do seu Presidente, Dr. José Alves de Figueiredo Filho, que, desde 1954, estava á frente da nossa instituição, animando-a e dirigindo-a com acerto, apurmo e devotamento. As manifestações de pesar da imprensa e dos meios intelectuais de todo o país, dirigidos á nossa entidade e á família do ilustre morto, bem demonstram o valor de que ele era portador.

Em obediência ao que rezam os Estatutos Sociais, Capítulo VII, Das Eleições e Substituições, Art. 43, o Presidente em exercício, Pe. Antônio Gomes de Araújo, nomeou, dentre os associados, um Presidente temporário, até que se registrassem as eleições.

Recaiu a escolha no Dr. Jósio de Alencar Araripe, advogado, e jornalista, de muita atuação em nossa comunidade. Posteriormente, a Assembléia Geral Eleitoral, em 03 de Outubro, elegeu a nova Diretoria, que ficou assim constituída, confirmando o Dr. Jósio de Alencar Araripe na Presidência da instituição :

Presidente :

Dr. Jósio de Alencar Araripe

Vice Presidente :

Pe. Antônio Gomes de Araújo

Secretário Geral :

J. Lindemberg de Aquino

Secretário :

Dr. Antônio Nirson Monteiro

Tesoureiro :

Antônio Correia Coelho

Comissão da Revista ITAYTERA :

Dr. Jósio de Alencar Araripe
Pe. Antônio Gomes de Araújo
João Lindemberg de Aquino

Comissão de Ciências, Letras e Artes :

Dr. Raimundo de Oliveira Borges
Pe. Antônio Teodósio Nunes
Joaquim Lobo de Macêdo

Comissão de Sindicâncias :

Kleber Maia Cabral
Geraldo Macêdo Lobo
Pedro Pinheiro Esmeraldo

A Diretoria eleita está atuante, no firme propósito de tudo enviar para continuar o dinamismo da anterior.

Novos sócios serão empossados neste ano, nas Secções de Letras, Ciências e Folclore.

Foram lançados os livros do Vice Presidente, Pe. Antônio Gomes de Araújo — CIDADE DE FREI CARLOS E POVOAMENTO DO CARIRI, como parte de publicação de todas as suas obras, pela Imprensa Universitária do Ceará.

Igualmente foram lançados os livros do nosso consócio Joaquim Lobo de Macêdo — "OS AUGUSTO" e "UM BRAVO CARIRIENSE", sobre história regional. Providências foram adotadas para circulação, em 74, do número 18 da nossa revista anual — ITAYTERA.

Por tudo o que acima foi exposto, e dada a limitação dos recursos com que contou, unicamente a subvenção desse Ministério, é que o INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI julga que cumpriu, durante o ano que passou, fielmente, as funções e atividades para as quais foi criado e vem sendo mantido.

Em vista disso, pede, respeitosa-mente, a Vossa Excelência, que determine o pagamento da subvenção a que tem direito, no corrente ano.

Crato, Ce., 20 de Fevereiro de 1974

JÓSIO DE ALENCAR ARARIPE
Presidente

Aniversário da Faculdade de Filosofia

PROF. HERMINIO REBOUÇAS

No primeiro ano de funcionamento desta Faculdade, quando aqui foi proferida a Aula de Sapiência, ressoaram estas palavras, pronunciadas pelo então Reitor Prof. Antônio Martins Filho: "Dentro em pouco, a estes momentos formais e solenes que agora vivemos, sucederá a atividade espontânea das bibliotecas e salas de aula que se povoam, dos laboratórios que se instalam, das pesquisas que se planejam, dos grandes debates que se suscitam em torno de problemas vitais da Região, do país e da própria humanidade; e a tradução de todo esse quadro, tão grato a todos nós, é a maturidade cultural do Crato, assentada sobre o suporte econômico desta parcela do Ceará, que — como o próprio Erasil arranca para o futuro com fé e determinação inabaláveis".

SENHORES : Catorze anos passaram e a Faculdade de Filosofia do Crato plantada em terra boa, medrou, cresceu, tornou-se pujante e vigorosa.

Apesar de sua modéstia, avançou sob seu próprio destino, não recuando ante as vicissitudes e obstáculos.

Quando o Cariri, pioneiro em todo interior cearense, inseriu-se no esquema universitário, foi porque seu povo sentia a necessidade de afirmação e atualização.

Nesses catorze anos de existência, a Faculdade de Filosofia do Crato provou sobejamente a madureza de seu povo, a capacidade de sua gente, a nobreza de ideais da comunidade, a probidade de seus dirigentes, a intrepidez dos que compomos o corpo docente, visando mais a continuidade da Escola do que nossa própria comodidade.

Aí está a imponência desse prédio majestoso que nos abriga, fruto da tenacidade intrépida de seus dirigentes; resultado da contumácia audaz dos filhos da terra; efeito ousado da brava gente caririense.

A Faculdade de Filosofia do Crato mantém atualmente 05 (cinco) Cursos reconhecidos: Letras, História Natural, Pedagogia, Geografia e História, ofere-

cendo oportunidade às mais diversas tendências e sendo objetivo das mais variadas vocações.

Dezenove alunos formavam o corpo discente em 1960, primeiro ano de funcionamento. Decorridos 14 anos, visando sempre qualidade mais do que quantidade, temos 650 alunos integrando os vários cursos.

Os alunos que por aqui passaram, os que palmilharam os caminhos desta Faculdade, os que receberam licenciatura plena, somam o significativo número de 393 (trezentos e noventa e três) até o ano passado.

São 393 luzeiros a espargir luzes de inteligência nesses caminhos de trevas; são outros tantos astros a emitir reais benefícios de intelectualidade; são centenas de faróis a irradiar brilho, fulgor, ilustração por esse Brasil em fora.

É desnecessário declinar neste momento, a pleiade de ex-alunos desta Faculdade, que ocupam posições elevadas no cenário Caririense e Nacional. Todos eles se serviram desta Escola Superior de Ensino, não só para enriquecer seu curriculum vitae, mas como pedestal para galgar situações sociais de destaque, honrando merecidamente, nossa querida Faculdade de Filosofia.

Numa espontânea manifestação de capacidade, cultura e humanismo, sucederam-se os Convívios Universitários em número de 22 (vinte e dois), os quais nos trouxeram enriquecimento de nosso lastro cultural, entrosamento verdadeiro, camaradagem sincera, tão rara nesse mundo conturbado e egoísta.

Os que por aqui passamos; os que em meio a grandes dificuldades conseguimos os loiros da vitória, contamos, para gáudio nosso, com uma Biblioteca que já se impõe em todo Nordeste brasileiro pelo acervo de 14.023 volumes, figurando entre eles, obras básicas para todos os cursos e coleções de alto valor.

Importante é o papel desempenhado por essa Biblioteca aberta dia e noite ao público leitor, sequioso de saber

e ilustração.

O benefício que a Biblioteca desta Faculdade tem dispensado à comunidade caririense é imensurável. Pálida idéia temos em considerando o número de leitores, daqueles que vêm fazer suas consultas, pesquisas e leituras, os quais perfazem o número de 31.358 até o mês de abril do corrente ano.

A Faculdade de Filosofia do Crato nasceu do povo; cresceu com a população jovem; foi assistida pela geração madura para servir a todos, para beneficiar com seus raios de ação a quantos queiram dela se aproximar.

E o Folclore, expressão da cultura popular, tão fértil e exuberante nesta ubérrima Região, recebeu sempre apoio total desta Escola. E as apresentações se sucederam num misto de Beleza e autenticidade para alegria e ilustração nossas e de toda a comunidade.

Acompanhando o desenvolvimento geral das ciências, a Faculdade de Filosofia do Crato, soube conferir ao Folclore o lugar que lhe é devido em meio às demais ciências importantes e sérias. Não poderia deixar de fazê-lo, vez que se trata de um ramo da Antropologia, um capítulo da ciência do homem.

Visando sempre a extensão de conhecimentos, a amplitude de idéias, o aumento do lastro cultural dos alunos, a direção desta Escola, num esforço titânico, conseguiu carrear professores renomados para proferir palestras, ministrar cursos de Extensão Universitária, presidir Seminários, etc.

Em pouco menos de década e meia, o Crato foi palco de ilustres visitantes. Preclaros mestres discorreram sobre assuntos vários; insignes professores ministraram cursos; famosos catedráticos dos maiores centros de cultura do país proferiram profundas e substanciais conferências. E ei-los a formar ala inexpugnável, pois composta de mais de 30 (trinta) personalidades que deixaram aqui, traços indelévels.

Os 09 (nove) Seminários aqui realizados; os 99 (noventa e nove) cursos de extensão universitária; as 60 (sessenta) conferências; os Encontros diversos com o Cientista; os 22 (vinte e dois) convívios; as 09 (nove) jornadas pedagógicas; as 36 (trinta e seis) publicações impressas; as 18 (dezoito)

publicações mimeografadas, são prova inofismável do crescimento harmônico e atualizado desta Unidade de Ensino Superior.

Através dessas 58 (ciquenta e oito) publicações impressas e mimeografadas, a Faculdade de Filosofia inseriu seu nome no catálogo da posteridade. São publicações de grande valor, de alto quilate.

Senhores, permitam-me neste momento solene, em que se comemora o 14º Aniversário de instalação desta CASA, proferir dois nomes os quais reputo as colunas mestras desta portentosa Instituição de Ensino Superior: Dr. Antônio Martins Filho e Dr. José Newton Alves de Sousa. Se Dr. Antônio Martins Filho conferiu-lhe primeira e marcante vitória no dia 06 (seis) de dezembro de 1959, Dr. José Newton Alves de Sousa assumiu o comando defendendo-a com intrepidez, alimentando-a com os pingues pastos da inteligência colhidos nos maiores e melhores centros de cultura do país.

Agora mais que nunca, arcamos com a responsabilidade de palmilhar o caminho traçado pelos pioneiros. Não podemos repousar sobre os loiros das vitórias obtidas. Cabe-nos ingente tarefa que, cumprida, tornar-se-á esteio firme para sustentáculo desta grande obra.

Urge aprimorar nossos conhecimentos a fim de que nos tornemos cada vez mais eficientes e úteis, caminhando com passos firmes para um futuro promissor, contribuindo com nossa parcela de colaboração para grandeza desta cidade, da terra caririense e de todo Brasil.

(Discurso proferido na sessão Magna comemorando os 14 anos da Faculdade de Filosofia do Crato, no seu Salão Nobre, a 15 de Maio de 1974).

“ S Y M P O S I U M ”

Temos sempre sido distinguidos com o recebimento de “SYMPOSIUM”, excelente revista da Universidade Católica de Pernambuco, cujo Reitor é o nosso conterrâneo, Mons. Rubens Gondim Lóssio. Uma publicação que honra a cultura do Nordeste.

Saudando Mons. Rubens

RAIMUNDO DE OLIVEIRA BORGES

Saudação a Mons. Rubens Lóssio no lançamento do seu livro: "A Serviço da Palavra — ao impacto das mudanças" - pelo Dr. Raimundo Borges

Por nimia gentileza dos companheiros do Instituto Cultural do Cariri, aqui estou, o mais simples de todos eles, esmagado pela responsabilidade de servir de intérprete dos sentimentos do renomado gremio dos intelectuais do Crato, no momento em que se faz, solenemente, entre justas manifestações de apreço, o lançamento do livro: "A Serviço da Palavra — ao impacto das mudanças", da autoria da exponencial figura de homem de pensamento e ação que é Mons. Rubens Gondim Lóssio, Magnífico Reitor da Universidade Católica de Pernambuco.

De um homem, cujo apoucado físico contrasta com a robustez da inteligência e com o dinamismo invulgar de que entre nós deu mostras, realizando como realizou, apesar da pouca idade em que se iniciou no munus de relevante responsabilidade, uma obra notável para a comunidade cratense, já como simples cidadão, já como sacerdote imprimindo aos serviços da Igreja, que ilustrou, o cunho indelével da sua marcante personalidade apostólica.

Foi, justamente, aquilatando o valor da inestimável folha de serviços com que contribuiu ele para o desenvolvimento da terra comum, que a representação cratense, na Câmara Municipal, em solenidade memorável, lhe outorgou em boa hora o título de cidadão do Crato.

E é, também, com o pensamento voltado para a sua fecunda atuação entre nós que os seus amigos o recebem, com a mesma efusão da alma com que se alvorocaram ao saberem da sua próxima visita, prestando-lhe assim, com tais estos de alegria, quando após 50 meses vem rever a terra que beneficiou e estreitar os laços da amizade

que semeou, o mais merecido e expressivo preito de admiração e de reconhecimento.

Vivendo, realisticamente, as radicais transformações por que vem passando a Igreja, mantém-se, não obstante, ou por isso mesmo, em admirável compostura, conciliando ao mesmo tempo os absorventes interesses da vida material dos semelhantes com os transcendentais problemas que tanto afligem na hora presente a alma humana, realizando num prodígio de adaptação, a duplice figura singular e heroica de cidadão e de apóstolo.

Não há, de fato, substancialmente, mudança doutrinária nos conceitos que ontem emitira e que repete hoje, ecumenicamente impregnados da mesma sabedoria cristã, e que houvesse, calharia bem aqui aquela lição lapidar do grande RUI: "O homem não se contradiz, verdadeiramente, senão quando contravém à substância das suas idéias essenciais. Dentro delas pode variar, sem contradição, evoluindo, melhorando, emendando os próprios erros".

Desejo, no entanto, nesta breve alocução, como devem ser elas em momentos como este, saudar o homenageado apenas como intelectual, que, daqui saindo para a grande cidade pernambucana, não tardou em impressionar com a sua agilidade mental, com os vertiginosos surtos da sua inteligência, com a sua comprovada capacidade de realização, os meios culturais da metrópole nordestina, que, prestes e acertadamente, o elevaram ao posto que merecia de Magnífico Reitor de uma das suas famosas Universidades, destinado só àqueles que se tornaram notáveis pelo saber e pela verticalidade do procedimento social.

Seria desnecessário, se a festa que nos reúne não fosse de livro, apresentar o homem de letras que é Mons. Rubens Lóssio ao culto povo do Crato, tantas e tão agradáveis foram as ocasiões em que ouvimos, emocionados, a sua palavra autorizada e nos deliciamos na leitura edificante de suas obras.

Salientem-se, porém, entre as suas excelentes produções o estudo que fez, aqui impresso, sobre "Nossa Senhora da Penha de França — Padroeira do Crato" —; "Oração Gratulatória", proferida por ocasião do solene TE DEUM, na formatura da primeira Turma de Bacharelados da FACULDADE DE FILOSOFIA DO CRATO, publicado pela Imprensa Universitária do Ceará, em artístico folheto; Discurso de Saudação ao Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, então Presidente da República, quando da sua visita ao Crato no Bicentenário do Município e inserto em "Cadernos do Cariri N.º 4 1965; "Renúncia", emocionante trabalho de despedida de Cura da Catedral e demonstração à guisa de prestação de contas da sua operosa administração no desempenho das elevadas atribuições; "A Igreja na Formação do Crato", oração proferida em tocante TE DEUM frente à Catedral, publicada em Itaytera, N.º 1, 1955; Discurso de posse na Cadeira N.º 2 do Instituto Cultural do Cariri, em que traça magistralmente a biografia do inolvidável Segundo Bispo da Diocese D. Francisco de Assis Pires, além de trabalhos esparsos publicados em Revistas e Jornais desta e de outras cidades.

Agora, o livro magnífico em lançamento, que ele mesmo batiza de Memorial e de Reflexão e em que enfeixa discursos, conferências e estudos, produtos do seu fecundo labor mental em fases diversas da sua vida, mas que guardam entre si, não obstante as mudanças operadas pelo tempo, uma coerência e firmeza de atitudes raras nos que assumem, nos dias atuais, postos de liderança na sociedade.

Para mim, bastaria esta obra para consagrar o nosso homenageado como uma das mais fortes individualidades de pensador brasileiro em nossos dias.

Não foi sem razão que Figueiredo Filho, no seu Prefácio, observou com a

profunda convicção e com absoluta justeza de seus habituais juizes :

"Orador nato. Sabe impressionar ouvintes, pelos conceitos, eloquência, perfeição de linguagem, tudo a serviço das boas causas".

Dai o prisma sob o qual o focalizo neste desprentosiosa apresentação : Cidadão e Apóstolo.

Cidadão — o que goza dos direitos civis e políticos, proba no desempenho dos seus deveres no Estado; Apóstolo — o que prega a doutrina religiosa, zeloso na pregação evangélica, guia espiritual.

Foi e continua a ser à luz desses princípios que me acostumei a admirar Mons. Rubens Lóssio. Pelo seu poder de comunicabilidade edificante. Não a comunicabilidade que os exageros da época vulgarizam e deturpam, mas a comunicabilidade sadia, vasada em linguagem correta, que persuade, que convence, que orienta e que aperfeiçoa.

Justamente por isto, por esse conjunto de circunstâncias e de qualidades definidoras do seu valor autêntico, porque sentia nos seus diálogos a sinceridade das convicções e o desejo de ser útil, que os seus amigos lamentaram e continuam a lamentar a sua ausência, continuando a acompanhar e aplaudir, com o mesmo interesse, a sua brilhante trajetória em outras terras, agradecendo assim o bem que prossegue distribuindo com os conterrâneos que o destino adverso no meio compete para as margens do Capibaribe e, sabendo-lhe grande o coração, suplicam-lhe a ajuda e o estímulo.

Desfrutando de invejável posição e o meio sócio-cultural da grande Recife, notável pelas lutas da inteligência ali travadas entre os expoentes da velha e famosa Escola Jurídica de Tobias Faretto, Castro Alves, Sívio Romero, Clovis Beviláqua e tantos outros, nem por isto Mons. Rubens Lóssio se deslembrava da terra a que serviu e que também o acolheu ao seio amigo, tanto assim que, para a publicação do livro, cujo lançamento aqui se faz, conferiu o seu patrocínio ao Instituto Cultural do Cariri, escolhendo para prefaciá-lo o saudoso Figueiredo Filho, cuja memória aproveitou a oportunidade para mais uma vez reverenciar.

É que, providencialmente, as afini-

CIRCULANDO O NOVO ESTUDO DE JOARYVAR MACÊDO

Está em circulação o novo estudo do escritor e historiador Joaryvar Macêdo, ilustre consócio do Instituto Cultural do Cariri, e ocupante de uma de suas Cadeiras, na Secção de Letras.

Trata-se de UM BRAVO CARIRIENSE, editado em Crato. É conferência bem feita sobre a vida e a obra de Joaquim Vasques Landim, nascido a 5 de Janeiro de 1874 e falecido a 6 de Fevereiro de 1951.

Um estudo profundo sobre os ascendentes e descendentes desse bravo caririense, o livro foi resultado de uma oração, pronunciada em meio às festividades desse vulto da nossa história regional, festividades que tiveram lugar no Sítio Carnauba, Missão Velha, a 5 de Janeiro último. O Instituto Cultural do Cariri se fez presente através do seu Secretário Geral, J. Lindemberg de Aquino.

OUTRAS OBRAS — Joaryvar Macêdo (Joaquim Lobo de Macêdo) publicou, ano passado, o livro OS AUGUSTO, estudando a genealogia dessa importante família de Lavras da Mangabeira, com elogios gerais da imprensa e da crítica. Já entregou à Imprensa Universitária os originais do seu livro OS MACÊDO, quando estudará também a formação desse importante clã da

dades eletivas da terra penetraram profundas na substância mesma do seu ser, porque foi aqui, ele mesmo é quem o confessa: "vivi a parte mais ativa e mais cativa de minha vida de homem e de padre".

E a própria natureza humana, sensível à voz do coração, assegura a indestrutibilidade de tais liames.

Não prosseguirei. Não devo prosseguir.

O homem, que homenageamos, dispensa pelo seu valor qualquer apresentação.

E o livro... é ler e deleitar-se com o prazer espiritual que as suas páginas suscitam.

(Proferido pelo Dr. Raimundo de Oliveira Borges, ocupante da Cadeira Nº 2 do Instituto Cultural do Cariri. Crato, 6/3/1974).

região caririense. Joaryvar Macêdo firma-se, assim, para orgulho nosso, como dos maiores vultos de nossa pesquisa histórica. O que é uma honra para o Instituto Cultural do Cariri.

O ENTERRÃO

*Lá vinha o caixão,
Com um homem morto dentro,
Acompanhados por homens,
Quem sabe... mortos!
Os donos dos botecos
Fechavam metade das portas.
O blém blém dos sinos
Da igreja de São José
Enchia a paciência de qualquer um,
Agitava a cinza do meu cigarro
E fermentava a cachaça no copo.
O homem morto passava,
Isto é,
Os homens levavam o homem morto,
Num cortejo que se arrastou
Por dois longos minutos
Dentro da minha retina torta.
Oh!... Este homem morto
Participa do meu dia bêbado!*

A. ROSEMBERG DE MOURA

FACULDADE DE FILOSOFIA DO CRATO: 14 ANOS

A Faculdade de Filosofia do Crato, com a qual tem o Instituto Cultural do Cariri estreitas e afetivas ligações, completou, dia 15 de Maio, seus 14 anos de existência.

Houve uma semana de programação naquela Escola de Ensino Superior, com a Páscoa dos Universitários, Salão de Maio, lançamento dos Livros do Pe. Antonio Gomes, Vice Presidente do ICC — POVOAMENTO DO CARIRI e CIDADE DE FREI CARLOS, editados pela Imprensa Universitária, Convívio e Sessão Solene.

O orador oficial da Sessão Solene da Egrégia Congregação foi o Professor José Herminio Rebouças, que fez um histórico da Escola e sua atuação nesses quase 3 lustros de existência. O Instituto Cultural do Cariri se fez representar em toda a programação, pelo seu Secretário Geral, J. Lindemberg de Aquino.

Gabinete de Leitura de Barbalha: Histórico

ANTÔNIO LYRIO CALLOU

Nasceu o Gabinete nos albores da República. Sob o ardor patriótico reinante na época, reuniram-se vinte denodados barbalhenses e em 14 de Maio de 1889, fundaram o Gabinete de Leitura. Fôra aclamado Presidente o Major Guilherme Brígido dos Santos; Secretário - José de Sá Barreto Sampaio e orador da Solenidade, o médico patricio - Dr. Barreto Sampaio, notável oftalmologista em Recife. Falou por duas horas com tanta eloquência que pareceram dois minutos; assim consta da ata de fundação. Foram ainda sócios fundadores e baluartes da instituição: Dr. Martinho de Luna Alencar — desembargador no Pará e ideador da fundação do Gabinete; Pe. Miguel Coelho, inteligência privilegiada, orador dos mais fluentes que o Cariri ainda hoje admira e um verdadeiro *sacerdos magnus* da virtude; Antônio Cândido das Dôres, devotado consócio e inteligência brilhante, prematuramente desaparecido; Dr. Joaquim Sampaio Cardoso, digno cultor do Direito que deu provas da rigidez do caráter perecendo de modo trágico no louvável cumprimento do dever; Mendo de Sá Barreto Sampaio, honradez e trabalho, industrial de projeção nos grandes centros do País; Dr. Barreto Sampaio, oftalmologista de renome nacional. Quando de visita cultural na França, teve a honra de substituir, por primorosa homenagem — o Prof. Wecker, na catetra oftalmológica de Paris; José de Sá Barreto Sampaio, o verdadeiro baluarte do Gabinete a quem, com justiça se deve a continuidade da Sociedade; Manoel Ramalho de Alencar, figura de pról que como os outros prestou relevantes serviços à Sociedade; Antônio Callou de Sá Barreto, espírito combativo e de rara coragem cívica; Martiniano Bispo de Sousa Ferraz, devotado às letras e ao ensino, amante dos livros em toda plenitude; Severino Ferreira Duarte, honestidade e trabalho; Pereira Grangeiro e outros incentivadores da marcha segura e pertinaz do Gabinete.

A meta principal da Sociedade nascente era ministrar o ensino primário gratuito, incentivar o culto das letras e trabalhar pelo progresso da Terra. Nos seus primórdios, teve o Gabinete a sua fase áurea programada nos cursos noturnos, nas comemorações das festas cívicas nacionais e na data festiva do seu aniversário. Gozou de conceito como instituição de letras, servindo de estímulo às suas congêneres da região caririense. Teve assim o Gabinete a sua fase áurea consubstanciada na constância das aulas noturnas com elevada matrícula. Se era grande o entusiasmo dos seus professores, bem maior era a sua dedicação ao aprendizado. Naquela recuada época, privada que era do conforto e das atrações dos nossos dias, todas as atenções se voltavam para aquele pequenino cenáculo de letras, sublime derivativo para os filhos da Terra, que viam naquela academia-mirim um motivo sadio de recreação.

E prosseguia o Gabinete no mesmo ritmo de ardor e entusiasmo, sempre vinculado ao ideal que acalentara desde os seus primeiros dias.

Um quartel de século depois, surgiu nos céus do Brasil, num verdadeiro eclodir patriótico, à semelhança da Década da Educação lançada pelo nobre Senador João Calmon, um movimento de redenção cultural visando erradicar o analfabetismo do cenário nacional. Barbalha sintonizando com a idéia e sempre estimulada pela mesma centelha que fizera nascer o Gabinete, funda a Liga Contra o Analfabetismo, à semelhança do que era feito no País inteiro. Cousa memorável de se dizer, de todas as Ligas fundadas, só existe esta de Barbalha, e para não incorrer em inverdades, não sei se outra nas Minas Gerais. Foram pioneiros dessa nova cruzada de 1917, o advogado José Bernardino de Carvalho Leite, 1º Presidente da Liga que ao lado do cidadão Manuel Rodrigues Peixoto de Alencar consagraram-se na confiança dos barbalhenses, figuras de

relevo e batalhadores impertérritos do progresso e da grandeza da gleba comum. Prosseguia o Gabinete na sua luta dura e árdua, mas a descrença jamais encontrou guarida na mente esclarecida e forte da nossa gente e particularmente na vontade férrea de José de Sá Barreto Sampaio. Para maior brilho das solenidades do cinquentenário do Gabinete, lançou a idéia do grande Projeto que só pelo enunciado do título se pode prejudicar da amplitude da promoção. Iniciada a construção não foi concluída por falta de numerário. Foi reorganizada a pequena Biblioteca que havia sido danificada na rebelião de 1914. Mas o maior mérito do Gabinete foi a continuidade das suas aulas noturnas. Em apoio desta verdade, o Ministro da Educação Ney Braga, citando um estadista americano, disse que o futuro de uma nação está sendo traçado num salão de aula.

O cinquentenário do Gabinete foi festejado condignamente: missa campal, Exposição de Produtos Agrícolas, do Museu, solenidades outras e Assembléia Solene onde foram ouvidos vários oradores entre eles José de Sá Barreto Sampaio que falou no dia da fundação e em todas as sessões comemorativas do seu aniversário.

Acolheu o Gabinete, sem onus algum nos seus salões, inúmeros professores que fundavam colégios de vida quase sempre efêmera. Vale fazer uma citação incompleta desses diretores: Dr. Onulfo Lins com o Ateneu Barbalhense, Dr. Soriano Albuquerque, Juarez Bastos, José Duarte, Dr. Antônio Reinaldo Alves de Sousa, Dr. Joel Teixeira, Prof. Nestor Fernandes Távora, Edmundo Milfont, Pe. Emidio Lemos, Dr. José Garrido da Nóbrega, Dr. Paulo Serra com o Colégio S. José que ainda recebeu visita prévia, Colégio Santo Antônio, dos Padres Salvatorianos e Ginásio Salvatoris, das Mães Peneditinas. E últimamente o Grupo Municipal Joaquim Duarte Grangeiro e Ginásio Básico de Comércio.

Há mais de três décadas atrás, sentindo-se o Sr. José de Sá Barreto Sampaio, cansado, resolveu passar a presidência a outro cireneu. Talvez por ser assíduo às sessões (é esse o

meu mérito) fui por ele indicado para substituí-lo. Sendo infrutíferas as minhas alegações em contrário, acedi na condição de continuar ele como Presidente Perpétuo. E assim aconteceu.

Ressurge Barbalha agora, numa arrancada para o progresso e para o desenvolvimento, com dois grandes Ginásios — Sto. Antonio e N. S. de Fátima, Hospital-Maternidade São Vicente de Paulo, Posto Federal de Tracoma, Posto de Saúde Dr. Leão Sampaio, Banco do Estado do Ceará (BEC), Sub-Estação Experimental, Cooperativa de Crédito, Cooperativa da Lavoura, Cooperativa de Eletrificação Rural (COPERCA), Abrigo dos Velhos, Centro de Abastecimento, Canal do Riacho do Ouro, Lions Club, Centro de Melhoramento, Água Canalizada do Caldas, Luz de Paulo Afonso, Hotel Municipal, Balneário do Caldas, Telefone, Estradas asfaltadas. Além dessas obras de infra-estrutura projetam-se três grandes indústrias de Base: CECASA - Cerâmica do Cariri — em pleno funcionamento; Ind. Barb. de Cimento Portland - IBACIP — em fase de acabamento e Usina de Açúcar Vale do Salamanca — já implantada. E quem poderá negar que esse esforço continuado dos barbalhenses, amparando com carinho o Gabinete de Leitura, em função do ensino, na ânciã incontida de aprimorar o espírito e de esclarecer a razão, não fôra a causa remota das realizações da hora presente?

TURISMO INTEGRAL

PETRARCA MARANHÃO
inédito

SE DEUS me desse dom para zombar da comédia infinita deste mundo, iria por aí, a divagar

— filósofo curioso e vagabundo...

ESTE GLOBO é uma bola. A começar pelo seu todo esférico, rotundo.

E só quem viaja andando a bom andar, pode envolvê-lo com saber fecundo.

NINGUEM pode dizer em sã consciência que dele tenha concepção segura

a revelar alguma inteligência.

AS GAMAS dos estultos são tamanhas, que eternamente nelas se afigura o Everest, a mais alta das montanhas!

Cantina do Oliveira **SUPERMERCADO**

Os melhores produtos

As melhores procedências

Os preços mais convidativos

— E entregas a domicilio

Rua Santos Dumont - 49 — TELEFONE 640

CRATO

-

CEARÁ

ICC perde o seu Presidente: Faleceu J. de Figueiredo Filho	3
Tocantes Homenagens Póstumas ao Presidente do ICC	6
Palavras na Câmara Municipal	8
Mensagem da Presidência da Câmara Municipal do Crato	8
Morte de Figueiredo Filho consternou todo o Cariri	10
A Grande Perda	11
Dados Biográficos do Escritor J. de Figueiredo Filho	12
Morte de Figueiredo Filho Enlutou o Cariri	14
Figueiredo Filho: Patrimônio do Crato que Desaparece	15
Perda Irreparável	17
S O C I E D A D E	18
Figueiredo Filho o Pesquisador do Cariri	28
Faleceu ontem no Crato J. de Figueiredo Filho	21
Morreu o Escritor J. de Figueiredo Filho	30
Um ídolo que Morre	36
Meu Adeus a J. de Figueiredo Filho	38
Figueiredo Filho	40-41
O Poder de Adaptação do Dr. José de Figueiredo Filho	43
A Morte de Figueiredo Filho	46
J. de Figueiredo Filho	47
Um Caririense Cem Por Cento	48
Imortal J. de Figueiredo Filho	49
Senador exalta a Figura de J. de Figueiredo Filho	58
Crato por aí Afora	62
Inteligência do Homem do Interior	64
Um Adeus... Uma Homenagem... Uma Mensagem de Despedida.....	66
Cachaça Chupada na Placenta... ..	70
Dr. José de Alencar Araripe é o novo Presidente do ICC	71
Carta Póstuma de J. dos Anjos Dias	73
Continua Repercutindo o Desaparecimento de J. de Figueiredo Filho ..	78
Ex-Ministro João Gonçalves de Sousa Lamenta Desaparecimento de JFF	80
A Cidade de Crato, Ceará, no Desenvolvimento da Zona Caririense ..	89
"FLORO BARTOLOMEU" de Nertan Macêdo	99
O Folclorista MANOEL AMBRÓSIO	103
Mal. Humberto de Alencar Castelo Branco	123
O Crato há 50 Anos	129
FOLCLORE REGIONAL	135
Subsídio de Dilucidação	141
Meditação Sobre o Homem	147
D. Balbina Lídia Viana Arrais	149
O Caráter Místico de Padre Cícero	151
SANTOS DUMONT	154
Cônego Manuel Feitosa	159
Do ICC ao Secretário de Cultura do Estado	160
Em Circulação dois Livros do Vice Presidente do ICC	162
Cidadão do Crato	165
Catullo Cearense: POETA E LETRISTA	169
Impressões de Leitura	172
114 Anos: Inventário de Filho de D. Bárbara	173
Potencialidade Econômica do Cariri	175
Importantes Efemérides Locais em 1974	177
Açoites no Tempo	181
Salve Crato, Cidade Princesa, Município Modelo do Ceará !	183
História de Mangabeira	185
"FLORO BARTOLOMEU"	190
Apresentando A Cidade de Frei Carlos e Povoamento do Cariri	193
O Ano de 1973 no Instituto Cultural do Cariri	194
Aniversário da Faculdade de Filosofia	194
Saudando Mons. Rubens	198
Gabinete de Leitura de Barbalha: HISTÓRICO	201

SULCEPA

CIA. SUL CEARENSE DE PAPÉIS

Fabricamos em Crato papéis de
ótima qualidade!

Valorizamos o produto da terra

Rua 7 de Setembro – Fone : 279

BAIRRO DO MURITI

CRATO

–

CEARA

CERÂMICA NORGUAÇU S. A.



**Produzimos ladrilhos cerâmicos da
melhor qualidade**

**Estamos exportando para o Norte
e Nordeste**

Rodovia Padre Cícero – Km. 3

Crato

—

Ceará